



**Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)**  
**Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)**  
**Departamento de Linguística**

**Solange Aparecida Gonçalves**

**Tempo, Aspecto e Modo em contextos discursivos  
no Kaingang Sul (Jê)**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, para obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis

Campinas, 30 de agosto 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA  
LINGUAGEM - UNICAMP

G586t Gonçalves, Solange Aparecida, 1960-  
Tempo, Aspecto e Modo em contextos discursivos no  
Kaingang Sul (Jê) / Solange Aparecida Gonçalves. -- Campinas,  
SP : [s.n.], 2011.

Orientador : Wilmar da Rocha D'Angelis.  
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Língua kaingang. 2. Línguas Jê. 3. Gramática comparada e  
geral - Gramaticalização. 4. Gramática comparada e geral -  
Aspecto. 5. Gramática comparada e geral - Tempo. I. D'Angelis,  
Wilmar, 1957-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto  
de Estudos da Linguagem. III. Título.

### Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Time, Aspect and Mood in discursive contexts in Southern Kaingang  
(Ge).

**Palavras-chave em inglês:**

Kaingang language

Ge languages

Grammar, Comparative and general - Grammaticalization

Grammar, Comparative and general - Aspect

Grammar, Comparative and general - Tense

**Área de concentração:** Linguística.

**Titulação:** Doutor em Linguística.

**Banca examinadora:**

Wilmar da Rocha D'Angelis [Orientador]

Lucy Seki

Frantomé Bezerra Pacheco

Aldir Santos de Paula

Angel Humberto Corbera Mori

**Data da defesa:** 30-08-2011.

Programa de Pós-Graduação: Linguística.

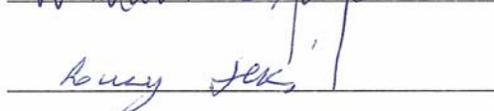
A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 30 de agosto de 2011, considerou a candidata Solange Aparecida Gonçalves **Aprovada**.

BANCA EXAMINADORA:

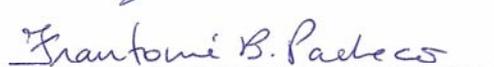
Wilmar da Rocha D'Angelis



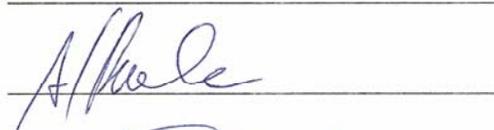
Lucy Seki



Frantomé Bezerra Pachêco



Aldir Santos de Paula



Angel Humberto Corbera Mori



Beatriz Gualdieri

\_\_\_\_\_

Consuelo de Paiva Godinho Costa

\_\_\_\_\_

Anna Christina Bentes da Silva

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP

2011



**Essa pesquisa foi amparada pela Bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - processo nº 142404/2007-1**



## **Agradecimentos**

Tenho muito a agradecer após esse processo de conclusão de tese. À minha família que me incentivou, tentou manter paciência constante, ajudou no que pôde. Ao meu marido e companheiro de todas às horas não poderia deixar de dizer ‘obrigada por tudo, muitas coisas ficaram mais leves com seu apoio’!

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Wilmar D’Angelis por toda a colaboração e ajuda em diferentes momentos.

Aos meus professores no IEL e aos meus colegas de estudos que me auxiliaram nesses passos.

À secretaria de Pós-Graduação do IEL pela dedicação e atenção em muitas ocasiões. Às pessoas que trabalham na Biblioteca e aos funcionários do Instituto pela disponibilidade em ajudar quando foi necessário.

Ao povo Kaingang pela oportunidade. A todas as pessoas que me auxiliaram direta ou indiretamente na pesquisa. Os que me auxiliaram nas transcrições ou em discussões dos dados, como os professores Kaingang Selvino Kókáj Amaral (Guarita, RS), Márcia Gojtên Nascimento (Nonoai, RS), Ilinir Roberto Jacinto (Iraí, RS), o meu agradecimento. Às pessoas que me permitiram fazer as gravações e me ensinaram um pouco da língua: Dona Tereza Kagmũ Jacinto e sua prima Dona Jorgina; Dona Tereza Vójá Jacinto e sua filha Eliane; Sr. José Nascimento. Agradeço ainda ao senhor José Nascimento (cacique da T.I. de Nonoai, RS) e sua esposa Dona Tereza Kagmũ por abrirem sua casa para me hospedar.

Finalmente, devo registrar que minha pesquisa e doutorado foram possíveis graças à bolsa que me foi concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Peço desculpas pelos que não citei por falha de memória. Para ser justa, agradeço a todos que de qualquer forma colaboraram para esse resultado; lembrando, entretanto, que todos os erros continuam meus... Obrigada!



## **TEMPO, ASPECTO E MODO EM CONTEXTOS DISCURSIVOS NO KAINGANG SUL (JÊ)**

**Resumo:** Neste trabalho busco descrever o funcionamento das categorias temporais, aspectuais, de modo e de modalidade na língua Kaingang Sul (Jê) principalmente a partir de observações de seu emprego em contextos discursivos orais e escritos. Tais categorias são, em sua maioria, gramaticalizadas e abertamente marcadas quando relevantes para o contexto linguístico. Para minha proposição, dividi a tese em 6 capítulos e uma conclusão. No capítulo 1 discorro brevemente sobre a motivação do trabalho e faço algumas observações introdutórias que ajudarão na leitura do restante do texto. Informações sobre quem são os Kaingang também podem ser encontradas. Um sub-item aborda questões de metodologia e trabalho de campo. O capítulo traz ainda uma síntese de informações sobre a língua que tornará mais fácil a leitura e a compreensão dos dados ao longo da tese. O capítulo 2 trata da perspectiva temporal no Kaingang Sul. No capítulo 3 apresento a questão de Aspectualidade, mostrando que há distinção entre as perspectivas Perfectiva e Imperfectiva na língua. O capítulo 4 traz considerações sobre operadores de Modo e de Modalidade. Em um 5º capítulo estão sendo mostrados os diferentes usos ou papéis que os verbos de ‘posição’ (ou Posicionais) podem exercer na língua Kaingang. Também se poderá observar que há marcadores que aparecem principalmente em narrativas e estarão no capítulo 6 (que faz referência às relações discursivas), onde além de mostrar alguns dos operadores discursivos, também faço uma apresentação e discussão sobre estratégias de evidencialidade utilizadas em diferentes contextos.

**Palavras-chave:** 1. Língua Kaingang; 2. Línguas Jê; 3. Gramática comparada e geral - Gramaticalização; 4. Gramática comparada e geral - Aspecto; 5. Gramática comparada e geral - Tempo.



## **TIME, ASPECT AND MOOD IN DISCURSIVE CONTEXTS IN SOUTHERN KAINGANG (GE)**

**Abstract:** In this work I try describe the functioning of temporal, aspectual, of mood and modality categories in Southern Kaingang (Ge) mainly from observation of its use in oral and written discursive contexts. These categories are mostly grammaticalized and openly marked as relevant to the linguistic context. For my proposition, I divided this thesis in six chapters, and a conclusion. In Chapter 1, I briefly discuss the motivation of this research, and make some introductory remarks that will help in reading the further chapters. Information about who are the Kaingang can also be found. Another item deals with issues of methodology and field work. The chapter also contains summary information about the language that will make easier reading and understand the data along the thesis. The Chapter 2 deals with the Time perspective in Southern Kaingang. In Chapter 3, I present the question of aspectuality, showing that there is distinction between Perfective and Imperfect perspectives in the language. Chapter 4 presents considerations for operators of mood and modality. In 5<sup>th</sup> chapter are shown the different uses or roles that the Positional Verbs can play in Kaingang language. There are markers that appear primarily in narratives; and they are in Chapter 6 (which refers to the discursive relations), and also are showed some discursive operators. This last chapter brings a presentation and discussion about strategies of evidentiality used in different contexts.

**Keywords:** 1. Kaingang language; 2. Ge languages; 3. Grammar, Comparative and general - Grammaticalization; 4. Grammar, Comparative and general - Aspect; 5. Grammar, Comparative and general - Tense.



## Abreviações Utilizadas

ASSERT	Assertivo
BNF	Benefactivo
C:Fem	Classificador feminino
COND	Condicional
CTF	Contrafactual
DECL-ASSERT	Declarativo-Assertivo
DECL-ASSERT.N	Declarativo-Assertivo Narrativo
DEM	Demonstrativo
DIR	Direcional
ENF	Enfático
EXIST	Existencial
FUT	Futuro
HAB	Aspecto Habitual
IMP	Modo Imperativo
INDF	Indefinido
INST	Instrumental
IPFV	Imperfectivo
IPFVN	Imperfectivo Narrativo
LOC	Locativo
ME	Momento do Evento
MF	Momento da Fala
MD	Marcador Discursivo
MR	Momento de Referência
MS	Marca de Sujeito
MS:NEG	Marca de Sujeito Negativa
NEG	Negação
NMLZ	Nominalizador
O	Objeto
PFV	Perfectivo
PL	Plural
POSIC	Posicional
PST	Passado
QU	Interrogação
RECP	Recíproco
REFL	Reflexivo
SG	Singular
TAM	Tempo, Aspecto e Modo
V	Verbo
1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
3SG.F	Terceira pessoa singular feminino
3PL.F	Terceira pessoa plural feminino
[1SG]MS	Primeira pessoa singular com marcação de Sujeito
[3SG]MS	Terceira pessoa singular com marcação de Sujeito



## Lista de Figuras

<b>Figura 1</b>	Sistema consonantal (Quadro fonológico)	10
<b>Figura 2</b>	Sistema consonantal (Quadro ortográfico)	10
<b>Figura 3</b>	Sistema vocálico - vogais orais (Quadro fonológico)	11
<b>Figura 4</b>	Sistema vocálico - vogais nasais (Quadro fonológico)	11
<b>Figura 5</b>	Sistema vocálico - vogais orais (Quadro ortográfico)	11
<b>Figura 6</b>	Sistema vocálico - vogais nasais (Quadro ortográfico)	11
<b>Figura 7</b>	Pronomes Pessoais	12
<b>Figura 8</b>	Marcadores de Sujeito	13
<b>Figura 9</b>	Posição estrutural dos constituintes na sentença	14
<b>Figura 10</b>	Verbos Posicionais (ou Locativos ou Posturais)	15
<b>Figura 11</b>	Verbos de Movimento	16
<b>Figura 12</b>	Marcadores Discursivos (ou Operadores Textuais)	16
<b>Figura 13</b>	Caminhos de Gramaticalização dos Marcadores TAM	21
<b>Figura 14</b>	Diagrama: Tempo e ancoragem temporal	25
<b>Figura 15</b>	Outros adjuntos temporais na língua Kaingang	31
<b>Figura 16</b>	Usos do marcador <i>ja</i> em trabalhos anteriores	53
<b>Figura 17</b>	Algumas formas verbais em Kaingang	94
<b>Figura 18</b>	Classificação das oposições aspectuais em Comrie (1976)	102
<b>Figura 19</b>	Imperativos afirmativos na língua Kaingang	154
<b>Figura 20</b>	Quadro de Marcadores Discursivos	225
<b>Figura 21</b>	Formas oriundas de Verbos Posicionais	273
<b>Figura 22</b>	Categorias TAM na língua Kaingang	274
<b>Figura 23</b>	Dêiticos Endofóricos	289
<b>Figura 24</b>	Deiticos Exofóricos	289
<b>Figura 25</b>	Recíprocos	290
<b>Figura 26</b>	Interrogativos	290
<b>Figura 27</b>	Conjunções	291
<b>Figura 28</b>	Posposições	292
<b>Figura 29</b>	Advérbios e Locuções Adverbiais	293
<b>Figura 30</b>	Adjetivos	294
<b>Figura 31</b>	Numerais	294



## Sumário

Agradecimentos		vii
Resumo		ix
Abstract		xi
Abreviações Utilizadas		xiii
Lista de Figuras		xv
<b>Apresentação</b>		<b>1</b>
<b>Capítulo 1</b>	<b>Introdução</b>	<b>3</b>
	1.1 Metodologia e trabalho de campo - os dados	6
	1.2 Algumas informações sobre a Língua Kaingang	8
	1.2.1 Fonologia e Pronúncia	8
	1.2.1.1 Alfabeto Kaingang	10
	1.2.2 Pronomes Pessoais	12
	1.2.3 Marcadores de Sujeito	13
	1.2.4 Ordem dos Constituintes	14
	1.2.5 Posição estrutural dos constituintes na sentença	14
	1.2.6 Alguns Verbos	15
	1.2.6.1 Verbos Posicionais /Posturais/ Locativos	15
	1.2.6.2 Verbos de Movimento	16
	1.2.7 Marcadores Discursivos (ou Operadores Textuais)	16
	1.2.8 Outros conjuntos de palavras gramaticais	17
<b>Capítulo 2</b>	<b>A perspectiva temporal no Kaingang Sul</b>	<b>19</b>
	2.1 Hipóteses sobre gramaticalização	
	dos marcadores Tempo-Aspectuais no Kaingang	20
	2.2 A expressão de Tempo no Kaingang Sul	23
	2.2.1 Tempo expresso por adjuntos temporais	27

2.2.2 Formas lexicais verbais para Passado	31
2.2.3 Referência temporal passada expressa morfologicamente pelo morfema {-g}	35
2.2.4 O marcador <i>ja</i>	41
2.2.4.1 O que se diz sobre <i>ja</i> em outros trabalhos: um resumo	41
2.2.4.2 <i>Ja</i> como Tempo (verbal) Passado	54
2.2.4.3 <i>Ja</i> como Tempo Nominal	57
2.2.4.3.1 Nominalização com <i>ja</i>	65
2.2.5 Referência temporal futura em Verbos, Aspectuais e Nomes com uso de {-j}	72
2.2.5.1 Expressão de Futuro com sufixação de {-j} a Verbos e Aspectuais	73
2.2.5.2 Futuro Nominal	85
2.2.5.3 Futuro e Perfectividade	87
2.2.5.4 Construções com Verbos de Movimento e perspectiva futura	92
2.2.6 Ainda algumas formas verbais	94
<b>Capítulo 3</b>	
<b>Aspecto na língua Kaingang</b>	99
3.1 Algumas considerações teóricas - noções relativas à categoria de Aspecto	99
3.2 Perfectividade e Imperfectividade	101
3.3 Perfectividade com <i>mũ</i> no Kaingang	104
3.4 Perfectividade com <i>ja</i>	112
3.4.1 Distinguindo Perfeito e Perfectividade	113
3.5 Imperfectividade no Kaingang	117
3.5.1 A perspectiva Imperfectiva Habitual em Kaingang	118
3.5.2 Imperfectivo, Presente e Progressivo: uma discussão para a língua Kaingang	128

<b>Capítulo 4</b>	<b>Modo e Modalidade no Kaingang Sul</b>	145
	4.1 Introdução	145
	4.2 <i>Ra</i> como Condicional ou Hipotético	148
	4.3 <i>Ra</i> como Modalidade Orientada	153
	4.4 <i>Vẽ</i> expressando Modalidade Epistêmica	156
	4.5 <i>Vẽ</i> como Contrafactual	169
	4.6 Outras expressões de Modalidade - alguns exemplos	177
<b>Capítulo 5</b>	<b>Os verbos Posicionais</b>	181
	5.1 Iniciando a discussão	181
	5.2 Outras possibilidades	188
	5.3 Posicionais e Fonte de Informação	207
<b>Capítulo 6</b>	<b>Relações discursivas no Kaingang Sul</b>	215
	6.1 Marcadores Discursivos	218
	6.2 Algumas formas que ocorrem em narrativas ou eventos contados	226
	6.2.1 <i>Nĩgnĩ</i>	226
	6.2.2 <i>Nĩgtĩ</i>	231
	6.2.3 <i>Nỹgnĩ / nỹgtĩ</i>	234
	6.2.4 <i>Nĩgnỹ</i>	238
	6.3 Fontes de informação marcadas no discurso - <i>ja nĩ</i> e correlatos	240
	6.3.1 <i>Vãnhmỹ</i> como <i>diz que</i>	262
<b>Conclusão</b>		269

<b>Referências Bibliográficas</b>	279
-----------------------------------	-----

## **ANEXOS**

<b>Anexo (1)</b>	Dêíticos	289
<b>Anexo (2)</b>	Recíprocos	290
<b>Anexo (3)</b>	Interrogativos	290
<b>Anexo (4)</b>	Conjunções	291
<b>Anexo (5)</b>	Posposições	292
<b>Anexo (6)</b>	Advérbios e locuções adverbiais	293
<b>Anexo (7)</b>	Adjetivos	294
<b>Anexo (8)</b>	Numerais	294

## **TEMPO, ASPECTO E MODO EM CONTEXTOS DISCURSIVOS NO KAINGANG SUL (JÊ)**

### **Apresentação**

Neste trabalho busco descrever o funcionamento das categorias Tempo, Aspecto, Modo e Modalidade na língua Kaingang Sul (Jê) principalmente a partir de observações de seu emprego em contextos discursivos orais e escritos.

Tais categorias são, em sua maioria, gramaticalizadas e abertamente marcadas quando relevantes para o contexto linguístico. Devido à gama de significados que resultam de suas interações, muitas vezes é difícil estabelecer claramente uma separação delas. Assim, verificar as possibilidades e recursos de distinção de Tempo, Modo e Aspecto em Kaingang e suas inter-relações foi um dos objetivos estabelecidos. À luz da linguística tipológica, muitas destas ocorrências puderam ser analisadas a partir do que se encontra também em outras línguas. Isso não significa que em diferentes línguas se tenha precisamente o mesmo uso ou função das categorias analisadas, mas traz à tona a possibilidade de sua(s) ocorrência(s) colaborar(em) na análise de uma língua em particular.

Autores como Bybee, Perkins & Pagliuca (1994) e Givón (2001) sugerem, como universal, que a gramaticalização das categorias TAM é lenta e gradual, desenvolvendo-se por etapas. Daí, a possibilidade de co-ocorrência sincrônica de um mesmo marcador em diferentes usos. No Kaingang, ocorrências desse tipo são frequentes, além de formas homófonas (e homógrafas) que são utilizadas em distintos contextos.

Como Tempo e Aspecto são categorias contemporâneas em diferentes línguas e, muitas vezes também co-ocorrentes em uma mesma língua; importa estudar o funcionamento dessas categorias para agregar conhecimento e para a compreensão do funcionamento das línguas em geral. Neste trabalho, mais especificamente, esse estudo também visa contribuir para a ampliação dos estudos sobre as línguas Jê, considerando, inclusive, que esse é um tópico ainda raramente abordado no estudo dessas línguas.

Aryon Rodrigues (1986, p. 48) menciona que o Kaingang é a ‘mais diferenciada’ dentre as línguas da família Jê. Veremos, ao final do trabalho, que isso se confirma nesse pequeno recorte de análise linguística que discute questões de temporalidade nessa língua. Temporalidade aqui é entendida não se restringindo a Tempo, mas estendida a outras categorias como as de Aspecto, Modo, Modalidade, Nominalização, etc. Recursos esses, que ao serem utilizados pelos falantes, compõem a riqueza discursiva da língua.

Para minha proposição, dividi a tese em 6 capítulos e uma conclusão. No capítulo 1 discorro brevemente sobre a motivação do trabalho e faço algumas observações introdutórias que ajudarão na leitura do restante do texto. Informações sobre quem são os Kaingang também podem ser encontradas. Um sub-item aborda questões de metodologia e trabalho de campo. O capítulo traz ainda uma síntese de informações morfossintáticas sobre a língua que tornarão mais fácil a leitura e a compreensão dos dados ao longo da tese. O capítulo 2 trata da perspectiva temporal no Kaingang Sul. No capítulo 3 apresento a questão de Aspectualidade, mostrando que há distinção entre as perspectivas Perfectiva e Imperfectiva na língua. O capítulo 4 traz considerações sobre operadores de Modo e de Modalidade. Em um 5º capítulo estão sendo mostrados os diferentes usos ou papéis que os verbos de ‘posição’ (ou Posicionais) podem exercer na língua Kaingang. Também se poderá observar que há marcadores que aparecem principalmente em narrativas e estarão no capítulo 6 (que faz referência às relações discursivas), onde além de mostrar alguns dos operadores discursivos, também faço uma apresentação e discussão sobre estratégias de evidencialidade utilizadas em diferentes contextos.

## Capítulo 1

### Introdução

Ao apresentar minha dissertação de Mestrado – Aspecto no Kaingang (Jê) (Gonçalves, 2007) – apontava a necessidade de outras pesquisas para elucidar as questões pendentes sobre aspectualidade na língua Kaingang. Estava claro para mim que não era possível falar de Aspecto nesta língua sem pensar também em outras categorias, como Tempo, Modo e de Modalidade, Acionalidade...; já que a expressão de temporalidade no Kaingang se apresenta de maneira mais complexa e mais ampla do que se pode verificar em uma primeira aproximação.

Dentro desta perspectiva e necessidade é que surgiu o projeto de Doutorado, do qual a presente tese é um dos resultados. Eram indispensáveis outras pesquisas e investigações para explicitar melhor o uso dessas categorias pelos falantes Kaingang ao enunciarem. As relações discursivas estabelecidas com a utilização das categorias que expressam temporalidade no Kaingang são complexas e poucas vezes a tradução para o Português (ou mesmo para outra língua) evidencia a riqueza de informações dadas pelos falantes. Isto porque a semântica-pragmática dos marcadores temporais, aspectuais e modais não se limita à interpretação temporal da sentença, mas se estende à organização da temporalidade discursiva na língua.

Tais categorias são, em sua maioria, gramaticalizadas e abertamente marcadas quando relevantes para o contexto linguístico. Devido à gama de significados que resultam dessas interações, muitas vezes é difícil estabelecer claramente uma separação dessas categorias; entretanto, à luz da linguística tipológica, muitas dessas ocorrências podem ser analisadas a partir do que se encontra também em outras línguas do mundo. Isso não significa que em diferentes línguas se tenha precisamente o mesmo uso ou função das categorias analisadas, mas traz à tona a possibilidade de sua(s) ocorrência(s) colaborar(em) na análise de uma língua em particular.

De qualquer forma, tentar descrever o sistema Tempo-Aspectual-Modal em uma língua não é uma tarefa simples. Além disso, há bem pouca coisa escrita sobre o tema

em línguas Jê; os trabalhos que encontramos não estabelecem uma orientação teórica clara e mesmo as descrições acabam por ser questionáveis.

Hipóteses para ocorrências e usos de alguns marcadores de Tempo, Aspecto, Modo e de Modalidade (doravante TAM) no Kaingang foram buscadas principalmente nas teorias sobre Gramaticalização (ou Gramaticização - termo preferencial e usual em Bybee, Perkins e Pagliuca, 1994<sup>1</sup>) e em uma tipologia translinguística.

Entretanto, também parece claro que as discussões sobre o assunto não irão se esgotar nesta tese, mas seguramente irão enriquecer os estudos sobre a língua Kaingang e das próprias línguas Jê.

A língua Kaingang, classificada na família Jê (RODRIGUES 1999, p. 167), é falada por um dos cinco povos indígenas mais populosos do Brasil, representando cerca de 45% de toda população dos povos de língua Jê (D'ANGELIS, 2002). Estão distribuídos em aproximadamente 30 distintas áreas indígenas entre os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul<sup>2</sup>. Os Kaingang Sul (seguindo a distinção macro-dialetal presente em D'ANGELIS, 2008) englobam as comunidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e representam 70,5 % da população total (esta estimada atualmente em cerca de 30.650 pessoas<sup>3</sup>). Pode-se notar pela extensão na distribuição geográfica desse povo que parece claro não ser possível falar da língua Kaingang como um idioma invariável falado nessas muitas áreas indígenas.

---

<sup>1</sup> Em nota (2) na p. 4 os autores apontam que os termos 'gramaticização' e 'gramaticalização' foram utilizados desde o início de 1970 usualmente intercambiáveis e que no trabalho de 1983 ambos estavam em uso e eles escolheram o mais 'elegante e o mais curto' – *grammaticization*. Mantiveram essa escolha no trabalho de 1994, mas 'sem o sentimento que uma escolha precise ser feita entre dois termos perfeitamente adequados'. Em outros autores, como Givón (2001), por exemplo, encontra-se o termo *grammaticalization*. Faço uma opção unificando neste texto a utilização do termo *gramaticalização*; mas entendendo, como Bybee et alii (1994), que é apenas uma escolha.

<sup>2</sup> Para outros detalhes e informações remeto à minha dissertação de Mestrado (GONÇALVES, 2007) e ao Portal Kaingang ([www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org)).

<sup>3</sup> São mais de 4.000 indivíduos em Santa Catarina e mais de 17.500 no Rio Grande do Sul. (Cf. [portalkaingang.org](http://portalkaingang.org) - acessado em agosto de 2010).

Wiesemann<sup>4</sup> (1971 e 2002), utilizando critérios geográficos, afirma que as comunidades Kaingang desenvolveram cinco dialetos. D'Angelis (2008, inédito) discorda desta classificação, apontando que “embora didática, não é segura ou razoável em muitos aspectos”. Em seu trabalho pôde verificar que, apesar de em certas regiões haver distinção dialetal, também foi possível encontrar muitos pontos em comum entre aldeias que, para Wiesemann, representariam dialetos distintos. Por exemplo, entre áreas como Nonoai e Votouro, que “se situam em lados opostos do Rio Passo Fundo; rio que, para Wiesemann, seria o ‘divisor’ entre os dialetos Sudoeste (ao qual pertenceria Nonoai) e Sudeste (ao qual pertenceria Votouro)”. Alternativamente – e tratando, em seu trabalho, da Fonologia do Kaingang – D'Angelis emprega uma distinção em macro-dialetos: Kaingang PR, Kaingang SP e Kaingang Sul (i.e, SC e RS).

Neste texto acompanho, ao considerar a língua Kaingang Sul, esta distinção proposta por D'Angelis. Entretanto, apesar do foco deste trabalho recair sobre este dialeto, faço uma opção em utilizar o termo ‘língua’ nas referências ao longo do texto, entendendo que não é significativa (e talvez nem necessária, neste momento) uma distinção nesse sentido. Apenas chamo a atenção do leitor que, nas muitas vezes em que estiver utilizando ‘língua Kaingang’ ou simplesmente ‘Kaingang’, estarei, na verdade, me referindo ao Kaingang Sul.

Para tratar sobre temporalidade na língua Kaingang utilizo principalmente contextos discursivos. Discursividade e contexto discursivo, nesta tese, são noções que não se relacionam ao campo de estudos conhecidos como Análise de Discurso. Uso-as no sentido de uma análise textual; portanto, uma análise cujo escopo está acima da frase isolada, por tomar a sentença em seu contexto textual (co-texto) e pragmático. Com relação a isso uma palavra é necessária referente ao capítulo 6 intitulado “Relações discursivas no Kaingang Sul”. Ressalto que nesse capítulo faço uma apresentação inicial sobre as formas gramaticalizadas utilizadas em contextos discursivos, além de apresentar os principais

---

<sup>4</sup> Pesquisadora missionária do SIL (Summer Institute of Linguistics) que sistematizou a língua Kaingang nos anos 60 com base em uma pesquisa conduzida inicialmente sobre o dialeto Kaingang falado em Rio das Cobras (PR). Para maiores detalhes da distribuição dialetal dos Kaingang apresentada por Wiesemann pode-se consultar seu trabalho de 2002, p. 8 (vide Bibliografia).

operadores ou marcadores discursivos que aparecem ao longo desse trabalho. No entanto, dado o caráter exploratório e inicial dessa discussão, não fiz uma tipologia de gênero discursivo, mas aponto a pertinência e necessidade da ampliação desses aspectos em futuras investigações.

Por fim, quero registrar também a dificuldade de uma separação efetiva, em muitos momentos, ao tratar da temporalidade no Kaingang. Assim, chamo a atenção que os capítulos terão, na verdade, uma orientação didática – metodológica e serão recortes para efeito de apresentação.

### **1.1 Metodologia e trabalho de campo – os dados**

A maior parte dos dados em que se baseia esse trabalho foi recolhida por mim junto a comunidades Kaingang do Rio Grande do Sul em abril e julho de 2008. São dados provenientes de gravações de narrativas e de falas espontâneas, que foram transcritos e traduzidos ainda em campo, com o auxílio de uma professora Kaingang (Márcia Nascimento, da T.I.Nonoai, RS). Exemplificações e textos analisados nesse período com o auxílio de falantes (como a própria professora Márcia, o professor Ilinir de Iraí, dentre outros) contribuíram para esta discussão. Ainda exemplos oriundos de outras fontes e de distintos autores (alguns de textos escritos originalmente na língua, como textos do Projeto Vãfy<sup>5</sup>) foram eventualmente utilizados e estarão indicados no próprio corpo do trabalho. Finalmente, dados obtidos em pesquisa e discussões com meu colaborador - Selvino Kókáj Amaral (professor e falante Kaingang) em 2009, 2010 e 2011 também fazem parte desse conjunto.

Quando nos referimos a ‘falas espontâneas’, no parágrafo anterior, queremos destacar que são dados produzidos originalmente em Kaingang, sem ter por referência ou modelo uma frase ou um texto produzido primeiramente em Português. O termo ‘espontâneo’ não invalida que compareçam, no *corpus*, narrativas ou dados elicitados que

---

<sup>5</sup> Desenvolvido entre 2001 e 2006, o Projeto Vãfy foi um programa de formação de professores Kaingang na modalidade Magistério Específico Indígena de 2º Grau, coordenado pela Funai (Passo Fundo), Unijuí, Universidade de Passo Fundo e Associação de Professores Bilíngues Kaingang Guarani. Alguns trechos aqui utilizados são de 2002 e se originam de gravações dos professores em suas respectivas áreas com outros falantes, posteriormente transcritas pelos próprios entrevistadores.

foram solicitados a falantes nativos a partir de alguma pergunta ou sugestão de tema ou exemplos para melhor entendimento do que se está discutindo e do sentido pretendido; entretanto, o que se quer enfatizar com esse termo é a idéia de que o texto em questão tenha sido produzido, em primeira mão, oralmente ou por escrito, pelo falante nativo, sem o emprego ou a apresentação de modelos (frases ou textos em Português).

Os dados foram sistematizados e analisados seguindo procedimentos dos estudos tipológicos e funcionais. Autores como Givón (2001); Comrie (1976, 1985); Aikhenvald (2003, 2004); Bybee, Perkins e Pagliuca (1994); Dixon (2003); Dahl (1995); dentre outros, foram utilizados para a discussão aqui proposta.

Por uma questão metodológica os exemplos em Kaingang estão apresentados em itálico, enquanto o ‘negrito’ (*bold*) é utilizado para realçar um ou mais elementos sob análise e em discussão com o uso do respectivo dado. As transcrições são ortográficas (ver alfabeto Kaingang na página 10). Na medida do possível, mas ainda com algumas adaptações, estarei utilizando as regras de glosa e as abreviações adotadas pelo *Max Plank Institute (The Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses)*.

Vários termos possibilitam ou apresentam mais de uma tradução. Mas por questões de espaço, inclusive, optei (na maioria das vezes) em colocar a tradução mais adequada a cada contexto, já que a palavra ou expressão ganha sentidos distintos em diferentes contextos.

As traduções para o Português estão, em sua maioria, como apresentadas pelos falantes da língua. Entretanto, em enunciados longos, faço uma intercalação, entre colchetes, de traduções mais literais para facilitar a leitura. Em casos necessários ao entendimento, optei por apresentar também uma tradução alternativa.

Ainda uma ressalva diz respeito a algumas distinções conceituais. No Kaingang, gramaticalizações de TAM são expressas por morfemas<sup>6</sup> que ocorrem após (à direita de) o Verbo (com frequência, imediatamente pospostos a ele).

---

<sup>6</sup> Esses morfemas constituem, em geral, palavras gramaticais, mas há também pelo menos dois sufixos temporais.

## 1.2 Algumas informações sobre a Língua Kaingang

Neste item faço inicialmente um breve resumo com informações gerais sobre a língua. Também no intuito de maior clareza e compreensão dos dados foram incluídos alguns quadros de classes de palavras, identificando termos que ocorrem nas exemplificações ao longo da tese; portanto, circunscrevem-se a este trabalho, e não constituem, certamente, os únicos em cada classe.

Lembro ainda que, como fazem parte da discussão da Tese, os Marcadores aspectuais, modais e de modalidade, bem como as formas utilizadas mais predominantemente em narrativas, não estão aqui arroladas. Remeto aos capítulos 3, 4 e 6, respectivamente, para essa exposição.

### 1.2.1 Fonologia e Pronúncia

A língua Kaingang não possui as oclusivas vozeadas (sonoras) do Português /b/, /d/, /g/, mas as consoantes nasais, diante de vogais orais, ganham um contorno desnasalizado que as aproxima foneticamente de uma sequência de consoantes nasal e oclusiva vozeada do Português. Assim, antes da vogal oral, /m/ passa a [mb]; /n/ passa a [nd]; /ɲ/ passa a [ɲɲ] (sem correspondente no Português) e /ŋ/ passa a [ŋg]. Isso acontece mesmo havendo encontro consonantal, no qual o tepe (“r”) ocupa sempre a segunda posição: /mr/ + vogal oral (Vo) = [mbr] + Vo; /ŋr/ + Vo = [ŋgr] + Vo. O processo também se dá, em sentido contrário, quando a consoante nasal ocupa a coda silábica: /m/ realiza-se como [bm], /n/ como [dn], /ɲ/ como [ɲɲ], /ŋ/ como [gŋ]. Por se tratar de variação fonética, a escrita (ortográfica e fonológica) das consoantes nasais não se altera na presença das vogais orais, somente a pronúncia.

O padrão silábico do Kaingang inclui:

- 1) V. Ex: *e* “muito”;
- 2) VC. Ex: *ĩn* “casa”;
- 3) CV. Ex: *ta* “chuva”;
- 4) CCV. Ex: *mré* “junto”, *mro* “banho” (a segunda consoante será sempre [r] e a inicial sempre uma [- contínua], que pode ser uma labial ou dorsal, nunca uma coronal);
- 5) CVC. Ex: *téj* “comprido”;
- 6) CCVC. Ex: *krĩg* “estrela”.

As consoantes finais de sílaba (coda) só podem ser soantes, ou seja, quaisquer das nasais e os fonemas /r/, /w/ e /j/.

O acento é predizível e as palavras são oxítonas.

Como mostrado nas exemplificações de (A) a (D) que seguem, as palavras se organizam em grupos de acento conforme os constituintes da frase, basicamente: sintagma nominal de Sujeito (forma um grupo de acento); o núcleo de predicado verbal - o Verbo e seus complementos, como advérbios, marcas aspectuais, etc (outro grupo de acento); e constituintes não-nucleares, como Instrumentais (outro grupo de acento).

Nos exemplos abaixo uso a marcação (/) para dividir os grupos de acento; a marca dupla (//) indica um grupo entoacional maior, e o grifado marca a sílaba mais proeminente dentro dos grupos:

(A)

*Êg krẽ ta / merenda ko tĩ, // escola ki.*

1PL filho MS merenda comer HAB escola em

‘Nossos filhos comem a merenda na escola’. (Fonte: Gonçalves, 2007)

(B)

*Kanhgág si ag ta // ka tỹ // pĩ han tĩ.*

índio antigo 3PL MS árvore, pau com fogo fazer HAB

‘Os antigos sabiam fazer (faziam) fogo com ‘pauzinhos’’. (Fonte: Gonçalves, 2007)

(C)

*Fi tỹ / horta han jẽ nĩ.*

3SG.F MS horta fazer POSIC: em pé IPFV

‘Ela está fazendo horta’.

(D)

*Grũ-pẽ tag vỹ / mág nĩ, // sĩnvĩ ti ta nĩ gé.*

*grũ-pẽ* DEM MS grande IPFV bonito 3SG MS IPFV também

‘O *grũ-pẽ* (tucano verdadeiro) é grande e também é bonito’. (Fonte: Selvino Kókáj, 2009)

### 1.2.1.1 Alfabeto Kaingang

Abaixo relaciono o sistema consonantal e vocálico dispostos em quadros fonológicos e seus correspondentes ortográficos:

#### a) sistema consonantal

##### a.1 Quadro fonológico <sup>7</sup>

Figura (1)

	DESCONTÍNUAS	CONTÍNUAS
OBSTRUINTES	/p/, /t/, /k/, /ʔ/	/f/, /ʃ/, /h/
SOANTES	/m/, /n/, /ɲ/, /ŋ/	/w/, /r/, /j/

##### a.2 Quadro ortográfico

Figura (2)

	DESCONTÍNUAS	CONTÍNUAS
OBSTRUINTES	<p>, <t>, <k>, <'>	<f>, <s>, <h>
SOANTES	<m>, <n>, <nh>, <g>	<v>, <r>, <j>

---

<sup>7</sup> Cf. D'Angelis 1998.

b) sistema vocálico

b.1.1) vogais orais (fonologicamente)

Figura (3)

	- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED
+ alta	/i/	/i/	/u/
- alta - baixa	/e/	/ə/	/o/
+ baixa	/ɛ/	/a/	/ɔ/

b.2.2) vogais nasais (fonologicamente)

Figura (4)

	- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED
	/ĩ/	/ĩ̃/	/ũ/
	/ẽ/	/ã/ ~ /õ/	

Por ser uma apresentação voltada às formas ortográficas da língua, represento, no quadro fonológico das vogais nasais, aquelas que correspondem ao “inventário fonêmico” proposto por Wiesemann (1972), cuja análise está baseada fundamentalmente no dialeto que ela estudou em Rio das Cobras (PR). No entanto, D’Angelis (2007) questiona a análise de Wiesemann nesse particular, e apresenta uma sistema de 6 vogais nasais.

b.1) vogais orais (ortograficamente)

Figura (5)

	- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED
+ alta	< i >	< y >	< u >
- alta - baixa	< e >	< á >	< o >
+ baixa	< é >	< a >	< ó >

b.2) vogais nasais (ortograficamente)

Figura (6)

	- Posterior	+ Posterior	
		- ARRED	+ ARRED
	< ĩ >	< ÿ >	< ũ >
	< ẽ >		< ã >

Observe-se que, em razão da ortografia unificada de Wiesemann – produzida com base no dialeto paranaense de Rio das Cobras – a forma ortográfica < ã > corresponde a distintas pronúncias; no Paraná, aproxima-se de [ã̃], enquanto no Kaingang Sul é [ɔ̃]. Por

sua vez, no dialeto Kaingang Sul, tanto a pronúncia [ã] como a pronúncia [ɛ̃] (em palavras distintas) são grafadas como <ÿ>.<sup>8</sup>

### 1.2.2 Pronomes Pessoais

Os **pronomes pessoais** no Kaingang podem ser visualizados no quadro abaixo:

Figura (7)

Singular			Plural	
1	<i>inh</i>	eu	<i>ẽg</i>	nós
2	<i>ã</i>	tu, você	<i>ãjag</i>	vocês
3				
não feminino	<i>tí</i>	ele	<i>ag</i>	eles
feminino	<i>fí</i>	ela	<i>fag</i>	elas

As formas que aparecem na Figura (7) como formas livres podem ocupar as funções sintáticas de Sujeito, Objeto Direto ou Indireto. E também cumprem a função de “possessivo” quando em construções genitivas do tipo: ‘meu pai’ *inh jóg* (literalmente: ‘pai de mim’).

**Fi** ainda pode atuar como Classificador Feminino<sup>9</sup> (glosa: C:Fem) e é utilizado para seres animados, sexuados: *mynh fí* (literalmente: “mãe ela”).

<sup>8</sup> Wilmar D’Angelis (comunicação pessoal).

<sup>9</sup> Aikhenvald (2003, p. 228) menciona que “em muitas línguas do mundo uma oposição de gênero é achada somente em pronomes pessoais”. Entre os exemplos citados pela autora de línguas nas quais isso ocorre encontra-se o Kaingang.

### 1.2.3 Marcadores de Sujeito

Na língua Kaingang distintas formas são utilizadas para ‘marcar’ Sujeito. É o que se observa na Figura (8) abaixo, na qual ainda se encontra a forma utilizada como Marca de Sujeito Negativa e algumas outras específicas de 1ª pessoa:

Figura (8) - Marcadores de Sujeito no Kaingang

Marcadores de Sujeito	<i>tỹ</i> ~ <i>ta</i>	<i>tóg</i>	<i>vỹ</i>	<i>je</i>
Marca de Sujeito Negativa	<i>pi</i>			
Algumas formas específicas de 1ª pessoa	<i>isỹ</i> ~ <i>isa</i> ~ <i>sỹ</i> ~ <i>sa</i> ;	<i>isóg</i> ~ <i>sóg</i>		

Marco Antônio Bomfoco de Almeida (2004), em sua tese, intitulada *Ergatividade em Kaingang - Um estudo descritivo funcional* - propõe os seguintes papéis para algumas das marcas de Sujeito acima, a saber: i) *tóg* usado para marcar, com Caso Ergativo, os Sujeitos (nomes e pronomes) de orações transitivas; ii) *vỹ* usado para marcar, com Caso Nominativo, os Sujeitos plenos (nomes comuns e próprios) das sentenças intransitivas e transitivas (cisão na ergatividade) na ordem S(O)V; iii) em outros padrões oracionais o Sujeito, em geral um pronome, é morfologicamente não-marcado ( $\emptyset$ ), podendo ser marcado por ergativo no caso de pronome plural (op. cit., p. 23).

No entanto, a tese em questão utiliza dados dos dialetos Sudeste e Sudoeste do Rio Grande do Sul (o autor assume a distinção dialetal presente em Wiesemann (1971, 2002)) tomados em Cartilhas elaboradas pelo SIL (Summer Institute of Linguistic) sob orientação de Ursula Wiesemann, na década de 70, além de algumas sentenças constantes em trabalhos de Wiesemann, de Guérios e de Mullen (com citação completa nas referências do texto do autor) (op. cit., p. 22). Isso é de certa forma, limitante em seu trabalho, pois as condições de elaboração das referidas cartilhas e das suas outras exemplificações são bastante distintas daquelas em que os dados são produzidos em fala espontânea.

Assim, penso que a questão em relação às distintas marcas de Sujeito (e a questão de Caso) na língua Kaingang ainda necessite ser mais discutida com outras investigações.

Optei, então, nesta Tese, referir genericamente a esses marcadores (quando em sua forma afirmativa) como ‘Marca de Sujeito’ (glosa: MS) e em sua forma negativa: ‘Marca de Sujeito Negativa’ (glosa: MS:NEG). Acho que isso não compromete a exposição dos dados e o que estarei mostrando. Observo, entretanto, que ainda um outro trabalho precise considerar as relações entre as marcas de Sujeito e as marcas Aspectuais no Kaingang. Como a amplitude dessa discussão está fora dos limites dessa apresentação, sugiro outras pesquisas mais específicas para essa análise. É uma indicação para futuras pesquisas também para outros pesquisadores.

#### 1.2.4 Ordem dos Constituintes

A ordem básica dos Constituintes no Kaingang é SOV - Sujeito, Objeto Direto, Verbo, podendo ocorrer ainda a forma OVS.

O Sujeito é ‘marcado’ morfológicamente e o Objeto Direto é o sintagma que antecede o Verbo, isto é, é argumento interno do Verbo (ver também capítulo 6).

#### 1.2.5 Posição Estrutural dos Constituintes na Sentença

Uma oração independente típica em Kaingang deve apresentar o seguinte ordenamento de seus elementos, sendo que aqueles indicados entre parênteses não são obrigatórios (o Objeto Direto inclusive, dado que a fórmula abaixo também se aplica às intransitivas):

Figura (9) - Posição Estrutural básica dos Constituintes na Sentença

Sujeito	MS*	(Objeto Direto)	Verbo	(Tempo)	(Posicional/Existencial)	(Aspecto) / (Modalidade)
---------	-----	-----------------	-------	---------	--------------------------	--------------------------

(\*) MS = Marca de Sujeito (cf. 1.2.3)

A última ‘casa’ não mostra uma separação porque eventualmente um elemento aspectual cumpre, ele mesmo, uma função de Modalidade; mas a possibilidade de que os dois elementos co-ocorram (Aspecto seguido de Modalidade) também existe.

## 1.2.6 Alguns Verbos

A seguir menciono brevemente algumas ocorrências verbais com o intuito de apresentar informações adicionais ao leitor.

### 1.2.6.1 Verbos Posicionais (ou Posturais ou Locativos)

Abaixo relaciono os Verbos Posicionais que ocorrem no Kaingang. A apresentação e discussão dessa questão é feita no capítulo 5.

Figura (10) - Verbos Posicionais

<b>Kaingang</b>	Português
<i>nĩ</i>	sentar, estar sentado
<i>nỹ</i>	deitar, estar deitado
<i>jẽ</i>	em pé, estar em pé
<i>sa</i>	pendurar, estar pendurado

### 1.2.6.2 Verbos de Movimento

Na Figura (11) estão os Verbos de Movimento que tiveram ocorrência frequente neste trabalho:

Figura (11) -Verbos de Movimneto

<b>Kaingang</b>	Português
<i>hãn</i>	sair
<i>kãtĩn</i>	(fazer) vir
<i>vyr</i>	levar (Passado)
<i>mũ</i>	ir (plural)
<i>mũn</i>	(fazer) ir, andar (plural)
<i>tĩ</i>	ir (singular)
<i>tĩg</i>	andar

### 1.2.7 Marcadores Discursivos (ou Operadores Textuais)

Na Figura (12) abaixo relaciono as principais formas encontradas nas exemplificações ao longo da Tese que atuam como Marcadores Discursivos (MD). Mas remeto o leitor ao capítulo 6 para a apresentação e comentários sobre esses e outros mecanismos que exercem essa função.

Figura (12) - Marcadores Discursivos

<b>Kaingang</b>	Português
<i>hamã ~ hamẽ ~ ham</i>	viu?!; assim!
<i>ser</i>	assim!; desse jeito!
<i>gem ~ ge ~ gen</i>	assim!, desse jeito!

### 1.2.8 Outros conjuntos de palavras gramaticais

Organizei em quadros, colocados em anexos, listas de palavras gramaticais que o leitor encontrará ao longo desta tese, de modo que poderão ser consultados a cada passo.

São eles:

- Dêiticos .....	Anexo 1: Figura (23) - Dêiticos Endofóricos -	p. 289
	Figura (24) - Dêiticos Exofóricos -	p. 289
- Recíprocos .....	Anexo 2: Figura (25)	p. 290
- Interrogativos .....	Anexo 3: Figura (26)	p. 290
- Conjunções .....	Anexo 4: Figura (27)	p. 291
- Posposições .....	Anexo 5 - Figura (28)	p. 292

Também apresento em anexos uma relação de:

- Advérbios e locuções adverbiais .....	Anexo 6: Figura (29)	p. 293
- Adjetivos .....	Anexo 7: Figura (30)	p. 294
- Numerais .....	Anexo 8: Figura (31)	p. 294



## Capítulo 2

### A perspectiva temporal no Kaingang Sul

Quando se fala de TAM nas línguas, uma questão que se coloca é que essa separação e mesmo essa nomenclatura é uma possibilidade. Em todas as línguas há formas que permitem aos falantes situar situações no tempo e escolhas são feitas através de restrições semânticas e pragmáticas. Quanto à nomenclatura e os conceitos teóricos usados, eles dão, obviamente, diferentes contornos às pesquisas. Assim, as interpretações nas pesquisas são escolhas dentre acepções que se colocam.

Considerando isso, retomo a questão da apresentação da perspectiva temporal na língua Kaingang. Nessa língua, assim como em várias outras no mundo, há diferentes maneiras de expressar Tempo.

A opção de discutir aqui primordialmente e mais propriamente a questão temporal no Kaingang certamente terá certo custo, já que como se poderá notar, nem sempre uma separação clara das categorias de TAM é facilmente observável; entretanto, talvez possa levar o leitor a melhor evidenciar e acompanhar as complexas relações que se estabelecem nos enunciados. Porém, isso terá como consequência a necessidade de uma retomada de alguns itens nas discussões ao longo deste e de outros capítulos...

Tempo na língua Kaingang pode ser expresso por meio lexical, pode ser marcado morfológicamente ou por gramaticalizações. Antes de apresentar a discussão das exemplificações dessa categoria no Kaingang, faço algumas observações introdutórias procurando buscar hipóteses para as gramaticalizações dos marcadores de Tempo (e Aspecto) na língua. Esses breves apontamentos presentes neste capítulo apresentados no item 2.1 abaixo também serão utilizados para discussões nos próximos capítulos e apenas por uma questão de visibilidade e facilidade é que se encontra neste início. Em alguns casos poderemos levantar hipóteses sobre a origem lexical desses marcadores no Kaingang, mas em outros, isso não é claro e necessitará futuras investigações para se buscar outras respostas.

## 2.1 Hipóteses sobre gramaticalização de marcadores Tempo-Aspectuais no Kaingang

Como já citado anteriormente, vários marcadores de TAM no Kaingang são gramaticalizados e um mesmo marcador pode assumir diferentes funções. Hipóteses sobre suas origens, ou seja, sobre suas possíveis fontes lexicais podem ser buscadas em estudos translinguísticos para as categorias gramaticais de TAM. A partir do que se encontra em outras línguas é possível visualizar melhor o papel dos marcadores de TAM também na língua Kaingang. Trabalhos como os de Bybee et alii (1994) e Givón (2001) são, neste sentido, importantes e úteis para esta busca.

Neste item busco alguns caminhos de gramaticalização dos marcadores de TAM que puderam ser observados em estudos com diversas línguas do mundo e que são sugeridos por esses autores. A partir desses apontamentos, considero (neste item e em seções seguintes) a viabilidade de determinadas hipóteses poderem também ser aplicadas à língua Kaingang.

Givón (2001, p.340) aponta que

Morfemas TAM emergem quase universalmente a partir de verbos principais modal-aspectuais que gramaticalizam (tornam-se ‘operadores’ sobre) e eventualmente se cliticizam aos seus verbos complementos (‘operandos’).<sup>10</sup>

Este autor afirma ainda que a gramaticalização das categorias TAM é gradual e se desenvolve em vários passos (Ibid., p.367). Também observa que semanticamente um pequeno grupo de fontes verbais gramaticalizam primeiro como marcadores de Aspecto ou modalidade, um estágio que considera ‘gramaticalização primária’; e mais tarde, no que chama de ‘gramaticalização secundária’, onde podem se gramaticalizar em marcadores de Tempo (Givón 2001, p. 367). Apresenta, então, uma tabela translinguística na qual os caminhos mais comuns de gramaticalização de TAM são apresentados (a partir de Givón 1971, 1973, 1975, 1979; Heine 1993; Bybee et alii 1994) e que reproduzo abaixo:

---

<sup>10</sup> No original: “TAM-morphemes arise almost universally from modal-aspectual main verbs that grammaticalize - become ‘operators’ on – and eventually cliticize to their complement - ‘operand’ - verbs”.

Figura (13)

Grammaticalization pathways of T-A-M markers  
(Caminhos de gramaticalização dos marcadores T-A-M)

lexical sources (fontes lexicais)	primary target (alvo primário)	secondary target (alvo secundário)
want, go, can, must, need, have(to)	irrealis ( <i>irrealis</i> )	future (futuro)
.....	.....	.....
have, finish, come	perfect (perfeito), perfective (perfectivo)	past (passado)
.....	.....	.....
stay, stand, sit, live, sleep, continue, (be)	imperfective (imperfectivo)	present, habitual (presente, habitual)
.....	.....	.....
(be+)nominal	imperfective (imperfectivo)	present, habitual (presente, habitual)

(Fonte - original em Inglês: Givón 2001, p. 367/ tabela 58)

Observe-se também que Bybee et alii (1994, p.12) sugerem que não é unicamente o significado da fonte que determina o caminho da gramaticalização que o *gram* (*grammatical morpheme* - morfemas gramaticais<sup>11</sup>) poderá percorrer em seu desenvolvimento semântico. Porém, ao se referirem à consistência dos resultados obtidos em suas pesquisas translinguísticas mostram que estes resultados “os encorajam a ver a criação do material gramatical como evolução de ‘substância’ do mais específico para o mais geral e abstrato” (Ibid., p.13). Neste trabalho de 1994, o foco dos autores são os ‘morfemas gramaticais’ associados com verbos. Sustentam que, ao contrário das classes abertas como nomes ou verbos, morfemas gramaticais são elementos de classe fechada onde o membro da classe é determinado por algum único comportamento gramatical, como

<sup>11</sup> Para os autores (Ibid., p.2): “Formalmente, morfemas gramaticais podem ser afixos, mudanças de raízes, reduplicação, auxiliares, partículas ou construções complexas tais como em Inglês *be going to*. Nós nos referimos a todos esses tipos igualmente como morfemas gramaticais e por conveniência abreviamos este termo para ‘gram’”.

No original: “Formally, grammatical morphemes may be affixes, stem changes, reduplication, auxiliaries, particles, or complex constructions such as English *be going to*. We refer to all of these types equally as grammatical morphemes and for convenience shorten this term to ‘gram’”.

Estarei utilizando esta nomenclatura abreviada em outros momentos quando citar o trabalho de Bybee et alii, 1994.

posição de ocorrência<sup>12</sup>, restrição de co-ocorrência, ou outras distintivas interações com outros elementos linguísticos (Ibid., p.2).

Em sua análise translinguística observaram ainda múltiplos usos de um único *gram* como estágios sobre um caminho de gramaticalização. Aplicando a hipótese que desenvolvimento semântico é predizível, postulam anterior *versus* posterior uso de um único *gram* que permitem a eles caracterizar o *gram* propriamente como sendo locado em algum ponto ou extensão de pontos ao longo de um caminho de gramaticalização (Ibid., p. 17-18). Sugerem que múltiplos usos não são aleatoriamente distribuídos, ou seja, certos usos são associados somente com outros.

Assim como Givón (2001), Bybee et alii (1994, p.24) também apontam: “Grammaticization takes place very slowly and proceeds very gradually” (“Gramaticalização ocorre lentamente e procede gradualmente”).

Esse processo de mudança e os eventos que ocorrem durante este processo podem ser discutidos sob diferentes óticas: mudanças semânticas, funcionais, gramaticais e fonológicas. No entanto, Bybee et alii (1994, p. 5) argumentam que estes processos estão intimamente conectados.

No Kaingang, como em muitas outras línguas do mundo, encontramos um mesmo morfema gramatical sincronicamente exercendo diferentes papéis ou diferentes funções e isso é resultado, como sugerem Givón (2001) e Bybee et alii (1994), de mudanças diacrônicas que acabam persistindo ou ‘convivendo’ sincronicamente. Assim, como mostrarei a partir dos dados e das exemplificações, é possível, por exemplo, encontrar sincronicamente o marcador *ja* na língua Kaingang sendo utilizado como um Perfectivo; ou expressando uma perspectiva passada. Da mesma forma, o Perfectivo *mũ* pode assumir uma dimensão de modalidade em determinadas situações. Apesar de breves, essas exemplificações do que se encontra no Kaingang, dão idéia que os diferentes usos destes marcadores se entrelaçam nas dimensões tempo-aspectuais e modais e é por isso que nem sempre é fácil falar isoladamente de uma ou de outra função exercida por eles.

---

<sup>12</sup> Por exemplo, no Kaingang normalmente ocupam uma posição posposta ao verbo (às vezes também a nomes, como se verá).

Neste momento o enfoque desta Tese não comporta uma discussão extensa sobre todas as possibilidades e diferentes processos de gramaticalização que resultaram nos vários marcadores de TAM que se apresentam atualmente na língua Kaingang. Entretanto, farei, na medida do possível, sugestões ainda que preliminares, sobre algumas possibilidades e hipóteses de fontes lexicais para esses marcadores. Essa proposta busca uma compreensão mais abrangente dos diferentes usos ou funções que um mesmo marcador pode assumir em distintos contextos.

Veremos nas seções e capítulos seguintes, ao tratar dessas categorias, que procuro focalizar principalmente os processos de mudanças semânticas e funcionais na língua que resultaram no uso que atualmente se faz destes marcadores. Entendo que isso pode trazer um ganho na abordagem do assunto, apesar de ser uma parcela da discussão. E, neste caminho, a tentativa de se fazer hipóteses visa contribuir na descrição dos usos dos marcadores de TAM no Kaingang.

Para facilitar o acompanhamento e a leitura, proponho essa discussão em itens separados, lembrando que estarei observando também outras possibilidades de expressão dessas categorias na língua (lexicais, por exemplo).

Na seção seguinte inicio, então, a apresentação da perspectiva temporal na língua. Como já notado, além das formas gramaticalizadas encontram-se outras maneiras de expressar Tempo em Kaingang.

## **2.2 A expressão de Tempo no Kaingang Sul**

Tempo é uma categoria dêitica<sup>13</sup>, com um ponto de ancoragem, como cita Bertinetto (1986, p. 23); para quem, diferente do “tempo físico”, por Tempo linguístico:

...referimo-nos ao sistema de relações temporais que podem ser veiculadas pelo signo linguístico. Este tem seu próprio centro no ato de fala, ou seja, na atualidade do processo de enunciação: quando emitimos uma mensagem, estabelecemos também (explicitamente ou implicitamente) um

---

<sup>13</sup> Vide também Comrie (1976, p. 5).

ponto de ancoragem em relação ao qual podemos calcular um antes ou um depois<sup>14</sup>.

Comrie (1985, p. 9) define: “Tempo (Tense) é a gramaticalização da expressão de localização no tempo (time)”. Continua

Na maioria das línguas que possuem Tempo, Tempo está indicado no verbo<sup>15</sup>, seja na morfologia do verbo (como em Inglês: passado *loved* versus não-passado *loves*) ou por palavras gramaticais adjacentes ao verbo, como acontece com os auxiliares ...<sup>16</sup>

E complementa na p. 12:

Embora a gramática tradicional relacione Tempo como uma categoria do verbo em função da sua fixação morfológica ao verbo, mais recentemente tem-se argumentado que Tempo deve ser considerado como uma categoria de toda a proposição, uma vez que é o valor de verdade da proposição como um todo que deve ser comparado com o estado do mundo em um determinado momento do tempo, e não apenas alguma propriedade do verbo.<sup>17</sup>

Em termos gerais, a categoria de Tempo (tense), como sugere Givón, envolve a sistemática codificação de relação entre dois pontos ao longo da ordenação linear de tempo (2001, p. 285): o tempo de referência e o tempo do evento. Uma representação de Tempo (no caso, Tempo absoluto) e ancoragem temporal presente em Givón pode ser visualizada no diagrama reproduzido a seguir:

---

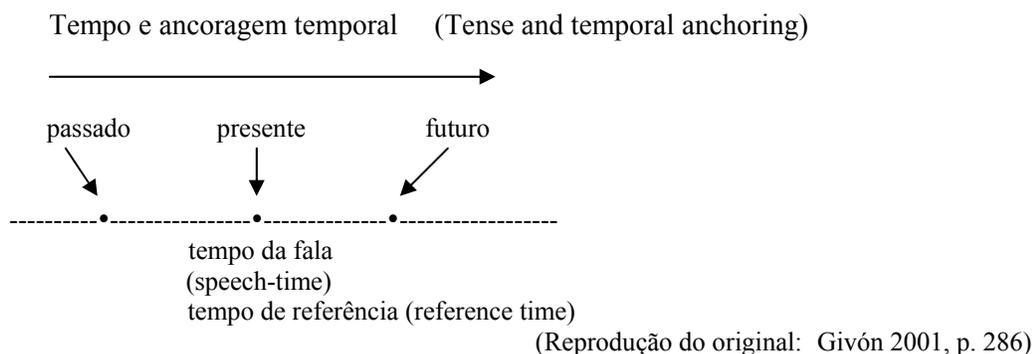
<sup>14</sup> No original: “..si intende invece il sistema di relazioni temporali che possono essere veicolate dai signi linguistici. Queste hanno il proprio fulcro nell’atto di parola, ossia nell’attualità del processo di enunciazione: quando emettiamo un messaggio, noi fissiamo anche (esplicitamente o implicitamente) un punto di ancoraggio rispetto al quale possiamo calcolare un prima o un dopo”.

<sup>15</sup> Mas não somente, pois Comrie (1985, p. 13) mesmo sugere: “Although tense is primarily a category of the verb or of the sentence, one occasionally finds tense expressed elsewhere or with a different domain”. (“Apesar de tempo ser primordialmente uma categoria do verbo ou da sentença, ocasionalmente achamos tempo expresso em outro local ou com um domínio diferente”).

<sup>16</sup> No original: “In most languages that have tense, tense is indicated on the verb, either by the verb morphology (as with English past *loved* versus non-past *loves*), or by grammatical words adjacent to the verb, as with the auxiliaries...”.

<sup>17</sup> No original: “While much traditional grammar regards tense as a category of the verb on the basis of its morphological attachment on the verb, more recently it has been argued that tense should be regarded as a category of the whole proposition, since it is the truth-value of proposition as a whole, rather than just some property of the verb, that must be matched against the state of the world at the appropriate time point”.

Figura (14)



De certa forma, como bem apontado por esse autor (2001, p. 286), esta ancoragem é muito mais pragmática que semântica-proposicional, por referir (ou referenciar) a proposição a um ponto temporal fora dela mesma. De fato, apesar do tempo do evento ser um intervalo, restringe-se, normalmente, a noção de tempo da fala a um Tempo instantâneo. Isso é de certa maneira, uma pequena distorção da realidade (como sugere Givón), mas para efeito de análise se assume o Momento da Fala (MF) como este ponto instantâneo (ou zero).

Apesar de algumas ressalvas que possam ser feitas, esta conceitualização mais geral para Tempo nos parece ser suficiente para os fins dessa tese.

Muitas teorias sobre Tempo têm recebido diferentes influências do trabalho de Hans Reichenbach (1947) no qual ele analisa, para o Inglês (análise passível de ser estendida a outras línguas), a distinção semântica entre formas temporais verbais em termos de relação a três pontos ou momentos temporais, os quais identifica como:

- i) o *momento da fala* (MF);
- ii) o *momento do evento* (ME): assim chamado o momento (ou instante, intervalo) no qual se desenrola (desenrolou ou desenrolará) o evento em questão localizado a partir do MF;
- iii) o *momento de referência* (MR).

Quando se trata de Presente, Passado e Futuro se estabelece uma relação de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade entre este momento e algum outro tomado como referência.

Ilari e Basso (2008, p. 245) citam que “para a gramática do tempo em português falado é relevante a distinção de três ‘momentos’ reconhecidos há mais de meio século pelo filósofo e lógico Hans Reichenbach (1947)”. Apesar de ocorrências em uma língua não se traduzirem exatamente igual em outra, ainda acredito que posso extrapolar essa sugestão para o Kaingang ao apontar a perspectiva temporal em determinadas situações nesta língua. Quando estiver me referindo a estes momentos, estarei, então, basicamente me referindo a essa proposta presente em Reichenbach. Pode-se argumentar, em uma primeira aproximação, que a escolha pela utilização da proposta de Reichenbach não contempla a atividade discursiva (como sugere Fiorin (2005, p. 250 - nota 12) ao afirmar que “os estudos de Reichenbach estão ancorados em uma teoria lógica e não em uma teoria da enunciação”). Entretanto, lanço mão de uma argumentação presente em Ilari (2001, p. 15):

... é necessário recorrer à noção de momento de referência para compreender certas determinações temporais que a sentença sofre no contexto, em particular no co-texto narrativo: é que, à falta de indicações mais específicas, dadas por exemplo pelos adjuntos de tempo, o co-texto anterior fixa geralmente o momento de referência da oração seguinte...

Não significa, entretanto, que essa escolha não tenha implicações (como em todos os processos onde é necessário escolher uma alternativa) ou que esteja isenta de problemas. Mas, se uma opção é considerar a sentença como um texto, como um recorte discursivo, pode-se considerar o texto como uma unidade empírica com começo, meio e fim que será tomada como unidade de análise, como apontado em Guimarães (2002).

Comrie (1985, p. 122 et seq.), apesar de apresentar uma representação temporal de três momentos similar a Reichenbach (1947), introduz algumas modificações na teoria deste último autor. Um importante ponto que julgo que interessa para a proposta desta exposição de Tempo na língua Kaingang é a possibilidade, sustentada por Comrie, de múltiplos pontos de referência. Como se verá, isso será relevante em discussões ao longo deste trabalho em explicações de referências temporais.

Feitas essas considerações iniciais, retorno então, para o Kaingang. Resumidamente o que se observou para expressão de Tempo na língua e que está presente

nos dados é o que se encontra abaixo (de a a g). Na sequência discuto e apresento cada item em sessões separadas:

- a) expressão temporal (lexical) a partir da utilização de adjuntos temporais apontando anterioridade, posterioridade ou simultaneidade ao MF;
- b) verbos que possuem uma forma própria para expressar Tempo Passado;
- c) referência temporal passada expressa morfologicamente por {-g} acrescido a alguns verbos e a alguns aspectuais;
- d) referência temporal passada com a utilização de *ja* junto a Verbos e Nomes;
- e) referência temporal futura expressa morfologicamente por {-j} acrescido a verbos terminados em vogais; ou a marcadores aspectuais, ou ainda acrescido a alguns nomes;
- f) referência temporal futura e a utilização de Perfectivos;
- g) outras formas verbais que assinalam ações ocorridas ou ‘por acontecer’.

Adicionalmente há ainda um outro item, mas por questões metodológicas, a discussão sobre situações progressivas e contextos com perspectiva de ‘presente’ encontra-se no capítulo 3.

### **2.2.1 Tempo expresso por adjuntos temporais**

É comum a ocorrência de adjuntos adverbiais, no Kaingang, para situar os eventos temporalmente. Representando-os em uma relação cronológica estabelecida com o Momento da Fala (MF) encontram-se:

1. adjuntos adverbiais que localizam eventos temporais em uma relação de **simultaneidade** ao MF, como em (01) com a utilização de *ĩri* ‘hoje’:

(01) *Hỹ kỹ ija, hãra ěg pi ěg tỹ ěg panh,*  
 por isso [1SG]MS mas 1PL MS:NEG 1PL MS 1PL pai  
*ěg nỹ ter jerĩnmỹ ěg pi panh ge<sup>18</sup> sór vẽn h ja<sup>19</sup> fẽ*  
 1PL mãe morrer ‘apesar de’ 1PL MS:NEG pai dizer querer NEG PST ‘costume’  
*nỹg, ge ke mỹr,*  
 IPFVN.PL<sup>20</sup> também dizer pois  
*ũ tỹ panh ge vé kỹ tỹ ěg tỹ panh ge-j há tĩg, ...*  
 INDF MS pai dizer somente(ENF) quando MS 1PL MS pai dizer.FUT bem ir, andar  
 [Por isso eu, mas mesmo que nosso pai, nossa mãe morra, nós não deixamos o costume de querer chamar de  
 pai, digo também, pois. Quando vemos alguém dizer pai, também iremos dizer...]

... *ũri hã ija ke tũ sĩ nĩgnỹ,*  
**hoje** assim [1SG]MS dizer NEG pouco DECL-ASSERT.N  
*hãra ija mỹnh fi hẽ ki ěkrég tĩ vé.*  
 mas [1SG]MS mãe C:Fem assim em saudade HAB apenas,somente  
 [só hoje (assim) eu perdi um pouco isso, mas eu (atualmente) somente sinto saudades (assim) da minha mãe]

‘Por isso eu, mas nós mesmo que o nosso pai, nossa mãe morra, nós não perdemos a vontade (não deixamos) de chamar de pai, digo (isso), pois, também. Quando vemos os outros falarem pai, também iremos dizer (sentimos vontade de falar) ... só hoje eu perdi (não faço) um pouco isso, mas só sinto saudades da minha mãe’

<sup>18</sup> O verbo *ke (ge)* pode ser traduzido como ‘fazer’ ou também como ‘dizer / falar’. Realiza-se pela forma *ge* (ou seja, com consoante inicial vozeada) quando precedido de consoante ou vogal nasal na palavra anterior. Estarei glosando nos exemplos de acordo com o sentido do enunciado. Noto ainda que há uma forma homófona *ge* com uso adverbial: ‘também’.

<sup>19</sup> O marcador *ja* assume diferentes papéis na discursividade Kaingang. Aqui ocorre expressando predominantemente uma dimensão temporal, mas também pode, por exemplo, evidenciar uma perspectiva perfectiva. Essa discussão poderá ser acompanhada em outro momento. Apenas observo isso para que o leitor se atente que encontrará diferentes glosas para este marcador.

<sup>20</sup> Formas utilizadas mais predominantemente em narrativas serão apresentadas e discutidas no capítulo 6.

2. adjuntos adverbiais que localizam eventos temporais em uma relação de **anterioridade** ao MF. Por exemplo com *rākétá* ‘ontem’ em (02) ou com a utilização de *hã kã* ‘naquele tempo’ em (03):

(02) *Rākétá kysãg ki ta ta kutẽ ny ã.*  
**ontem** cedo em chuva MS cair POSIC:deitado IPFV  
 ‘Ontem de manhã estava chovendo’. (Gonçalves, 2007)

(03) (...) *Kỹ ija hã kã ija Passo Fundo ra tĩ mũ,*  
 então [1SG]MS **naquele tempo** [1SG]MS Passo Fundo para ir PFV  
*Nãsêsa fi mré ham.*  
 Inocência C:Fem com MD  
 ‘Então eu, naquele tempo eu fui para Passo Fundo com a Inocência’.

No enunciado (04)

(04) *Ti serviço kãn ta ã hã.*  
 3SG serviço acabar MS **recente**  
 ‘Ele terminou o serviço dele recente’. (Gonçalves, 2007)

dado como equivalente à sentença em Português: ‘Ele terminou o trabalho agora’; esse *ã hã* ‘agora’, traduzido pelo falante como ‘recente’, não está se referindo ao momento em que a pessoa está falando, mas ao tempo do evento ‘término do trabalho’, que aconteceu ‘há pouco’, ‘ocorreu recentemente’; ainda que não possua uma localização exata.

Como se nota, em termos de expressão de anterioridade ao MF, a utilização de meios lexicais (adjuntos) permite distinguir um passado ‘recente’ (com a utilização, por exemplo, de *rākétá*, ‘ontem’, ou *ã hã*, ‘recente’) ou um passado ‘remoto’ ou ‘antigo’, por exemplo, com o uso de *hã kã* ou *ẽn kã* ‘naquele tempo’ (apontado em (03) acima) ou na utilização de *vãsy*<sup>21</sup> ‘antigamente’ mostrado abaixo:

<sup>21</sup> Encontram-se outras formas como *vỹsỹ*, *vỹsy*, *vỹsa* também utilizadas para ‘antigamente’.

(05) *Vỹsỹ mỹ tỹvĩ tĩ tĩg nén ã tĩ, ke fi nĩm.*  
**antigamente** (?) muito ir andar coisa INDF HAB dizer 3SG.F MS/PFV(*nĩ [ne]mũ*)  
 ‘Antigamente era muito diferente as coisas (ela disse/está dizendo)’.

3. adjuntos adverbiais que localizam eventos temporais em uma relação de **posterioridade** ao MF, por exemplo, com *vajka*<sup>22</sup> ‘amanhã’ em (06):

(06) *Kỹ ag tỹ Fongue*<sup>23</sup> *mỹ ge mũ hamã:*  
 então 3PL MS *Fongue* para dizer PFV MD  
 [então para Fongue eles disseram]

*kakrã vajka ke ag tóg hamã ojto óra ki,*  
 sogro **amanhã** dizer 3PL MS MD oito horas em  
*rã tỹ tã kã sa kã ke ag tóg hamã.*  
 sol MS LOC POSIC:pendurado quando dizer 3PL MS MD  
 [sogro, amanhã, eles disseram, às oito horas, quando o sol estiver (pendurado) ali, disseram, viu]

*Kỹ ag tỹ ag mré rará-j hãn kỹ.*  
 então 3PL MS 3PL com lutar, brigar.FUT ‘sair’<sup>24</sup> então  
 [então eles saíram para lutar com eles]

‘Então eles disseram assim para *Fongue*: “sogro eles falaram que é amanhã às oito horas, quando o sol estiver ali”. Então eles foram brigar com eles’. (fonte: Vãfy, 2002)

Alguns dos outros adjuntos que orientam uma referência temporal, encontrados na língua Kaingang, estão apresentados abaixo:

<sup>22</sup> Também se encontra a forma *vajkỹ* para ‘amanhã’.

<sup>23</sup> O cacique *Fongue* nasceu em Guarita (RS) e foi um importante líder para os Kaingang do século XIX e muitas histórias são contadas tendo este líder como principal personagem. Vários caciques descendentes dele ficaram conhecidos pelo mesmo nome; alguns são líderes muito respeitados.

<sup>24</sup> O termo para ‘sair’ é *hãn ke*. Aqui aparece abreviado na fala.

Figura (15): Outros adjuntos temporais da língua Kaingang

Kaingang	Português	Kaingang	Português
<i>rěké'ũ tá</i>	anteontem	<i>vaj'ũn ka</i>	depois de amanhã
<i>kejěn</i>	às vezes, certa vez, um dia...	<i>kusã ki</i>	de manhã, pela manhã
<i>kãnhmar kar</i>	logo depois	<i>rěkěnh ka</i>	à tarde, de tarde
<i>kar hã</i>	mais depois	<i>kuty kã / kuty tá</i>	à noite, de noite
<i>kurã ge tá</i>	de madrugada, pela madrugada	<i>kuty si</i>	tarde da noite, horas da noite
<i>hěn rike kã</i>	uma certa época, um certo tempo	<i>ěn kã</i>	aquela vez
<i>ěn kar</i>	depois daquela vez	<i>ěn pãte</i>	a partir de

(Fonte: Selvino Kókáj, 2009)

### 2.2.2 Formas lexicais verbais para Passado

Na língua Kaingang encontram-se alguns verbos que possuem uma forma própria lexical para Passado. Observe-se este exemplo:

(07) *Kỹ ěg tỹ ser ěn hě ki ser jagto nỹtĩ, ke mũ,*  
então 1PL MS assim DEM parecido em assim LOC:ao lado permanecer, ficar.PL dizer PFV  
*ki kagá ja nĩgnĩ gé.*  
em ir.PL.PST PFV IPFVN também.

[Então, diz que nós fomos morar, assim, quase um do lado do outro, também]

*Hãra kejěn ã mỹnh fi hě tỹ ěg nón vyr gé hě tóg,*  
mas um dia 2SG mãe C:Fem parecido MS 1PL atrás ir.SG.PST também assim MS  
[mas um dia sua mãe também foi atrás de nós]

*kỹ fi tỹ ser tá ěn gen kỹ nĩ-g tĩ gé.*  
então 3SG.F MS assim LOC:lá DEM assim, desse jeito então permanecer, ficar.SG.PST HAB também.  
[Então lá ela 'morava' (permanecia, ficava) assim também]

‘Então ali mesmo morando um perto do outro fomos também, mas um dia sua mãe também foi atrás de nós. Então lá ela morava assim também’.

No exemplo acima se apresentam duas formas lexicalizadas de Passado para o verbo ‘ir’: *kagá* utilizado com Sujeito plural (*ẽg ... kagá* ‘nós...fomos’); e, *vyr* utilizado com Sujeito singular (*ã m̃nh fi...ẽg nón vyr* ‘sua mãe ...(ela) foi atrás de nós’).

Nos dois trechos que se seguem, retirados de um texto do Projeto Vãfy (2002), encontram-se exemplos da forma lexicalizada de Passado para o verbo ‘dizer’ = *ké*:

(08) *Ag̃i m̃ ag̃i t̃ ãjag t̃ ã ñt̃ ke m̃r,*

3PL para 3PL MS 2PL MS INDF permanecer, ficar.PL dizer quando

*ag je t̃ t̃ ãg t̃ ãn<sup>25</sup> ñt̃ ké<sup>26</sup> hamã.*

3PL *diz que* MS 1PL MS DEM permanecer, ficar.PL dizer.PST MD

‘Quando eles<sub>i</sub> dizem para eles<sub>ii</sub>: vocês são os que ficaram, diz que eles disseram (responderam): nós somos aqueles que ficaram’.

Chamo a atenção ainda nesse exemplo (08) para a presença de *je t̃* glosado como *diz que*. Ao longo deste trabalho em muitos enunciados ocorre a presença de *itóg, jé tóg, je ta, je t̃, ne t̃, t̃ t̃*, por exemplo. Sintaticamente essas construções correspondem a duas marcas de Sujeito; porém, semanticamente, atribuem um significado de *diz que* ao enunciado. Outras considerações podem ser acompanhadas no capítulo 6.

<sup>25</sup> Este demonstrativo, por razões dialetais (ou pragmáticas), aparece nos dados ora como *ãn*, ora como *ẽn*.

<sup>26</sup> Segundo um de meus auxiliares de transcrição, o uso do *ké*, nesse caso, é “como se fôssemos colocar um travessão e então fazer a citação da fala”.

(09) *Kỹ Fongue jeta né nỹ ké,*  
 então *Fongue diz que* QU (?) dizer.PST  
 [Então o *Fongue* (diz que) disse: o que?]

*kỹ jeta kakrã fóg ag ta taki nỹtĩ ag jeta ag pã'i<sup>27</sup> ti,*  
 então *diz que* sogro não-índio 3PL MS LOC:aqui permanecer, ficar.PL 3PL *diz que* 3PL líder 3SG:ENF  
*ti tỹ ag jagnã ag kygrãn tĩ,*  
 3SG MS 3PL RECP 3PL bater, surrar HAB  
 [então, diz que aqueles sogros não-índios ficaram, diz que (consideravam) o líder deles, então eles brigaram]

*ag pã'i ta ag mỹ hapa jãg ke mỹr,*  
 3PL líder MS 3PL para 'saíam, podem sair'<sup>28</sup> dizer mas  
 [os líderes disseram para eles: saiam!]

*ag kygrãn ke mũ, kỹ mỹ ge mũ hamã,*  
 3PL bater, surrar fazer PFV então (?) dizer PFV MD  
*ãjag hã nỹ ãg mỹ ag pan mũ vã,*  
 2PL assim DECL-ASSERT 1PL para 3PL mandar sair.PL PFV CFT  
 ['matavam' eles, disseram (viu). Vocês (é que) deveriam 'expulsar' eles para nós, mandar (eles) saírem]

*ag pétã mũ vã, ke ta mũ hamã.*  
 3PL correr PFV CTF dizer MS PFV MD  
 [eles deveriam correr, ele disse (viu)']

'Então *Fongue* disse: o que? Então, diz que aqueles sogros não-índios ficaram, diz que (consideravam) o líder deles, então eles brigaram; os líderes disseram para eles: saiam! 'Matavam' eles, disseram (viu). Vocês (é que) deveriam 'expulsar' eles para nós, mandar (eles) saírem, eles deveriam correr, ele disse (viu)'. (fonte: Vãfy, 2002)

<sup>27</sup> *Pã'i* pode ter diferentes traduções dependendo do contexto: 'pai', 'líder', 'autoridade'.

<sup>28</sup> Traduzido dessa maneira por falantes da língua.

Importa notar aqui a observação (em nota de rodapé - número 26) feita em relação a *ké* - o uso desta forma passada para o verbo ‘dizer’ em citação de discurso direto. Isso porque é o que o difere na sua escolha ao invés da utilização do verbo ‘dizer’ *ke* em sua forma ‘não passada’ juntamente com o Perfectivo *mũ*. Neste caso, a construção *ke mũ* pode (mas nem sempre) também conferir ao enunciado uma perspectiva de completude (disse, disseram, dizia... – dependendo do sujeito ou de outros marcadores). Note que acima no dado (09) além de *ké* que se refere à fala de *Fongue* (‘...: – o que?’), há outras ocorrências do mesmo verbo na forma não passada *ke*: *ke (ge) mũ* ‘disseram’; *ke ta mũ* ‘ele disse’.

Segue-se um outro dado no qual encontramos a forma lexicalizada de Passado do verbo ‘levar’ *ma-vyr*:

(10) *Inh kóněg ra m̃nh fi t̃y inh ma-vyr ja ñn (ñ ñ) taki,*

1SG pequenino quando mãe C:Fem MS 1SG levar.PST PFV EXIST+DECL-ASSERT LOC:daqui  
*tó fi t̃y t̃i, ṽhẽ inh ne t̃y ñgté há ñ,*  
 contar.SG 3SG.F MS HAB agora, afinal 1PL *diz que* engatinhar bem IPFV  
*m̃nh fi t̃y ra t̃i mũ kã.*  
 mãe C:Fem MS quando ir PFV LOC:lá

‘Quando eu era pequena a mãe levou eu daqui, ela contava. Eu recém engatinhava, quando minha mãe foi lá’.

Acima, na frase Kaingang, a expressão *ñgté há* quer dizer ‘sabia engatinhar’, o que traduzimos por “engatinhava”. O sentido de ‘recém’, ‘acabava de’, é dado por *ṽhẽ*.

### 2.2.3 Referência temporal passada expressa morfologicamente pelo morfema {-g}

No Kaingang alguns verbos podem ser expressos em uma referência temporal passada com o acréscimo do morfema {-g}. Isso também pode ocorrer com alguns aspectuais.

Nesta seção apresento exemplificações nas quais se podem visualizar essa forma de referência passada. Inicialmente mostro alguns exemplos com verbos.

Na passagem abaixo reproduzo um trecho de uma conversa na qual estavam algumas pessoas que eram parentes e uma senhora Kaingang começou a falar sobre as mães delas. Ela lembrou, então, uma passagem na qual um dos filhos de suas mães<sup>29</sup> ficou doente.

(11) (...) *tỹ kónẽg tỹ fi mỹ kaga kỹ.*

MS pequenino MS 3SG.F para doente então

*Kujá ã ne je tỹ tã kã nĩ-g tĩ,*

*Kujá* INDF MS *diz que* LOC permanecer, ficar.SG.PST HAB

*ham Kógũnh sĩ ki gen kỹ tã tá.*

MD ‘Eralzinho’<sup>30</sup> em desse jeito então LOC:ali

*Pedro, Pedro Vãgtĩg ti jyjy ti.*

nome próprio 3SG nome 3SG:ENF

‘(...) quando era pequeno, (ele) ficou doente para ela. Diz que um *Kujá* morava ali, para o lado do Eralzinho. *Pedro, Pedro Vãgtĩg* era o nome dele’.

No exemplo acima, focalizamos o verbo *nĩ*, ‘permanecer, ficar’; que nestes contextos toma o sentido de ‘morar’. O sufixo {-g} acrescido a *nĩ* - *nĩg* indica referência passada. E ainda complementando o sentido do enunciado temos a presença do habitual *tĩ*, que expressa que o fato era recorrente ou continuado: o *Kujá* morava (habitualmente) lá!

<sup>29</sup> Nos Kaingang as irmãs da mãe são também consideradas ‘mães’, assim como os irmãos do pai são considerados ‘pais’. Então uma pessoa (um filho) tem (ou pode ter) ‘várias mães’.

<sup>30</sup> Nome de lugar.

Em Kaingang alguns verbos possuem uma forma plural utilizada para expressar ações múltiplas, muitas vezes co-ocorrentes com SNs Sujeito ou Objeto no plural.

A forma usada para ‘permanecer, ficar’ com Sujeito ou Objeto plural é *nýtĩ*. No trecho abaixo (12) temos tanto essa forma no passado - *nýtĩg*; como a forma *nĩg* utilizada para referência passada de ‘permanecer, ficar’ (‘morar’) utilizado com Sujeito singular. Observe-se, entretanto, que este último está nominalizado e, portanto, sugere a tradução de ‘morada’:

(12) *Ën tá fag ne tỹ nýtĩ-g tĩ gé vã,*  
 DEM LOC:lá 3PL.F *diz que* permanecer, ficar.PL.PST HAB também CTF  
*hãra fag ne ser taki hẽ nýtĩ-g mẽn ja nỹ,*  
 mas 3PL.F MS assim LOC parecido permanecer, ficar.PL.PST outra vez PFV DECL-ASSERT  
*régre Nĩna fi nĩ-g ja si ãn ki.*  
 irmã nome próprio C:Fem permanecer, ficar.SG.PST NMLZ<sup>31</sup> antigo DEM em  
 ‘Diz que elas moravam lá também, mas elas mudaram mais para cá, na antiga morada da irmã Nina’.

(Lit: ‘Diz que elas moravam lá também, mas elas voltaram a morar aqui perto, na antiga morada da irmã Nina’).

*Kỹ mỹnh fag jagnã rã hã nýtĩ-g tĩ hẽn ki.*  
 então mãe C:Fem RECP perto igual permanecer, ficar. PL.PST HAB QU  
 ‘Então será que as mães moravam perto uma da outra ali (?)’

Nesse dado (12) observamos que a pessoa também utilizou a forma passada e plural *nýtĩg* juntamente com *mẽn* (‘outra vez, de novo’) para indicar a ‘permanência mais para cá’, traduzida pela professora Kaingang como ‘(elas) mudaram mais para cá’. Uma outra tradução, portanto, seria: ‘elas ficaram mais para cá’, ou, ‘elas moraram (voltaram a morar) mais para cá’.

<sup>31</sup> Aqui o marcador *ja* está sendo usado para nominalizar. Trato dessa questão a seguir no item sobre o papel de *ja* na língua Kaingang.

No exemplo a seguir observamos a presença de *nĩ* em sua forma não-passada e *nĩg* (passado), ambos com sentido de ‘morar’. *Nỹtĩ* também aparece em sua forma passada – *nỹtĩg*, mas nominalizado, daí resultando ‘as moradas’ (deles...dos pais):

(13) ... *ẽg panh ag nỹtĩ-g ja hã jeta*  
 1PL pai 3PL permanecer, ficar.PL.PST NMLZ igual, parecido *diz que*  
*ser gen kỹ tĩg nĩ gé ha,*  
 assim desse jeito então ‘andar’ IPFV também ‘agora’  
*Prur fi nĩ ãn kã tá ha.*  
 nome próprio C:Fem permanecer, ficar.SG DEM LOC:para o lado ‘agora’  
*Áranh ne tỹ ãn kã nĩ-g tĩ.*  
 nome próprio *diz que* DEM LOC:ali permanecer, ficar.SG.PST HAB

‘...(diz que) as moradas de nossos pais segue (‘vai, anda’) por aqui para o lado onde (agora) a *Prur* mora. *Áranh* disse que morava ali’.

Em (14) observamos o mesmo uso da forma *nỹtĩg* (‘permanecer, ficar, morar.PST’) com Sujeito plural (*ãg* = *ẽg* : 1PL. ‘nós’), combinado com aspecto Habitual expresso por *tĩ*.

(14) *Hỹ’ỹ... Kỹ ãg tỹ ser tá nỹtĩ-g tĩ ham,*  
 sim então 1PL MS assim LOC:lá permanecer, ficar. PL.PST HAB MD  
 [sim...então nós assim ficávamos (habitualmente) lá, viu]

*hỹ kỹ ija hãra inh ne, kófa tugnĩn ẽg ne*  
 por isso [1SG]MS mas 1SG MS, velho por causa de 1PL MS  
*tag mĩ mũ nĩ gé, ke ke mỹr,*  
 DEM LOC ir.PL IPFV também dizer fazer pois  
 [por isso eu, mas eu, por causa do velho nós ‘andamos’ por aqui, digo pois]

*hãra ãg pi kãmũ-j mũ vã.*  
 senão 1PL MS:NEG vir.FUT PFV ASSERT  
 [senão nós não viríamos (iríamos vir)]

‘Sim... então ficávamos lá... por isso eu, mas eu, por causa do velho nós também andamos por aqui, eu falo isso, senão não teríamos vindo’.

Cabe uma observação (antes de prosseguir), pois em meu corpus há uma predominância de uso do verbo *nĩ* com essa marcação morfológica de {-g} para expressar referência passada; entretanto, lembro que, em tese, outros verbos terminados em vogais podem ter esse acréscimo. Aponto apenas que em minhas exemplificações há essa predominância.

Como citei no início deste item, também é possível encontrarmos aspectuais com essa marcação morfológica para Passado. Apesar de tratar sobre Aspecto no capítulo seguinte, estarei apresentando exemplos nessa seção mostrando essas ocorrências, mas lembrando que outras discussões sobre os marcadores aspectuais ficarão para depois.

#### O exemplo (15)

(15) *Kỹ ne tỹ ser prãr<sup>32</sup> ke tĩ-g nĩ jetóg,*  
 então diz que assim gritar fazer HAB.PST IPFV diz que  
*jo ag je tỹ ser goj kym mũ ser,*  
 e 3PL diz que assim água cortar PFV assim  
*hãra fág hã tỹ ser mer kã nỹ nĩ gé.*  
 mas pinheiro parecido MS assim baixada em POSIC: deitado IPFV também  
*Kỹ ag jeta ser fág tag to jãpry-j há ja ti jo jãvo*  
 então 3PL diz que assim pinheiro DEM em direção subir. PL. FUT bem PFV 3SG antes senão

<sup>32</sup> Também é possível encontrarmos a forma *prẽr* para o verbo ‘gritar’.

tỹ ag kã ã ko-j mũ, ke mũ, kegé ser jetóg.

MS 3PL em INDF comer.FUT PFV dizer PFV também assim diz que

‘Então vivia gritando, diz que; e eles atravessaram a água, mas havia um pinheiro para baixo. Então eles disseram “poderíamos subir nesse pinheiro”, “senão ele comerá um de nós”, disseram também, diz que’.

é um trecho de uma narrativa sobre um *Krĩpénufã*, uma espécie de ‘caipora’, que roubava mulheres e, às vezes também, homens Kaingang. É a ‘ele’ que a pessoa que conta se refere; e ‘eles’ faz referência aos Kaingang que estavam atrás do *Krĩpénufã* para tentar pegá-lo.

Nesse dado (15) há a construção – *prãr ke tĩg* – *prãr* é verbo ‘gritar’ e a presença de *ke* (verbo ‘fazer’) aponta o sentido da ação de ‘ele’ gritar (de tempo em tempo – em intervalos, segundo meu auxiliar Kaingang). Já *tĩg* tem um papel aspectual de habitualidade - ‘vivia, andava’ - e é o responsável pela informação semântica de Passado pela presença do morfema {-g}. Por sua vez, o Imperfectivo *nĩ*, sugere o sentido que ‘ele’ – estava, ficava – (gritando). Então, em uma tradução mais literal teríamos algo como: ‘(ele, o *Krĩpénufã*) vivia fazendo a ação de gritar’.

Aplicando as hipóteses de Givón (2001, p. 367) para os caminhos de gramaticalização dos marcadores de TAM, pode-se dizer que o verbo ‘ir’ é a fonte lexical para o Aspecto Habitual no Kaingang. Como o verbo ‘ir’ - *tĩ* possui, na língua, um correspondente ‘plural’- *mũ* (uma forma supletiva, e não flexionada), é interessante observar que também encontramos essa forma plural desempenhando a função de expressar Aspecto na língua. Nos exemplos (16) e (17), abaixo, encontramos ocorrências de *mũ*, com marcação morfológica de passado pelo morfema {-g}:

(16) .....kỹ ag ne tỹ vãjig **mũ-g** tĩ,

então 3PL diz que espreitar ‘ir(andar)’.PL.PST HAB

*hãra kejãn*,... ka ag je tỹ goj pẽnñ vãjig **mũ-g** tĩ jetóg...

mas um dia então 3PL diz que água(rio) ao redor espreitar ‘ir(andar)’.PL.PST HAB diz que

‘...então eles andavam espreitando; mas um dia, ...então eles viviam espreitando ao redor do rio, diz que...’

Como a tradução mostra, nesses exemplos, *mũg* efetivamente funciona como um 2º verbo, não podendo ser confundido com Aspectual ou Auxiliar (ele não está ali apenas para carregar informação gramatical, por exemplo); a carga semântica dele cumpre seu papel, com o falante expressando duas coisas: que os Kaingang espreitavam, mas isso não era feito de um ponto fixo (como uma ‘espera’ em uma árvore ou uma ‘tocaia’) - eles vasculhavam o terreno procurando, espreitando. Portanto: *andavam* e *espreitavam*. De fato é o *tĩ* que empresta ou expressa a noção de Habitualidade, enquanto o *mũ* é quem dá bem o sentido de movimento, de ir e vir, de fazer a espreita intermitente.

No exemplo a seguir (17) temos a presença de *mũg* e *mũ*.

(17) *Krỹgnỹg ag vỹ ‘e mũ-g tĩ, ag mũ ja kar mĩ.*

capivara 3PL MS muito ‘ir(andar)’.PL.PST HAB 3PL ‘ir(andar)’.PL NMLZ todos LOC

‘As capivaras vivem em bandos por todos os lugares que elas andam’.

(fonte: Selvino Kókáj, 2009)

Enquanto *mũg* resulta em uma interpretação semântica (traduzida) como ‘vivem’ – uma expressão aspectual, portanto (mas também é possível pensar em: ‘as capivaras ‘andam’ em grupos’, no sentido de ‘caminhar’, com sentido mais próprio do verbo ‘andar.PL.PST’); a forma *mũ* está mesmo empregada com o significado de ‘andar’ em termos locativos acompanhada por *ja*, que faz papel de Nominalizador. Note-se que o que seria o “Sujeito” de “eles [capivaras] andam”, ou seja, *ag*, não recebe qualquer marca (de Sujeito), donde a interpretação da sequência - *ag mũ ja kar mĩ* - seria algo como: “por tudo (todo lugar) da andada (ou andação/andança) delas”. Nesse caso o SN é:

Pronome Possessivo + Raiz Verbal + NMLZ + Quantificador

*ag mũ ja kar*

que é seguido (ou regido por) uma posposição: *mĩ*. Ainda há o Habitual *tĩ* mostrando a recorrência do evento.

Então, resumidamente pode-se dizer que quando se trata de *mũg*, parece difícil afirmar definitivamente que, nessa acepção semântica, ele responda sozinho pelo caráter habitual passado do evento. Isso porque em distintos dados de fontes diversas (quando

utilizado com esse ‘aspectual’), esse marcador está normalmente acompanhado do habitual *tĩ* (*mũg tĩ*). Em outras palavras, a questão que se coloca é que se a essa forma se pode também imbuir um caráter de habitualidade; ou, se sua semântica (nestes contextos) não carrega ou não tem esse papel. Mas podemos dizer, sim, que essa forma responde pela perspectiva ou referência passada expressa morfologicamente com o acréscimo de {-g}.

#### 2.2.4 O marcador *ja*

Observei em minha dissertação de Mestrado que o marcador *ja* ocorria no Kaingang aparentemente cumprindo diferentes funções, mas naquele momento não foi possível delimitar ou determinar isso de maneira mais contundente.

Neste trabalho, entretanto, foi possível distinguir algumas funções claramente distintas (embora semanticamente relacionadas) nos usos de *ja*: uma não-temporal e outra temporal. Pode-se dizer, mesmo (e isso se verificará através dos dados arrolados), que esse marcador tem um papel relevante na organização da temporalidade na língua, ocorrendo junto a Verbos ou Nomes.

Para mostrar essas dimensões, divido a seção em 3 partes:

- (a) uma resenha do que se observou ou se sugeriu a respeito de *ja* na literatura da área;
- (b) seu papel temporal;
- (c) suas funções não temporais.

##### 2.2.4.1 O que se diz sobre *ja* em outros trabalhos: um resumo

Apresento aqui um breve levantamento, no qual priorizo evidenciar os usos que se atribuem a *ja* em alguns trabalhos anteriores sobre a língua<sup>33</sup>. Tal busca objetiva levantar hipóteses sobre as fontes lexicais para esta forma gramaticalizada a partir desse pequeno estudo. Também é uma oportunidade de verificar, de certa forma, o que permanece ou o que mudou na utilização de *ja*, comparando com os atuais usos na língua.

---

<sup>33</sup> Noto que utilizo aqui distintos trabalhos sobre a língua Kaingang sem me prender às distinções dialetais, observando a língua como um todo. Essa resenha inclui também as observações presentes em meu trabalho final de mestrado – *Aspecto no Kaingang* (2007).

Com este objetivo, tentei localizar nestes trabalhos anteriores, não somente disposições teóricas, mas também verifiquei exemplificações com a ocorrência da partícula *ja*. Nesta apresentação estarei utilizando a transcrição e a numeração dos exemplos como citados pelos autores e, se necessário ao entendimento, apresentarei a grafia atual dos vocábulos. Destaco o marcador em itálico, nos lugares de sua ocorrência, para facilitar a visualização, já que se encontra registrado por diferentes formas: *ja*, *ia*, *iá*, *ié*...

Frei Mansueto Barcatta de Val Florianiana em seu trabalho *Ensaio de Grammatica Kainjgang* (1918) reúne materiais da região do Tibagi (Paraná). No capítulo VI – *Dos Verbos* – o autor aponta:

O Presente indica-se com a terminação *mo*, o Imperfeito com as terminações *ve* e *ja* e os outros Passados com a terminação *ke*. O Futuro pode ser indicado com a mesma terminação para Presente *mo*, ou com a partícula *hána*. Já o Futuro intencional, faz-se com o verbo *ke*, *kémo*. (VAL FLORIANA, 1918, p. 549 / grifos meus).

O parágrafo 4 deste mesmo capítulo trata da *Aplicação das regras anteriores e exercicios*. Nesse item encontra-se:

27. A particula *JA* indica tempo presente e imperfeito. Ex.: Had *ja*: agora está bom, estava bom (Ibid., p.552).

No capítulo XI sobre *Affixos e Suffixos*, encontra-se outra referencia ao uso de *ja*:

4. A fim de indicar lugar, a residencia, a séde de alguma cousa, ou o instrumento para fazer uma cousa, usam-se como suffixos as palavras *ja*, *jafá*, *aiafá*. Exemplo: Noro *jafá*: Lugar de dormir – *Nángja*: Cama – *nan*, deitar – *ja*, lugar ou instrumento (cama) para deitar, connectivo (Ibid., p.562).

A quarta seção intitulada *Syntaxe* apresenta um capítulo único – *Collocação das Palavras*. Nele, no item 8 se trata sobre o que o autor chama de complemento de especificação e em um dos exemplos apresentados por ele, temos a presença de *ja*:

8. Para obter complemento de especificação prepõe-se ao Nome a palavra que constitue o dito complemento, por ella modificado. Exemplo: .....3- Jogn jénja: Cadeira do pai, - jenja, meza, para comer, cadeira – ja, lugar-jen, comer e sentar (Ibid., p.563).

Em resumo, neste trabalho de Val Floriana encontramos *ja* basicamente em dois usos citados por ele:

- i) tempos presente e imperfeito;
- ii) indicação de lugar, de residência, sede de alguma coisa, ou o instrumento para fazer uma coisa.

Um outro texto de Val Floriana também de 1918 – *Uma crítica ao ‘Vocabulário da língua Kainjgang’ do Visconde de Taunay* – publicado na Revista do Museu Paulista, inclui uma *Introdução*, seguida do trabalho de Taunay: *Os índios Kaingángs (Coroados de Guarapuava)* às pp. 569-593 e do *Vocabulario do dialeto Kaingáng (Coroados de Guarapuava – provincia do Paraná)* às pp.594-628, do mesmo autor; sempre intercalados (os dois textos de Taunay) de comentários e notas de Val Floriana. Inicialmente lembra o autor que ele aprendeu a língua dos ‘Kaingángs do Tibagy’, ao passo que Taunay aprendeu a de Guarapuava, cujos dialetos, segundo ele, diferem. Indica ao final da introdução, as abreviações utilizadas em seus comentários: “A. significa o Auctor, respectivamente o dialeto de Guarapuava. M., significa Fr. Mansueto, na qualidade de critico e de representante do dialeto Kaingáng do Tibagy” (p. 568) (Obs: como estarei fazendo as citações no original, tais abreviações estarão presentes).

Do primeiro dos trabalhos de Taunay acima indicados, comentado por Val Floriana, tomo algumas exemplificações com ocorrência de *ja*:

Lavar ou lavar-se: kupé (M. Também fazer banho)

1- Já lavei: kupéia .....3- Mulher lavou roupa: Kurú fáia<sup>34</sup> ti ni (M. significa não lavou, mas está lavando). ( ) A. em lugar de fi usou ti, que significa elle, homem). 4- O homem lavou a roupa: Kurú fáia ti húri (VAL FLORIANA, 1918, p. 592).

---

<sup>34</sup> *Fáia* na ortografia atual: *fa* ‘lavar’ + *ja*.

Accende. M. accender; Pingrú – Acendeu: Pimien kára. M. Deve ser pin aienkaja: accendeu o fogo (Ibid., p. 592).

Querer: Heiketi. M. Hö, ke.

Elle já quiz: Heiketemja. Hö, querer – ke, terminação do passado – te, elle – ja, partícula adverbial para indicar passado (Ibid., p. 592).

Fugir

Já fugiu: Veipejú já.

Já fugiram: Embra veipejú ja – M. Embre, junto. Para indicar plural precisa acrescentar ag, elles; fag, ellas (Ibid., p. 593).

Na segunda parte do artigo onde se apresenta o *Vocabulario do dialeto de Guarapuava*, pode-se observar na letra E, o exemplo citado por Taunay, seguido da comparação e comentário de Val Floriana:

Está morto: Tére io. M. Tére je. – Jo parece errado. Tére ja: Está morto. Ja – indica acção completa, ao que parece passada. O A. erra as vezes usando O por A (VAL FLORIANA, 1918, p. 605).

Outros exemplos seguem em ordem alfabética:

Forno: Totógnia bang. M. Totógnia buõnghtotógn, torrar – ja, instrumento – buõngh, grande (Ibid., p. 606).

Galho quebrado: Titánbreja. M. Fan, brein: quebrar (Ibid., p. 607).

Mesa: Níndia. M. Também ninja, jénja. Ninja, significa também cadeira de ni, sentar, ja, lugar, instrumento. Jenja, jen – comer, ja-lugar (Ibid., p. 612).

Porungo: Arumja. M. Rud, rudiá (Ibid., p. 618).

Sabão: uanfáia. M. de uafá, lavar roupa – ja, instrumento (Ibid., p. 620).

Tesoura: Joaria. M. Deve ser joáröja -joá, da barba – ro, cortar – ja, instrumento. Também se diz varröja – va prefixo – ro, cortar, etc (Ibid., p. 622).

A partir dessas apresentações também se evidenciam dois usos ou ocorrências para o emprego de *ja* que é assinalada pelo autor (Val Floriania) concordando com Taunay, a saber:

- i) ‘partícula adverbial para indicar passado’; ‘indica ação completa ao que parece passada’;
- ii) indicação de lugar, instrumento.

Outro estudo comparativo é o de Rosário Farani Mansur Guérios de 1942 sobre os dialetos de Palmas e de Tibagi (Paraná). Neste texto, poucas são as ocorrências e referências àquela partícula. Em uma seção denominada *Sumario de Gramática Comparativa – Dialectos Palmense e Tibagiano*, em um subitem (nº 37) que trata de *Interrogativos* encontram-se os seguintes exemplos com a presença de *ja*:

Hattandêi timbré ia nangéia *ia ne?* – Por que com ele V. guerreou V.?  
Hattandêi (n) ghár fór *ia ne?* – Por que o milho vendeu V.?  
Hattandêi minf(u)ör fór *ia ne?* – Por que o couro do tigre vendeu V.?  
Hattandêi tanpér mã *ia né?* – Por que a enxada comprou V.?  
(Hatt)andêi ka kü(gh) *ia né?* – Por que a arvore cortou V.?  
(GUÉRIOS, 1942, p. 134)

E ao apresentar os *Afixos*, há o seguinte comentário:

Diz Val Floriania (p.336): “*Ja*, sufixo para indicar quem faz a ação: Enkréja, “caçador”, pejúja, “ladrão”. Parece que lhe corresponde no palmense *-iá*, *-ié*, os quais quero crer, valem por um pronome de 3ª pessoa: Topén-*iá*, Deus Ele; Topén-*ié*, Deus Ele. ... (Ibid., p. 149).

Ao que parece temos neste trabalho os seguintes usos de *ja* mostrados (nos exemplos acima) ou citados:

- i) indicando a ação concluída;
- ii) utilizado para indicar quem fez a ação;
- iii) como pronome de 3ª pessoa.

Ursula Wieseemann é uma missionária que atuou por várias décadas no ‘Summer Institute of Linguistics’ (SIL) e que sistematizou a ortografia da língua Kaingang entre 1958 a 1966; trabalho esse desenvolvido no Posto Indígena de Rio das Cobras, Paraná.

As informações contidas no apêndice em seu trabalho de 1971 (*Dicionário Kaingáng - Português / Português - Kaingáng*) em sua primeira edição e em 1981 na sua segunda edição, são, pode-se dizer, ‘pontuais’; porque são generalizadas, não havendo contexto e nem exemplificações com frases ou orações.

Ao relacionar os Indicadores de Modo (p.284) observa:

Seguem os verbos ou substantivos nas orações predicativas e os modificam. Tais indicadores podem seguir verbos, descritivos e substantivos, mas somente podem ser seguidos por aqueles Indicadores de Aspecto que também seguem substantivos.

E, na lista que segue tal observação encontra-se *ja* ~ *jã* que está glosado como ‘terminado’.

Há ainda uma reedição do ‘Dicionário’ de 1971 em 2002 sob o título *Kaingang - Português--Dicionário Bilingüe*. Nesse trabalho também há um apêndice e ao tratar de ‘indicadores de modo’ (p. 159) (‘ind. m’- abreviação no original) a autora aponta:

Os indicadores de modo modificam tanto verbos quanto substantivos, seguindo-os. Existem dois sub-grupos: os que podem somente seguir verbos e assim são um tipo de advérbios, e os que seguem tanto verbos como substantivos ou outros indicadores de modo (WIESEMANN, 2002, p. 159).

Segue-se, então, uma tabela com os ‘ind. m.’. Nesta, ao citá-los, dentre os que seguem verbos ou substantivos, encontra-se: *ja* ‘terminado’.

Em outra seção desse apêndice, a autora faz referência ao ‘substantivador (subr)’:

existem dois substantivadores que terminam construções ergativas – absolutivas e as transforma em substantivos:

*ja* ‘coisa com que se faz’  
*jafã* ‘coisa para fazer’ (Ibid., p.162)

Ao longo do ‘dicionário’ (Wiesemann 2002), encontrei vários exemplos com a ocorrência de *ja*, dentre os quais relaciono alguns:

**fág sîn ja** sub. Tronco no meio dos ramos do pinheiro. **Fág sîn ja vỹ tỹ, ti nunh nĩ.** O tronco fino no meio dos ramos chamamos de “pescoço”. (p. 16)

**fěgnu** sub. Vespa. **Ũn sĩ tóg, fěgnu vóg ja nĩ, kỹ tóg, ti mąg mũ.** A criança mexeu com a vespa e foi picada. (p. 18)

**fór** v.i.sg. barriga cheia, cheio. **Fénhta tá tóg, fór pě nĩ, věnh kar tóg, věnh kāmũ ja nĩ.** Na festa tinha muita gente, todos chegaram. (p. 19)

**gĩn** v. i. fazer voltar, cercar. **Josué tỹ ti tũ ag mré ěmã tỹ Jericó gĩn tỹ sete han kỹ tóg, vāhã kutě ja nĩgtĩ, ti jy ro ti.** Quando Josué e os homens dele terminaram de cercar a cidade de Jericó, por sete vezes o muro caiu. (p. 21)

**gów** v.i.sg. vidro, ovo quebrado. **Garrafa gów tóg, ti pěn ki já ja nĩ, hã kỹ tóg, tĩg kórég nĩ.** Pisou num caco de garrafa, por isso está mancando. (p. 21)

**han ja** v.tr.sg. feito. **Ũ ter mũ kỹ tỹ ěpỹ han ja vě.** É a roça daquele que morreu. (p. 23)

**ja** ind. m. terminado. **Īn ja vě.** Era uma casa.  
- nom. feito. **Věnh kri vem ja vě.** é um guarda-chuva. (p. 26)

**nĩgja** sub. assento, cadeira, banco. **Ti nĩgja vě.** É o banco dele. (p. 66)

**run** v. tr. carregar água. **Ā mỹ goj run tĩg?** Você vai buscar água (no poço, no rio)?  
**runja** sub. Vasilha para carregar água. **Inh runja vỹ mráj.** Minha cuia quebrou. (p. 80)

**věgtĩ** ind. a. ser habitualmente. **Inh panh jamã ja věgtĩ, tag ki.** Aqui era a moradia do meu pai. (p. 94)

Em *Time Distinctions in Kaingang* (1974: 120 a 130) Ursula Wiesemann trata de distinções temporais no dialeto Kaingang do Paraná relacionadas a expressões de tempo, como *ũri* ‘hoje’; *rākétá* ‘ontem’; ‘unidades de tempo’, como: *kurã* ‘luz do dia’; *kuty* ‘noite, preto’; e “novas distinções de tempo referentes ao sistema de parentesco que são discutidas em relação à influência do Português na língua”. A autora considera tais

distinções temporais em uma *matrix* de paradigmas de expressões de tempo. Os paradigmas do ponto de ação em relação ao Tempo considerados na p. 122 de seu original, podem ser feitos, segundo Wieseemann, com membros como: *ja* ‘já’ “ação (evento) completada, embora resultados possam continuar”.

Em síntese, nos trabalhos de Wieseemann, *ja* é citado como:

1. indicador de modo: ‘terminado’;
2. substantivizador;
3. ação (evento) completada: “já” (embora resultados possam continuar).

Outro trabalho sobre a língua é o livro *Caingângues – gente do mato*, do médico e professor Edwino Donato Tempski, publicado em 1986 no Paraná, no qual está apresentada a pesquisa realizada pelo autor entre 1978 e 1985 com índios do médio Uruguai (Iraí, RS). Como notado no prefácio escrito por Mansur Guérios, a obra não é de um etnólogo ou um linguista, porém se esforça por colaborar com os estudos da língua. Cabe observar ainda que são interessantes as ‘advertências’ na p. 45 em relação à tradução não ser literal (aqui citada apenas a primeira):

A- Apesar das medidas acauteladoras, freqüentemente observar-se-á que os vocábulos e as correlatas frases não foram traduzidas literalmente. Isso ocorreu ou porque não existe o vocábulo em caingâng correspondente, ou porque a tradução recebida significa o jeito caingâng de dizer aquilo que se sugeriu; alias, o apelo ao subentender, a dizer aquilo que não foi expresso textualmente, é recurso habitual da língua caingâng: - “É a mesma cousa”, dizem eles. (grifos meus)

O autor ainda que não fosse um linguista já observava que a tradução não mostrava necessariamente o que havia sido solicitado – ele trabalhava com os falantes a partir do que chamava de ‘exercícios’, pedindo-lhes a tradução de sentenças e expressões.

No trabalho de Tempski ocorrem vários exemplos nos quais há a presença de *ja*. Ao discorrer sobre *Verbos*, no 1º exercício, encontra-se *ja* nos seguintes Tempos

assinalados pelo autor: Pretérito Imperfeito e Futuro.<sup>35</sup> No segundo exercício, há ocorrência no Pretérito Perfeito e Futuro. No quarto exercício aparece no Pretérito Imperfeito, Perfeito e Mais que Perfeito, além da forma *ié*, no Subjuntivo Presente. Reproduzo abaixo esses exemplos:

VERBOS  
1º EXERCÍCIO

Pret. imperfeito

Eu tinha - ign chum <i>ιά</i>	Nós tínhamos - hon tun <i>ιά</i>
Tu tinhas - on tun <i>ιά</i>	Vós tínheis - óngár tun <i>ιά</i>
Ele tinha - ti tun <i>ιά</i>	Eles tinham - hagn tun <i>ιά</i>

(Fonte: TEMPSKI 1986, p. 89)

Futuro

Nós éramos - hon <i>ιά</i>	
Vós éreis - óngár <i>ιά</i>	
Eles eram - hagn òn <i>ιά</i>	(Fonte: TEMPSKI 1986, p. 89)

2º EXERCÍCIO

No pretérito perfeito:

Eu tive pão - ranquetê ign pun *ιά*  
Tu tiveste pão - ranquetê ón pun *ιά*  
Ele ou ela teve pão - ranquetê ti, fi pun *ιά*  
Nós tivemos pão - ranquetê óngar pun *ιά*  
Vós tivestes pão - ranquetê vôicár pun *ιά*  
Eles tiveram pão - ranquetê agn pun *ιά*  
N – persiste o advérbio ranquetê - ontem e o acréscimo de *ιά*.  
(Fonte: TEMPSKI 1986, p. 90)

4º EXERCÍCIO

Pretérito imperfeito

Eu amava a Deus - ign tupén tu hê *ιά*  
Tu amavas a Deus - ón tupén tu hê *ιά*  
Ele, ela amava a Deus - ti, fi tupén tu hê *ιά*  
Nós amávamos a Deus - óngar tupén tu hê *ιά*  
Vós amáveis a Deus - vôicar tupén tu hê *ιά*  
Eles, elas amavam a Deus - agn,fagn tupén tu hê *ιά*

---

<sup>35</sup> Como se observará, o autor emprega toda a terminologia gramatical do Português.

Pretérito perfeito:

Eu amei a Deus - ign tupén tu hê *ia*  
Tu amaste a Deus - ón tupén tu hê *ia*  
Ele, ela amou a Deus - ti, fi tupén tu hê *ia*  
Nós amamos a Deus - óngar tupén tu hê *ia*  
Vós amastes a Deus - vóicar tupén tu hê *ia*  
Eles, elas amaram a Deus - agn,fagn tupén tu hê *ia*

Pretérito mais que perfeito:

Eu amara a Deus - ign tupén tu hê *ia*  
Tu amaras a Deus - ón tupén tu hê *ia*  
Ele, ela amara a Deus - ti, fi tupén tu hê *ia*  
Nós amáramos a Deus - óngar tupén tu hê *ia*  
Vós amáreis a Deus - vóicar tupén tu hê *ia*  
Eles, elas amaram a Deus - agn,fagn tupén tu hê *ia*

Subjuntivo presente:

Que eu ame a Deus - ign tupén tu hê ni *ie*  
Que tu ame a Deus - ón tupén tu hê ni *ie*  
Que ele, ela ame a Deus - ti, fi tupén tu hê ni *ie*  
Que nós amemos a Deus - óngar tupén tu hê nátin *ie*  
Que vós ameis a Deus - vóicar tupén tu hê nátin *ie*  
Que eles, elas amem a Deus - agn,fagn tupén tu hê nátin *ie*

(Fonte: TEMPSKI 1986, p. 90 e 91)

Há ainda um dado que está na p. 66 do texto de Tempski, no qual ‘*ia*’ está sendo utilizado para um ‘instrumento’:

15. *OBSERVAÇÃO*: Diante de faltas graves, o cacique dispõe, ao lado de sua moradia, um instrumento de punição, de castigo, aplicado para impor a disciplina e a obediência. Na linguagem indígena, tal instrumento se denomina Chêi-fon ou üên-chêi-*ia*. São dois troncos de madeira, parcialmente enterrados no solo; na porção inferior e interna dispostos frente a frente, os troncos são recortados, entalhados.....

Já na seção de vocabulário, encontram-se duas exemplificações bastante interessantes com os significados:

132. Término (fim) desta estrada tem uma ponte.  
Ómín crân<sup>36</sup> *ia* tân púnta na.

---

<sup>36</sup> A raiz é *kr̥g* = ‘chegar no fim’ (observação minha).

134. Termo – Iúdn *ia*.<sup>37</sup>

Esse é o termo (ponto final) da nossa viagem

Ón iúdn *ia* ni.

(Fonte: TEMPSKI 1986, p. 315)

E, finalmente, (re)visito meu trabalho de dissertação de mestrado de 2007 – *Aspecto no Kaingang*, no qual trabalhei com comunidades Kaingang do Rio Grande do Sul. Apontava em meu texto final que o marcador *ja* tinha ocorrências nos exemplos em distintas situações. Em muitas delas *ja* fazia referência a algo já acontecido, que se encerrava em um momento anterior ao Momento de Referência. E, em termos de escopo se poderia pensar em algumas possibilidades de uso: ele estaria expressando Aspecto ou Tempo; ou, ele expressaria uma dimensão tempo-aspectual difícil de ser separada em dois níveis. Pensou-se em Tempo, porque *ja* ocorria nos dados de campo, apenas em traduções de sentenças com referência de Passado. Naquele primeiro momento, descartei de certa forma, sua função temporal, uma vez que *ja* tinha ocorrência junto a verbos que já apresentavam formas lexicais próprias para Passado, como em:

46) *Rākétá ta vyr ja nỹ.*  
ontem [3SG]MS ir.PST ASP(?) ASP(?)  
'Ele (já) foi ontem'. (GONÇALVES, 2007, p.154)

Citava ainda que dados conseguidos posteriormente mostravam que era possível o uso de *ja* em construções que indicavam posterioridade ao Momento da Fala, ou seja, em um Tempo Futuro.

Assim, sugeri naquele trabalho considerar inicialmente *ja* exercendo uma função aspectual 'perfectiva' e a necessidade de outras pesquisas para futuras investigações e esclarecimentos.

Ao final da apresentação desse marcador mostrava um dado que remetia a uma questão já levantada no início (daquele capítulo) sobre certas particularidades do escopo de *ja*. Reproduzo abaixo essa exemplificação:

---

<sup>37</sup> A raiz é *jun* = 'chegar' (observação minha).

- (60) *Ůri sa inh rānhrāj ja tá kātīg*  
 hoje [1SG]MS 1SG trabalho ASP(?) lá vir  
*ta inh ro tavĩ tĩ.*  
 por 1SG cansado muito HAB  
 ‘Hoje eu vim do meu trabalho, estou muito cansado’. ou  
 ‘Estou muito cansado por (que), hoje eu vim lá do meu trabalho’.  
 (Ibid., p.158)

E meus comentários que se seguiam eram:

como se pode ver nesse dado (60), *ja* não está depois do verbo, não é, neste caso, um marcador verbal: o seu ‘escopo’ parece ser o sintagma nominal ‘meu trabalho’. Sugere que ‘o meu trabalho é uma ação passada, um evento já acontecido’ (Ibid., p.159).

Ao final do capítulo sobre Aspecto, em uma tentativa de síntese, apontava os usos que puderam ser evidenciados para *ja* a partir dos dados elicitados com contextualização na pesquisa realizada para o referido trabalho:

*ja* - usado em construções nas quais o fato ou o evento já se estabeleceu ou já se encerrou em um momento anterior. Há, no entanto, que se considerar a possibilidade deste marcador expressar também ou concomitantemente uma dimensão temporal (Ibid., p.176).

Mesmo nesse breve levantamento o que se observou é que diferentes usos ou ocorrências desse marcador foram abertamente observadas ou subentendidas.

A seguir sintetizo os usos de *ja* apontados nos trabalhos referidos:

Figura (16) - Usos do marcador *ja* em trabalhos anteriores

Autores	Usos observados ou subentendidos para <i>ja</i>
Frei Mansueto Barcatta de Val Florianiana (1918)	i) Tempos Presente e Imperfeito; ii) indicação de lugar, de residência, sede de alguma coisa, ou o instrumento para fazer uma coisa; iii) ‘partícula adverbial para indicar passado’; ‘indica ação completa ao que parece passada’; iv) indicação de lugar, instrumento.
Rosário Farani Mansur Guérios (1942)	i) indicando a ação concluída; ii) utilizado para indicar quem fez a ação; iii) como pronome de 3ª pessoa.
Ursula Wiesemann (1971[1981]), (1974), (2002)	i) indicador de modo: ‘terminado’; ii) substantivizador; iii) ação (evento) completada: “já” (embora resultados possam continuar).
Edwino Donato Tempski, (1986)	i) assinalado nos Tempos verbais de Pretérito Imperfeito, Perfeito, Futuro e Mais que Perfeito. Além do subjuntivo Presente; ii) utilizado como ‘instrumento’; iii) término, fim.
Solange Aparecida Gonçalves (2007)	i) usado em construções nas quais o fato ou o evento já se estabeleceu ou já se encerrou em um momento anterior. Há, no entanto, que se considerar a possibilidade deste marcador expressar também ou concomitantemente uma dimensão temporal; ii) provisoriamente considerado um Perfectivo; iii) sugerido outras investigações para as ocorrências de <i>ja</i> , inclusive em circunstâncias nas quais o escopo desse marcador era um sintagma nominal.

No próximo item, inicio, então, mostrando os diversos papéis que *ja* pode desempenhar na temporalidade no Kaingang Sul atualmente. Para tal, utilizo principalmente contextos discursivos (ou textuais). Ao que parece, este item 2.2.4.1 não torna claramente visível uma possível fonte lexical para esse morfema. Talvez se possa apenas estabelecer que alguns usos (expressos ou inferidos por mim nos trabalhos acima citados) ainda se encontram na língua. Mas passemos à questão mais detalhadamente.

#### 2.2.4.2 *Ja* como Tempo (verbal) Passado

Já apontei anteriormente que o marcador *ja* pode ser encontrado expressando Tempo Passado quando junto a Verbos ou Nomes.

O Tempo Passado simples, afirma Comrie (1985, p. 41) localiza a situação em questão como anterior ao momento tomado como presente e não diz nada se a situação passada ocupa um ponto singular anterior a esse momento. No Kaingang Sul, o marcador *ja* é, em determinados contextos, utilizado para expressar essas situações passadas.

Ressalto aqui que, mesmo nos exemplos nos quais *ja* expressa Tempo Passado no verbo, é difícil não observarmos também uma perspectiva de completude do evento. Mas como meu objetivo neste capítulo é apresentar exemplos que são predominantemente de ordem temporal, retomarei essa discussão no capítulo sobre aspectualidade, no qual discuto o marcador *ja* em seu uso mais propriamente aspectual.

Vejamos, então, os dados.

Ao perguntar a uma senhora Kaingang se ela se lembrava de histórias de sua infância, sua resposta foi a seguinte:

(18) *Fi tũ ki kagtĩgtĩg kãnhmỹ inh, fi tỹ ěg mỹ tugtó ja ti.*

3SG.F coisa de ‘não saber’ ‘ausência de’ 1SG 3SG.F MS 1PL para contar.PL PST 3SG:ENF  
‘Eu esqueci todos os dela, (tudo) o que ela contou para nós’.

Resposta esta que tem um sentido de: ‘eu esqueci todas as histórias contadas (para nós) por ela (uma outra senhora a quem se referiu anteriormente)’. Neste exemplo, o verbo *tugtó* ‘contar.PL’ está em uma referência temporal passada indicada pela presença do marcador *ja*.

A exemplificação a seguir, (19), é de uma narrativa na qual a pessoa falava sobre como era diferente a época de sua infância em relação aos dias atuais. A senhora me dizia que antigamente elas comiam outras coisas e se referia, nesta passagem, a uma espécie de coquinho, que era quebrado e as sementes colocadas ao sol para serem depois comidas

secas. Os eventos expressos pelos verbos *rỹg* e *kugjãñ*, respectivamente ‘esquentar’ e ‘estender’, estão indicados no Passado com o uso de *ja*:

(19) *Kon há tỹvĩ tỹ nỹgtĩ, kérár ti.*  
 ‘comer’ bom muito com IPFVN.PL *kérár* 3SG:ENF  
*Ãg tỹ ser ãñ ko mũ-j mũ ham,*  
 1PL MS assim DEM comer ‘ir(andar)’ .PL.FUT PFV então.  
*ãg mỹnh tỹ ser ãg mỹ rỹg ja mĩ kugjãñ ja*  
 1PL mãe MS assim 1PL para esquentar PST dentro (em movimento) estender PST  
*ãñ tugtóg kỹ ham.*  
 DEM secar.PL então MD

Traduzido como: ‘É (era) muito bom de comer, o *kérár*<sup>38</sup>. Então vivíamos comendo aquilo, aqueles que as mães jogavam no sol e secavam (...esquentavam no sol e secavam)’.  
 (Literalmente: ‘É muito bom de comer, o *kérár*. Nós vivíamos comendo aquilo (aquele), então as nossas mães secavam (ele, aquilo) para nós, assim, estendido pelo esquentado’<sup>39</sup>).

Em (20) o verbo *kamãg* ‘ter medo’ acrescido de uma negação - *vãñh* – está em uma referência passada *kamãg vãñh ja*. Nesse trecho de enunciado, a pessoa dizia que eles, os Kaingang, dormiam no chão e que às vezes entravam cobras no local em que dormiam. Entretanto, quando eram crianças, não se davam conta desse ‘perigo’ e concluiu, então, assim:

(20) *Hỹ kỹ ija kỹ ãg ne vỹsỹ miso*  
 por isso [1SG]MS então 1PL MS antigamente bicho  
*kamãg vãñh ja, ke ke mỹr*  
 ‘ter medo’ NEG PST dizer fazer pois  
 ‘Por isso eu falo como não tínhamos medo de bicho naquele tempo (antigamente)’.

<sup>38</sup> Como uma polpa do coco.

<sup>39</sup> No tempo, ao sol - ou talvez uma expressão antiga que refira à prática de espalhar sobre lages de pedra (muitas vezes, perto do rio) que esquentam ao sol, e ajudam a secar o que está sobre elas (comunicação pessoal do Prof. Wilmar D’Angelis).

Nos exemplos que se seguem, *ja* também está sendo utilizado para expressar Tempo Passado:

(21) ....*ên ti ...jóg Graciano panh vëg tĩ gé. (...)*

DEM 3SG *jóg*<sup>40</sup> Graciano pai ASSERT HAB também

[aquele é o pai de *jóg* Graciano também]

*Kỹ ag ne ser... ti mỹ ti tỹ kaga nỹg tĩ gé ja,*

então 3PL MS assim 3SG para 3SG MS doente EXIST/POSIC:deitado HAB também PST

[então eles assim ... para ele, ele (era) ‘vivia’ doente (deitado), também]

*kỹ ne tỹ ser... fag ne tỹ kejën ti tỹ há ke*

então *diz que* assim 3PL.F *diz que* um dia 3SG MS bom fazer

*sĩ han kỹ ser vãnhmỹ jagnã ve-j mũ mũ gé.*

pouco fazer então assim *diz que* RECP ver.FUT ir.PL PFV também.

[então diz que assim .. elas diz que um dia então (quando) ele melhorou um pouco, então assim diz que foram se ver (visitar) também]

‘Aquele é pai de *jóg* Graciano também. Então eles... para ele vivia doente, então ele ... quando ele melhorou um pouco elas foram se visitar também’.

Em (21) acima a presença de *tĩ* dá a leitura da pessoa habitualmente ‘estar doente’, daí o ‘viver’ (doente). O posicional *nỹg* indica a posição física da pessoa doente: deitado. E *ja* coloca ‘estar (viver) doente deitado’ em referência passada: [*kaga nỹg tĩ gé*] *ja* - ‘vivia (estava sempre) doente (também)’.

(22) *Ãg pi nén ã há ãn kikaró ja nỹtĩ ham (risos...)*

1PL MS:NEG coisa INDF bom DEM saber PST IPFV.PL MD

‘Não sabíamos das coisas boas (risos)...’.

<sup>40</sup> *Jóg* = ‘pai’ ou ‘o que cuida’.

### 2.2.4.3 *Ja* como Tempo Nominal

Conforme Nordlinger e Sadler (2001, p.1), apesar das categorias de Tempo, Aspecto e Modo serem tradicionalmente consideradas propriedades do verbo, a expressão morfológica dessas categorias em nominais tem sido encontrada em várias línguas do mundo.

Comrie já apontava, em seu trabalho sobre Tense (1985):

Apesar de tempo ser primariamente uma categoria do verbo ou da sentença, ocasionalmente encontramos tempo expresso em outro lugar ou com um domínio diferente (COMRIE, 1985, p. 12).<sup>41 42</sup>

Já na descrição feita por Anchieta, da língua Tupi da Costa, se encontra, muitas vezes, que esta língua apresenta ‘tempo do substantivo’ com os adjetivos *ram* (usado como futuro promissor, que vai ser) e *pûer* (como passado, velho, superado, que já foi); que recebem, na composição, o sufixo *-a*: *ram-a*, *pûer-a*.

Muitos trabalhos na Linguística têm descrito e analisado várias línguas em que se encontram afixos nominais temporais, ou seja, itens gramaticais com propriedades temporais que, quando junto a nominais ou frases nominais, afetam a sua interpretação temporal. Mais comumente essa temporalização sobre nominais tem sido relacionada à semântica de Tempo e autores como Nordlinger e Sadler (2003) (que citam também Burton (1997) e Lecarme (1999) dentre outros) utilizam a denominação *Tempo Nominal* para exemplos que expressam essa gramaticalização.

Em Nordlinger e Sadler (2001) podem ser observados dados dessa gramaticalização sobre nominais expressando temporalidade, por exemplo, na língua Salish (Halkomelen) falada na costa Nordeste da América do Norte, na qual as autoras apontam que o Tempo Passado é codificado em nomes animados:

---

<sup>41</sup> No original: “Although tense is primarily a category of the verb or of the sentence, one occasionally finds tense expresses elsewhere or with a different domain” (COMRIE, 1985, p. 12).

<sup>42</sup> A partir de Sapir (1921, p. 133,134), Comrie apresenta um exemplo (reproduzido abaixo) da língua Nootka onde Tempo pode ser mostrado em frases nominais distinguindo “a entidade que era um X” de “a entidade que é um X”:

(a) *inikw - ind - ‘minih’ - ‘is -it-i’*

“fire in house pl diminutive past nominal” / i. e. “the former small fire in the house” (Comrie 1985, p. 13).



O que se pode observar é que há línguas nas quais os mesmos afixos que aparecem marcando Tempo verbal ou marcadores aspectuais podem também ser empregados sobre dependentes nominais. A partir de Firestone (1965), Nordlinger e Sadler (2003, p. 2-3) citam um exemplo em Sirionó (língua da família Tupi-Guarani, falada na Bolívia) na qual sufixos que marcam Tempo na sentença e marcadores aspectuais podem ser encontrados com verbos, com dependentes nominais ou com ambos:

- (C) a) Áe íí osó-ke-rv.  
*he water go-PAST-PERF*  
 ‘He went to the water’. (Firestone, 1965, p. 35 apud Nordlinger e Sadler, 2003, p.3)
- b) jýkv-ke úke-rv.  
*tiger-PAST sleep-PERF*  
 ‘The tiger slept’. (Firestone, 1965, p. 35 apud Nordlinger e Sadler, 2003, p.3)
- c) Áe osó-ke-rv íí-rv.  
*he go-PAST\_PERF water-PERF*  
 ‘He went to the water’. (Firestone, 1965, p. 35 apud Nordlinger e Sadler, 2003, p.3)

Nordlinger e Sadler (2001) discutem também a questão do escopo do marcador. Distinguem dois sub-casos de Tempo Nominal: 1) aqueles nos quais Tempo, Aspecto, Modo (TAM) marcados ocorrem sobre um nominal; 2) casos nos quais TAM marcados ocorrem sobre outros constituintes do NP/DP (‘Nominal Phrase’ [Frase Nominal] e ‘Dependent Phrase’ [Frase Dependente], respectivamente). As autoras se referem a essa divisão como: i) Tempo Nominal com escopo clausal, ou seja, sobre a oração (abreviadamente NT-CS)<sup>45</sup> e ii) Tempo Nominal com escopo nominal abertamente somente sobre o próprio constituinte nominal ou sintagma (abreviadamente NT-NS).<sup>46</sup>

Entretanto, para esta discussão diferentes pontos de vista sobre estas questões teóricas são apresentados e há outras acepções a serem consideradas. Sugere-se, por definição, que há a possibilidade de ocorrência de Tempo, Aspecto e Modo marcando nominais; porém, Schmidtke (2006, p.4), por exemplo, observa que não há ainda registros de línguas nas quais se encontra Aspecto marcado gramaticalmente sobre sintagmas nominais.

<sup>45</sup> No original abreviação de Nominal Tense with clausal scope (2001, p. 1).

<sup>46</sup> No original abreviação de Nominal Tense with nominal scope (2001, p. 1).

No entanto, há também quem discorde da aceção que estes marcadores gramaticalizados que temporalizam nominais sejam referidos como Tempo Nominal. Tonhauser (2006, 2007) considera, para o Guaraní Paraguaio, que “o *-kue* seja um marcador nominal de temporalidade equivalente a *former* no inglês, e como tal, expressaria *aspecto gramatical terminativo*”. Do mesmo modo, interpreta o *-rã* no Guaraní Paraguaio “como um *marcador prospectivo gramatical de aspecto / modalidade*”<sup>47</sup>. A autora contraria propostas anteriores (por exemplo, as apresentadas por Nordlinger e Sadler) ao considerar que a interpretação temporal de frases nominais não envolve uma relação semântica de Tempo. Utilizando critérios para distinguir Tempo e Aspecto gramatical argumenta que para o Guaraní os marcadores de temporalidade nominal são marcadores gramaticais de aspecto / modalidade e não de Tempo (TONHAUSER 2006, p. 278-314). Para a mesma autora (2007, p. 2), a aparente similaridade de interpretação de marcadores temporais nominais e a interpretação de Tempo não é suficiente para classificar os marcadores temporais nominais como Tempo Nominal.

Uma exemplificação do Guaraní Paraguaio encontrada em Tonhauser pode ser observada abaixo:

- (D) a) Kova ha'e peteĩ óga.  
 this COP one house  
 'This is a house'. (Tonhauser 2007, p. 1)
- b) Kova ha'e peteĩ óga-**kue**  
 this COP one house-KUE  
 'This is a former house'. (Tonhauser 2007, p. 1)
- c) Kova ha'e peteĩ óga-**rã**.  
 this COP one house-RA  
 'This is a future house'. (Tonhauser 2007, p. 1)

Mas é necessário notar que, apesar desses exemplos serem muito próximos (em sua forma) a dados de outras línguas apresentados em trabalhos de Nordlinger e Sadler, o que difere é a interpretação que Tonhauser apresenta para o Guaraní, apontando a necessidade de se repensar, em termos de implicações teóricas, que as categorias de Tempo,

---

<sup>47</sup> Essa proposição se distingue também da interpretação apontada por Dietrich (2010, p. 69). A questão central para Thonhauser é não considerar que o Guaraní Paraguaio tenha a categoria Tempo; o que difere de outros autores. A análise de Wolf Dietrich, por exemplo, considera Tempo, aspecto e evidencialidade constituindo a temporalidade na língua. Isso dá outra dimensão à proposição.

Aspecto e Modo codificadas em nominais devam ser tratadas ou definidas simplesmente da mesma maneira como são para verbos<sup>48</sup>.

Sem dúvida essa proposição de não se discorrer sobre Tempo Nominal a partir de concepções (pré)estabelecidas para Tempo verbal é algo a ser pensado, mas não me estenderei sobre isso neste momento. Apenas menciono que é uma questão teórica que a Linguística precisa considerar. Retornemos, então, ao nosso foco.

No Kaingang Sul o marcador *ja* atribui (ou agrega, ou marca) referência passada – Tempo Passado - também em formas nominais, afetando a interpretação temporal dentro da organização discursiva Kaingang sendo, pois, relevante nesta interpretação. Poderemos observar que *ja* pode ter escopo sobre um constituinte ou sobre toda a sentença.

Início mostrando sua ocorrência atuando predominantemente sobre o constituinte a que se refere.

(23) *Tã ki, Grÿg fi má fi, fi má ja fi,*

LOC:ali em *Grÿg* C:Fem sogra C:Fem 3SG.F sogra PST C:Fem

*Ke-j mÿ vó.*

dizer.FUT PFV não (interjeição)

‘Ali, a sogra da *Grÿg*, quer dizer, a ex-sogra dela’.

(Lit: ‘Ali, a sogra da *Grÿg*, não, diria (ia dizer), a ex-sogra dela’)

Nesse exemplo, *ja* tem escopo local, ou seja, está marcando o constituinte nominal *má*, atribuindo ao referente *sogra* uma indicação temporal de passado, de algo que já cessou: ‘ex-sogra ou que deixou de ser; foi e não é mais sogra (de alguém)’ - *má ja*.

---

<sup>48</sup> Há um interessante debate entre Tonhauser e Nordlinger & Sadler sobre essas concepções teóricas e terminologias relativas à categoria de marcadores nominais que pode ser acompanhada em *Language*, v. 84, nº2, Junho de 2008 (projeto MUSE - Scholarly Journals on-line).

(24) *Inh mĩ, vānhmĩ posto tá ta pã'i ja hã mĩ tỹ, fag tỹ Jacintinho*  
 1SG para *diz que* posto LOC:lá MS líder PST assim 'QU' MS 3PL.F MS Jacintinho  
*ke kem ãn hã tũm.*  
 dizer dizer+PFV(*ke mũ*) DEM assim negação

'Para mim, o líder lá no posto não é aquele que elas chamam de Jacintinho'.

Em (24) o marcador *ja* também se encontra junto ao nome a que se refere. Literalmente: 'a ex-autoridade ou a autoridade daquele '(tempo) passado', 'daquela época' - (*pã'i ja*) - não é aquele que (elas) chamam de Jacintinho'. O nome *pã'i*, que neste caso significa 'autoridade', é modificado temporalmente por *ja*.

(25) *Posto tá ke hã tóg hãra kejẽn, ãn kinhra sĩ sa*  
 posto LOC:lá dizer assim MS mas às vezes DEM lembrar pequeno [1SG]MS  
*jẽ ser mẽn.*

POSIC:em pé assim outra vez

*Hãra inh pi tỹ pã'i ja ag kikanhró nĩ, ã tỹ Joaquim sĩ, ke tĩ.*  
 mas 1SG MS.NEG MS líder PST 3PL saber IPFV INDF MS *Joaquim Sĩ* dizer HAB  
 'Mas acho que era lá no posto, eu lembro um pouco daquele. Mas eu não conheço as autoridades, um chamava '*Joaquim Sĩ*''.

No exemplo (25) *ja* junto ao nome (*pã'i ja*) localiza, da mesma maneira que em (24), temporariamente o próprio nominal, ou o tempo no qual a propriedade denotada pelo nominal (de não mais ser líder atualmente) prende-se ao referente: daí não ser coincidente com este Momento da Fala, mas indicar uma propriedade nominal que se encerra em um momento anterior. Note-se que os eventos denotados pelos verbos *kinhra* 'lembrar' e *kikanhró* 'saber, conhecer' não localizam temporariamente o nominal no passado, mas expressam o Tempo em que se é proferido o enunciado: '(atualmente) eu lembro um pouco, mas eu não conheço - não lembro (de antes)'.  
 O que se tem, então, em (23), (24) e (25) é que *ja* marca o nome localizando o nominal (a que se refere) temporariamente independente da especificação temporal da regência predicada.

Em outras circunstâncias, entretanto, é possível observar a ocorrência deste marcador temporalizando uma sentença nominal, ou em outras palavras, respondendo pela expressão de Tempo Passado nestas circunstâncias:

(26) *Vỹsỹ tỹ tỹvĩ tĩ ja tĩ, hãra kenjé hamã,*

antigamente por muito ir.SG PST HAB mas ‘dizer para’ MD

*ãg pi há ja nỹtĩ ham.*

1PL MS.NEG bom PST IPFV.PL MD

‘Antigamente era muito (diferente<sup>49</sup>) mesmo, nossa situação não era boa’.

Importa ressaltar neste dado (26) a presença de dois marcadores *ja* e verificar seus diferentes papéis nas duas sentenças desse período. Na primeira sentença: *Vỹsỹ tỹ tỹvĩ tĩ ja tĩ* ‘Antigamente era muito diferente mesmo’; *ja* está marcando o primeiro *tĩ* utilizado semanticamente, neste contexto, expressando um sentido aproximado de: ‘aquilo que acontecia’, como ‘era a vida’. Nesta situação, *tĩ* que é verbo ‘ir’ ou ‘andar’ (singular), apesar de manter sua categoria verbal, aproxima-se mais, em termos semânticos, de sua função aspectual habitual. Note-se que o segundo *tĩ* (após o *ja*) assume, de fato, a função de Aspecto Habitual: ‘antigamente a vida era (normalmente, habitualmente) diferente, ‘andava’ mesmo (habitualmente) diferente’. E, neste contexto, apesar de uma referência temporal passada indicada no advérbio (*vỹsỹ* ‘antigamente’), o *ja* é, ele próprio, o indicador de Passado ao evento. Segundo um falante nativo Kaingang, se fosse tirado o advérbio dessa sentença, seria o *ja* que continuaria dando a idéia de um evento encerrado em um momento anterior e a tradução ficaria a mesma: ‘Era muito diferente’.

Mas a segunda sentença: ... *ag pi há ja nỹtĩ ham* ‘nossa situação não era boa’, é uma sentença na qual não há a presença morfológica de verbo, constituindo, pois, uma sentença nominal. A expressão de Tempo Passado nessa sentença é dada pela presença do

<sup>49</sup> A inclusão, por parte de minha auxiliar de tradução, do termo ‘diferente’ (não explícito nesse enunciado) se refere ao início dessa conversa, no qual perguntei à senhora como ‘era a vida antigamente e a vida de hoje deles’. Então, ela começou comparando coisas, como comidas, habitação, etc; mostrando que ‘eram muito diferentes’!

marcador *ja* que está junto ao adjetivo *há* ‘bom’ e negado pelo marcador de Sujeito negativo *pi*: ‘não era boa para nós’.

Em (27) e (28) se pode acompanhar a atribuição de uma interpretação temporal passada dada pela presença de *ja* nas orações nominais:

(27) *Ag mĩ [(ne tóg) 'e] ja tĩ.*

3PL para *diz que* muito PST HAB (Kógjá Joaquim, 2008-comunicação pessoal)

‘Tinha bastante para eles’.

(Literalmente: ‘Para eles, diz que tinha bastante/muito (habitualmente)’).

Veja que o escopo de *ja* na exemplificação (27) acima é (sobre) o quantificador ‘e “muito, bastante”’: [(*ne tóg*) ‘e] *ja* - ‘(diz que) tinha muito’. Já em (28) abaixo, *kupri* “branco” (utilizado como ‘adjetivo’ - realçando uma qualidade, uma predicação) é que recebe a marcação de *ja*:

(28) [*Kupri*] *ja tĩ nĩg (nĩgnĩ), hĩ kĩ inh mĩnh fi tĩ ón kĩ*

branco PST MS IPFVN por isso 1SG mãe C:Fem MS ‘pouco’

[*kupri sĩ*] *ja nĩgnĩ ham.*

branco pequeno PST IPFVN MD

‘Ele era claro, por isso minha mãe era um pouco clara’.

Nesse dado (28) a senhora respondia à sua sobrinha que tinha perguntado sobre o pai, se ele era Kaingang ‘legítimo’. Ela disse que seu pai não tinha ‘sangue misturado’ e que ‘as mães’ também eram ‘puras’. E complementou com o enunciado acima: (ele) ‘era claro’ - *kupri ja tĩ*, no qual é *ja* que responde pelo Passado. Importa ainda mencionar que somente a presença do Imperfectivo Narrativo<sup>50</sup> (que está abreviado) *nĩg não garante* uma leitura em referência passada. Se o marcador *ja* for retirado dessa oração, a tradução pode ser no Presente: ‘ele é branco’.

<sup>50</sup> Relembro que no capítulo 6 discuto as formas Imperfectivas utilizadas em narrativas.

Na segunda oração em (28), ao se referir à sua mãe que ‘era’ um pouco clara, há também a utilização de *ja* para expressar essa referência temporal de anterioridade ao Momento da Fala: *kuprĩ sĩ ja*. Ainda uma informação pode ser inferida: os pais são falecidos. Então, seu pai ‘foi’ claro, não o é mais porque já não existe.

Uma outra ocorrência de *ja* é mostrada em (29), abaixo, com a particularidade de seu escopo ser um demonstrativo:

(29) *Ãn kã ja ãn hã kã ãjag mÿ kãmũ mãn ser tag ra.*  
naquele tempo PST DEM assim então 2PL MS vir.PL outra vez assim DEM para

Traduzido: ‘Naquele tempo mesmo vocês vieram para cá’. Mas o que se estava dizendo, na verdade, é que ‘foi naquele tempo’; tempo esse, anterior ao Momento da Enunciação na qual a pessoa se referia aos eventos ocorridos. Então, foi nesse (mesmo) ‘momento passado’ é que os outros também vieram para esse lugar onde estão atualmente. A referência de anterioridade nesse enunciado: *Ãn kã ja ãn* está dada pela presença de *ja*.

#### 2.2.4.3.1 Nominalização com *ja*

A utilização do marcador *ja* em muitos contextos possibilita uma forma de nominalização na língua Kaingang.

O que se verifica com respeito à diferença semântica entre evento e resultado nominal depende, em grande medida, do significado do verbo subjacente e das condições de realização sintática de superfície. Daí termos distintas interpretações de resultados de nominalização; ora algo semelhante a um particípio em Português, ora tendo uma interpretação que faz referência a ‘lugar’.

Em termos temporais, devido à característica de *ja* predominantemente descrever ou relacionar-se a eventos passados, os resultados tendem a ter uma leitura de ‘nominalização em referência temporal passada’. Mas nem sempre isso ocorre, pois situações vistas como

‘limitadas’ ou que tenham um ‘ponto final’ (implícito ou explícito) podem ser descritas no Presente.

O dado (30) é um trecho da narrativa sobre o *Krîpénufã*:

(30) *Kỹ ag ne tỹ ser jag mỹ tugtó*

então 3PL *diz que* assim RECP pois contar.PL

*kỹ ne ti jo vājig há ja ke mũ gé je.*

então MS 3SG antes/na frente ‘espreitar’ bem NMLZ fazer PFV também *diz que*

‘Então o que eles combinaram entre si foi de fazer espera para ele também, dizem’ ou

‘Então foi que eles combinaram entre si de fazer espera para ele também, dizem’.

Nesse dado (30), “combinaram” (da tradução) está expresso em “contaram um ao outro” (*jag mỹ tugtó*), com o sentido de “falaram-se”, “concertaram entre si”. E na expressão *vājig há* é que literalmente se encontra “espreitar bem”, o que dá o sentido de espreita demorada (em oposição à ‘dar uma olhada’, ‘dar uma espiada’); daí que *vājig há ja* tenha o sentido de “espera”, onde a perspectiva nominal está dada pelo uso de *ja*.

Observemos da mesma forma em (31) - um exemplo no qual a pessoa contava sobre batalhas da época do importante cacique Kaingang – *Fongue* - o verbo *kygrãn* ‘abater’, traduzido como ‘matar’ está marcado por *ja* e há a presença de *ke*, nesse caso, o substantivo ‘sobra’; que resulta em um sentido de algo como: “(os que) sobraram dos abatidos / a sobra (do) abatimento (da matança, mortandade)”; ou seja, aqueles que restaram do ‘abatimento, da matança’, esses estavam ali, naquele lugar chamado Ruínas de São Miguel. *Fongue* como um grande líder os encontrou:

(31) ... *hãra ãn tá kãmũ vỹ ser hamã. Ûn ta ruina ne São Miguel*

mas DEM LOC:lá vir.PL MS assim MD INDF MS Ruínas de São Miguel

*tá nỹtĩ ãn ag.*

LOC:lá permanecer, ficar.PL DEM 3PL

[...mas são vindos de lá. Aqueles que estão em Ruínas de São Miguel]

*Ag tỹ kygrãn ja ke ag tỹ ser ãn ki nỹtĩ nĩ ser hamã.*  
 3PL MS abater NMLZ sobra 3PL MS assim DEM em permanecer, ficar.PL IPFV assim MD  
 [eles, os que sobraram do abatimento/ matança (deles), esses permaneceram (estavam) ali, assim, viu?!]

*Hã ka ti tỹ ãn ge hã ka, Fongue tỹ ag ti jun mũ.*  
 por isso 3SG MS DEM assim por isso Fongue MS 3PL 3SG:ENF chegar PFV  
 [por isso ele assim (n)aquilo (referido) por isso, Fongue chegou (ele) neles]

‘...mas são vindos de lá. Aqueles que estão em Ruínas de São Miguel. Eles, os que sobraram do abatimento/ matança (deles), esses estavam ali, assim, viu?! Por isso, por ele ser assim, Fongue chegou neles’.

No enunciado (32) abaixo se constata duas ocorrências de *ja*: i) junto a um nome em *seraria jã ja*, equivalente a ‘onde foi serraria ou onde esteve a serraria’ (e atualmente não é mais, ou seja, o evento ‘(ter) uma serraria (naquele local)’ não existe mais, porque é um evento que já se encerrou em um momento passado’ (pode ser que exista um prédio naquele local, mas não é mais utilizado como serraria) ; e ii) junto a um verbo: *nĩg ja*. E este segundo caso é interessante, pois o *nĩg* já está no passado; sendo verbo, seria algo como ‘vivía, parava’ (‘lá *ele estava vivendo*’), mas um passado ‘imperfectivo’ e o *ja* vem agregar o caráter perfectivo que, ao mesmo tempo, produz uma forma nominal (talvez pode ser que ocorra aí o mesmo que fazemos com o particípio passado em Português: coisas como ‘rachado’ de *rachar*, ‘queimado’ de *queimar*, ‘fabricado’ de *fabricar*, etc.). Se quiséssemos um termo para tradução em Português (lembrando, mais uma vez, que nem sempre é possível traduzir por uma palavra o que é uma palavra em outra língua), talvez realmente “*ex-morada*” se aplicasse. Mas daí não se trata de dizer “onde foi a ex-morada”, porque há duplicação; se é ex-morada, é porque foi e não é mais.

(32) *Ã mỹnh fag ãn hã mỹ mer tá jã-g tĩ,*  
 2SG mãe 3PL.F casa assim pois baixada LOC:lá POSIC.PST:em pé HAB  
*seraria jã ja ãn;*  
 serraria POSIC:em pé PST DEM

*ên tá ke mỹ, ã panh nĩ-g ja ti.*  
 DEM LOC:lá dizer QU 2SG pai permanecer, ficar.SG.PST NMLZ 3SG:ENF  
 ‘A casa delas, da sua mãe ficava lá embaixo onde ficava a serraria. Era lá a morada de seu pai?’

(33) *Hãra ag jetỹ ser kejẽn vãnhmỹ ag vãre ja ki ser,*  
 mas 3PL diz que assim um dia diz que 3PL acampar NMLZ LOC:em assim  
*ti prũ fi jeta ser ã, ã, fag mén ã vyn*  
 3SG esposa C:Fem diz que assim INDF IDFN 3PL.F marido INDF carregar (coisa comprida)  
*gé jetóg ser ham.*

também diz que assim MD

‘Mas eles, diz que um dia no acampamento deles assim, diz que a esposa dele, assim alguém (alguém) roubou (carregou) um marido delas também, diz que’.

No dado 33 temos o verbo *vãre* ‘acampar’ seguido de *ja* e o locativo *ki* ‘em’ e ainda há a referência de posse, dada pela presença de *ag* ‘3PL’, resultando: ‘no acampamento deles’.

Observemos um outro dado extraído do livro *Kanhgág jinjén (Armadilhas Kaingang)* do professor Dorvalino Kógjá Joaquim, de Guarita, RS:

(34) *Ên hã kãpãn êg kanhgág ag vỹ kãme ju êgje hyn-han tĩ,*  
 DEM assim ‘sair para fora.PL’ 1PL kaingang 3PL MS veado armadilha fazer, fazer HAB  
*kãme ’en ja mĩ.*

veado muitos, bastante NMLZ LOC (Fonte: Kógjá Joaquim 2008, p. 28)

traduzido assim pelo autor: ‘A partir daí, nossos kaingang sempre fazem armadilhas para o veado, nos lugares por onde tem bastante veado’.

Como se observa, a tradução tem uma referência de tempo ‘não-passado’. Então, perguntei a um outro falante e professor Kaingang se em *kãme ’en ja mĩ*, a presença de *ja* não seria responsável pelo Passado do enunciado nominal. E sua resposta foi a seguinte: “eu falo assim: *kãme ’en ja mĩ* quando eu quero dizer onde (tem), ou onde (teve)”.

Isso sugere que o contexto importa na interpretação final do enunciado em termos de expressão de Tempo; embora *ja* não deixe, nestes casos, de ter um papel nominalizador.

Um enunciado de um texto de Selvino Kókáj (2009) também está traduzido em uma referência não-passada:

(35) *Krygnyg ag vỹ 'e mũ-g tĩ, ag mũ ja kar mĩ.*

capivaras 3PL MS muito ir.PL.PST HAB 3PL ir.PL NMLZ tudo LOC

‘As capivaras vivem em bandos por todos os lugares que elas andam’

Nesse caso, somos levados a pensar que o papel essencial de *ja*, aqui, é mesmo o de nominalização. A tradução mais literal, então, seria:

“*As capivaras vivem em bandos por todos os lugares de suas andanças”*

Em se tratando do verbo *nĩ* ‘permanecer, ficar.SG’(ou sua forma plural *nỹtĩ*), nota-se em meus dados que, frequentemente ao ser utilizado na extensão semântica de ‘morar’, a presença de *ja* junto a ele resulta exemplos de nominalização. Ressalto novamente a referenciação dêitica normalmente presente antes do verbo (observada em (32) acima e que também pode ser visualizada em outros dados que se seguem).

(36) *Ag nỹtĩ-g ja tá ke hã hã tỹ, Fongue tỹ ag mỹ,*

3PL permanecer, ficar.PL.PST NMLZ LOC fazer assim assim MS *Fongue* MS 3PL para

*ti jyjy hã hã tỹ Nũnẽ vãnh ke mũ.*

3SG nome assim assim MS *Nũnẽ vãnh* dizer PFV

Traduzido: ‘Decerto era onde eles moravam, *Fongue* disse para eles que o nome do lugar é *Nũnẽ vãnh*’.

(Fonte: Văfy, 2002)

(Lit: Eles faziam lá (assim, desse jeito) as moradas deles, *Fongue* para eles disse (que) o nome (dele) é *Nũnẽ vãnh*’).

(37) *Hãra pẽnónh kã nĩn ham, taki*

mas morro,colina LOC:em IPFV/DECL-ASSERT(*nĩ nỹ*) MD LOC:aqui

*Nira fag nỹtĩ ja ěn kóm tỹ nĩ ham.*

Dira 3PL.F permanecer, ficar.PL NMLZ DEM junto MS permanecer, ficar.SG MD

‘Mas está ali, a **morada** delas está ali perto onde a Dira mora’.

É a presença de *ja* junto ao verbo *nýtĩ* (em (37)) que resulta em ‘morada’ ou ‘moradia’. Note-se que há a ocorrência de *nĩ*, sem nenhuma marcação e que está também com o sentido de ‘morar’.

Em (38) a presença de *ja* junto ao verbo ‘permanecer, ficar.PL’ em sua forma passada, resulta uma leitura parecida com a anterior:

(38) ... *ẽg panh ag nýtĩ-g ja hã jeta*  
 1PL pai 3PL permanecer, ficar.PL.PST NMLZ igual, parecido *diz que*  
*ser gen kỹ tĩg nĩ gé ha,*  
 assim desse jeito então ‘andar’ IPFV também ‘agora’  
*Prur fi nĩ ãn kã tá ha.*  
 nome próprio C:Fem permanecer, ficar.SG DEM LOC:para o lado ‘agora’  
*Áranh ne tỹ ãn kã nĩ-g tĩ.*  
 nome próprio *diz que* DEM LOC:ali permanecer, ficar.SG.PST HAB

‘...(diz que) as moradas de nossos pais segue (‘vai, anda’) por aqui para o lado onde (agora) a *Prur* mora. *Áranh* disse que morava ali’.

Ou seja, o lugar onde nossos pais ‘permaneceram, ficaram, fizeram moradias... segue por aqui...’. Ainda se nota *nĩg*, ao final do enunciado, sem marcação e que está traduzido normalmente no passado: ‘morava’ (seguido pelo Habitual *tĩ*, resultando a interpretação que ‘morava habitualmente’).

Em (39), outro exemplo no qual há a ocorrência desse verbo no Passado – *nýtĩg* – com e sem a presença da marcação de *ja*:

(39) *Kỹ tỹ ãn ki jun kỹ, ãn ki ag tỹ nýtĩ-g mág,*  
 então MS DEM LOC chegar então DEM LOC 3PL MS permanecer, ficar.PL.PST grande  
*ki ag tóg nýtĩ-g ja han.*  
 LOC 3PL MS permanecer, ficar.PL.PST NMLZ fazer  
 ‘Então eles chegaram ali, ali eles ficaram muito tempo, ali eles construíram moradias’.

(Fonte: Văfy, 2002)

no qual o primeiro *nýtĩg* – sem a marcação de *ja* está traduzido como ‘ficaram’ e o segundo com *ja* utilizado como nominalizador: *nýtĩg ja* . Essa construção juntamente com o verbo ‘fazer’ *han* resulta em: ‘construíram, fizeram moradias (as moradas deles)’. Em outras palavras, o verbo *han* pede dois complementos - um Sujeito e um Objeto Direto que podem ser localizados na oração: o Sujeito marcado por *tóg* e o OD é o SN imediatamente anterior ao verbo [*nýtĩg ja*] ‘moradia/morada’.

Outras construções podem ser encontradas:

(40) *Ti pi tỹ tá nĩ-g ja nĩ.*  
 3SG MS:NEG MS LOC permanecer,ficar.SG.PST NMLZ EXIST  
 ‘Ele não tinha morada naquele lugar’.

(41) *Ti tỹ tỹ nĩ-g ja ěn vãne ké.*  
 3SG diz que permanecer,ficar.SG.PST NMLZ DEM vender fazer.PST  
 ‘Ele vendeu aquela morada dele’.

(42) *Tã ta ta tỹ inh mỹnh fag nýtĩ-g ja nýtĩ.*  
 LOC diz que 1PL mãe 3PL.F permanecer,ficar.PL.PST NMLZ EXIST.PL  
 ‘Lá eram as moradas de minhas mães’.

Para sintetizar, então, vimos através dos exemplos que estão relacionados nos subitens 2.2.4.2; 2.2.4.3 e 2.2.4.3.1 que atualmente os falantes Kaingang utilizam o marcador *ja* para:

1. marcar Tempo (verbal) Passado
2. marcar Tempo Nominal (Passado) → sintagmas  
 → orações
3. Nominalizar → geralmente (ou na maioria das vezes) traduzida em referência passada;  
 → quando indica lugar: pode ou não ser em referência passada.

No entanto, outros usos atuais de *ja* no Kaingang Sul podem ser também mencionados. No capítulo (3) - onde trato de aspectualidade na língua - mostro a utilização de *ja* como um Perfectivo. No item mais abaixo 2.2.5.3 (Futuro e Perfectividade), ainda neste capítulo (2), discuto a ocorrência de *ja* em contextos com perspectiva futura.

### **2.2.5 Referência temporal futura em Verbos, Aspectuais e Nomes com uso de {-j}**

De um modo geral na Linguística se define Tempo Futuro como o situar do evento narrado ou referido em um momento posterior ao momento da enunciação ou da fala, entendido como ‘Presente’. Entretanto, há controvérsias em relação a essa definição. Comrie (1985, p. 43) aponta que uma das objeções a essa noção de Futuro é conceitual, já que o Futuro se apresenta, na linha do tempo, essencialmente como o Passado, mas em direção temporal oposta. O autor também faz notar que ‘esta objeção conceitual simplesmente diz que passado e futuro diferem um do outro em certos respeitos’ (Ibid., p. 44).<sup>51</sup>

E, sobre a questão da relação entre tempo futuro e modo, afirma:

(...) a questão se a referência de tempo futuro está subsumida em Tempo ou Modo, seja na teoria linguística geral ou em alguma língua específica, é uma questão empírica que somente será respondida com base na investigação da expressão gramatical de referência de tempo futuro através de um número de línguas (COMRIE 1985, p. 44).<sup>52</sup>

Para o Kaingang encontramos a ocorrência da expressão de Futuro sem implicações de modalidade e com nuances de modalidade. Já vimos anteriormente que referência futura nesta língua pode ser feita por adjuntos temporais que localizam o evento em um momento posterior ao Momento da Fala. Mas outras formas de mostrar Futuro podem ser utilizadas. Há a expressão morfológica de Futuro com o acréscimo do sufixo {-j} a verbos, aspectos e a nomes. E, nessas circunstâncias parece não haver uma atribuição de

---

<sup>51</sup> Comrie faz uma detalhada apresentação dessas questões nas páginas 43 a 47 de seu trabalho *Tense* (1985). Remeto o leitor a esse texto para informações completas desta discussão.

<sup>52</sup> No original: “[Therefore,] the question of whether future time reference is subsumed under tense or mood, whether in general linguistic theory or in some specific language, is an empirical question that only be answered on basis of investigation of grammatical expressions of future time reference across a number of languages”.

modalidade adicional aos enunciados. Entretanto, ainda se tem a possibilidade de uma leitura de Futuro com a utilização de formas perfectivas; e, nesses casos, a possibilidade de indicação de futuro próximo ou de certeza do acontecimento naquele momento futuro pode carregar uma nuance de modalidade.

Uma outra combinação possível é a utilização de formas marcadas para Futuro e formas perfectivas, o que resulta em um senso ‘perfectivo futuro’; porém nessas situações o Perfectivo não assinala Futuro, apenas é compatível com ele. Temos ainda no Kaingang, assim como em outras línguas, construções com Verbos de Movimento que podem resultar uma perspectiva futura.

A discussão que se segue, então, se propõe a mostrar essas ocorrências.

### **2.2.5.1 Expressão de Futuro com sufixação de { -j } a Verbos e Aspectuais**

Detalhes sobre Aspecto ficarão para o capítulo seguinte. No momento apenas focalizaremos exemplos de marcas aspectuais (e de Verbos) com morfema de futuro.

Vale observar que em contextos discursivos encontram-se muitas vezes formas marcadas para Futuro, mas que não estão traduzidas como tal. Nestes casos, de modo geral, há o abandono, por parte do falante, da referência temporal presente (o momento em que ele próprio está narrando) e o deslocamento para o Momento de Referência do próprio evento (o tempo da narrativa). Trato disso ao apresentar os exemplos.

No trecho abaixo, o verbo *ve* ‘ver, enxergar’ com marcação de futuro - *vej* - está sendo utilizado em um senso de ‘vai cuidar’, ‘cuidará’ (lit. ‘olhará’). Nessa conversa a pessoa falava sobre como as ‘mães delas’ pediam a *Topê*<sup>53</sup> pela cura dos filhos quando esses ficavam doentes. E, complementa com algo assim: ‘quando se pede, mesmo sem conhecê-lo, Ele cuidará, olhará pelos pedidos (delas)’:

---

<sup>53</sup> Faço uma opção em não traduzir o termo, pois acho que Deus e *Topê* possuem diferentes significações.

(43) -“*Mÿnh fag ne tÿ hãra ser vãsÿ Topẽ mÿ to tĩ*”, *ke fag tÿ tĩ*.  
 mãe 3PL *diz que* mas assim antigamente *Topẽ* para contar HAB dizer 3PL.F MS HAB  
 -“As mães antigamente já contavam para *Topẽ*”, diziam elas.

*Ëg Topẽ ki kagtĩg ra ãg tÿ Topẽ tÿ ãg ve-j, ke tĩ*,  
 1PL *Topẽ não saber/ignorar* apesar de 1PL MS *Topẽ* MS 1PL ver.FUT dizer HAB  
*ham, ón*<sup>54</sup> *kÿ*.  
 MD ‘fazer de conta’ então  
 ‘Mesmo sem conhecer o nosso *Topẽ*, nós dizemos (dizíamos): ‘*Topẽ* nos guarde  
 (guardará)’’.<sup>55</sup>

Em outro trecho de diálogo, reproduzido abaixo, há a utilização do verbo *ve*, traduzido como ‘ver’ e usado no sentido de ‘visitar’; e neste caso, *ve* está em sua forma futura *vej*. Em (44.1) [K1], ocorre o que mencionei no início deste item: há o abandono, por parte do falante, da referência temporal do momento em que ele próprio está narrando e o deslocamento para uma ordenação cronológica subsequente a algum outro momento (que pode ou não estar expresso) e esse evento é, então, marcado com futuro. São duas personagens que estão falando (K e V):

(44)

(44.1) [K1] *e... mÿ ã ve-j kãmũ ja*.  
 (exclamação) QU 2SG ver.FUT chegar (vir).PL PFV  
 ‘Ah... e vieram te visitar?’.

(44.2) [V1] *Kar ãg nẽto ã ti, Vokanh kósin ti ham*.  
 todos 1PL neto INDF 3SG nome próprio filho 3SG MD  
 ‘E um neto nosso também, filho de *Vokanh*’.

<sup>54</sup> Há mais de uma tradução possível para *ón*: ‘fazer de conta’, ‘algo em vão’, ‘mentir’, ‘algo falado de brincadeira’; mas neste caso fica um pouco difícil traduzir literalmente, pois tem um sentido abstrato, talvez mais próximo de ‘fazer de conta’, ‘experimentar’, ‘dizer sem compromisso’.

<sup>55</sup> Aqui talvez o sentido mais aproximado (e menos literal) em Português seria: *Topẽ nos ajudará!*

(44.3) [K2] *hỹ.. hỹ...*

‘Sim, sim...’

(44.4) [V2] *Ĕn ti kar ti krẽ tytẽg régre fag Vokanh*

DEM 3SG e 3SG filhos moça dois 3PL.F nome próprio  
*krẽ tutẽg régre fag tỹ mĩ mũ nỹ gé,*  
filhos moça dois C:Fem MS LOC ‘ir,andar’.PL DECL-ASSERT também  
[aquele e duas filhas dele, duas filhas de *Vokanh* ‘andaram’ (aqui) também]

*kỹ fag ẽg mré rãkãnh mỹr.*

então 3PL.F 1PL com entardecer pois

[então elas, (ficaram) conosco (até) o entardecer]

*Hẽ tỹ ser ẽg ve sór ham kỹ tỹ ser kãmũ mũ ham. ...*

parecido MS assim 3PL ver querer MD então MS assim ir,cheGAR.PL PFV MD

[(eles) assim quiseram ver nós, então chegaram assim, viu]

*Inh vatánh tỹvĩn mỹr ke ge ham.*

1SG assustar, surpreender muito pois dizer também MD

[surpreenderam muito eu, digo também]

*Inh pi ti hẽn inh ve-j mỹ, ke mũ vã.*

1SG MS:NEG 3SG QU:ENF(?) 1SG ver.FUT pois dizer PFV ASSERT

[eu digo que eu não achava que ele ia me ver (visitar), pois]

‘Aquele e duas filhas moças dele, duas filhas de *Vokanh* estavam aqui também. Então elas ficaram aqui até entardecer. Sentiram vontade de nos ver e vieram ... me pegaram de surpresa. Eu achava (pensava) que não me visitariam mais’.

No enunciado: *Inh pi ti hẽn inh ve-j mỹ, ke mũ vã* “Eu digo que eu não achava que ele ia me ver (visitar), pois” - o Momento da Fala é aquele no qual a narradora conta o que aconteceu e isto é feito a partir de um ponto de referência temporal estabelecido

anteriormente; ou seja, ela não esperava mais ver ou ser visitada por *Vokanh* e sua família. Assim, o Momento do Evento é posterior (é futuro em relação) a esse momento referenciado pela narradora e por isso, um Futuro é aí aplicado.

Ilari (2001, p.26) observa que:

A interpretação dos tempos verbais em que MR e ME diferem está condicionada à possibilidade de estabelecer o MR mediante recursos linguísticos ou extra-linguísticos. Normalmente, não há necessidade de uma identificação exata do MR: basta uma relação cronológica a outro evento, relatado no mesmo período gramatical ou em períodos gramaticais contíguos de um mesmo texto.

Este autor se refere a isto como “derivação contextual do MR” (op. cit., p. 26), mostrando exemplos que em contextos tipicamente narrativos, o MR de cada sentença considerada tem que ser buscado no ME da sentença imediatamente anterior.

Há, assim, a possibilidade de se utilizar na localização cronológica de eventos as informações fornecidas no interior do mesmo texto. Parece ser este um caminho para se buscar compreender a perspectiva temporal quando há a utilização de Futuro em alguns contextos narrativos Kaingang.

Ainda alguns outros exemplos de Futuro marcados no Verbo:

(45) *Inh mÿ ti tÿ ver tá nĩ-j há ta tĩ,*  
 1SG para 3SG MS ainda LOC:lá permanecer, ficar.SG.FUT bem MS HAB  
*ẽg tÿ tá junjun mÿr.*  
 1PL MS LOC:lá chegar.PL quando

‘Gostaria (lit: para mim) que ele estivesse lá ainda quando nós chegássemos’.

(Selvino, 2010 – comunicação pessoal)

(46) *Kÿ ag tÿ tag ki tÿ sã kamã tÿvĩ ke mũ hamã.*  
 então 3PL MS DEM em MS caça ‘costumeiramente’ muito dizer PFV MD  
 [então eles diziam (que) costumeiramente aqui tem muita caça]

*Kÿ ag pi tag ki mũ-j mũ, ke mũ hamã.*  
 então 3PL MS:NEG DEM em ir.PL.FUT PFV dizer PFV MD  
 [então eles não irão daqui, disseram, viu]

*Jo Fongue tỹ jãvo sỹ tĩg mũ,*  
 e *Fongue* MS porém [1SG]MS ir, andar PFV  
*ke mũ hamẽ: - Mỹr inh pi, ge tĩ ja sa mũ, inh jamré<sup>56</sup> ag mré.*  
 dizer PFV MD pois 1SG MS:NEG assim ir PFV [1SG]MS PFV 1SG cunhado 3PL com  
 [e *Fongue* porém disse eu irei: pois eu não ( ); assim ‘viverei’, com eles, meus cunhados]

‘Então eles diziam aqui tem muita caça (viu). Então eles não vão ir (não irão) daqui, disseram (viu). Porém o *Fongue* disse ... eu vou ir, disse: - Pois eu não ( ), eu vou viver só assim junto com os meus genros e cunhados’.  
 (fonte: Văfy, 2002)

(47) *Maria fi tỹ igreja ge-j ge ěn rẽ hẽ nĩ.*

Maria C:Fem MS igreja fazer.FUT desse jeito DEM LOC:perto assim permanecer, ficar.SG  
 ‘A Maria mora ali perto de onde será a igreja’.

(Lit: ‘A Maria fica (‘mora’) perto daquele (lugar) que seria (que ‘ia’ ser, que faria) a futura igreja’).

Já nos exemplos que se seguem é possível observarmos tanto Verbos quanto aspectuais marcados para Futuro. Ainda poderemos ver que há, em alguns casos, a presença de Perfectivos utilizados após formas verbais no Futuro, mas como nosso foco não recai nesse momento sobre essa discussão, farei observações somente se forem necessárias. No próximo item trato mais detalhadamente sobre essa questão. O leitor deve se atentar novamente que, por se sobreporem nos enunciados, às vezes, é difícil falarmos isoladamente de um marcador, por isso a necessidade de olharmos mais para o que está sendo buscado primordialmente.

(48) *Hãra Fongue jita inh pi vaj tu mã-j ké,*

mas *Fongue diz que* 1SG MS:NEG amanhecer esperar.FUT dizer.PST  
 [mas diz que *Fongue* disse: não vou esperar amanhecer]

<sup>56</sup> Segundo meu auxiliar de transcrição, *jamré* pode ser interpretado como genro ou cunhado, porque não está especificado.

*ũri sa ag mré ke-j, kuty tag kã sa ag mré ke-j mũ,*  
 hoje [1SG]MS 3PL com,junto fazer.FUT noite DEM em [1SG]MS 3PL com,junto fazer.FUT PFV  
 [hoje ‘farei com eles’ (lidarei, lutarei), esta noite, eu ‘farei junto com eles’ (lutarei)]

*kuty tag kã sa ga kygrãñ rã ja mũ, ken jitóg.*  
 noite DEM em [1SG]MS terra abater, surrar começar PFV PFV dizer/IPFV(nĩ) diz que  
 [esta noite vou começar a ‘abater’ a terra, disse]

‘Mas *Fongue* disse que não iria esperar até amanhã, “hoje vou lutar com eles, essa noite vou lutar com eles, essa noite eu vou surrar<sup>57</sup> a terra”’.

.....

*Jãvo ta vajkỹ rã tỹ ãñ kã sa kã, ke mũ hamã, nove hora.*  
 porém MS amanhã sol MS LOC:ali POSIC:pendurado quando dizer PFV MD nove horas  
 ‘Porém ele disse amanhã quando o sol estiver ali às nove horas’.

*Hãra ta ser inh pi rã tu mã-j mũ, ke; ũri ag mré ke-j mũ,*  
 mas MS assim 1SG MS:NEG sol esperar.FUT PFV dizer hoje 3PL com fazer.FUT PFV  
 [mas eu assim não esperarei o sol, disse; hoje ‘lutarei’ (‘irei fazer’) com eles]

*kuty tag kã sa ag mré ke-j mũ (inh),*  
 noite DEM em [1SG]MS 3PL com fazer.FUT PFV (1SG)  
 [esta noite eu ‘farei com eles’ (lidarei, lutarei) (eu)]

*kỹ inh pi jãñ<sup>58</sup> mũ gé, ãñ rará sór mũ pi jãñ,*  
 então 1SG MS:NEG comer PFV também INDF brigar,lutar querer PFV MS:NEG comer  
 [então eu não vou comer carne, também. Alguém que quiser brigar não (irá) comer]

<sup>57</sup> Aqui há uma tradução aproximada, pois segundo D’Angelis, ocorre aí uma expressão jocosa, típica de um Kaingang (sem chegar a ser uma expressão idiomática, embora talvez o fosse naquele século): “*essa noite eu vou começar a matar/abater piolho*”. Piolhos vivem na cabeça, entre os cabelos das pessoas, e é na cabeça que os Kaingang batiam com suas bordunas para matar seus adversários. Em outras palavras: ‘essa noite eu vou começar a baixar meu ‘cacete’ na cabeça dos inimigos’.

<sup>58</sup> Em Wiesemann (2002, p. 114) encontramos *jẽn* (*jãn*) como v. intransitivo ‘comer’ e a forma *ko* para v. ‘comer’ transitivo.

*ũn rará sór pi karnã ko tĩ-j,*

INDF brigar,lutar querer MS:NEG carne comer HAB.FUT

[alguém (que) quer brigar não come carne (habitualmente)]

*ẽg tỹ karnã kon kỹ ag tỹ ẽg kygrãn kãn mũ.*

1PL MS carne comer então 3PL MS 1PL abater,surrar todos PFV

[(se) nós comeremos carne, então, eles irão abater nós todos]

‘Mas ele disse: eu não vou esperar (não esperarei) o sol; hoje enfrento eles, nesta noite lutarei contra eles; (eu) e também não vou comer, quem quiser lutar não comerá nada, quem quer lutar não come carne. Se nós comeremos carne eles vão matar todos nós’.

(Fonte: Vãfy, 2002)

Neste exemplo (48) chamo a atenção para as duas ocorrências do verbo ‘esperar’ *tu mã* (ou *to mã*) que está com marcação de Futuro *tu mãj*, ambas com a ação do Sujeito negada por *pi*: ‘não esperarei, não vou esperar’ (o sol, o amanhecer...para lutar com eles!). E também para o verbo *ke* ‘fazer’, no futuro – *kej*; que, neste contexto, junto com *mré* ‘com’, ganha um senso de ‘lidarei’, ‘enfrentarei’ (note-se que a narração é de uma batalha... por isso o ‘lutar, abater, surrar’... ).

Ainda neste enunciado encontramos o Aspecto Habitual *tĩ* com o acréscimo de {-j} - sua forma futura *tĩj*, mas que sugere uma situação com ocorrência habitual futura, ou seja, para ‘brigar, lutar’, normalmente não se deve comer carne ou não se comerá carne...

É bom observar nessa construção que o importante parece ser realmente a relação entre Momento de Referência e Momento do Evento: há uma relação cronológica entre o momento do "querer brigar" (que ainda não é o momento da briga, mas antes dele) e o momento de "comer ou deixar de comer carne"; havendo o desejo de brigar; ou seja, tendo sentido e assumido o estado de "querer brigar" (que veio antes), o Kaingang deixará de comer carne (depois disso, e concomitante com a continuidade do desejo), até que chegue o momento da luta propriamente. Então, o Momento do Evento é aquele em que "não comerá carne", momento este que é posterior ao Momento de Referência (a referência, ou momento de referência é aquele momento em que se definiu o desejo de brigar). Em razão disso, da não coincidência entre MR e ME, estando esse último situado depois do primeiro, o falante

emprega o Tempo Futuro, independente, então, do Momento da Fala que, nesse caso, não coincide nem com MR nem com ME. Em outras palavras, há uma situação em que nenhum dos momentos coincide. Neste caso: **MF > ME > MR** (ou seja: o MF é posterior ao ME, que está lá no passado, mas o ME é posterior ao MR e, do ponto de vista do MR é que o falante emprega marca de Futuro). As várias combinações possíveis entre MF, MR e ME permitem que outras variáveis sejam consideradas pelo falante na escolha do uso da categoria temporal. Isso é que torna possível que um evento (ou seja, um ME) anterior ao MF possa ser expresso no Futuro, desde que o MR da expressão linguística seja algo cronologicamente anterior àquele ME.

Abaixo apresento um outro trecho de conversa onde ocorre a presença de *tĩj* como Habitual Futuro (é um diálogo entre duas pessoas e por isso as falas estão identificadas com K e V). Também o verbo ‘cortar, ceifar.PL’ *kre* está com marcação de Futuro - *krej*. Como anteriormente, nesta exemplificação há diferentes Momentos de Referência em relação ao Momento da Fala no qual se relatam eventos passados. Em algumas situações a pessoa opta por apresentar o evento em uma referência marcada para Futuro. A presença desse Futuro marcado, como se poderá notar nos exemplos arrolados, coloca o evento em uma referência temporal cronologicamente subsequente aos eventos anteriores, deslocando o Momento de Referência da narrativa e demonstrando uma outra perspectiva temporal do falante Kaingang em determinados contextos.

Observemos os enunciados:

(49)

(49.1) [V1] *Kỹ inh panh ta genho nĩ-g ham, ...*

então 1SG pai MS engenho IPFV.PST MD

*isa kinhra sĩ ta tĩ-g, isa gĩr kã Nevó fi tỹ*

[1SG]MS saber pequeno MS HAB.PST [1SG]MS criança quando Nevó C:Fem MS

*kỹnỹ kre-j kãtĩg ĩn ti ham.*

cana cortar,ceifar.PL.FUT vir DEM. 3SG MD

‘Então meu pai tinha engenho...lembro um pouquinho - quando era criança, a Nevó veio buscar cana’.

(49.2) [V2] *Isa kĕkĕ jĕ kỹ fi inh mỹ kufĕr*

[1SG]MS LOC:dentro POSIC:em pé então 3SG.F 1SG para descascar

[eu estava dentro, em pé, então, ela descascou para mim]

*kỹ fi ĩn he tỹ isa kinhra tĩ-g,*

então 3SG.F DEM dizer MS [1SG]MS saber HAB.PST

[então ela (ao que se referia) (digo) eu sabia (habitualmente)]

*jo inh pi ser kar isa kãtĩg fi ĩn he tỹ isa kinhra tĩ-g*

mas 1SG MS:NEG assim tudo [1SG]MS vir,cheGAR 3SG.F DEM dizer MS [1SG]MS saber HAB.PST

[mas eu não assim (lembro) tudo, eu cheguei. Ela (ao que se referia) (digo) eu sabia (habitualmente)]

*jo inh pi ser kar isa kãtĩg ĩn kikanhró<sup>59</sup> nĩgnĩ gé.<sup>60</sup>*

mas 1SG MS:NEG assim tudo [1SG]MS vir,cheGAR DEM saber IPFVN também

[mas eu não assim (lembro) tudo; eu cheguei. (Aquilo a que se referia) eu sabia também]

‘Eu estava dentro<sup>61</sup>, ela descascou e me deu, mas não lembro quando eu voltei dali’.

<sup>59</sup> *Ki kanhró* ~ *kinhra* = verbo ‘saber, conhecer’.

<sup>60</sup> Há uma repetição na fala nestas duas últimas sentenças, entretanto foram traduzidas pela professora Kaingang (Márcia Nascimento) sem mostrar isso.

<sup>61</sup> ‘do canavial’.

(49.3) [V3] *Kỹ ser genho ta ser, kusã ki ser inh panh ta genho*  
 então assim engenho MS assim cedo,de manhã em assim 1SG pai MS engenho  
*ãn to ser monh vin tĩ-j, ha isa kinhra sĩ tỹ tĩ-g.*  
 DEM em direção assim boi colocar.PL HAB.FUT ‘agora’ [1SG]MS saber pequeno com HAB.PST  
 ‘Então o engenho, de manhã, meu pai ‘colocava’ os boi no engenho, lembro um  
 pouquinho’.

(49.4) [K1] *Hãra ag tỹ monh tỹ taki tĩ, ke ra kã...*  
 mas 3PL MS boi com LOC:aqui HAB dizer Modo:Imperativo então  
*pi motor tĩ-g ham.*  
 MS:NEG motor HAB.PST MD  
 ‘Mas naquela época eles faziam com boi (diga!), não havia motor’.

(49.5) [V4] *Áu ....kỹ tỹ, ser roda han tĩ-j ha.*  
 sim então MS assim roda fazer HAB.FUT ‘agora’  
*Hỹ’, jãvo tỹ taki jóm ke jã ser ham.*  
 sim e ‘MS LOC:aqui ‘derramar’ fazer POSIC:em pé assim MD  
 ‘Sim... então ele vivia fazendo roda. Sim, e ficava derramando aqui’.

Como se pode notar, o tempo da narrativa é anterior ao Momento da Fala. Inicia-se com as lembranças passadas apontadas em (49.1) [V1]: (i) o pai tinha engenho; ii) a prima (a *Nevó*) veio buscar cana no canavial do pai; iii) a prima descascou a cana e deu para ela (narradora/enunciadora); lembranças essas das quais ela, atualmente, tem uma breve recordação, ela lembra um pouco.

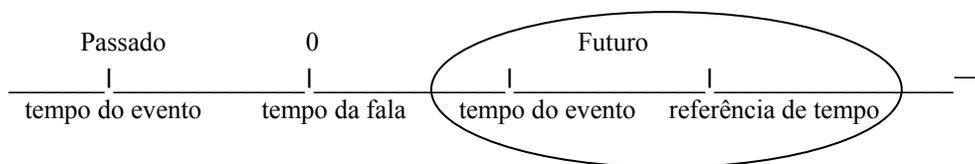
Pode-se também traduzir o período expresso em (49.2) [V2] reproduzido mais literalmente: “Eu estava dentro (do canavial), ela descascou (a cana) e me deu, lembro (eu digo) um pouquinho disso, ... mas eu não lembro tudo (eu digo) quando eu vim, mas eu não lembro (não sei) quando eu voltei (vim) dali”.

Olhar para essa tradução chama a atenção para duas questões, a saber: a) a presença do verbo *he* que, segundo Wiesemann (2002, p. 24) significa ‘dizer (da citação)’ mostrando o Momento da Fala do enunciador - “eu digo, neste momento; eu estou contando o que eu

lembro atualmente desses eventos passados”; e b) que há um deslocamento espaço/temporal no final do período, pois ao dizer: “quando eu vim dali” ela não está se referindo ao instante da ‘saída’ do canavial, mas fazendo referência à sua saída, da mudança de sua casa localizada geograficamente um pouco mais abaixo em relação ao local em que atualmente sua nova casa se encontra. A este momento - quando ela se ‘mudou’ para um terreno mais acima - é ao qual ela está se referindo e que diz não se lembrar (neste momento da fala, em que ela está contando) quando aquele fato ocorreu (a *Dona “V”* tinha mencionado anteriormente o local onde a casa ficava quando eles se mudaram para aquela região).

Mas também na fala em (49.3) [V3] há outra quebra da ordem na narrativa: primeiramente ela retoma o tema de (49.1) [V1] - “o engenho”; e, apresenta, então, a informação nova: - “de manhã o pai colocava os bois no engenho”. Entretanto, esta última informação é expressa com a utilização do Aspecto no Futuro - *tij*. Ao que parece, está se tomando por base uma perspectiva temporal de um Momento de Referência relativo ao evento veiculado: o evento ‘colocar os bois no engenho’ seria realizado de manhã ou, em outras palavras, os bois seriam colocados sempre ‘naquele lugar’ em um momento posterior - “de manhã cedo”, baseando-se em algum momento anterior (não expresso), mas mostrando um acontecimento habitual e futuro. Literalmente ela disse: ‘de manhã meu pai já ia colocar os bois no engenho’.

Observo ainda uma outra localização temporal nesse enunciado marcada com a presença de *ha* ‘agora’ e que expressa uma referência de Presente: “neste momento/agora (quando eu estou falando) eu lembro um pouquinho dessas coisas (para eu contar)”. Em relação a esse *ha*, talvez seja interessante pensar em uma informação que me foi dada por uma professora Kaingang na qual me dizia que o uso desse morfema sugere (para quem está ouvindo) que a pessoa que está falando estava junto ao evento ou estava presenciando o evento. Nesses termos, podemos pensar que a senhora cita o ‘colocar os bois habitualmente de manhã’, em uma ordem cronológica que ela presenciava acontecer nesse Momento de Referência posterior. Em uma linha de tempo teríamos algo como um ‘futuro (contado) no passado’:



Ou seja, se fala sobre algo passado, mas com acontecimentos que, naquele momento, teria um outro Momento de Referência dado pelo adjunto (‘pela manhã’) e que não coincide com o do evento narrado no passado e nem com o Momento da Fala. Temos, então, diferentes Momentos de Referência (um recurso de narradores e narrativas - nesse caso, exatamente por ser a experiência dela, e ela se ‘recolocar lá’, no passado; por isso: *meu pai já ia colocar os bois..*).

Por fim, ainda neste diálogo é interessante notar a utilização de *tĩj* em (49.5) [V4] utilizado como uma extensão semântica para ‘viver’, ‘andar’. Veja que em (49.4) [K1] a senhora dizia que ‘antigamente não tinha usualmente ‘motor’ - ela estava se referindo a não ter habitualmente ‘esse instrumento, essa ferramenta’ para moer a cana. Ela utilizou *tĩg* – um habitual no passado. E, a resposta da outra senhora em (49.5) [V4] se deu com a utilização de uma forma aspectual marcada para Futuro, pois o fato que ela estava contando acontecia em um momento seguinte; um evento que iria acontecer; por exemplo, talvez depois da colheita.....como não tinha motor, a moagem da cana era feita manualmente... ‘fazendo roda’.

Mas uma questão que surge é: por que se tem a possibilidade de marcar futuro no Verbo e no Aspecto? O que diferencia esses dois usos? Para auxiliar nessa resposta, mostro uma outra exemplificação e uma explicação que me foi dada por um professor Kaingang (o aspetual *mũ* está entre parênteses porque é opcional aqui):

(50) *Vajka ãg tỹ aura ke-j (mũ),*

amanhã 1PL MS aula fazer.FUT (PFV)

*hãra pi ag mỹ ke tĩ-j (mũ).*

mas MS:NEG 3PL para fazer HAB.FUT (PFV)

(Selvino, 2009)

traduzida dessa maneira por ele: ‘Amanhã nós teremos aula, mas não para eles’. Segundo a explicação dele: na primeira oração, usou *kej* porque é a ação de ter aula no futuro, ou seja,

‘amanhã vai acontecer, vai ter a aula (para nós)’. E na segunda oração, o que se está apontando é que ‘eles não vão ter (a aula)’. Em outras palavras, ele estava me explicando, nesse exemplo, que o Futuro marcado no Verbo chamava a atenção para a ação que iria acontecer (‘a ação de ter aula’), enquanto a marcação de Futuro no Aspecto chamava a atenção para o Sujeito dentro do evento, do acontecimento (acrescentava ainda que nesta segunda oração eu não poderia utilizar *kej*).

Olhando para os exemplos já apontados e para esta explicação, parece plausível sugerir a hipótese que a utilização da marcação de Futuro no Verbo ou no Aspecto depende do Foco. Se o enfoque (da fala, da narração) está em um evento futuro, ou uma ação futura, então o verbo estará marcado para Futuro. Entretanto, se o foco recai sobre o(s) Sujeito(s), então há a utilização de Futuro marcado no Aspecto. Assim, por exemplo, naquele enunciado (48) temos a ação de brigar, de lutar, de lidar (com o inimigo) marcada com a utilização do verbo *ke* no Futuro: *kej*. Quando o enfoque está voltado para o Sujeito – ‘quem quer brigar não comerá carne’, não é o verbo comer que está com marcação para Futuro, mas sim, o aspectual *tĩ – tĩj*. Koch e Travaglia (1992, p. 72) afirmam que:

a focalização tem a ver com a concentração dos usuários (produtor e receptor) em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo textual.

Isso pode explicar a utilização de marcação de Futuro em outros casos, como por exemplo, no diálogo entre as duas senhoras que aparece mais acima em (49). Embora se tratem de eventos passados, ao realçar ou focar mais o Sujeito que realizaria uma ação posterior, é o Aspecto que se encontra marcado para Futuro e não o verbo (neste exemplo citado há a presença do Habitual Futuro *tĩj*). Em outros dados apresentados é possível também verificarmos essa forma de expressar temporalidade e sua relevância no discurso Kaingang.

#### **2.2.5.2 Futuro Nominal**

Já vimos anteriormente que no Kaingang pode se expressar Tempo Nominal Passado com *ja* junto a Nomes. Há ainda, na língua, a possibilidade de expressar também

uma referência nominal futura, com a utilização de sufixação de {-j} a alguns nomes que terminam em vogal – um Futuro Nominal. As exemplificações que se seguem são de comunicações pessoais de Selvino para mim feitas em 2009 e 2010 (alguns enunciados são sentenças elicitadas com contextualização e outros exemplos me foram apresentados por ele):

(51) *Inh má-j ge fi tỹ vãfy vãne ke-j vár*<sup>62</sup>.

1SG sogra.FUT assim C:Fem MS balaio vender fazer.FUT ir.PST

‘Minha futura sogra foi vender balaios’.

Note-se que nesse exemplo (51) o nome ‘sogra’ está marcado morfologicamente para Futuro mostrando que esse evento ainda não se estabeleceu, ou seja, a pessoa ainda se tornará sogra ‘dele’; portanto, a referência temporal do evento é posterior ao Momento da Fala. Já a ação futura de ‘vender os balaios’, está marcada no verbo *kej* – literalmente: ‘foi fazer a ação de vender’. Aqui o verbo *fazer.FUT* é que mostra o evento ainda por acontecer.

(52) *Ũri ěg tỹ ěg pã'i-j ge ti to vĩ-j mũ.*

hoje 1PL MS 1PL líder, autoridade.FUT assim 3SG ‘contar’.FUT PFV

‘Agora nós falaremos (contaremos) sobre o futuro líder’.

Nesse exemplo (52) também o evento -‘ser líder, ser o chefe, o cacique’- ainda não se instalou - ‘o futuro líder, a futura autoridade’, está indicado com *pã'ij*; e a ação de ‘falar, contar’, em uma referência futura, está indicada por *to vĩj* (em Wiesemann, 2002, p. 87, *to vĩ* está traduzido como ‘pedir’, mas aqui foi utilizado no sentido de ‘falar, dizer’).

Em (53) e (54), a seguir, são os nomes *prũ* ‘esposa’ e *kakrẽ* ‘sogro’ é que estão marcados em uma referência futura:

<sup>62</sup> Também se encontra a forma *vyr* para o verbo ‘ir. Passado’.

(53) *Inh prũ-j ge fi tỹ sĩnvĩ tỹvĩ nĩ.*

1SG esposa.FUT assim C:Fem MS bonito muito IPFV

‘Minha futura esposa é muito bonita’.

(54) *Inh kósin fi kakrẽ-j ge ti tỹ jũjgỹ tỹvĩ nĩ.*

1SG filho C:Fem sogro.FUT assim 3SG MS bravo muito IPFV

‘O futuro sogro da minha filha é muito bravo’.

Abaixo temos um outro exemplo, no qual ‘futuro marido’ está indicado pela marcação de Futuro no verbo – *gej* (*kej*) ‘fazer.FUT’ mais a presença de *ge* ‘assim’, o que resulta em um sentido de ‘(o) que será’. A palavra para marido não termina em vogal, mas a alusão a ‘futura sogra’ se faz com o uso de *máj* = *má* ‘sogra’ + marca de Futuro {-j}:

(55) *Inh mén ge-j ge ti tỹ mỹg<sup>63</sup> tỹ rãhrãj,*

1SG marido fazer.FUT assim 3SG MS mel MS trabalhar

*hãra ũri inh má-j ge fi hã tỹ mỹgmỹg ta rãhrãj tĩ ha.*

mas hoje 1SG sogra.FUT assim C:Fem parecido MS abelha.abelha MS trabalhar HAB ‘agora’

‘Meu futuro marido trabalhou com mel e agora minha futura sogra é que trabalha com abelhas’.

### 2.2.5.3 Futuro e Perfectividade

No Kaingang Sul, em contextos com leitura de Futuro, há possibilidade da co-ocorrência de Perfectividade e eventuais nuances semânticas são observadas.

Os Perfectivos – *ja* e *mũ* resultam em diferentes possibilidades de leitura quando utilizados em contextos com perspectiva de Futuro. Com o uso do Perfectivo *ja* há a indicação do que está por acontecer. Neste caso, *ja* não é o responsável por fazer o Futuro, que normalmente está marcado no Verbo ou no Aspecto, mas ele aponta uma leitura diferente nessa perspectiva. Já o Perfectivo *mũ* responde, nesses contextos futuros,

---

<sup>63</sup> A palavra *mỹg* pode ser traduzida como ‘mel’ ou como ‘abelha’.

por uma leitura de modalidade epistêmica, garantindo ou dando um valor de verdade ao evento que se sucederá.

Observamos em (56), que mostra novamente um trecho já apresentado de uma narrativa sobre um *Krĩpénufã*, uma exemplificação desses usos de *ja* e *mũ*:

(56) *Kỹ ne tỹ ser prã<sup>64</sup> ke tĩ-g nĩ jetóg,*  
então *diz que* assim gritar fazer HAB.PST IPFV *diz que*  
[então diz que ‘vivia’ fazendo a ação gritar, diz que]

*jo ag je tỹ ser goj kym mũ ser,*  
e 3PL *diz que* assim água cortar PFV assim  
[e eles, diz que cortaram (atravessaram) a água assim,]

*hãra fág hã tỹ ser mer kã nỹ nĩ gé.*  
mas pinheiro parecido MS assim baixada em POSIC:deitado IPFV também  
[mas havia um pinheiro mais para baixo também]

*Kỹ ag jeta ser fág tag to jãpry-j há ja ti jo jãvo*  
então 3PL *diz que* assim pinheiro DEM DIR subir.PL.FUT bem PFV 3SG POSP:antes senão  
[então eles dizem que iriam subir para aquele pinheiro antes dele, senão]

*tỹ ag kã ã ko-j mũ, ke mũ, kegé ser jetóg.*  
MS 3PL em INDF comer.FUT PFV dizer PFV também assim *diz que*  
[ele comeria alguém deles, disseram; diz que também assim]

Traduzido: ‘Então vivia gritando, diz que; e eles atravessaram a água, mas havia um pinheiro para baixo. Então eles disseram “poderíamos subir nesse pinheiro”, “senão ele comerá um de nós”, disseram também, diz que’.

---

<sup>64</sup> Também é possível encontrarmos a forma *prẽr* para o verbo ‘gritar’.

(Mais literalmente: ‘Então, diz que (ele) vivia, andava gritando e eles (os Kaingang) atravessaram a água e tinha um pinheiro (deitado) mais abaixo. Então diz que eles iriam subir no pinheiro senão ele (o *Krîpénufã*) comeria um deles’).

A presença de *ja* no enunciado acima: *Kÿ ag jeta ser fág tag to jãpryj há ja* - ‘eles iriam subir (subiriam) no pinheiro’ – aponta o que aconteceria, algo próximo, iminente. O verbo ‘subir’ está no Futuro *jãpryj* – e isto que estava por vir, que estava em vias de efetivação, que seria o evento de ‘subir no pinheiro’, está apontado pelo *ja*; pois aquilo precisava ser feito proximamente; havia o risco do *Krîpénufã* alcançar e comer os índios se eles não se escondessem (subindo no pinheiro).

Ao combinarem-se formas Perfectivas e formas marcadas para Futuro, isso resulta em um senso ‘perfectivo futuro’, no qual o Perfectivo não assinala uma orientação para esse Tempo, apenas é compatível com ele. Entretanto, pode carregar uma nuance de Modalidade Epistêmica, garantindo que o evento acontecerá em um momento posterior a um outro anterior tomado como referência. É o que verificamos na última sentença do enunciado acima: “senão ele comerá um de nós”, disseram também, diz que’ - *ti jo javo tÿ ag kã ã koj mû, ke mû, kegé ser jetóg*. O verbo comer.FUT *koj* está acompanhado do Perfectivo *mû* e neste ambiente de perspectiva futura, *mû* não é o responsável pelo Futuro, apenas confirma, dá certeza do acontecimento – se eles não subissem no pinheiro, certamente o *Krîpénufã* comeria um deles!

No contexto abaixo, um trecho do enunciado (48) que reproduzo em (57) para facilitar a visualização, *mû* também carrega essa nuance de modalidade garantindo que aquele evento futuro ocorrerá:

(57) *Hãra Fongue jita inh pi vaj tu mã-j ké,*  
 mas *Fongue diz que* 1SG MS:NEG amanhecer esperar.FUT dizer.PST  
*ÿri sa ag mré ke-j kuty tag kã*  
 hoje [1SG]MS 3PL com fazer.FUT noite DEM em  
*sa ag mré ke-j mû,*  
 [1SG]MS 3PL com fazer.FUT PFV

*kuty tag kã sa ga kygrãñ rã ja mũ, ken jitóg.*  
 noite DEM em [1SG]MS terra abater,surrar começar PFV PFV dizer *diz que*  
 ‘Mas *Fongue* disse que não iria esperar até amanhã, “hoje vou lutar com eles, essa noite vou lutar com eles, essa noite eu vou surrar a terra”’. (Fonte: Väfy, 2002)

O contexto em (57) é de perspectiva Futura: não esperarei (até amanhã); lutarei, lidarei (com eles); surrarei, abaterei a terra (um sentido metafórico no qual ele – *Fongue* – acabará com seus inimigos). Mas, diz respeito a um Futuro que ocorrerá proximamente: ‘não esperarei até amanhã, vou lutar, surrar a terra esta noite’. A efetivação desses acontecimentos em uma referência próxima, quase imediata, está mostrada por *ja*, enquanto *mũ* garante o anúncio feito – isto vai acontecer mesmo!

Um outro dado interessante se encontra em (58):

(58) *Hãra ãn tỹ ki goj kron há nĩ gé, kusa nĩ jétóg,*  
 mas DEM MS em água beber bem PFV também frio permanecer, ficar.SG *diz que*  
*pi rỹg.*

MS:NEG esquentar

‘Mas aquilo servia para tomar água, que água era sempre fria, não esquentava’. (no sentido: era útil para tomar água)

*Marne ki goj hã ne ver rỹg ge kem ham.*

balde em água igual MS ainda esquentar assim dizer/PFV(*mũ*) MD

‘No balde é que a água esquenta’.

*Kỹ tỹ kusa nỹtĩ-j mũ ge goj ĩn tĩ ham,*

então MS frio permanecer, ficar.PL.FUT PFV também água DEM HAB MD

[então aquelas águas permaneceriam frias (habitualmente) também]

*hỹ kỹ isa hãra ãg ne ùri vé*  
 por isso [1SG]MS mas 1PL MS hoje apenas  
*vỹsỹ fóg han sór kỹ vé,*  
 antigamente não-índio fazer querer então ENF:somente,apenas  
 [por isso eu, mas nós hoje apenas (antigamente) querendo fazer o mesmo (que) (somente igual ao) não-índio]

*ón kỹ vé ag mré marne mĩ*  
 ‘ón’<sup>65</sup> então ENF:apenas 3PL com balde LOC: dentro (em movimento)  
*kronkron sór ke ke mũ, ke mỹr.*  
 beber.PL querer fazer dizer PFV dizer pois  
 [‘imitando’ apenas queremos beber de balde com eles, digo, digo pois]  
 ‘Então aquelas águas iriam ficar/permanecer frescas, por isso eu falo que hoje querendo ser  
*fóg* (“branco, não-índio”) queremos beber de balde com eles’.<sup>66</sup>

Voltemos nossa atenção para a sentença que nos interessa nessa fala (que é a que está grifada): *Kỹ tỹ kusa nỹtĩj mũ ge goj ãn tĩ ham* – ‘Então aquelas águas iriam ficar/permanecer frescas’. O que temos aqui é que, apesar do Momento de Referência do evento ser de anterioridade ao Momento da Enunciação, pois é uma narração de fatos passados, o falante opta por apresentar esse fato (que assinalo), em uma referência futura, pois o verbo *nỹtĩ* está marcado morfologicamente para Futuro (*nỹtĩj*). Wallace (1982, p. 209-210) sugere que na utilização do tempo Presente em narrativas passadas, o falante está trazendo isto para o *foreground* imediato, tem o efeito de fazer um relato mais ‘vívido’. Acho que se pode pensar, no nosso caso, que o falante também está utilizando um outro Tempo, que não o Passado (para mostrar o fato citado) evidenciando o que está importando na narrativa, seu ponto central de exposição. Nestes termos teríamos uma tradução mais ou menos assim: ‘aquelas águas que ‘seriam’ colocadas (em um momento anterior) nas

<sup>65</sup> A tradução literal de *ón* não é muito fácil aqui, mas se refere a essa situação de atualmente se optar pela utilização do balde; o que, para a pessoa que fala é uma imitação, algo que não é sério, como se fosse uma brincadeira.

<sup>66</sup> Na fala anterior dessa parte de enunciado aqui transcrito, a pessoa dizia: “Antigamente nós bebíamos água da cabaça também. Esses baldes apareceram recentemente também, apareceram quando éramos crianças. Alguns colocavam o sal nele e penduravam também... cortavam, faziam a alça. Então usávamos aquilo para carregar a água também”. Seguiu-se, então, o que apresento em (58), que mostra que na ‘cabaça’ a água não esquentava, mas que ‘eles querendo ‘imitar os não-índios’ (atualmente) utilizam balde e a água esquentava.

cabaças iriam permanecer frescas’. É isso que está importando. E, o perfectivo *mũ*, neste contexto de ‘futuro’, ainda que um Futuro narrativo, responde pela convicção do falante que o fato de se colocar a água na cabaça, ela se manteria realmente fresca; ou seja, ele afirma que isso ocorrerá mesmo.

#### 2.2.5.4 Construções com Verbos de Movimento e perspectiva futura

Neste item faço uma breve discussão sobre alguns contextos nos quais Verbos de Movimento são usados em uma perspectiva futura. No Kaingang os verbos *tĩ*<sup>67</sup> e *mũ*, respectivamente ‘ir.SG’ e ‘ir.PL’, são verbos utilizados em um sentido de ‘movimento a’ e resultam, em determinados contextos, em ambientes lidos como Futuros. Parecem mais comumente empregados em falas coloquiais e em algumas situações mostram um Futuro imediato e em outras um Futuro próximo.

Bybee et alii (1994, p. 280) afirmam que, em seu banco de dados, as fontes mais comuns para futuros imediatos são verbos que significam ‘vir a’. Verbos como ‘ir a’ não resultam fontes de futuros imediatos. Complementam que a análise de Emanation’s (1992) sobre Futuros derivados de movimento, pode ajudar a explicar essa distribuição: Futuros ‘vir a’ requerem o ponto de vista do falante deslocado para o Futuro. Mas Bybee et alii (1994, p. 280) sugerem que tal deslocamento é forçado para um tempo relativamente próximo do Presente.

Às vezes no Kaingang algumas falas mais coloquiais parecem traduzir essa idéia de algo próximo ao momento presente, como em (59):

(59) *Ēg tỹ mũ nĩ.*

1PL MS ir.PL IPFV

que pode ser traduzido: ‘nos iremos’ ou ‘nós estamos indo’. Em ambas as traduções é possível uma leitura de um evento em um Momento de Referência posterior ao Momento da Fala, embora seja muito próximo do Presente. Isso porque, dependendo da circunstância, a fala se refere, por exemplo, a ‘estamos indo agora (neste momento no qual estamos

---

<sup>67</sup> Ou ainda a forma *tĩg* ‘andar.SG’.

falando’) ou, ‘estamos indo daqui a pouco’ (onde se está muito próximo do momento presente, mas ainda o evento ocorrerá em um momento posterior à fala).

Também sem o uso do Imperfectivo, essa visão permanece:

(60) *Êg tỹ mũ.*

1PL MS ir.PL

‘Nós vamos ir’ / ‘Nós iremos’.

Em (60) há a utilização do verbo *tĩg* ‘andar, ir.SG’:

(61) *Fi mré tĩg isa mũ.*

3SG.F com andar,ir [1SG]MS PFV

‘Eu vou junto com ela’ / ‘Eu irei com ela’.

Observe-se nesse exemplo (61) que *mũ* aqui é um Perfectivo e em contextos com leitura de perspectiva futura, seu uso está associado não somente à perfectividade do evento, mas também à atribuição de um grau de adesão do falante com a verdade expressa no enunciado no Momento da Fala. Neste caso, há a atribuição de um caráter de certeza a esse fato, o que acaba por afetar também o grau de comprometimento do falante com a proposição assertada. Nessas situações, o Perfectivo *mũ* pode ser tirado do enunciado e a perspectiva futura é mantida, pois está dada pelo Verbo de Movimento:

(62) *Fi mré tĩg isa*

3SG.F com andar,ir [1SG]MS

‘Eu vou junto com ela’ / ‘Eu irei com ela’.

Importa enfatizar que, nesses casos apontados é necessário se ter um contexto para verificar o sentido pretendido pelo falante, pois podem ou não envolver perspectivas de Futuro. Segundo Selvino (comunicação pessoal), é possível traduzir o enunciado abaixo nas três formas indicadas:

(63) *Fi tỹ tĩg mũ.*

3SG.F MS ir PFV

‘Ela está indo’/ ‘Ela foi’/ ‘Ela está para ir’.

### 2.2.6 Ainda algumas formas verbais

Encontra-se no Kaingang marcação morfológica, em alguns verbos, assinalando uma ação ocorrida ou ainda por acontecer. A terminação em *n* ou em *r* nestes verbos, mostra ação por se realizar e a ação já ‘realizada’ (em um momento ‘passado’), respectivamente. Note-se, porém, que em alguns casos, uma dimensão aspectual (de completude), além da dimensão temporal, não está descartada. No entanto, penso que isso não é realmente um problema aqui, pois não invalida mostrarmos essas ocorrências na língua.

Dentre esses verbos podemos citar:

Figura (17): Algumas formas verbais em Kaingang

Kaingang	Português
<i>kryn</i>	picar
<i>kryr</i>	picado
<i>tĩn</i>	rolar algo redondo
<i>tĩr</i>	algo redondo rolando ou rolado
<i>mĩn</i>	por, colocar líquido
<i>mĩr</i>	líquido tirado
<i>kyn</i>	‘tocar’ melodia
<i>kyr</i>	melodia tocada
<i>sun</i>	que ainda vai assar
<i>sur</i>	já está assada
<i>pũn</i>	queimar
<i>pũr</i>	queimado

Algumas exemplificações com esses usos (são dados de Selvino, 2009 e 2010 – comunicação pessoal):

- (64) a) *ka tĩn*  
 madeira ‘rolar algo redondo’  
 ‘Rolar madeira’
- b) *pó tĩn kãtĩg ra*  
 pedra ‘rolar algo redondo’ vir Modo: Imperativo  
 ‘Vem rolar a pedra’.
- c) *mũnyĩ ka tĩn jé inh mré*  
 ‘vamos’ madeira ‘rolar algo redondo’ MS 1SG com  
 ‘Vamos rolar madeira comigo’.
- d) *Isa pó tĩn tĩ ra, ka ne inh kri*  
 [1SG]MS pedra ‘rolar algo redondo’ HAB quando madeira MS 1SG em cima  
*tĩr kren mũ.*  
 ‘algo redondo rolado’ quase PFV  
 ‘Quando eu estava rolando a pedra, a madeira quase rolou por cima de mim’.

Em (65) o verbo *mĩn* com tradução em português: ‘pôr líquido’, é utilizado em uma situação na qual se pede para pôr água em um porungo (*runja* - uma espécie de cuia, um recipiente para colocar água):

- (65) *Runja tag ki goj ã mĩn inh mĩ.*  
 ‘porungo’ DEM em água INDF ‘colocar líquido’ 1SG para  
 ‘Despeja uma água neste ‘porungo’ para mim’.

Ou ainda se pode dizer:

- (66) *Nén ũ ki goj mĩn, m̃r runja ěn t̃y fór ñy.*  
coisa INDF em água ‘colocar líquido’ pois ‘porungo’ DEM MS cheio DECL-ASSERT  
‘Despeja em outra vasilha a água, pois aquele ‘porungo’ já está cheio’.

Nesses dois casos – em (65) e (66) a água vai ser colocada, a ação ainda está por se realizar.

Já *m̃r* expressa a ação de ‘líquido tirado’ ou ‘despejado’ e, nesse uso, a ação já se efetivou. Selvino observa, entretanto, que o verbo *m̃r* é atualmente pouco ‘pronunciado’. Mas que ainda se pode responder a alguém assim:

- (67) *Isa goj m̃r ṽ.*  
[1SG]MS água ‘líquido tirado’ ASSERT

Ou seja, quando você tira água do poço, ao chegar com o balde na borda, você despeja a água dele para a vasilha que trouxe até o poço (que pode ser um outro balde). Uma água tirada é, nesse caso, uma água despejada. Aqui, a forma *m̃r* tem por foco o objeto, *água*. Uma tradução mais fiel, nesse caso, seria: “Esta é a água despejada (tirada) por mim”.

Porém, continua dizendo que atualmente é mais usual a resposta que se apresenta em (68) abaixo (note-se a utilização de *ja* marcando Tempo passado e o verbo utilizado é a forma terminada em *n* – *m̃n*, que tem por foco a ação, ‘despejar’):

- (68) *Isa goj m̃n ja ṽ.*  
[1SG]MS água ‘colocar líquido’ PST ASSERT  
‘Foi eu quem tirou esta água’.

Ainda um outro dado com os verbos *sur* e *sun* (ambos reduplicados no exemplo

(69)):

- (68) *Ag t̃y porco ñ sunsun ñỹt̃*  
3PL MS porco carne ‘ainda vai assar/ainda vai assar’ IPFV.PL  
*ěn t̃y sunsur ñỹ.*  
DEM MS ‘assada/assada’ DECL-ASSERT

‘A carne de porco que eles estavam assando já está assada’.

Uma observação em relação a esse dado (69) é que o sentido de que ‘a carne ainda não estava assada’ está sendo dado pelo verbo em sua forma *sun* (com n final); entretanto, a indicação de um evento ‘em curso’ ou ‘em andamento’<sup>68</sup> está também mostrada pelo uso do Imperfectivo *nỹtĩ*. *Sunsur* por sua vez está indicando que ‘a carne está assada’ e há a confirmação da situação já de certa forma mais estabelecida com a utilização de *nỹ*.

---

<sup>68</sup> Utilizo ‘em curso’ ou ‘em andamento’ como opção de tradução para o termo em inglês *on going*.



## Capítulo 3

### Aspecto na língua Kaingang

#### 3.1 Algumas considerações teóricas - noções relativas à categoria de Aspecto

Na teoria linguística não há um consenso para a noção de Aspecto. As muitas definições e delimitações para a questão aspectual evidenciam que ela não é tomada com os mesmos critérios por diferentes linguistas. Em várias acepções nota-se, na maioria das vezes, mais propriamente uma preocupação taxonômica exaustiva e via de regra, refletem teorias que não se interessam pela explicação dos fenômenos.<sup>69</sup>

Entretanto, definições como as que se encontram a seguir, apesar de demonstrarem e manterem diferenças apontam para o que importa, que é considerar a categoria aspectual como não-dêitica. Comrie (1976, p.1 a 3) chama atenção que há uma confusão terminológica entre *Tense* e *Aspect*. Para este autor, o termo Aspecto designa a perspectiva tomada sobre a organização interna da situação e dessa forma, distingue diferentes pontos de vista da constituição temporal da mesma situação; entretanto, Aspecto não é uma categoria dêitica (COMRIE, 1976, p.3 e 5).

Para Lyons (1979) Aspecto também não é uma categoria dêitica:

...a categoria do aspecto inclui uma larga variedade de distinções possíveis. Como distinções temporais, todas elas se relacionam com o tempo; mas como diz Hockett, relaciona-se com o 'contorno ou distribuição temporal' de uma ação, acontecimento ou estado de coisas, e não com sua 'localização no tempo'. O aspecto, diferentemente do tempo, não é uma categoria dêitica e não se refere ao momento do enunciado (LYONS, 1979, p. 331).

Em Ilari e Basso (2008) Aspecto é assim definido:

Por definição, o aspecto não tem nada de dêitico, expressa ao contrário uma opção do falante no sentido de representar o estado de coisa expresso pelo verbo segundo uma 'perspectiva' (na palavra aspecto está presente a raiz indo-européia *spek*, a mesma que encontramos em perspectiva) que

---

<sup>69</sup> Para discussão sobre estas questões pode-se consultar o trabalho de Sasse (2002) e também Gonçalves (2007).

permite considerá-lo em bloco, ou em parte, isto é, numa de suas fases (ILARI e BASSO, 2008, p. 167).

Assim, ao considerar a diversidade de conceitos relativos à categoria aspectual, julgo necessário assinalar que acompanho, neste trabalho, essa proposição geral para Aspecto, que o considera uma opção do falante ao expressar-se sem, no entanto, fazer referência a um ponto de ancoragem relativo ao enunciado.

Em relação ao Kaingang, em descrições anteriores da língua, não há tampouco uma abordagem consensual sobre o assunto. Guérios (1942, p.125), por exemplo, aponta, em relação às distinções temporais nos verbos:

Como todas as línguas primitivas, o caingangue desconhece as distinções temporais nos verbos (...) assim é que em muitas orações do português distintas em relação à cronologia, correspondem frases caingangue em que o verbo parece servir para qualquer tempo. É que o discurso caingangue obedece às arcaicas distinções do aspecto (a ação é caracterizada pelo seu desenvolvimento)<sup>70</sup>.

Wiesemann (1971, p. 269-272), por sua vez, em seu trabalho *Dicionário Kaingáng - Português / Português - Kaingáng*, que foi reeditado em 1981 e em 2002, faz notar que os verbos podem se combinar com muitos indicadores de Aspecto ou de Modo, mas não apresenta uma definição conceitual de Aspecto, apenas indicações de uso. Segundo a autora, “os indicadores de Aspecto seguem os verbos e descritivos ou substantivos em função predicativa, mas podem ser precedidos de indicadores de Modo e pronome sujeito”. Já na edição de 2002 (sob o título *Kaingang-Português -- Dicionário Bilingüe*), Wiesemann trata de indicadores de Aspecto (‘ind. a’, na sua abreviação no original), em um Apêndice (p. 153-173):

Os indicadores de aspecto terminam a oração mas podem ser seguidos por certos indicadores de opinião. Muitos indicadores de aspecto são homófonos com verbos, dificultando a análise. Há indicadores de aspecto Perfectivo (...) Eles indicam uma ação do ponto de vista global, sem ver as partes da ação, mas diferenciam-na por ser feito em pé, sentado, deitado, andando ou por uma pessoa ou várias (p.156).

---

<sup>70</sup> Conforme Guérios (1942, p. 125), a “categoria dos tempos verbais é a evolução da categoria de aspecto”.

Observa-se que as referências citadas sobre a categoria Aspecto na língua Kaingang não são muito esclarecedoras. Assim, torna-se necessário, da mesma maneira que anteriormente, explicitar que considero para o Kaingang o emprego da noção de Aspecto como categoria gramatical para definir a função desempenhada por morfemas (em geral, palavras gramaticais) que ocorrem após (à direita de) o Verbo (com frequência, pospostos a ele).

### **3.2 Perfectividade e Imperfectividade**

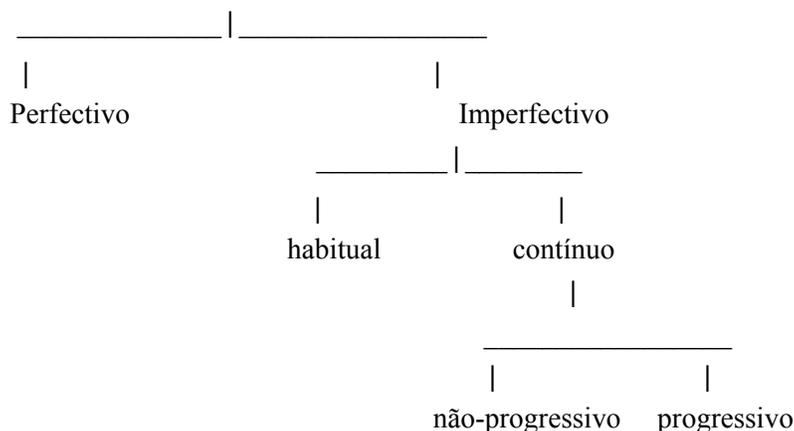
Em relação à categoria aspectual constitui caso prototípico a oposição morfológica entre Aspecto Imperfectivo e Perfectivo. Os termos são empréstimos traduzidos do Russo *'nesoveršennyj vid'* “ponto de vista incompleto” e *'soveršennyj vid'* “ponto de vista completo” e também de termos antigos criados por Curtius: *'dauernd vs eintretend'*. (SASSE, 2002, p. 209). Em termos da linguística geral, a distinção entre Perfectividade e Imperfectividade também não é concebida de forma unânime. As citações que se seguem, embora possam diferir em alguns pontos, apresentam caracterizações gerais sobre a oposição aspectual que aqui nos interessa.

Comrie (1976, p. 4) assume que Perfectivo é um olhar de fora sobre a situação, sem distinguir, nela, estruturas internas, enquanto que Imperfectivo é um olhar de dentro, ou seja, da estrutura interna da situação. Acrescenta que na discussão de Aspecto é importante compreender que a diferença entre Perfectividade e Imperfectividade não é necessariamente uma diferença objetiva entre situações ou a diferença que se apresenta pelo falante como sendo objetiva, já que é possível um falante referir-se à mesma situação com o Perfectivo ou então com o Imperfectivo, sem ser contraditório. Questiona frequentes definições que podem ser encontradas, tais como: Perfectivo indica uma situação de curta duração enquanto Imperfectivo indica uma situação de longa duração; ou, Perfectivo não pode ser definido como descrevendo uma situação com limite, oposto de não-limitado, descrevendo duração. Para a primeira, coloca que a asserção é facilmente contradita em exemplos de línguas individuais e para a última, mostra exemplos em Russo e Grego Antigo em que formas Perfectivas e Imperfectivas podem ser usadas como descrevendo duração.

Quanto ao Imperfectivo, Comrie divide em categorias distintas: habitual e contínuo (progressivo e não-progressivo), como se observa no esquema abaixo das oposições aspectuais proposta por esse autor:

Figura (18)

Classificação das oposições aspectuais



(Fonte: Comrie, 1976, p. 25 – no original: Table I. Classification of aspectual oppositions)

Bertinetto, trabalhando principalmente com a língua italiana, toma o Aspecto Perfectivo como aquele que apresenta uma visão global do evento em questão, ou ainda como aquele que apresenta o ponto final de um evento ou a perspectiva do final do evento, ainda que expresse somente a intenção dessa conclusão (não é necessário que o evento esteja realmente acabado ou concluso). Assim, o Perfectivo faz referência ao evento precisamente determinado no seu plano temporal e se refere normalmente a uma ocorrência singular (BERTINETTO, 1986, p. 191). O Imperfectivo, por outro lado, não implica atrelamento a *telos* e divide-se em:

a) Habitual: o evento é apresentado sob um ponto de vista no qual ele se repete em um dado período de tempo. É compatível com advérbios “em X Tempo”; “até X Tempo”; “de Y a X Tempo”; “entre X e Y Tempo”, referindo-se aos eventos e não ao número de ocorrências do evento;

b) Progressivo: há a existência de um momento de focalização onde o processo pode ser observado em curso ou em desenvolvimento e um estado de indeterminação do prosseguimento do processo além desse ponto de focalização;

c) Contínuo: não individualiza um único instante e se apresenta preferencialmente com ‘estatividade’, mas não se acompanha incondicionalmente de qualquer tipo de advérbio de duração.

Resumidamente, então, se pode dizer que, apesar de algumas diferenças, as acepções relativas à oposição aspectual Perfectivo vs Imperfectivo nos dois autores citados não são excludentes.

A partir destas considerações apontadas mostro a seguir como a categoria Aspecto se apresenta na língua Kaingang e proponho uma classificação para esses marcadores. Cabe observar que ainda que as teorias tenham sido construídas primeiro com base em línguas que não as indígenas, elas se pretendem universais. Dado isso, tento aplicar a teoria para explicar essa língua, porém apontando os casos em que o ‘enquadramento’ não é perfeitamente ajustado.

No Kaingang, Aspecto é uma categoria gramatical não-dêitica e há distinção entre Perfectividade e Imperfectividade. O Perfectivo responde pela apresentação do evento como um todo, apontando seu ponto final ou a perspectiva de conclusão do mesmo, embora o evento não precise necessariamente estar concluso. A Imperfectividade em Kaingang não implica atrelamento a *telos* e muitas vezes assinala Habitualidade. Ainda uma observação diz respeito à utilização de marcadores aspectuais que podem, em determinadas circunstâncias, como já vimos, adicionalmente expressar uma opção modal. Entretanto, neste item procuro focalizar mais o uso predominantemente aspectual dos marcadores e apontarei para essa questão quando necessário.

### 3.3 Perfectividade com *mũ* no Kaingang

Bybee et alii (1994, p.55) sugerem que itens lexicais que evoluem para *grams* anteriores, perfectivos e resultativos são em sua maioria verbos, os quais podem ser divididos em 2 grupos: i) verbos estativos, usualmente cópulas, mas também ‘ter’, ‘permanecer’ e ‘esperar’; e ii) verbos dinâmicos, como verbos de movimento ou verbos significando ‘terminar’ ou ‘estar terminado’.

*Mũ* no Kaingang Sul é lexicalmente um Verbo de Movimento: ‘ir.PL e está envolvido na formação de um Perfectivo na língua.<sup>71</sup> A presença de *mũ* nos enunciados assinala a completude do evento. Como já citado no capítulo anterior, ele pode também ocorrer em contextos futuros assinalando a completude do evento naquele momento posterior. Isso é possível porque o *telus* ou o ponto final do evento pode estar presumido e não ser necessariamente expresso. Lembro que ainda foi apontado que, nesses casos de perspectiva futura, o Perfectivo *mũ* ganha um contorno modal.

Apresento, então, exemplificações de *mũ* como Perfectivo.

Observemos, nos enunciados que seguem, a perspectiva Perfectiva dada com a utilização de *mũ* (as letras (A), (B) e (C) fazem referência aos participantes da conversa e indicam a pessoa que está falando naquele dado momento):

(70)

(70.1) [A] Régró mǎn fã **mũ** gé ser ham, régró.

feijão ‘misturar’ NMLZ **PFV** também assim MD feijão

[feijão misturado também assim, feijão]

Kirér pan jé ěg ta ham ěg tỹgěr pẽ sógsãm kỹ ser ham,

quirela ‘derrubar’ para 1PL MS MD 1PL MS milho genuíno ‘socar’ então assim MD

[para ‘derrubar’ (fazer) quirela nós, então, socávamos milho ‘comum’, assim]

---

<sup>71</sup> Isso também se apresenta em outras línguas. Bybee et alii (1984, p. 56, 57) citam que “‘go’ está envolvido na formação de um completivo em Tucano, um anterior em Cocama e provavelmente um Perfectivo em Alyawarra”.

*goj tá nĩm (nĩ+mũ) kũ três nija, quatro nija*  
 água LOC:lá permanecer, ficar /PFV então três dia quatro dia  
 [ficava na água, então, três dias, quatro dias]

*mỹmỹnh fi tỹ kupe kũ nĩm tĩ ser ham.*  
 mamãe C:Fem MS lavar então dar (algo não comprido) HAB assim MD  
 [mamãe lavava, então, dava (habitualmente) assim].

‘Misturávamos também o feijão então (literalmente: Feijão misturado assim também, feijão).  
 Para fazer a quirela, nós então socávamos o milho, ficava (deixava) então três, quatro dias  
 na água, então mamãe lavava e daí dava/distribuía’.

(70.2) [B] *Áu, ãn tugtó je (ja) ã tóg ham.*  
 sim DEM contar.PL PFV 2SG MS MD

‘Sim, você vai contar isso’.

(70.3) [A] *Kũ ěg tỹ ser ěn tygnyn mũ,*  
 então 1PL MS assim DEM socar.PL PFV

*hãra kréj pi sĩ nỹ-j mũ*

mas pilão MS.NEG pequeno EXIST.POSIC.FUT PFV

*ge ham, hỹ kũ ija, ã tỹ nén fi mỹ ó, ‘e Soiri fi...*

também MD por isso [1SG]MS INDF MS coisa C:Fem para (exclamação) Sueli C:Fem

‘Então nós socávamos isso, mas o pilão não era nada pequeno, por isso eu [chamava, pedia]  
 para alguma [mulher] ah! A Sueli...’

(70.4) [C] *Kra mág ãn ke gé ker, kra régre.*

mão-de-pilão grande DEM dizer também ‘ou melhor’<sup>72</sup> mão-de-pilão dois

‘Aquele mão-de-pilão grande também, duas mão-de-pilão’.

<sup>72</sup> Com sentido de ‘refazer’ a fala.

(70.5) [A] *Kra mág ãn vã gé ham. Kra régre, vënhkato ãg tỹ*  
 mão-de-pilão grande DEM ASSERT também MD mão-de-pilão dois ‘diante um do outro’ 1PL MS  
 [aquela mão-de-pilão grande também. Duas mãos-de pilão, em frente um ao outro, nós]

*vé jã-j mũ ham, kra tẽgtũ ki ãg tỹ kejẽn ãg tynyn tĩ ham.*  
 apenas POSIC:em pé.FUT PFV MD mão-de-pilão três em 1PL MS às vezes 1PL socar HAB MD  
 [somente em pé, três mãos-de-pilão nós às vezes socávamos (habitualmente)]

‘Mão-de-pilão grande também. Duas mãos-de-pilão, ficávamos uma em frente à outra  
 (literalmente em frente de alguém / do outro e, em pé), às vezes socávamos com três mãos-de-  
 pilão’.

(70.6) [A] *Kỹ ěg tỹ ser gãr kughu<sup>73</sup> ãn tygnyn kỹ tỹ jamĩ han*  
 então 1PL MS assim milho cateto DEM socar.PL então MS ‘bolo’ fazer  
 [então nós socávamos aquele milho cateto, então, fazíamos ‘bolo’]

*jo ěg ne ser gẽr pẽ sógsãm kỹ kejẽn goj tá nĩm (nĩ + mũ)*  
 e 1PL MS assim milho genuíno ‘socar’ então às vezes água LOC:lá permanecer, ficar.SG/PFV  
 [e nós assim socávamos, então. Às vezes ficava (lá) na água]

*kỹ ser tỹ quatro nija mỹ tynyn kỹ ser,*  
 então assim MS quatro dia e socar então assim  
 [então, assim, quatro dias e socávamos, então]

*ãn kirér han kỹ ãg tỹ ser nĩ mũ gé ham. ...*

DEM quirela fazer então 1PL MS assim permanecer, ficar.SG PFV também MD

*Vënhmỹ aroj vẽ.*

‘diferente’ arroz ASSERT

[nós então (ao que se referia) (com) aquilo fazíamos quirela, assim ficava também... era arroz diferente]

‘Então nós socávamos aquele milho cateto e fazíamos bolo, e socávamos o milho comum e deixávamos no rio (na água) e dali 4 dias socávamos, fazíamos quirela e deixávamos ... Era arroz diferente’. (Uma alusão ao “arroz e feijão” dos brasileiros, quando para eles, o prato era “quirela com feijão”)<sup>74</sup>.

<sup>73</sup> De fato, *kunguhu*, mas na fala rápida pode ocorrer esse apagamento de vogal.

(70.7) [C] *Ti farĩnh gre kar kera.*

3SG farinha peneirar depois dizer+Imperativo:ra

‘Depois de peneirar a farinha dele, diga!’.

(70.8) [A] *Farĩnh pan kar ser ěg tỹ ser ko-j ken vĕ gé,*

farinha ‘derrubar’ depois assim 1PL MS assim comer.FUT fazer ASSERT também

*ham grãgrãg kỹ. Miju hanhan mũ gé ham, farĩnh miju.*

MD assar.PL então biju fazer.PL PFV também MD farinha biju

‘Tirávamos a farinha para depois comermos também, fazer assado. Fazia biju também, farinha de biju’.

A exemplificação abaixo é de um outro trecho dessa conversa/narrativa na qual se observa também a utilização de *mũ* expressando a completude dos eventos (as letras (A) e (B) indicam as diferentes pessoas que participam nas falas, ainda que (B) faça aqui apenas uma breve intervenção):

(71)

(71.1) [A] *Hãra fag ne tỹ krėj ki tynyn tĩ gé kera.*

mas 3PL.F *diz que* pilão em socar HAB também dizer+Imperativo:ra

‘Mas elas socavam no pilão diz que também, diga!’.

(71.2) [A] *Krėj ki tynyn kỹ tỹ jamĩ han mũ gé ham, mỹnh fi ham.*

pilão em socar então MS ‘bolo’ fazer PFV também MD mãe C:fem MD

‘Socavam no pilão e faziam bolo, nossas mães’.

(71.3) [B] *Trigo tỹ.*

trigo com

‘Com trigo’.

---

<sup>74</sup> Não posso deixar de observar, entretanto, que *vĕnhmỹ* pode ter uma aqui uma distinta leitura, com tradução, nesse enunciado, como ‘*diz que*’ - no sentido de ‘Diz que era arroz!’. Veremos esse uso para *vĕnhmỹ* no capítulo 6.

(71.4) [A] *Hãra ãg kra pi kórég nỹtĩ ham,*  
 mas 1PL mão-de-pilão MS:NEG ruim EXIST.PL MD  
*ka kufy tag tỹ hynhan vã ham*  
 madeira peso DEM MS fazer.PL ASSERT MD  
*kréj mág ãn vã gé ham.*  
 pilão grande DEM ASSERT também MD

‘E nossas mãos-de-pilão não eram ruins, eram feitas de madeira pesada, eram pilões grandes também’.

(71.5) [A] *Kỹ fag tỹ ver panh tỹ kym tumã to ser,*  
 então 3PL.F MS ainda pai MS cortar esperar para assim  
 [então para esperar ainda o pai cortar<sup>75</sup> assim]

*mũjo tá vãhntumã to fag tỹ ser tygnyn mũ gé.*  
 moinho LOC:lá esperar.PL para 3PL.F MS assim socar.PL PFV também  
 [(lá) no moinho para esperar, elas socavam também]

*Kỹ tỹ ser tỹ farinha de trigo hã nĩ-j ham,*  
 então MS assim MS ‘farinha de trigo’ parece,assim permanecer, ficar.SG.FUT MD  
 [então, ficaria parecendo farinha de trigo]

*gren sĩ ki fag tỹ gre-j mũ.*  
 peneira pequeno em 3PL.F MS peneirar.FUT PFV  
 [elas iriam peneirar em peneira ‘pequena’ (fina)]

‘Então elas enquanto esperavam o pai cortar, no moinho para esperar, elas iam socar também. Então ficava parecendo com farinha de trigo, elas peneiravam em peneira fina (lit. pequena)’.

<sup>75</sup> Enquanto ele (o pai) cortava cana, elas ficavam no moinho...

(71.6) [A] *Kỹ mỳnh fi tỹ ser ti fy kễsir ‘e.*  
então mãe C:Fem MS assim 3SG semente pequenos muitos  
*Kỹ mỳnh fi tỹ ser ti fy kễsir ẽn tỹ garĩnh tãnh*  
então mãe C:Fem MS assim 3SG semente pequenos DEM MS galinha matar  
*kỹ hã tỹ mẫn kujãg mũ gé ham, ẽg tỹ aroj nẻnh ẫn ge.*  
então assim MS outra vez misturar PFV também MD 1PL MS arroz cozinhar DEM também

‘Então a mãe assim com os grãos pequenos (sementes muito pequenas) dele (do milho), então a mãe assim, (com) os grãos pequenos; matava galinha, então desse jeito (ela) misturava outra vez também (com aquilo). Nós cozinávamos (aquilo) (com) arroz também’.

(71.7) [B] *Ễn ge mũ-j, hỹ kỹ mỳnh fi tỹ inh mẻn tỹ ser ẫpỹ tĩ,*  
DEM assim ir.PL.FUT por isso mãe C:Fem MS 1SG marido MS assim roça ir.SG  
*kỹ ija ser ti kóm kra vyn*  
então [1SG]MS assim 3SG junto mão-de-pilão carregar(coisa comprida)  
*kỹ tỹ ser inh mỹ isỹ ti mẻ ron há vẫgtĩ.....*  
então MS assim 1SG para [1SG]MS 3SG com cansar bem ASSERT/HAB

‘Vivíamos assim, por isso a mãe dizia - “quando meu marido ia para a roça o fato de eu pegar a mão-de-pilão era um cansaço justo para mim<sup>76</sup>.....’.

Nessa exemplificação é o marcador *mũ* que responde pela leitura Perfectiva dos eventos: *jamĩ han mũ* ‘faziam bolo’ (71.2); *tygnyn mũ* ‘socavam’ (o milho) (71.5); *grej mũ* ‘peneiravam’ (71.5); *mẫn kujãn mũ* ‘misturava outra vez’ (71.6). Note-se também que no final desses enunciados há a presença de *mũj* em: *Ễn ge mũj*, (71.7) mas *mũ* neste caso é verbo ‘ir’ em sua forma plural (com sentido estendido de ‘viver’). Ainda podemos observar a indicação na habitualidade de algumas ações, como ‘socar’ (o milho) - *tygnyn tĩ*, com a presença do Habitual *tĩ* (que veremos adiante).

<sup>76</sup> Comparando com o cansaço dele...

Outros exemplos nos quais *mũ* está assinalando perfectividade são os de número (72) a (74) que se seguem. Observe-se em (72) e também em (73) que o contexto é de perspectiva de Futuro e a ocorrência de *mũ* é o que assegura a ocorrência do evento, tanto em termos de vislumbre do seu ponto final (e aqui expressa perfectividade), quanto garantindo o acontecimento em termos de ‘certeza’ (uma informação modal, portanto):

(72)...*ẽn ti ... jóg<sup>77</sup> Graciano panh vêg tĩ gé. (...)*

DEM 3SG pai Graciano pai ASSERT HAB também  
 [aquele (ao que se referia)... é o pai do Graciano também]  
*Kỹ ag ne ser... ti mỹ ti tỹ kaga nỹ-g tĩ gé ja,*  
 então 3PL MS assim 3SG para 3SG MS doente EXIST/POSIC.PST HAB também PFV  
 [então, para ele, ele ‘vivia’ (habitualmente) doente (deitado) também]  
*kỹ ne tỹ ser... fag ne tỹ kejẽn ti tỹ há ke*  
 então diz que assim 3PL.F diz que um dia, algum tempo 3SG MS bom fazer  
 [então, diz que assim elas (diz que) um dia ele ‘(se) fez bom’ (‘melhorou’)]  
*sĩ han kỹ ser vãnhmỹ jagnã ve-j mũ mũ gé.*  
 pouco fazer então assim diz que RECP ver.FUT ir.PL PFV também.  
 [fez (‘melhora’) um pouco, então, assim; diz que foram ver (um ao outro) (foram ver o pai) também]

‘Aquele é pai dele, pai do Graciano, também. Então eles... ele [o pai] vivia doente para ele [Graciano], então ele ... quando ele melhorou um pouco elas foram se visitar também’

(73) *Hãra inh nĩ kejẽn posto tá nĩ-j tĩ mũ ser ham*  
 mas 1SG MS um dia posto LOC:lá permanecer, ficar.SG.FUT ir.SG PFV assim MD  
 ‘Mas um dia eu fui morar lá no posto’.

Em (74) abaixo há duas ocorrências de *mũ*. A primeira em *ke inh nĩm* (*ke inh nĩ mũ* - onde *mũ* aparece abreviado junto à *nĩ* (este seria na verdade *ne*, ou seja, uma marca de Sujeito). Aqui a tradução pode ser: ‘eu digo’; ‘eu estou dizendo’ ou ‘eu disse’. Dependendo do contexto e da tradução é possível pensar que o que se está evidenciando (nessa forma de

<sup>77</sup> Termo usado para ‘pai’ ou para ‘quem cuida’.

enunciação) é mais o caráter de algo que está sendo contado do que propriamente a perspectiva Perfectiva. E, além disso, há uma possível leitura modal na asserção: eu digo, eu disse, eu estou dizendo!!, ou seja, eu ‘dou fé’ ou ‘afirmo isso!’. A outra ocorrência de *mũ* é em *han kinhrãg kÿ kajrãn tÿvĩn mũ*, onde a perspectiva Perfectiva dada por *mũ* é mais evidente: ‘(eu) aprendi mesmo a fazer (os balaios) para ensinar!’, ou seja, a ação de aprender já tinha se completado, pois (agora) a pessoa seria capaz de (ir) ensinar – antes as cestinhas eram ‘mal feitas’, já que ela não sabia amarrar bem para começar e então, elas não ficavam ‘boas’:

(74) *Kÿ ija ser ti mÿ inh cestinha korég vin tĩ, ke inh nĩm (ne + mũ)*,

mas 1SG]MS assim 3SG para 1SG cestinha feio dar.PL HAB dizer 1SG MS PFV

*hãra pi hãve nÿtĩ ham, kagjigjég isÿ tĩ*

mas MS:NEG parecer como EXIST.PL MD amarrar.PL [1SG]MS HAB

*isÿ tag fyn jé (risos...).*

[1SG]MS DEM dividir para

‘Então eu dava para ele as minhas cestinhas feias<sup>78</sup>, porque não eram nada bonitas, eu amarrava para levantar<sup>79</sup> (...) (risos...)’.

*Ãn hã kãpan isÿ ser han kinhrãg kÿ kajrãn tĩ mũ, ser ham.*

DEM parece ‘a partir dali’ [1SG]MS assim fazer aprender então ensinar ir.SG PFV assim MD

‘A partir daquilo eu aprendi mesmo a fazer’.

<sup>78</sup> No sentido de que não ficavam bem feitas, pois ela não sabia ainda fazer muito bem os cestos.

<sup>79</sup> ‘Amarrava’ para iniciar o trabalho, dividindo a taquara para ‘levantar o cesto’.

### 3.4 Perfectividade com *ja*

Também há expressão de Perfectividade na língua Kaingang com a utilização do marcador *ja*. Ocorre que apresentei no capítulo 2 contextos nos quais *ja* estava sendo utilizado para marcar Tempo Passado. Logo, isso sugere uma questão: quando este marcador está assinalando Perfectividade e quando está marcando Tempo Passado?

Minha hipótese inicial considera duas situações. A primeira, já apresentada no capítulo 2, em que mostrei que a presença de *ja* em contextos futuros não responde pelo Futuro, não tem função temporal; mas antes, assume um caráter aspectual Perfectivo que considera o evento por acontecer, leva em conta o seu ponto final próximo. Avalio ainda uma segunda situação na qual esse marcador não explicita Tempo: em contextos nos quais há a ocorrência de *ja* junto a verbos que já se encontram em uma forma própria de Tempo Passado. Nesses casos, a utilização de *ja* é predominantemente aspectual, apontando a completude do evento – um uso Perfectivo (pois a referência passada já está expressa na forma verbal)<sup>80</sup>. Vejamos o dado (75) abaixo no qual a utilização de *ja* expressa perspectiva Perfectiva:

(75) *Inh kónĕg ra mÿnh fi tÿ inh ma-vyr ja nĭn (nĭ nÿ) taki,*

1SG pequenino quando mãe C:Fem MS 1SG levar.PST PFV EXIST+DECL-ASSERT LOC:daqui  
*tó fi tÿ tĩ, vĕhĕ inh ne tÿ nĭgté há nĩ,*  
contar.SG 3SG.F MS HAB agora, afinal 1PL *diz que* engatinhar bem IPFV  
*mÿnh fi tÿ ra tĩ mũ kã.*

mãe C:Fem MS quando ir PFV LOC:lá

‘Quando eu era pequena a mãe levou eu daqui, ela contava. Eu recém engatinhava, quando minha mãe foi lá’.

---

<sup>80</sup> Digo, nestes casos, predominantemente aspectual, porque dependendo da semântica do verbo e dos elementos presentes na oração, é possível termos uma interpretação de *ja* nominalizando (ainda que a nominalização com tradução passada possa ser interpretada perfectivamente em termos aspectuais), como nos dados 32 e 36 e de 38 a 42 apresentados anteriormente (p. 67 a 71).

Nesse dado (75) há a presença de *ma-vyr* que é o verbo ‘levar - no Passado’ acompanhado por *ja nĩ nỹ* (*ja nĩn*). Nesse contexto, o uso de *ja nĩ* dá a informação que o evento está sendo contado/narrado; e, mais especificamente nesse dado, também há uma outra informação: modal - com o *nỹ*, ao final. Com o verbo já expressando uma referência passada, o papel de *ja* é evidenciar a completude do evento. A forma *ja nĩ nỹ* e seu uso serão tratados com detalhes adiante no capítulo 6.

Também na exemplificação abaixo, *ja* junto ao verbo *vyr* ‘ir.PST’ aponta para o final do evento ou a telecidade do evento ‘ir morar’: (ele) ‘foi morar’. Chamo a atenção novamente que a presença da construção *ja nĩ* mostra que algo está sendo contado/narrado:

(76) *Hãra Fagren nĩ ser, tá nĩ-j vyr ja nĩ gé ham,*  
 mas *Fagren* MS[ne] assim LOC permanecer, ficar.SG.FUT ir.PST PFV EXIST também MD  
*nỹ sĩ fĩ mré, kỹ fĩ nĩ ser, ti nó n vyr ja nĩ gé je.*  
 mãe pequeno C:Fem com então 3SG.F MS[ne] assim 3SG atrás ir.PST PFV EXIST também *diz que*  
 ‘Mas o *Fagren* foi morar lá também com a ‘mãezinha’<sup>81</sup>, então ela foi atrás dele também’.

### 3.4.1. Distinguindo Perfeito e Perfectividade

Há, no entanto, uma outra leitura possível com a utilização de *ja* junto a verbos, uma espécie de uso Perfeito na língua, embora ainda se possa vislumbrar o ponto final ou a referência temporal passada do evento ou dos eventos citados.

Comrie (1976) distingue Perfeito de Perfectivo: o primeiro refere-se a uma situação passada que tem relevância no presente, enquanto o Perfectivo contrasta com o Imperfectivo. Essa questão terminológica, menciona esse autor, é usual em discussões feitas por linguistas europeus continentais sobre línguas como Búlgaro, onde as oposições Perfectivas / Imperfectivas e Perfectivas / Não-Perfectivas são gramaticalizadas: “a diferença entre o Perfeito e outros Aspectos tem deixado os linguistas em dúvida se o Perfeito pode ser considerado um Aspecto como um todo. Na terminologia tradicional, o

<sup>81</sup> *Nỹ sĩ = nỹ* ‘mãe’ + *sĩ* ‘pequeno’, donde ‘mãezinha’. Um uso comum dos Kaingang é chamar irmãs mais novas da mãe por “mãezinha” (Wilmar D’Angelis - comunicação pessoal).

Perfeito é listado como um Aspecto, mas com um sentido um pouco diferente do modo que outros Aspectos são tratados (ou definidos)”. Segundo Comrie, um modo de ver essa diferença entre o Perfeito e os outros Aspectos é que ele expressa uma relação entre dois pontos no Tempo: o Tempo do estado resultante de uma situação anterior e um outro Tempo da situação anterior (por exemplo, no Inglês: ‘I have eaten’, onde tomam parte o Presente e o Passado (1976, p. 52).

Assim o citado autor (1976, p.56 a 60) propõe:

i. ‘Perfeito de resultado’: o estado presente é referido como sendo o resultado de uma situação passada e neste há claramente manifestação da relevância presente de uma situação passada.

ii ‘Perfeito Experiencial’: indica que a situação dada se manteve minimamente durante algum tempo passado e que vem até o momento presente.

iii. ‘Perfeito de situação persistente’: começa no passado mas persiste (continua) no presente.

iv. ‘Perfeito de passado recente’: a relevância presente da situação passada é de fechamento temporal, ou seja, a situação passada é muito recente.

Na maioria das línguas onde há possibilidade formal para distinguir Perfeito / Não-perfeito, tais formas podem combinar-se livremente com outras distinções aspectuais. Uma exceção é no Grego Moderno, onde o Perfeito só pode ser formado a partir de verbos Perfectivos (Idem, p.61).

Anderson (1982, p.227) aponta que uma categoria gramatical tal como o Perfeito não tem os mesmos usos em diferentes línguas. Exemplifica que em Inglês, o Perfeito tem diferentes usos, como: experiencial; relevância da situação anterior para o momento presente; novas situações... E, comparando o Perfeito no Inglês com o Perfeito em Mandarim (*Le*), mostra que nesta última, *Le* não enfatiza anterioridade do evento, mas somente relevância da nova situação no momento da enunciação.

Li, Thompson & Thompson (1982, p.20 et seq.) mostram em seu trabalho como *Le*, apresentada por eles como um tipo de partícula ‘atitudinal’ de sentença final em Mandarim, é utilizada executando muitas das funções do Aspecto Perfeito.

Então, partindo do princípio que Perfeito não é utilizado da mesma maneira nas diferentes línguas do mundo, acho que se pode olhar para *ja* no Kaingang Sul, em determinados contextos, expressando algumas características que se podem aplicar a um uso Perfeito na língua. É o que se observa neste exemplo a seguir, no qual a presença de *ja* (ao final, em (77.5) [J3]) retoma eventos apontados e que são, de certa forma, relevantes para a narração atual. São duas pessoas falando (J e K):

(77)

(77.1) [K1] - “*Kỹ isỹ ãn to inh kósin va tĩ tĩ*”, *ke fi tỹ*.

então [1sg]MS DEM para 1SG filho carregar ir.SG HAB dizer 3SG.F MS

-“‘Aí eu levava meu filho para aquele lá”, dizia ela’.

- “*Ti ter ke vã ham sarampo ta*”, *ke fi ta tĩ, mỹnh fi*.

3SG morrer fazer CTF assim sarampo por dizer 3SG.F MS HAB mãe C:Fem

-“‘Ele estava para morrer de sarampo”, dizia ela, a mãe’.

(77.2) [J1] *Ãn ge hã ta (ta), inh mỹ ta ...*

DEM assim semelhante por (por), 1SG para por

‘Disso que? Para mim...’. (interrogação dada pela entonação de voz)

(77.3) [K2] “*Vĩ mẽ nỹ ãn vẽ ser ham*”, *ke fi tỹ tĩ*,

falar ‘mais ou menos’ EXIST DEM ASSERT assim MD dizer 3SG.F MS HAB

*vé ne tỹ nỹgtĩ ham*.

apenas, somente *diz que* POSIC:deitado/HAB MD

-“‘Estava deitado e já sem falar”, dizia ela, “já não falava mais””.<sup>82</sup>

<sup>82</sup> Uma tradução ligeiramente distinta me foi dada por outro falante e parece mais fiel ao enunciado: ‘Falava mais ou menos (no sentido de quase não falar mais). É isso (viu)!’ Diz que apenas ficava deitado, ela dizia’.

-“*Hãra ... Topẽ vĩ vẽnĥ ser ki kanhró ag tỹ nỹgnĩ gé,*  
mas *Topẽ* palavra RECP assim conhecer 3PL MS IPFVN.PL também  
*kujá ag*”, *ke fi tỹ tĩ, mỹnh fi.*

*kujá* 3PL dizer 3SG.F MS HAB mãe C:Fem

“Mas ... eles também conheciam a palavra de *Topẽ*, os *Kujás*”, ela dizia, a mãe’.

- “*Kỹ isa ti vatĩg kỹ ti ne kejẽn inh mỹ:*

então [1SG]MS 3SG levar então 3SG MS um dia 1p para

-“Aí quando eu levei ele um dia, ele me falou”:

-“*Topẽ nĩgé ki tovãnh, jakrĩn kỹ jã kỹ Topẽ mỹ to vĩ*”,

*Topẽ* mãos em deixar, soltar, largar ajoelhar-se então *Topẽ* para pedir  
*ke mỹr ti ham inh mỹ*”, *kujá ti, ke fi tỹ tĩ ham.*

dizer pois 3SG MD 1SG para *kujá* 3SG dizer 3SG.F MS HAB MD

-“Deixe nas mãos de *Topẽ*, ajoelhada peça a Ele, disse ele para mim, o *Kujá*”, ela dizia  
(contava) assim’.

(77.4) [J2] *Topẽ mỹ ag tỹ tavĩ, ke mũ.*

*Topẽ* para 3PL MS muito dizer PFV

‘Eles pediam a *Topẽ*’.

(77.5) [J3] *Ke ja fã tỹ nĩg.*

fazer (‘PST/ASP’) ‘coisa para fazer’ com/por IPFVN(*nĩgnĩ*)

‘Era assim’.

Esse trecho é uma reprodução parcial de uma conversa informal na qual uma das senhoras (K) se lembra de quando o filho de uma de ‘suas mães’ ficou doente e é o que ela conta inicialmente apontando a fala da mãe: a criança foi levada para um *Kujá* (‘aquele lá’) quando estava com sarampo. O menino já estava sem falar, não levantava mais...estava para morrer. Continua, então, contando sobre como as ‘mães delas’ antigamente pediam a *Topẽ*

pela cura dos filhos quando esses ficavam doentes e que os *kujá* conheciam *Topê*. O *kujá* para quem ela levou a criança para benzer pediu que ela ajoelhasse e pedisse pela cura do filho. A outra senhora que participava da conversa (J) confirma o que os Kaingang faziam nessas situações: ‘Eles pediam a *Topê*’ (em J2). E esta mesma pessoa finaliza com: ‘Era assim’ (em J3). Note-se que o verbo *ke* ‘fazer’ está marcado com *ja* para expressar esse final de fala. Algo que pode ser mais literalmente traduzido como: ‘se fazia dessa forma (dessa maneira), antigamente’; e, esse ‘assim’, ‘dessa maneira’, diz respeito ou se relaciona aos eventos anteriores relatados. Eventos esses que ocorriam em um momento anterior e que têm relevância ou se mostram relevantes para o enunciado presente. Nesse sentido, no momento desse enunciado, o marcador *ja* parece estar expressando mais uma dimensão aspectual, como uma espécie de Perfeito. Entretanto, não se pode descartar totalmente que seu uso também expresse uma referência temporal; pois nessa sentença, ele localiza eventos anteriores a esse momento no qual se está narrando, dando uma idéia de completude à fala. Em circunstâncias como estas, as dimensões temporais e aspectuais expressas pela utilização de *ja* estão muito proximamente interligadas.

### **3.5 Imperfectividade no Kaingang**

Imperfectividade contrasta com Perfectividade e como já citado, segundo Comrie (1976, p. 4) “olha a situação de dentro: a estrutura interna da situação”.

No Kaingang, a forma contrastiva do Perfectivo *mũ* é o Imperfectivo *tĩ*. Há ainda outras formas que podem ser utilizadas para assinalar perspectivas Imperfectivas e algumas são mais comumente encontradas em narrativas, relatos, discursos. Apresentarei posteriormente essas formas ao tratar de usos dos verbos posicionais/existenciais e de questões relativas à discursividade. Neste item faço uma opção em delimitar o assunto e apresento inicialmente como se expressa imperfectividade com o marcador *tĩ* e depois segue uma discussão de formas usadas em construções que possuem uma leitura progressiva ou ‘em andamento’ ou com um senso Presente.

### 3.5.1 A perspectiva Imperfectiva Habitual em Kaingang

*Tĩ* no Kaingang Sul é lexicalmente um Verbo de Movimento: ‘ir.SG e está envolvido na formação de um Imperfectivo Habitual na língua.

Comrie (1976, p. 25, 27) questiona algumas definições nas quais se considera ‘habitual’ como sendo essencialmente o mesmo que ‘iteratividade’, isto é, repetição da situação, a ocorrência sucessiva de ‘muitos exemplos’ de uma dada situação. Defende este autor que habitualidade difere de iteratividade:

Uma característica comum a todos os Habituais é descreverem uma situação que é característica de uma extensão de período de tempo, mas a ‘iteratividade’ pode ou não estar presente (COMRIE, 1976, p. 27).

Veremos na língua Kaingang que os exemplos arrolados corroboram essa noção de habitualidade não se confundindo com iteratividade, pois a perspectiva Imperfectiva Habitual pode apresentar um evento sob o ponto de vista no qual ele se repete em um dado período de tempo; mas esta repetição não necessariamente significa ‘iteratividade’, já que é a própria ocorrência do evento que é recorrente, e não o número de ocorrências do evento.

Minha dissertação de Mestrado (*Aspecto no Kaingang*), que abordou questões relativas aos marcadores aspectuais no Kaingang – ainda que não as tenha resolvido totalmente – com base em um *corpus* de sentenças elicitadas com contextualização, apontava o marcador de Aspecto *tĩ* tendo como uma de suas principais funções evidenciar a escolha do falante, ao apresentar uma informação, em uma perspectiva Imperfectiva Habitual.

Inicialmente e para efeito de ilustração e comparação, retomo alguns exemplos daquele trabalho.

Na sentença:

- (78) *Inh panh ta kusã ki jun tĩ, ti ãn ki.*  
1SG pai MS cedo em chegar HAB 3SG casa em  
‘Meu pai sempre chegava cedo na casa dele’. (Gonçalves, 2007)

a tradução apresentada, caracterizada por um predicado não-durativo (‘chegar’) com um adjunto durativo (‘sempre’), apresenta o evento sob o ponto de vista no qual ele se repete nesse dado período de tempo como um hábito. A repetição em questão não significa iteratividade; não é o evento que é intrinsecamente recorrente, mas sua própria ocorrência. É, pois, um evento veiculado sob a perspectiva Imperfectiva Habitual.

Em outras sentenças que sugerem habitualidade também há a ocorrência do marcador aspectual *tĩ*:

- (79) *Kyrũ vỹ prỹg kar mĩ ti panh mỹ ěpỹ han tĩ.*  
 rapaz MS ano todo ‘em’<sup>83</sup> 3SG pai para roça fazer HAB  
 ‘O rapaz fazia roça para o pai dele todos os anos’. (Gonçalves, 2007)

Em (79) o fazer ‘habitualmente’ a roça todos os anos não considera o número de ocorrências do evento, mas a recorrência do evento ‘fazer roça’.

- (80) *Inh régre fi vỹ vãfy hyn-han tĩ kurã kar ki.*  
 1SG irmã C:Fem MS artesanato fazer.PL HAB dia todo em  
 ‘Minha irmã fazia balaio (artesanato) todo dia’. (Gonçalves, 2007)

Note-se que no dado (80) há expressão da multiplicidade da ação na forma do verbo *hyn-han* (‘fazer-fazer’) e habitualidade expressa pelo uso do marcador aspectual ‘*tĩ*’.

- (81) *Inh régre fi ta kre hyn-han tĩ*  
 1SG irmão C:Fem MS balaio fazer.PL HAB  
*fi vëne ke jé.*  
 3SG.F vender fazer para  
 (a) ‘Minha irmã fazia balaio para vender’  
 (b) ‘Minha irmã faz balaio para vender’ (Gonçalves, 2007)

<sup>83</sup> O *mĩ* indica uma situação ‘interior a algo’, porém em movimento; em uma referência temporal, indica ‘ao longo de determinado tempo’.

Apesar de haver mais de uma tradução possível (**a** e **b**) do ponto de vista temporal, não se pode deixar de observar, entretanto, que ambas mantêm a noção de habitualidade. Como na sentença anterior (80), o verbo *hyn-han* (literalmente: ‘fazer-fazer’, sendo a forma do verbo *han* reduplicado) demonstra a multiplicidade da ação.

(82) *Kanhgág si ag ãmĩn han tĩ governo mĩ.*  
 índio antigo 3PL estrada fazer HAB governo para  
 ‘Os índios antigos abriram muitas estradas para o governo’. (Gonçalves, 2007)

(83) *Ëg krẽ ta merenda ko tĩ, escola ki.*  
 1PL filho MS merenda comer HAB escola em  
 ‘Nossos filhos comem a merenda na escola’. (Gonçalves, 2007)

(84) *Sa kãgunh mãg mĩr inh pi kron tĩ.*  
 [1SG]MS erva comprar mas 1SG MS:NEG beber HAB  
 ‘Eu comprei (uma) erva, mas eu não tomo (chimarrão)’. (Gonçalves, 2007)

Na sentença:

(85) *Kanhgág si ag ta ka tỹ pĩ han tĩ.*  
 índio antigo 3PL MS árvore, pau com fogo fazer HAB  
 ‘Os antigos sabiam fazer (faziam) fogo com ‘pauzinhos’’. (Gonçalves, 2007)

o evento é representado com o uso do marcador *tĩ* sob um ponto de vista no qual ele se repete habitualmente: o evento de ‘fazer fogo’, em um determinado período de tempo ‘os antigos, ‘naquela época deles...tinham como hábito...’. O mesmo vale para ‘abrir estradas’ pelos antigos índios (em 82); comer merenda (todos os dias) pelas crianças na escola (em 83) ou não ter o hábito de tomar chimarrão (em 84, onde também se pode ler em negativo: ter o hábito de não tomar chimarrão).

Ainda uma outra exemplificação interessante:

(86) *Kanhgág kófa ag ta ãprã nĩgnĩg tĩ.*  
índio velho 3PL MS chão sentar.PL HAB

‘Os índios velhos gostavam de sentar no chão’. (Gonçalves, 2007)

onde a tradução lança mão do termo ‘gostar’, embora não o encontremos expresso na frase original Kaingang. O que dá a idéia de algo que é recorrente, habitual, é o uso do marcador *tĩ*.

Estas exemplificações demonstram que, diferentemente do apresentado em Wiesemann (2002, p. 156), o marcador *tĩ* está expressando, ao ser utilizado pelos falantes Kaingang, uma perspectiva Imperfectiva apresentando eventos ‘habituais’.

Retomemos, então, exemplificações desse marcador nos dados mais recentes em contextos discursivos e que corroboram a aceção demonstrada em 2007.

Bybee et alii (1994, p. 126) citam que formas Imperfectivas são tipicamente usadas em discursos para criar ‘situações de fundo’ (*background situation*). Em contextos discursivos, isso pode ser observado no Kaingang. Abaixo apresento um trecho evidenciando o uso do Aspecto Habitual e chamo a atenção para essa ‘situação de fundo’ criada com o uso da forma imperfectiva. Duas senhoras Kaingang de Nonoai (RS) - numeradas como (01) e (02) - ao dar continuidade em uma conversa, passam a falar sobre algo que o filho de uma delas perguntou, quando pequeno, para a avó (uma das mães delas). Os parágrafos numerados facilitarão a discussão posterior. A tradução interlinear é da minha auxiliar Kaingang<sup>84</sup>, mas adiante comento alguns aspectos dela.

(87)

(01.1) (...) - “Vovó! *Ãg ser... ãjag vãsỹ ãjag kaga kỹ, ãjag hãre tĩ*”.  
vovó 1PL assim 2PL antigamente 2PL doente então 2PL QU HAB  
-“Vovó, nós... Vocês antigamente quando ficavam doentes como faziam?”

---

<sup>84</sup> Para facilitar a leitura em alguns enunciados acrescentei também uma tradução mais literal.

(01.2) *Fi ny kã tỹvĩn ěg tỹ tĩ.*

3SG.F rir então muito 1PL MS HAB

‘Nós rimos muito dela’. (ou: ‘Nós ríamos muito dela’)

(01.3) -“*Ěg kaga kỹ ěg tỹ Topẽ mỹ tó tĩ*”, *ke fi tỹ tĩ* (risos...).

1PL doente então 1PL MS *Topẽ* para contar HAB dizer 3SG.F MS HAB

[nós (quando) doentes, nós contamos (habitualmente) para *Topẽ*, dizia ela (habitualmente)]

-“Quando ficamos doentes nós contamos para *Topẽ*”, ela disse. (risos...)

(02.1) -“*Inh mỹ ven tỹvĩn fi nĩm (ne mũ) vé*”, *ke tỹ tĩ*. (risos...).

1SG para mostrar muito 3SG.F (MS/PFV) apenas dizer MS HAB

[somente (para mim) ela muito ‘mostrou’, dizia (ele) (habitualmente)]

-“Agora ela mostrou para mim”, diz ele. (risos...)

(02.2) (...) -“*Mỹnh fag ne tỹ hãra ser vãsỹ Topẽ mỹ tó tĩ*”,

mãe 3PL.F *diz que* mas assim antigamente *Topẽ* para contar HAB

*ke fag tỹ tĩ.*

dizer 3PL.F MS HAB

[as mães, diz que, mas assim, antigamente contavam (habitualmente) para *Topẽ*, diziam elas (habitualmente)]

-“As mães antigamente já contavam para *Topẽ*, diziam elas”.

(01.4) *Ěg Topẽ ki kagtĩg ra ěg tỹ Topẽ tỹ ěg ve-j ke tĩ*

1PL *Topẽ* não saber/ignorar apesar de 1PL MS *Topẽ* MS 1PL ver.FUT fazer HAB

*ham, ón kỹ.*

MD ‘contar’ então

[apesar de não conhecer nosso *Topẽ*, nós para *Topẽ* ‘falamos’ (que) ‘cuidará’ de nós (‘fará nos ver’)]

‘Mesmo sem conhecer o nosso *Topẽ*, nós dizemos (dizíamos): ‘*Topẽ* nos guarde (guardará)’’.

Observa-se neste trecho citado o discurso polifônico: muitas vozes (em muitos momentos) aparecem no mesmo parágrafo. Várias referências dizem respeito a contextos citados anteriormente e que o enunciador pressupõe que eu, como ouvinte, lembre do que já foi contado ou saiba sobre o que ele está falando.

Assim, no enunciado (01.1), como já mencionado, a senhora retoma uma fala do filho quando pequeno ao perguntar para a avó como faziam ao ficarem doentes. A presença do *tĩ* faz com que o sentido pretendido na pergunta fosse algo como: ‘antigamente o que / ou como vocês faziam *habitualmente* (*normalmente*) quando estavam doentes’?

Já em (01.2) há certa inversão na ordem da narrativa, antecipando a reação delas ao que será dito no parágrafo posterior; pois elas, naquele tempo..., quando essa mãe delas falava sobre esse assunto...elas ‘riam dela’, ‘achavam graça’ - quando ‘a avó’ respondia o que se segue em (01.2). A presença do *tĩ* coloca a possibilidade do enunciado ser assim traduzido: ‘Nós *ríamos* muito dela’, mostrando o interlocutor se colocando, se localizando naquele momento de evento lembrando sua reação lá, e possivelmente ao fato de que esse “ríamos” deve fazer referência não apenas àquela conversa, naquele dia, mas a conversas repetidas, a outros momentos nos quais provocavam a avó com esse ou outros assuntos “dos tempos antigos”, que as faziam rir a respeito do que a avó contava, ou da forma como ela contava. Entretanto, o enunciado não deixa de marcar que isso era também algo habitual (indicado pelo *tĩ*), já que o que ‘essa mãe’ delas falava era algo anteriormente dito para ela e que já acontecia em outros tempos: ‘as mães contavam para *Topẽ* quando ficavam doentes...’. Isso está apontado no enunciado (02.2) com o uso de uma construção evidencial *ne tỹ diz que* colocando no contexto a informação que, provavelmente também foi ouvida (pela ‘avó’) de ‘suas mães’ (e aí talvez se explique a utilização do pronome de 3ª pessoa feminino plural *fag* ‘elas’), daquilo que era recorrente, habitual: “Diz que as mães antigamente já contavam para *Topẽ*, diziam elas”.

Finalmente, em relação ao enunciado (01.3), que traz a resposta da avó, observamos a presença do marcador aspectual *tĩ* duas vezes: na própria resposta referida, e na conclusão da narradora. Na fala da avó simplesmente confirma a habitualidade da situação: “quando ficamos doentes, contamos a *Topẽ*”. Com respeito à conclusão da narradora, o que se observa é um deslocamento da temporalidade para o momento do

evento verificada a partir da formulação fornecida por falantes nativos do Kaingang, ao traduzirem *ke fi tỹ tĩ* por ‘ela disse’, ao invés de ‘ela dizia’ (tradução esta que melhor transporia, para o Português, a idéia de imperfectividade e habitualidade expressa pelo *tĩ*). Podemos entender que, sendo uma narrativa de fatos passados, e sendo a tradutora uma professora, buscou o tempo verbal, em Português, que mais adequadamente expressaria a perspectiva de um narrador em tal situação. Isso não nos impede de atentar à formulação empregada em língua indígena, observando nela o emprego de *tĩ*, e indicar que uma tradução também possível, e mais literal, seria “*ela dizia*”.

Retomando, então, as exemplificações, seguem-se outros enunciados nos quais também a presença do marcador aspectual *tĩ* responde pela perspectiva habitual.

Neste outro trecho abaixo (exemplo (88)) se pode verificar esse mesmo uso de *tĩ*. É um relato pessoal no qual uma senhora (TK) Kaingang de Nonoai conta como aprendeu a fazer balaios. O que se nota é que as perspectivas Imperfectiva e Habitual da narrativa estão dadas pelo marcador aspectual *tĩ* (os trechos estão em sequência de (a) a (e) para facilitar a discussão):

(88)

(a) *Hãra inh nĩ kejẽn posto tá, nĩ-j*

mas 1SG MS um dia posto LOC:lá permanecer, ficar.SG.FUT

*tĩ mũ ser ham (...)*

ir.SG PFV assim MD

‘Mas um dia eu fui morar lá no posto’.

b) *kỹ inh ne ser, sỹ tia Verda fi hã mré*

então 1SG MS assim [1SG]MS tia Verda C:Fem ênfase<sup>85</sup> junto/com

*vãn kan tĩ tĩ,*

taquara ‘cortar pedaços longos’ ir.SG HAB

‘Então eu ... eu ia buscar taquara com a tia Verda (...)’

<sup>85</sup> Apesar de ser traduzido normalmente como ‘igual / parecido’, o sentido aqui de *hã* é algo mais propriamente para um enfático no discurso: ‘é com ela mesma’ - há uma especificação da pessoa citada.

(c) ... *hãra fi panh tỹ ěg mỹ*: “*ãjag vãgfyn kỹ ija jag mỹ*  
então 3SG.F pai MS 1PL para 2PL trançar então [1SG]MS 2PL BNF  
*génh*<sup>86</sup> *kỹ tĩg*”, *ke tĩ*.  
levar então ‘andar’ dizer HAB

‘... e o pai dela dizia para nós: “se vocês fizerem balaios eu levo para vocês”’.

(Lit: ‘Então o pai dela dizia para nós: vocês trançarem (ou, trançando), eu vou levar para vocês’).

(d) *Kỹ ěg tỹ ti mỹ hynhan tĩ ser, ke inh nĩm (ne mü)*.  
então 1PL MS 3SG para fazer.PL HAB assim dizer 1SG (MS+PFV)

‘Então nós fazíamos para ele’.

(e) *Kỹ tỹ kejẽn jun ke tĩ, kusãki, kỹ tỹ*  
então MS às vezes chegar fazer HAB de manhã então MS

*ser “fia... ãjag vãfy mỹ kynkar ser,*  
assim filha 2PL artesanato QU prontos assim

*isỹ ãjag mỹ ón*<sup>87</sup> *kỹ ã gégťg jé*”, *ke tĩ*.

[1SG]MS 2PL para ‘experimentar’ então INDF levar para dizer HAB

‘Então às vezes de manhã ele chegava (aparecia) e perguntava: “filha ... os balaios de vocês já estão prontos, para eu tentar levar algum para vocês?”’, ele dizia’.

Inicialmente é preciso notar que o *tĩ* presente em (a) é verbo ‘ir’ e não Aspecto. Assim também em (b) o primeiro *tĩ* é verbo. Já o segundo *tĩ*, no final da oração, expressa a habitualidade da situação (traduzida, ao Português, pelo uso do Imperfectivo: “*ia*”). A construção do enunciado em (c) mostra a fala do pai da tia Verda que ‘dizia’ para elas que ‘se elas fizessem os balaios, ele levaria para vender’. Expressa, pois, uma fala recorrente, por isso ‘ele dizia’.

Pode-se perceber que isso era habitual pelo uso de *tĩ* em (d): ‘então nós fazíamos (habitualmente)... - o verbo *hynhan* ‘fazer’ (reduplicado, indicando a pluralidade da ação: fazer muitos balaios) é que está marcado. Neste enunciado há novamente a posição

<sup>86</sup> *Génh* = levar várias coisas / *vyn* = levar uma coisa.

<sup>87</sup> *Ón* aqui aparece no sentido de ‘experimentar’ = que ele experimentaria, tentaria levar para vender.

de quem fala deslocada para o momento do evento. Apesar de não traduzido pela minha auxiliar de transcrição, o final da enunciação com *ke inh nĩm* ‘eu disse’ mostra que ela responde para o tio e aqui não explicitamente há algo mais ou menos como uma continuação em resposta à fala dele, em um enunciado indireto: ‘(eu disse) que nós iríamos fazer para ele’.

Também fechando este trecho de narrativa, o enunciado (e) está evidenciando a expressão de habitualidade na ocorrência dos eventos relatados: ‘o pai (da tia Verda) aparecia (resultado de *jun* ‘chegar’ + *ke* ‘fazer (‘ação de’)’ = ‘aparecer’) às vezes, de manhã, perguntando se os balaios delas já estavam prontos para ele levar... era isso que ele dizia’.

Uma outra exemplificação interessante é (89), abaixo, na qual o Aspecto *tĩ* está marcado morfológicamente para Tempo Futuro - *tĩj* e ainda se mantém a idéia de habitualidade:

(89) *Kỹ ser genho ta ser, kusã ki ser inh panh ta*  
então assim engenho MS assim de manhã cedo assim 1SG pai MS  
*genho ãn to ser monh vin tĩ-j,*  
engenho DEM em direção assim boi colocar.PL HAB.FUT  
*ha isa kinhra sĩ tỹ tĩ-g.*  
agora [1SG]MS saber pequeno com HAB.PST

‘Então o engenho, de manhã meu pai colocava os bois no engenho, lembro um pouquinho’ (tradução dada por minha auxiliar de transcrição).

Uma tradução mais ao pé do texto será:

‘Então no engenho [moenda], de manhã cedinho meu pai ia colocar os bois naquele engenho, lembrei um pouquinho’.

Nesse dado (89) *tĩj* mostra que, sempre que ele usava a moenda, sempre que ele fazia açúcar, isso começava bem cedo. Já o *tĩg* (no final) é Habitual também, porém assinalando algo como: ‘eu estava lembrando, lembrei um pouquinho’. Bybee et alii (1994, p. 140,141) afirmam que “habitualmente ocorrem situações que podem ser vistas como

simultâneas com o Momento da Fala se o Momento da Fala está incluído no período de tempo que é caracterizado pela ocorrência da situação habitual”. Citam ainda que “estados podem ser descritos como em vigência durante o Momento da Fala”; e também que “situações genéricas são frequentemente consideradas como atemporais porque se mantêm durante todo o tempo, mas elas ainda podem ser consideradas como vigentes no Momento da Fala” (Ibid., p.141). Então, a utilização da referência passada ao utilizar *tĩg* parece se relacionar mais ao processo narrativo.

Já no exemplo abaixo, o Momento da Fala está incluído no período de tempo no qual há a ocorrência da situação habitual. Esse enunciado mostra minha auxiliar de transcrição de campo introduzindo a conversa com a tia, a quem nós estávamos visitando, dizendo o que fazíamos juntas. A utilização do habitual está em uma referência temporal Presente:

(90) *Ēg vĩ ki ija fi kajrãn sĩ han tĩ gé,*

1PL língua,palavra em [1SG]MS 3SG.F ensinar pequeno fazer HAB também

*kỹ fi tỹ vãnhkajaj inh kajrãn tĩ gé,*

então 3SG.F MS ‘em troca’ 1SG ensinar HAB também

*ẽg vĩ to vãhrãn tag ti ham.*

1PL língua escrever DEM 3SG<sup>88</sup> MD

‘Eu ensino ela um pouco em nossa língua e em troca ela me ensina um pouco [como escrever sobre a língua] também’.

Como se pôde observar nestas exemplificações da língua Kaingang do Sul em contextos discursivos não há iteratividade expressa pela presença do marcador *tĩ* nos enunciados, o que demonstra que a expressão de habitualidade pode diferenciar-se de iteratividade.

---

<sup>88</sup> Nesse caso, *ti* parece estar sendo utilizado mais como enfático.

### 3.5.2 Imperfectivo, Presente e Progressivo: uma discussão para a língua Kaingang

Dado o caráter Imperfectivo do senso Presente e de situações ‘em andamento’ ou progressivas, se faz necessário verificar como referenciar outras formas que são usadas em situações imperfectivas na língua Kaingang.

Bybee et alii (1994, p. 140-141) afirmam que “situações que são simultâneas com o Momento da Fala (e, portanto, presente) podem ser de diferentes tipos aspectuais. Situações presentes podem ser vistas como atividades progressivas que estão acontecendo no Momento da Fala”.

Esses autores (1994, p.125-126) também citam que

Em termos mais concretos, uma situação imperfectiva pode ser vista como em progresso em um ponto particular de referência, seja no passado ou no presente, ou vista como uma característica de um período de tempo que inclui o tempo de referência, isto é, uma situação habitual.<sup>89</sup>

E continuam, afirmando que

Imperfectivos podem ser aplicáveis a tempo passado, presente ou futuro, como em Russo, ou mais comumente restrito ao passado, como por exemplo, os Imperfeitos do Espanhol e do Francês, que abrangem tanto situações em progresso como habituais, mas somente no passado. Um Imperfectivo restrito ao presente é um simples presente, já que uma situação presente não pode ser perfectiva (Ibid, p.126).<sup>90</sup>

Todavia a discussão de Bybee et alii (1994) se prolonga em relação a ‘senso presente’, pois consideram difícil ver o que se chama de Tempo Presente como Tempo, isto é,

---

<sup>89</sup> No original: “In more concrete terms, an imperfective situation may be one viewed as in progress at a particular reference point, either in the past or the present, or one viewed as characteristic of a period of time that includes the reference time, that is, a habitual situation”.

<sup>90</sup> No original: “Imperfectives may be applicable to either past, present, or future time, as in Russian, or more commonly, restricted to the past, as for instance, the Imperfects of Spanish or French, which cover both ongoing and habitual situations, but only in the past. An Imperfective restricted to the present is simple present, since a present situation cannot be perfective”.

como tendo principalmente dêitica referência temporal. O que presente abrange são vários tipos de situações imperfectivas com o momento da fala como ponto de referência (Ibid, p.126).<sup>91</sup>

Mesmo considerando que situações imperfectivas e referência temporal de ‘presente’, em muitos casos, coincidem, em Português (pelo menos) se pode pensar em circunstâncias expressas em Tempo Presente, mas que podem incluir uma perspectiva Perfectiva como, por exemplo, em: ‘Ele está falido!’ (a pessoa realizou um mau negócio!) – a situação expressa no Momento da Fala apresenta um ponto final.

Mas concordo com os autores que se um morfema gramatical é restrito a Presente, apesar de predominantemente expressar uma situação Imperfectiva, ele está mais relacionado a um sentido de Presente do que a uma referência aspectual.

Em Kaingang as formas *nĩ*, *nỹ* e *jẽ*<sup>92</sup> são originalmente verbos ‘posicionais’ (ou ‘posturais ou locativos’); respectivamente ‘sentar’ (estar sentado)<sup>93</sup>; ‘deitar’ (estar deitado); ‘estar em pé’. Em algumas línguas, verbos locativos tendem a se gramaticalizar em ‘existenciais’<sup>94</sup>. No Kaingang também se sugere essa possibilidade, já que gramaticalizações dos ‘verbos posicionais’ (como prefiro me referir a eles) ocorrem na língua com esse uso. Ainda as formas originárias principalmente dos verbos posicionais *nĩ* e *jẽ* têm sua ocorrência observada em enunciados lidos como situações ou eventos Imperfectivos.

Bybee et alii (1994, p. 128 e 129 - Table 5.1: ‘Lexical sources and Mode of Expression of Progressives’) mostram que a maioria das formas progressivas, em seus dados, deriva de expressões que envolvem elementos locativos; por exemplo, em línguas Cocama, Basca, Jívaro, Ngambay, Dakota, dentre outras.

E ainda ao reportarem que locativos são fontes lexicais frequentes para progressivos, citam que Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, apud Bybee et alii 1994, p.

---

<sup>91</sup> No Original: “...as having to do primarily with deictic temporal reference. What present covers are various types of imperfective situations with the moment of speech as the reference point”.

<sup>92</sup> Também o verbo *sa* ‘pendurar’ (‘estar pendurado’). No entanto, deixarei as exemplificações com *sa* para o capítulo 5, no qual mostro os diferentes usos dos ‘posicionais’ na língua.

<sup>93</sup> Também homófono e homógrafo com a forma do verbo ‘permanecer, ficar’.SG – *nĩ*.

<sup>94</sup> Aikhenvald, (2003, p.296 – nota 29) sugere: “see Goddard (1996) on difficulties of distinguishing existential from locational meanings of Enga classificatory verbs, since locative verbs tend to grammaticalize into existentials.”

129) mostram mais de cem línguas africanas com fontes locativas para *grams* (na nomenclatura dos autores) progressivos. “A noção de locação ou localização pode ser expressa empregando verbos auxiliares ou usos de posições ou preposições. Os auxiliares verbais podem derivar de um específico verbo postural como ‘sentar’, ‘estar em pé’ ou ‘deitar’; ou expressar a noção do ser em uma locação sem referir-se a uma específica postura” (Bybee et alii 1994, p.129).

Ainda, a partir da sua teoria geral de gramaticalização, Bybee et alii (1994, p.127) concluem “que podem predizer que progressivo é um senso que ocorre antes nos processos de gramaticização e então, pode desenvolver-se em significados mais gerais. Há evidências histórico-comparativas em línguas Turcas, Dravidianas e Célticas; assim como em dialetos Yoruba, que mostram construções com significados progressivos que se desenvolvem em presentes ou imperfectivos”.

Já que a ocorrência de *nĩ* e *jẽ* (em alguns casos, também *nỹ*<sup>95</sup>) na língua Kaingang pode ser observada em Tempo Presente ou em contextos ‘em andamento’ (ou ‘em curso’ ou progressivos); portanto, situações consideradas ou lidas como imperfectivas; se faz necessário mostrar como essas formas ocorrem na língua e se estão operando em diferentes níveis de gramaticalização<sup>96</sup>. De maneira sintética, as questões que emergem, então, são:

i) esses morfemas gramaticais são formas explícitas de progressivo e que se desenvolvem também para marcar situações presentes e imperfectivas?;

ii) ou eles não se encaixam nessas classificações e uma referência mais genérica que os consideraria como Imperfectivos seria o mais adequado? A partir das conclusões após a verificação dos dados, ainda se faz necessário discutir a diferença entre utilizar uma ou outra forma gramaticalizada.

É sobre essas indagações a discussão que se segue.

---

<sup>95</sup> Observo que as formas gramaticalizadas decorrentes do posicional *nỹ* provavelmente percorrem outros caminhos e há também usos não Imperfectivos. Neste item, aponto a questão ao final, mas retorno a esse assunto no capítulo 5.

<sup>96</sup> Ressalto que no capítulo 5 referente a verbos posicionais/existenciais farei uma discussão mais detalhada das funções que *nĩ*, *jẽ* e *nỹ* podem assumir (inclusive sentidos modais ou evidenciais que podem expressar) e que não estou apresentando por questões metodológicas. Nesse item trato mais especificamente de seus usos com perspectivas imperfectivas, embora os sentidos mencionados possam ser verificados, mas insisto que não trarei essa discussão completa neste momento.

Se olharmos somente para os exemplos (91) a (94) abaixo, poderíamos apressadamente dizer que o uso de *nĩ*, *nỹ* ou *jẽ* está associado a situações ‘em andamento’ ou estão sendo utilizados para explicitar uma forma progressiva na língua:

(91) *Ĩn kãtá fi tỹ ěgnénh jẽ / nĩ.*

casa LOC 3SG.F MS cozinhar POSIC:em pé/ sentado

Traduzido como: ‘Ela está cozinhando lá dentro da casa’ (em pé / sentada).

(92) *Maria tỹ vėnhkype jẽ.*

nome MS tomar banho POSIC:em pé

‘Maria está tomando banho’.

Literalmente: ‘Maria está tomando banho em pé’.

(93) *Nãn tỹ pũn nỹ.*

mato MS queimar POSIC:deitado/horizontal

‘O mato está queimando’.

(94) *Rěkěnh han kỹ ki tun jé, hãra tỹ inh mỹ kutě-j ha nỹ.*

à tarde fazer então em carregar para mas MS 1SG para chover.FUT agora POSIC:deitado

‘É tarde para carregar nele, mas parece [lit. ‘para mim’ = “eu acho”] que já vai chover’. (A pessoa se referia a carregar a carroça com o milho colhido)

Esses marcadores assinalam a posição ou localização espacial do Sujeito ou Objeto a que se referem e nesses casos não estão utilizados como verbos, por isso estão sendo tratados como ‘Posicionais’. Veremos posteriormente que, dependendo do contexto, seu uso carrega também implicações semânticas modais e evidenciais. Apenas estou adiantando aqui parte de uma apresentação futura, porque gostaria de chamar a atenção neste item para os casos citados acima nos quais eles estão sendo usados em situações com perspectivas imperfectivas. Entretanto, esses morfemas gramaticais podem ser eles mesmos os responsáveis por assinalar a imperfectividade da situação – como em (95) e (96), por

exemplo, em que há a ocorrência do Posicional e depois a forma que explicita Imperfectivo:

(95) *Fi tỹ horta han jẽ nĩ.*

3SG.F MS horta fazer POSIC: em pé IPFV

‘Ela está fazendo horta’.

(96) *Isỹ ãn han jẽ nĩ.*

[1SG]MS casa fazer POSIC: em pé IPFV

‘Eu estou construindo (levantando) a casa’.

Note-se que os enunciados acima podem ser realizados apenas com a marcação do Imperfectivo *nĩ*, como se vê em (97) e (98) respectivamente:

(97) *Fi tỹ horta han nĩ.*

3SGF MS horta fazer IPFV

(98) *Isỹ ãn han nĩ.*

[1SG]MS casa fazer IPFV

porém a tradução de ambos se mantém: ‘Ela está fazendo horta’/ ‘Eu estou construindo a casa’. Nesses casos o que não temos é a informação de como está o posicionamento espacial da pessoa/objeto; que, na verdade, é uma informação visual dada pelo falante (veremos isso posteriormente). Se a idéia fosse de eventos que têm regularidade: ‘Ela faz horta’ (faz sempre, regularmente) ou ‘Eu construo casas’; os enunciados teriam a presença do habitual *tĩ*:

(99) *Fi tỹ horta han tĩ.*

3SGF MS horta fazer HAB

(100) *Isỹ ãn han tĩ.*

[1SG]MS casa fazer HAB

Retomemos, porém, o foco da discussão. Se olhássemos apenas para os exemplos acima, a conclusão já mencionada seria que as formas *nĩ*, *jẽ*, *nỹ* (neste uso) estariam mais propriamente ligadas à formação de um Progressivo na língua. Porém, outras construções são passíveis de serem utilizadas no Kaingang para expressar situações ‘em andamento’ ou assinalando um sentido de ‘presente’. Vejamos outros dados.

Já mostrei, por exemplo, que construções com ‘verbos de movimento’ em contextos futuros podem ter uma leitura simultânea ao momento presente (ou muito próximo deste); ou, uma leitura de algo ‘em progresso’. Um exemplo é o de número (59) que apresento novamente em (101) (lembrando aqui uma observação já feita: essas formas são mais frequentemente encontradas em falas coloquiais):

(101) *Ëg tỹ mũ nĩ*.

1PL MS ir.PL IPFV

que pode ser traduzido por: ‘nós iremos’ ou ‘nós estamos indo’. Em ambas as traduções é possível uma leitura de um evento em um Momento de Referência posterior ao Momento da Fala, embora seja muito próximo do Presente. Dependendo da circunstância, a fala se refere, por exemplo, a ‘estamos indo agora (neste momento no qual estamos falando)’ ou, ‘estamos indo daqui a pouco’ (onde se está muito próximo do momento presente, mas ainda o evento ocorrerá em um momento posterior à fala). Note-se que tanto a idéia de simultaneidade quanto de sequencialidade do ‘ir’ – estamos indo agora, nesse momento em que estou falando ou estamos indo depois (por exemplo, ‘quando você sair’) – traduzem um ‘em andamento ou em curso’. Entretanto se pode ainda ter leitura somente do evento Futuro: ‘iremos’. E esses sentidos dependem do contexto discursivo para serem definidos. Uma outra observação é que os verbos de movimento, por sua própria natureza, já criam certo deslocamento; que se traduz, muitas vezes, nessa situação ‘em progresso’.

Note-se ainda que se retirarmos o Imperfectivo do enunciado acima, a tradução se mantém, o que mostra que não é necessariamente a presença de *nĩ* que marca a situação ‘progressiva’:

(102) *Ēg tỹ mũ.*

1PL MS ir.PL

‘Nós iremos/ nós estamos indo’.

Uma outra construção com distintas leituras é quando se utiliza ‘verbos de movimento’ juntamente com a presença do Perfectivo *mũ*, que pode resultar diferentes traduções; as quais podem ou não expressar um evento em progresso:

(103) *Kỹ ija tĩ mũ.*

então [1SG]MS ir.SG PFV

‘Então eu fui’ ou ‘Então eu estou indo’

Da mesma forma, em alguns contextos nos quais há a utilização do marcador *vẽ* como contrafactual, se pode interpretar uma construção progressiva. Um exemplo está em (104):

(104) *Ti tỹ han vẽ, hãra pi ki kro mũ.*

3SG MS fazer CTF mas MS:NEG direito,acertado,caber bem PFV

‘Ele está fazendo, mas não deu certo’.

Note-se que, nesse caso (104), o contrafactual *vẽ* aponta que o que se está fazendo ou o que foi feito é aquilo que não foi bem sucedido. Então, poderia também ser traduzido: ‘Ele fez, mas não deu certo’, pois o evento pode estar já concluído; no sentido, por exemplo, de que o que foi feito não saiu exatamente como pretendido e, apesar de finalizado, pode não ser útil/utilizável ou não ficou como o esperado!

Para o exemplo (105) abaixo,

(105) *Gĩr vỹ kanhir nĩ nĩ.*

criança MS brincar POSIC:sentado IPFV

‘A criança está brincando’.

voltemos nossa atenção para as duas ocorrências do morfema *nĩ*. O primeiro está sendo utilizado como um marcador existencial/posicional: ‘a criança está sentada’ (brincando)’. Já o segundo *nĩ* está sendo utilizado como um Imperfectivo. Mas a questão é que essa construção junto a verbos de processo estabelece um sentido de duração, ou seja, o evento está se estendendo em um período de tempo; daí a tradução de um evento ‘acontecendo’.

Assim também se apresenta em (106), no qual o verbo *nũr* ‘dormir’ com a ocorrência de *nỹ* Posicional ‘deitado’ e *nĩ*, como IPFV; traduz uma situação em progresso (uma perífrase) - ‘(quando estava) dormindo (deitado)’:

(106) *Vãnhmỹ ti nĩgé jetóg, taki.*

*diz que* 3SG *mão* *diz que* LOC:aqui

*Ti tỹ nũr kỹ, kynhmỹ rĩn kỹ hãn tỹ nỹn (nỹ nĩ),*

3SG MS dormir então ‘alto’ frente do corpo então assim 3SG POSIC:deitado+IPFV

[diz que na mão dele, então ele (estava) dormindo (desse jeito) deitado com a frente do corpo para cima]

*kỹ tỹ gen kỹ nỹn (nỹ nĩ) ha,*

então MS desse jeito,assim então POSIC: deitado+IPFV ‘agora’

[então ele estava deitado desse jeito (naquele momento)]

*hãra kre tỹ taki tĩ rã nỹtĩ ha, ...*

mas balaio MS LOC:aqui (‘ali’) HAB perto IPFV.PL ‘agora’

[mas havia perto (habitualmente) balaio ali]

*rãgró tỹ ki nỹtĩn (nỹtĩ nĩ nỹ), kuty tá.*

feijão MS LOC:em permanecer, ficar.PL+IPFV+DECL-ASSERT noite LOC:lá

[o feijão ficava ali, de noite]

‘Diz que foi na mão, aqui (mostrando a mão). Quando ele (estava) dormindo de barriga para cima, então ele estava deitado assim e os balaio ficavam perto dele; o feijão ficava ali, de noite’.

Veja-se que ainda nesse dado há outras marcações de imperfectividade, mas chamo a atenção para *nỹtĩ*, plural de *nĩ*<sup>97</sup> (utilizado com Sujeito ou Objeto no plural) e que

<sup>97</sup> Aqui cabe uma correção da minha parte, pois em trabalhos anteriores equivocadamente indiquei *nỹtĩ* como plural de *tĩ*.

responde pela marcação de imperfectividade em: *hãra kre tỹ taki tĩ ra nỹtĩ ha...* ‘tinha (habitualmente) balaios perto dele’ (a marcação de habitualidade está dada por *tĩ*).

Uma forma que pode ou não ter uma tradução progressiva ou em curso se observa na utilização da construção *ke mũ* – {verbo ‘fazer,dizer’ + Perfectivo}<sup>98</sup>. Em (107) como é uma narrativa em primeira pessoa é possível traduzir *ke inh nĩm* (na verdade, *ke inh ne mũ*) como: i) uma forma progressiva: ‘eu estou dizendo’; ii) uma forma passada: ‘eu disse’; ou iii) uma forma presente, não contínua (e talvez aqui o senso modal predomine em relação à expressão aspectual<sup>99</sup>): ‘eu digo (isso)’. O que contrasta com (108), uma outra situação narrativa na qual *ke mũ* somente pode fazer referência a um evento passado: ‘disseram’:

(107) *Kỹ ija mỹnh fi mré ón kỹ han kónãn<sup>100</sup> tĩ.*  
então [1SG]MS mãe C:Fem com ‘experimentar/tentar’ então fazer errando, estragando HAB  
*Ke ija tĩ. Ke inh nĩm (ne mũ). Fĩ tỹ (risos...)*  
fazer [1SG]MS HAB dizer 1SG (MS/PFV) ‘fim’ MS  
‘Então eu fazia com a minha mãe. Eu fazia isso. Eu estou dizendo (colocando) isso/eu digo isso (risos...)’. Fim (ou: É o fim.)

(108) *Hãra ag jetỹ ser kejẽn vãnhmỹ ag vãre ja ki ser,*  
mas 3PL *diz que* assim um dia *diz que* 3PL acampar NMLZ em assim  
[mas eles, diz que, assim um dia no acampamento deles]

*ti prũ fi jeta ser ã, ã fag mén ã vyn,*  
3SG esposa C:Fem *diz que* assim INDF INDF 3PL.F marido INDF carregar coisa comprida  
*gé jetóg ser ham*  
também *diz que* assim MD  
[alguém (diz que) a esposa dele, alguém carregou (‘roubou’) um marido, também (diz que) desse jeito]

<sup>98</sup> Essas construções com verbo ‘fazer,dizer’ mais o uso de Perfectivos ou Imperfectivos em finais de fala podem ser pensadas, dependendo do contexto, relacionando-se à expressão de modalidade: afirmando ou confirmando o que foi dito. Entretanto, em muitos momentos, refletem apenas um recurso discursivo.

<sup>99</sup> Dando ‘garantia ou confirmando’ a informação que está sendo dada, como citado na nota anterior.

<sup>100</sup> O sentido de *han kónãn* aqui é mais próximo de ‘ensaiar’, significando que ‘fazia, mas não saía perfeito’.

*Kỹ ag tỹ ser pětã jé, ke mũ ser jetóg (...).*

então 3PL MS assim correr para dizer PFV assim *diz que*

[então eles diz que disseram para correr]

‘Mas eles, diz que um dia no acampamento deles assim, diz que a esposa dele, assim alguém (alguém) roubou (carregou) um marido delas também, diz que’. Então diz que eles disseram para correrem’.

Ainda se observam enunciados que apresentam atividades ou eventos com um sentido visto como ‘em andamento’ (traduzido dessa maneira por uma professora Kaingang) dado contextualmente, sem nenhuma marcação aspectual, como se vê em (109) na segunda oração (note-se que há a utilização de *nỹ* com um sentido ‘completivo’, mas que não responde pela construção progressiva, inclusive com a possibilidade da tradução: ‘Naquele tempo a conversa dele já era desse jeito, para eles’):

(109) *Ag tỹ kurã ãn kã vĩ tỹ ge nỹ hamã.*

3PL MS naquele tempo palavra,discurso MS desse jeito,assim ‘completivo’ MD

*Kỹ ser ti tỹ rei ne Portugal nĩgê kãrã vỹ ser hamã.*

então assim 3SG MS rei de Portugal mão entrar MS assim MD

‘Naquele dia (naquele tempo) a conversa dele era assim (para eles). Então estava entrando nas mãos do rei de Portugal’.

(fonte: Texto Vãfy, 2002)

Então para a primeira indagação feita acima, se *nĩ, jê, nỹ* seriam marcadores de ‘progressivo’, os dados apresentados sugerem que não. Minha hipótese é que não há um morfema gramatical específico para marcar situações ‘em curso’ ou ‘em andamento’ na língua Kaingang; pois podem ser expressas de diferentes maneiras. Ao que parece, as circunstâncias nas quais se tem uma leitura ‘em andamento’ ou ‘em progresso’ são muito mais pragmáticas (dependem do contexto) do que dependentes de uma forma aspectual/modal marcada no enunciado.

Porém devido ao caráter Imperfectivo dos eventos expressos simultâneos ao Momento da Fala, uma questão fica pendente, já que não se pode esquecer que essas gramaticalizações são utilizadas também para expressar Imperfectividade. Então, se pode indagar se a utilização desses marcadores está explicitando senso aspectual ou sentido temporal (de Presente)? Ou ainda ambos? Para analisarmos isso é necessário mostrar se esses marcadores se restringem ou não a Tempo Presente. Voltemos aos dados.

Início apresentando novamente ocorrências de enunciados nos quais essas formas gramaticalizadas explicitam Imperfectividade com concomitância com Tempo Presente:

(110) *Grũ-pẽ tag vỹ mág nĩ, sĩnvĩ ti ta nĩ gé.*

*grũ-pẽ* DEM MS grande IPFV bonito 3SG MS IPFV também

‘O *grũ-pẽ* (tucano verdadeiro) é grande e também é bonito’. (Fonte: Selvino Kókáj, 2009)

A ocorrência de *nỹtĩ* – plural de *nĩ* nos exemplos (111) e (112) explicita Imperfectividade:

(111) *Hãra ãg kra pi kórég nỹtĩ ham,*

mas 1PL mão-de-pilão MS:NEG feio,ruim IPFV.PL MD

*ka kufy tag tỹ hynhan vã ham,*

madeira peso DEM MS fazer.PL ASSERT MD

*kréj mág ãn vã gé ham.*

pilão grande DEM ASSERT também MD

‘E nossas mãos-de-pilão não eram ruins, eram feitas de madeira pesada, eram pilões grandes também’.

(112) *Inh mré mũ ag tỹ e nỹtĩ.*

1SG com,junto ir.PL<sup>101</sup> 3PL MS muito IPFV.PL

‘Os que estão (os que andam/vivem) (eles) comigo são muitos’. (Fonte: Vãfy, 2002)

<sup>101</sup> Aqui *mũ* tem sentido semântico de ‘andar, viver’ (PL), mas está sendo utilizado como verbo, e não como marca aspectual.

Note-se, no entanto, que em (111) o contexto reporta um Momento de Referência anterior ao Momento da Fala: ‘eram’; já em (112) a pessoa que narra está citando a fala de outrem (em discurso direto) e em termos temporais, o Momento de Referência é coincidente com o Momento da Enunciação, como se fosse falado no ‘agora, nesse momento’.

Abaixo em (113) e (114) - dois enunciados, em sequência, retirados de uma conversa entre duas pessoas – utiliza *nỹtĩ* e *nĩ* como Imperfectivos para narrar fatos ‘passados’:

(113) *Ãn kã ěg tỹ kãsir ti nỹtĩ hãra ver,*  
naquele tempo 1PL MS pequenos 3SG:ENF IPFV.PL mas ainda  
*mỹnh fi tỹ inh mãn ge mỹr ver ãn kã ham.*  
mãe C:Fem MS 1SG carregar assim pois ainda naquele tempo MD  
‘Mas naquele tempo nós éramos bem pequenos ainda (...) a mãe me pegava no colo ainda’.

*Ën kẽ fi hẽ tỹ ver ã matĩ nĩ, ke isa mũ.*  
naquele tempo 3SG.F assim MS ainda 2SG levar (coisa-compacta) IPFV dizer [1SG]MS PFV  
‘Naquele tempo ela ainda te carregava no colo’.

No trecho reproduzido em (114) (numerado sequencialmente para facilitar) - o assunto é sobre os nomes das mães - são duas pessoas em um diálogo (marcadas como A e B). Primeiro vejamos o exemplo e depois os comentários:

(114)  
(01A) *Hỹ... ãn tũg<sup>102</sup> mũn hã ne vasỹ mỹnh fi tũg kar*  
sim INDF ‘(já) falecido’ quando desse jeito MS antigamente mãe C:Fem ‘faleceu’ depois  
*inh mỹ fi identidade vem mũ,*  
1SG para 3SG.F identidade mostrar PFV

<sup>102</sup> Neste exemplo, *tũg* está traduzido como ‘(já) falecido’, ‘faleceu’ ou ‘falecer’; no entanto, é possível, em alguns contextos, ser traduzido como verbo ‘abater, terminar, morrer’.

*hãra ên tỹ ke nĩn, Sijanỹ ti.*

mas DEM MS dizer IPFV+DECL-ASSERT (*nĩ nỹ*) *Sijanỹ* 3SG:ENF

‘Sim, aquele já falecido há tempos atrás, depois que a mãe faleceu me mostrou a identidade dela, mas estava *Sijanỹ*’.

(02B) *Mỹr ã mỹnh fi tũ kã kegé, mỹnh sĩ fi tũ kã kegé.*

pois 2SG mãe C:Fem falecer em também mãe pequeno C:Fem falecer em também

‘Mas no da sua finada mãe também, no da finada mãe *sĩ*<sup>103</sup> também’.

(03A) *Ha’, mỹ kã nĩ vã sỹ ki kagtĩg tỹ tĩ-g...*

não sei pois LOC:em IPFV ASSERT [1SG]MS não saber MS HAB.PST

‘Não sei, não sei se está (lá), não lembro mais...’.

(04B) *Kã hã tỹ nĩ nĩ gé ser gen kỹ*

então igual,parecido MS permanecer,ficar.SG IPFV também assim desse jeito então

‘Estava lá também então’.

(05A) *Hỹ hã tóg... kỹ Sijanỹ fag hẽ tóg.....*

sim assim MS então *Sijanỹ* 3PL.F assim MS

*kỹ ser inh panh mỹnh fi, jãvo ãg mỹnh*

então assim 1SG pai mãe C:Fem ‘ao contrário’ 1PL mãe

*fag mỹnh fi jyjy hã tóg mẽ hẽn.*

3PL.F mãe C:Fem nome parecido,assim MS QU: não é?<sup>104</sup> QU: será?

‘Sim... então elas são *Sijanỹ*...então assim a mãe do meu pai, não, o nome da mãe de nossas mães, não é?’

(06B) *Hỹhỹ...*

‘Sim, sim...’

<sup>103</sup> A expressão *mỹnh sĩ* (que às vezes também pronunciam falando em português, “mãe *sĩ*”) corresponde a uma irmã mais nova da mãe progenitora.

<sup>104</sup> Neste caso, segundo os falantes, o uso de *mẽ* tem o sentido de ‘pedir confirmação de alguém sobre aquilo que está sendo falado’.

As ocorrências de *nĩ*, que é o que aqui está nos interessando, aparecem em (03A) e (04B). Em (03A) *nĩ* é um Imperfectivo que está em um referencial de Tempo Presente, pois a pessoa cita o fato em primeira pessoa: ‘(eu) não sei se (o nome) está lá’. Já em (04B) há a presença de *nĩ* como verbo ‘permanecer, ficar’ e *nĩ* também como IPFV; no entanto, a citação é uma ‘resposta’ em referência passada: ‘estava (o nome) lá’ (no documento).

O que se vê é que não há restrição da utilização de imperfectividade com Tempos ‘não-presentes’. São mais utilizados em contextos lidos como Presentes ou Passados, embora possam também ocorrer em referências lidas como Futuro; mas nesses casos, os enunciados se traduzem mais em um senso de ‘acontecendo’ ou muito próximo do ‘presente’. Importa ainda ressaltar que eles não ocorrem em contextos tomados como habituais; lugar restrito ao uso do Habitual *tĩ*.

Respondendo, então, às indagações que ficaram pendentes, se pode dizer que parece mais plausível que *nĩ*, *jẽ* e *nỹ* em perspectivas imperfectivas são morfemas gramaticais que assinalam Imperfectividade. Como não se restringem a Tempo Presente e não se restringem à construção de um Progressivo na língua, penso que mais adequado é tratá-los de forma genérica, como Imperfectivos, somente.

Ressalto, no entanto, que *nỹ* tem ocorrência em contextos Imperfectivos nos quais está sendo empregado assinalando ‘posição’ ou ‘existência’. Sua utilização em outros contextos (como em 108 acima e em 114 a seguir) expressa um significado completivo, o que sugere que estamos diante de diferentes caminhos de gramaticalização. Geralmente nesse uso, a forma *nỹ* atribui adicionalmente um sentido de modalidade epistêmica ao enunciado. Voltarei a essa discussão posteriormente no capítulo 5. Entretanto, para concluir esse item, gostaria de apresentar e comentar um último exemplo ilustrativo.

Em (115), abaixo, temos dois enunciados que correspondem a duas falas de pessoas diferentes (A e B) que conversavam sobre o costume de ‘socar o milho no pilão’;

atividade essa que antigamente (quando eram mais jovens) realizavam sem problemas. No trecho transcrito abaixo, uma das senhoras diz que atualmente já não consegue realizar tal tarefa porque seus braços não são mais os mesmos, e a outra responde que, se fizessem isso hoje, não conseguiriam dormir (por causa da dor nos braços):

(115)

(A) *Ũri nĩgnó... (risos) ke nĩ nỹ inh, Marsa,*  
 atualmente braço dizer IPFV DECL-ASSERT 1SG Márcia  
*inh pi nĩgnó há ve nỹ ke gé ha.*  
 1SG MS:NEG braço bom apenas (PFV)DECL-ASSERT dizer também agora  
 ‘Hoje, os braços... (risos), eu digo (mesmo), Márcia, eu já não tenho os braços nada bons, digo’.

(B) *Nũr mã ãg tỹ kurãg, nũr mã kurãg.*  
 dormir ‘sem’ 1PL MS amanhecer dormir ‘sem’ amanhecer  
 ‘A gente amanheceria sem dormir, sem dormir’.

Lembro que as traduções são da professora e falante Kaingang que me auxiliou na transcrição. Nessa exemplificação há duas ocorrências de *nỹ*. A primeira (imediatamente após *nĩ*, que é um Imperfectivo) está glosada expressando modalidade epistêmica. Retornarei a esta questão em capítulos posteriores; no entanto, se faz necessário mostrar que aqui o uso de *nỹ* é muito mais modal que aspectual. Sua presença em (A) tem o sentido de afirmar, de dar maior confirmação, firmeza ou ênfase ao que está sendo dito. Assim também o segundo *nỹ*. Perguntei a um outro auxiliar Kaingang se em: “*inh pi nĩgnó há ve nỹ ke ge há*”, o *nỹ* poderia estar relacionado com braço (*nĩgnó*) – que é ‘longo’ e talvez aí tivéssemos um outro significado; mas sua resposta foi: “tem a ver com braço bom”. Insisti, então, perguntando a que mais se relacionaria, neste caso, o uso de *nỹ* e ele me respondeu: “fala com mais certeza”. No entanto, não podemos deixar de notar que apesar da utilização de *nỹ* confirmar nesse enunciado um fato (que hoje os braços (dela) não são bons!); ele carrega um sentido completivo (já não são nada bons!). O que temos resumidamente é que

se está explicitando um senso aspectual e também um senso de modalidade epistêmica (embora talvez se possa sugerir que seu uso modal – nesse exemplo – é o que está sendo pretendido evidenciar por parte do falante). Há ainda a possibilidade de que não importe primariamente aqui uma distinção modal/aspectual e que a utilização de *nỹ*, nestes contextos, explicita os dois usos. De toda maneira, o sentido aspectual evidenciado ou explicitado por *nỹ*, nesse contexto difere do significado expresso com a utilização de *nĩ* (claramente um Imperfectivo).

Em resumo, então, eventos ‘em progresso’ ou ‘em acontecendo’ na língua Kaingang Sul podem ser expressos de diferentes maneiras e sua interpretação (em muitos casos) é mais propriamente pragmática, ou seja, depende do contexto. Dadas as distintas construções que podem expressar essa perspectiva, parece plausível dizer que não há um morfema gramatical específico para marcar Progressivo na língua. Muito embora se admita que estes contextos possam também envolver um significado Imperfectivo ou de um Tempo Presente.



## Capítulo 4

### Modo e Modalidade no Kaingang Sul

#### 4.1 Introdução

Modo e Modalidade não são exatamente a mesma coisa. A caracterização linguística das noções de Modo e de Modalidade é complexa, porque elas podem ser expressas por várias e diferentes maneiras nas línguas do mundo: morfológica, lexical, sintática ou por entonação (BYBEE & FLEISCHMAN 1995, p.1-2). Tampouco são categorias facilmente definíveis e muitas vezes dependem do contexto em que estão inseridas para ser adequadamente descritas e interpretadas.

As informações de caráter modal são aquelas que se referem ao tipo de compromisso que o falante assume quanto à veracidade do que está sendo transmitido e como isso se interpreta nos enunciados linguísticos. A proposta, neste trabalho, é considerar a perspectiva modal de forma ampla, como operações linguísticas que se fazem sobre conteúdos proposicionais e que têm consequências nas relações entre falantes e ouvintes.

O objetivo prioritário neste capítulo é apresentar alguns significados gramaticais particulares que ocorrem neste domínio na língua. Mais precisamente estarei apresentando:

i) o significado ou função semântica de Modo assumida pelo morfema gramatical *ra* caracterizando uma situação hipotética ou meramente possível. Neste caso, o contexto sintático de *ra* é tipicamente o de construções do tipo “*se...então*”;

ii) a possibilidade de uma outra leitura para o morfema *ra* que, em contextos diferentes, pode ser encontrado na função de domínio dos atos de fala que implicam obrigação ou permissão, ou seja, uma modalidade orientada;

iii) o morfema gramatical *vẽ* em contextos nos quais é utilizado como um operador que exprime modalidade epistêmica: um assertivo;

iv) o morfema gramatical *vẽ* nos contextos nos quais é utilizado como ‘contrafactual’.

v) outras expressões de modalidade

No intuito de salientar o referencial teórico utilizado, relaciono brevemente os termos que poderão estar presentes neste texto. Outras considerações serão feitas quando necessárias.

De maneira geral, Bybee e Dahl (1989, apud BYBEE & FLEISCHMAN 1995, p. 2) citam que Modalidade é um domínio semântico, enquanto Modo é uma categoria formal de gramática nas línguas podendo ser diferentes *morfemas gramaticais*, tais como condicional ou subjuntivo; ou ainda categorias específicas da língua.

Quanto às formas de expressão de Modalidade, são sugeridas quatro em Bybee et alii (1994, p. 177):

- i) modalidade orientada para o agente (*agent-oriented*<sup>105</sup>);
- ii) modalidade orientada pelo falante (*speaker-oriented*);
- iii) epistêmica;
- iv) subordinante.

Estes autores (1994, p. 179) apontam que a modalidade orientada pelo falante (*speaker-oriented*) “significa a inclusão de todas as diretivas aplicáveis, bem como declarações nas quais o falante concede permissão ao destinatário”. Essa modalidade não relata a existência de condições do agente, mas sim permite que o falante imponha tais condições sobre o destinatário. Diretivos<sup>106</sup> incluem comandos, demandas, pedidos, súplicas, advertências, exortações e recomendações. Em seus estudos, os termos gramaticais utilizados para modalidade orientada pelo falante são: a) imperativo; b) proibitivo; c) optativo; d) hortativo; e) admonitivo; f) permissivo.

A modalidade epistêmica se aplica às asserções e indica a extensão que o falante está comprometido com a verdade da proposição. Probabilidade, possibilidade e certeza inferida são as expressões mais comuns desse tipo de modalidade.

---

<sup>105</sup> Para os autores (Ibid., p.177), “a modalidade orientada para o agente apresenta (reporta) a existência de condições internas e externas em um agente com relação à conclusão da ação expressa no predicado principal”. Pode ser expressa por meios gramaticais ou lexicais e algumas noções semanticamente específicas neste conjunto são: obrigação, desejo, possibilidade.

<sup>106</sup> Aqui os autores se utilizam do conceito presente em Lyons (1977, p.746): “directives are utterances which impose, or propose, some course of action or pattern of behaviour and indicate that it should be carried out”.

Encontram-se, entretanto, nas línguas do mundo, casos de polissemia no uso de operadores modais onde um mesmo operador (ou uma mesma forma) pode assumir diferentes domínios. Por exemplo, muitas formas utilizadas para expressar modalidade orientada pelo falante e epistêmica podem ser frequentemente usadas para marcar verbos em certos tipos de orações subordinadas (Ibid., p.180).

Ilari e Basso (2008, p. 328) sugerem para o Português, que ‘duas ou mais proposições podem estar vinculadas em um mesmo enunciado, interpretando-se por referência ao mundo real ou a vários mundos; e que um caso no qual há ocorrência com esta interpretação é o chamado período hipotético, ou seja, um tipo de estrutura de subordinação’.

Ao tratar de estruturas hipotéticas, Bybee et alii (1994, p. 208) demonstram que ‘*grams* que expressam possibilidade podem ser usados em *prótases* principalmente em condições de realidade, mas em alguns casos também em condições hipotéticas. Assim, um *gram* indicando possibilidade pode ser usado em *if-clauses*, desde que estas estabeleçam um mundo possível’.

Neves et alii (2008, p. 958) apontam para o Português que:

...nos períodos hipotéticos, a sentença de condição é chamada tradicionalmente de *prótase* ou ‘antecedente’ que se une a uma sentença-núcleo denominada *apódose* ou ‘consequente’. Entre o conteúdo da *prótase* (*p*) e o da *apódose* (*q*) instaura-se uma relação do tipo *condição para realização* → *consequência da resolução da condição enunciada* (em itálico no original).

Em outras palavras, a *prótase* expressa uma condição que pode ser realizada, não-realizada ou eventualmente realizada.

Adianto, entretanto que, devido às especificidades das línguas e, no caso aqui, da língua Kaingang, não pretendo me ater a uma classificação rígida, ou melhor, a certas divisões mais detalhistas ao tratar dos contextos condicionais ou hipotéticos; focando primordialmente minha apresentação no significado semântico ou pragmático que o enunciado carrega. Como se perceberá, obviamente nem sempre é possível fazer uma correlação unívoca com determinadas divisões teóricas estabelecidas para outras línguas.

Feitas, então, estas breves considerações, seguem-se nos próximos itens exemplificações que expressam domínio semântico de Modo e de Modalidade no Kaingang.

#### 4.2 *Ra* como Condicional ou Hipotético

Na língua Kaingang encontra-se *ra* que pode ser glosado em Português como ‘se’, que tem função gramatical de conjunção, e semanticamente expressa uma função modal em construções que apontam situações hipotéticas ou possíveis.

No entanto, existe um uso de *ra* como conjunção que não cumpre o mesmo papel. Começo apresentando exemplificações desse uso (são dados de GONÇALVES, 2007 - nos exemplos (116) a (119) a conjunção *ra* pode ser glosada em Português como ‘quando’, ‘mas’. No caso de (120), *ra* é preposição com sentido de ‘para’, ‘em direção a’):

(116) *Kyrũ ta tĩ ra kasor vỹ ti to kyr mũ.*

rapaz MS ir.SG quando cachorro MS 3SG para latir PFV

‘Quando o rapaz estava passando o cachorro latiu para ele’.

(117) *Isa fãnjãnja kã nỹ ra isóg ã ta prãr mã<sup>107</sup>.*

[1SG]MS sombra em ‘estar deitado’ quando [1SG]MS INDF MS gritar escutar

‘Quando eu estava descansando na sombra, escutei alguém gritar’.

(118) *Inh panh ta kusã sĩ ra nĩ<sup>108</sup> tĩ.*

1SG pai MS cedo pequeno quando sentar HAB

‘Meu pai levanta quando é cedinho’.

<sup>107</sup> Por uma questão dialetal se pode encontrar também *mẽ* com a mesma tradução.

<sup>108</sup> ‘Sentar’, nesse contexto é ‘acordar’, ‘levantar-se’.

(119) *Ti kurã ta jun tũ ra ta ter.*  
 3SG dia MS chegar não mas [3SG]MS morrer  
 ‘O dia dele não chegou, mas ele morreu’.

(120) *Cidade ra tĩg sór ne jẽnkamu tũ.*  
 cidade para andar querer MS dinheiro não (‘ter’)  
 ‘Eu queria ir para a cidade, não tenho dinheiro’.

No Kaingang, em outras situações que mostrarei a seguir, o contexto sintático de *ra* é tipicamente o de ocorrência de um ‘tipo’ de Subjuntivo, ou seja, orações subordinadas dependentes de conjunção ‘se’ (condicional ou hipotético).

Autores como Neves et alii (2008, p. 958) subdividem as construções condicionais em Português em três tipos:

- real/factual: dada a realização /verdade de *p*, segue-se, necessariamente, a realização/verdade de *q*,<sup>109</sup>
- irreal/contrafactual: dada a não realização/falsidade de *p*, segue-se, necessariamente, a não-realização/falsidade de *q*;
- eventual/potencial: dada a potencialidade de *p*, segue-se a eventualidade de *q*.

Como já mencionado anteriormente, não é uma preocupação e na verdade, talvez não seja realmente necessário estabelecer uma divisão desse tipo para a língua Kaingang quando se trata da utilização do morfema *ra* ao expressar essa referência modal. Entretanto cabem algumas observações a respeito disso. Podemos ver nos exemplos a seguir que, a depender do contexto em questão, aponta-se garantia da possibilidade de realização ou da verdade do que se encontra na *prótase* ou eventualmente uma possibilidade da realização ou do fato/evento ser verdade. Por isso, nas exemplificações destes contextos condicionais, estarei utilizando uma glosa genérica (COND = Condicional), mas chamando a atenção do leitor para estas possibilidades.

<sup>109</sup> Lembrando que *p* se refere a *prótase* e *q* a *apódose* (vide citação anterior).

Ainda uma outra observação pertinente é que os dados apresentados (a seguir) de (121) a (128) são de minhas pesquisas pessoais de 2006, 2007 e foram elicitados com contextualização. Outras exemplificações de *ra* com essa utilização nas narrativas e textos escritos recolhidos nos trabalhos de campo que fiz mais recentemente não são muito frequentes. Isso me faz pensar em duas situações: i) que essa forma de contextualização e de expressão hipotética não é atualmente muito utilizada pelos falantes; ou ii) que para expressar possibilidade ou probabilidade possam ter outros meios mais produtivos na língua. Cabe, entretanto, esclarecer que meu colaborador (e falante Kaingang) afirma que esse uso modal ainda se observa para o morfema *ra*. Por exemplo, um enunciado que ele utilizou para me dar uma exemplificação de um contexto condicional:

(121) *Isỹ ãn han há ra isỹ han tĩg mũ.*

[1SG]MS casa fazer bem COND [1SG]MS fazer ‘ir’ PFV

traduzido como: ‘Se eu soubesse fazer casa, eu iria fazer/eu faria’. E este meu colaborador ainda acrescentou duas coisas: 1) o sentido é de dúvida, porque não usou o *vẽ* (que veremos a seguir); 2) ao invés de *ra* posso usar *gen kỹ*, como mostrado em (122):

(122) *Isỹ ãn han há gen kỹ isỹ han tĩg mũ.*

[1SG]MS casa fazer bem assim, desse jeito então [1SG]MS fazer ‘ir’ PFV

O que nos interessa, então, é que quando se apresenta uma fórmula condicional em Português e o Kaingang a transpõe para sua língua usando *ra*, sinaliza que esse recurso é corrente.

Vejamos o que se apresentou nos dados com a forma gramaticalizada *ra*:

Observe-se (123):

(123) *Kófa fi ta kaga nỹ nĩ ra fi pi tĩg tĩ.*

velho C:Fem MS doente ‘deitado’ IPFV COND 3SG.F MS-NEG ‘andar’ HAB

‘Se a velha estivesse doente ela não andava’.

no qual a verdade de um conteúdo proposicional pode ser a garantia da verdade do outro - ‘se ela estivesse doente’, então ‘ela não andaria’; ainda que a referência se faça hipoteticamente. Mas podemos ainda ter uma leitura de possibilidade – se ela estiver doente (de cama, deitada), é possível que ela não esteja andando ou não possa andar.

Também em:

(124) *Sa tỹ Guarani nĩ ra sa hẽ tá nĩ-j mỹ*<sup>110</sup>.

1SG MS Guarani EXIST COND [1SG]MS lugar<sup>111</sup> permanecer, ficar.SG.FUT gostar de/querer  
 ‘Se eu fosse Guarani, eu gostaria de morar (de estar) em outro lugar’.

Nesse exemplo (124) há uma situação hipotética colocada e uma outra informação dada com o uso de *mỹ* ‘gostar de, querer’: além da referência de considerar um outro mundo possível, ou seja, ‘ser de outra etnia’, o falante faz uso da opção de marcar certo grau de comprometimento ou adesão a essa situação hipotética - ‘ele gostaria de morar em outro lugar’. Pode-se dizer o mesmo enunciado apenas concluindo a premissa expressa na *apódose*, ou seja, ‘se ele fosse pertencente a outro povo.... ele estaria em outra aldeia, em outro lugar’; como na construção abaixo apresentada por outro falante:

(125) *Isa ta guarani ra inh sóg ãmã ã tá nĩ-j tĩ mũ.*

1SG MS Guarani COND 1SG MS aldeia INDF LOC:lá permanecer, ficar.SG.FUT ir.SG PFV  
 ‘Se eu fosse Guarani, eu estaria (lá) em uma outra aldeia (ou: eu iria ficar...)’.

Em outra exemplificação encontramos:

(126) *Isa tag ki ěg ga ki jógjó ve ra isóg,*

[1SG]MS DEM LOC:em 1PL terra LOC:em papagaio ver COND [1SG]MS  
*vỹ inh mỹ há tĩ-j mũ.*  
 MS 1SG para bom HAB.FUT PFV

‘Se eu visse um papagaio aqui na nossa terra, seria muito bom para mim’.

<sup>110</sup> Esse *mỹ* não se confunde com a posposição ‘para’.

<sup>111</sup> ‘Lugar que não sabe onde’.

O exemplo (126) mostra que enunciados não se interpretam por referência apenas ao mundo real, mas a outros mundos possíveis (em outras palavras, a outro estado de coisas), como sugerem Ilari e Basso (2008). Apesar de o falante estar se referindo à sua terra, sua aldeia, que seria um ‘mundo real’, ele fala de uma situação já não frequente ou comum: a visão de papagaios atualmente é rara e, portanto, a hipótese de uma outra possibilidade - ver papagaios na área (aldeia) dele seria muito bom para ele’.

Uma construção interessante revelou-se uma vez quando um interlocutor interagiu com minha contextualização. Neste mesmo caminho de se pensar em situações que atualmente não são mais comuns nas aldeias, argumentei que se víssemos animais grandes que já não vemos com frequência (talvez uma anta, naquela área indígena), isso seria motivo para ficarmos felizes. Pedi, então, para que o falante me dissesse como ficaria o enunciado: ‘Se eu visse uma anta na nossa área, eu ia ficar (ficaria) muito feliz’. Ele iniciou a fala pensando na pergunta na qual a hipótese estava apontada e, em seguida, complementou com o que seria a sua resposta (ambas as falas em Kaingang) mostrando que a verdade da premissa expressa na *prótase* constituiu-se, no segundo enunciado, em uma boa razão para ele confiar na verdade da conclusão expressa na *apódose*:

(127) A pergunta:

*Ã ta ójor ve ra ã hã ta ã jykre*  
 2SG MS anta ver COND 2SG assim MS 2SG pensamento, idéia, meu saber  
*hẽ nỹ hẽ ri ke nỹ-j mũ.*  
 assim, parecido EXIST QU EXIST.FUT PFV

‘Se você ver uma anta, seu pensamento estando assim como ficaria (estaria)?’

A resposta:

*Sa anta ven ra ta inh mỹ sér tĩh (tĩ-j).*  
 [1SG]MS anta ver COND MS 1SG MS feliz HAB.FUT

‘Se eu visse uma anta eu andaria feliz’.

Ainda um outro dado que também mostra esse domínio modal expresso por *ra* pode ser visualizado em (128):

- (128) *Sa kakó kã nĩ ra*  
1SG perto LOC permanecer, ficar.SG COND  
*sa ã to pasa ké ke-j mẽ.*  
[1SG]MS 2SG para passear fazer.PST fazer.FUT muito<sup>112</sup>  
‘Se eu morasse aqui perto, eu visitaria muito você’.

### 4.3 *Ra* como Modalidade Orientada

Anteriormente mencionei que, segundo demonstram Bybee et alii (1994, p. 176 et seq.), em muitas línguas do mundo encontra-se polissemia no uso de operadores modais e um mesmo operador pode assumir diferentes domínios. Na língua Kaingang Sul isto também ocorre com *ra* e outra função ou noção semântica, em sua utilização, é evidenciada em contexto diferente.

Na modalidade orientada pelo falante o exemplo mais comum na função de domínio dos atos de fala que implicam obrigação ou permissão é o Imperativo. No Kaingang Sul, *ra* pode ser encontrado expressando esse domínio em sua forma afirmativa.

Exemplos podem ser visualizados na Figura (19) e são alguns dos dados apresentados por Selvino Kókáj (2009)<sup>113</sup>:

---

<sup>112</sup> Neste exemplo *mẽ* está traduzido como ‘muito’, mas há contextos que o termo pode expressar aceitação ou novidade e outros nos quais pode ter o significado de ‘parecido, mais ou menos, igual’. Não descarto, portanto, que ele também possa ter uma conotação modal em determinados casos.

<sup>113</sup> Disponível em [Kókáj | Kanhgág jé ke pẽ vỹ tag ti](http://selvino.kanhgag.org). <http://selvino.kanhgag.org>. (Acessado em julho de 2009).

Figura (19):

<b>Kaingang</b>	Português	<b>Kaingang</b>	Português
<i>Ke ra!</i>	Faça!	<i>Rom ra!</i>	Abra! (porta)
<i>Tīg ra!</i>	Vá !	<i>Vyn ra!</i>	Pega! (algo comprido)
<i>Fỹ ra!</i>	Chore!	<i>Sỹm ra!</i>	Pula!
<i>Ko ra!</i>	Come/coma!	<i>Kykũnh ra!</i>	Limpe!
<i>Nĩ ra!</i>	Senta!	<i>Se ra!</i>	Amarre! (corda)
<i>Grug ra!</i>	Acenda!	<i>Nón ra!</i>	Fure!
<i>Kusón ra!</i>	Cutuque (com a faca)!	<i>Nỹgnỹn ra!</i>	Puxa!
<i>Pãn ra!</i>	Sirva (comida)	<i>Gỹn ra!</i>	Derruba! (árvore)
<i>Rỹg ra!</i>	Esquenta (água, roupa, mãos)	<i>Vĩ ra!</i>	Fala!
<i>Fãg ra!</i>	Põe em pé!	<i>Vĩn ra!</i>	Faça falar!
<i>Fi ra!</i>	Põe deitado!	<i>Kãtĩg ra!</i>	Vem cá!

(Figura (19): Imperativos afirmativos na língua Kaingang – fonte: Selvino Kókáj, 2009)

Observa-se que com a utilização de *ra* a indicação diretiva de obrigação é mais fortemente explicitada, como notamos nos exemplos citados. Em situações que há atenuação na fala, encontram-se outras construções; por exemplo, as que se apresentam nos contrastes mostrados em (129) – (segundo Selvino, 2009 e comunicação pessoal de Selvino 2010):

(129)

A) *Re pũn ra!*

grama queimar Imperativo

‘Queime a grama, capim’!

*Re pũn nĩ ké!*

grama queimar IPFV dizer.PST

‘Queime a grama, tá!’

B) *Kajẽm ra!*

pagar,comprar Imperativo

‘Pague’! / ‘Compre’!

*Kajêm tîg!*

pagar, comprar ir

‘Vá pagar’! ‘Vá comprar’!

C) *Ke ra!*

fazer Imperativo

‘Faça’!

*Ke tîg!*

fazer ir

‘Vá fazer’!

Wiesemann (2002, p. 168) afirma que as ‘proibições’ (termo utilizado pela autora para se referir à forma negativa do Imperativo) são introduzidas e terminadas pelo que ela chama de ‘indicador de opinião’: < *Ker...hê*>. Em uma das minhas discussões de dados com meu colaborador e professor Kaingang, ele me deu o seguinte exemplo para me mostrar uma construção com Imperativo Negativo:

(129.A) “Vamos pensar no seguinte Imperativo: *Tîg Ra!* (Vá!). O negativo aqui ficaria assim: *Ker tîg hã!* (não vá!). Ou a mesma coisa posso falar: *Tîg tûg ra!* (não vá!)” (Selvino, 2010 – comunicação pessoal).

Então, o que se depreende do que ele me colocou é que é possível fazer a negação de fórmulas imperativas com *ra*, utilizando o negativo *tûg*.

Wiesemann (2002, p. 168) também menciona, em relação às “orações imperativas”, que “os pedidos não admitem nenhum indicador de aspecto, mas são introduzidos pelo indicador de opinião ‘*ha*’”. Não tenho dados que possam esclarecer essa questão mais decisivamente; entretanto, pelos exemplos de Selvino citados acima, nota-se que a atenuação da indicação diretiva de obrigação pode ser feita sem esse indicador que Wiesemann aponta. Mesmo na relação de exemplos apresentados por Selvino Kókáj na sua página na *web* - <http://selvino.kanhgag.org> - que perfazem um total de 96 construções imperativas, não há exemplos com a presença de ‘*ha*’ para as situações de atenuação da ‘ordem’; apenas a utilização de *tîg* que, na verdade, carrega sentido semântico de verbo, daí a tradução: ‘vá!’.

#### 4.4 *Vẽ* expressando Modalidade Epistêmica <sup>114</sup>

O morfema gramatical *vẽ*, em determinados contextos, é utilizado, no Kaingang Sul, como um operador que exprime Modalidade Epistêmica.

Em Bybee e Fleischman (1995, p. 6), a partir de Bybee (1985), encontra-se a seguinte definição para o termo: “epistemic are clausal-scope indicators of a speaker’s commitment to the truth of a proposition” (“epistêmico são indicadores de escopo oracional do comprometimento do falante com a verdade de uma proposição”).

Aikhenvald (2004, p. 6, nota 3) aponta que o termo epistêmico tem diferentes significados em diferentes disciplinas:

É definido, no Dicionário de Inglês Oxford (1999), como ‘de ou relacionado ao conhecimento ou grau de aceitação’. O termo filosófico ‘epistêmico’ significa ‘o estudo científico do conhecimento’ (Bullock and Stallybrass 1988:279). No uso linguístico comum (por exemplo, Matthews 1997:115), a palavra ‘epistêmica’ é usada de forma muito diferente: ela significa ‘indicação de necessidade factual, probabilidade, possibilidade, etc’, ao invés de ‘relacionada ao conhecimento’.<sup>115</sup>

Ao enunciado, neste domínio de modalidade, se atribui um grau de adesão do falante com a verdade expressa no momento da fala. Neste caso, há uma quantificação dos enunciados, atribuindo-lhes um caráter de crença ou certeza, e isso afeta também o grau de comprometimento do falante com a proposição assertada.

O morfema *vẽ* neste domínio é utilizado como um Assertivo, confirmando a proposição ou dando um valor de verdade ao conteúdo proposto no contexto anteriormente citado dentro do discurso Kaingang. Seguem-se os contextos e os exemplos.

Em uma conversa, mas com certo grau de narração, uma senhora Kaingang (V) contava um pouco da história da sua vida. Em diversos momentos deste relato podemos

---

<sup>114</sup> É possível encontrarmos uma alternância de *vẽ* com a forma *vã*.

<sup>115</sup> No original: “It is defined, in the *Oxford English Dictionary* (1999), as ‘of or relating to knowledge or degree of acceptance’. The philosophical term ‘epistemic’ signifies ‘the scientific study of knowledge’ (Bullock and Stallybrass 1988:279). In common linguistic usage (e.g. Matthews 1997:115) the word ‘epistemic’ is used very differently: it means ‘indicating factual necessity, probability, possibility, etc.’, rather than ‘relating to knowledge’”.

observar *vẽ* expressando esse tipo de modalidade. Além de mim que escutava, participavam da conversa mais três pessoas (uma prima (K) e as suas respectivas filhas (M e E) e que, às vezes, intervinham nas falas).

A senhora (V) inicia contando que todos (da família) eram nascidos em Benjamin Constant do Sul (um município do norte do Rio Grande do Sul):

(130) (V) (...) *Hỹ'ỹ. Kỹ ěg tỹ ser tỹ taki naturar pẽ nỹtĩ, ser ham.*

sim então 1PL MS assim MS LOC:aqui natural 'legítimo' IPFV.PL assim MD

*Ěg tỹ taki, ěg tag hẽ ki ser nasce ke*

1PL MS LOC:aqui 1PL DEM desse jeito em assim nascer fazer

*kãn ja nĩn (nĩ nỹ) ham, Benjamin mẽ ki.*

todos PST EXIST+DECL-ASSERT MD Benjamin LOC: (em) depois ('depois de')

'Sim. Então nós somos naturais mesmo daqui. Nós aqui, nascemos todos aqui, depois de Benjamin'.

Uma das filhas pergunta então, como se chamava anteriormente a cidade onde eles nasceram e a resposta foi:

(131) (V) *Vãsa pi Benjamin ke tĩ vã ham.*

antigamente MS:NEG Benjamin dizer HAB ASSERT MD

'Antigamente não se chamava Benjamin'.

Apesar dela não se lembrar qual o nome anterior da cidade de Benjamin, ela sabe e afirma, o que está evidenciado com a presença de *vã* (*vẽ*), que não era esse o nome antigamente.<sup>116</sup>

<sup>116</sup> É necessário ressaltar que nessa construção se pode ainda ter um sentido diferente, ou seja, uma outra possibilidade de utilização de *vẽ* em um outro domínio – como um 'contrafactual' – 'o nome anterior (do lugar) não é mais o mesmo (era outro e agora não é mais)'. No entanto, continua, a meu ver, mesmo nessa interpretação, carregando certo compromisso com a asserção, pois mantém a nova afirmação.

Ela continuou contando fatos de sua vida quando ‘pequena’ e falando sobre o pai. Em dado momento, a sobrinha perguntou sobre ele. Reproduzo abaixo o trecho (para facilitar a discussão, os participantes estão indicados por letras e os números correspondem às intervenções):

(132) (M1) *Hãre nẽ ãjag panh jyjy ti.*  
 QU 2PL pai nome 3SG  
 ‘Como é o nome do pai de vocês?’

(V1) *Vagmág vã ham. Kanhgág tỹ ti jyjy tỹ Vagmág nĩ.*  
*Vagmág* ASSERT MD Kaingang MS 3SG nome MS *Vagmág* IPFV  
 ‘*Vagmág*. O nome Kaingang dele era *Vagmág*.’

(M2) *Hm...???*

(K1) *Vagmág.*

(M3) *Vagmág.* (interrogado apenas com entonação)  
*Vagmág??*

(V2) *Vagmág vẽ.*  
*Vagmág* ASSERT  
 ‘É *Vagmág*’.

(K2) *Jo ta ta José nĩ ker.*  
 e MS MS José IPFV “não”  
 E é José, não?!

(V3) *José Jacinto vã ham; fóg tỹ ti jyjyn vã ser.*  
 José Jacinto ASSERT MD não-índio MS 3SG nome ASSERT MD  
 ‘É José Jacinto; é o nome dele em Português’.

O que se observa é que em (V2) a senhora afirma que o nome do pai delas em Kaingang era *Vagmág* e depois confirma (em V3) que o nome dele não indígena era José Jacinto. Em ambos os enunciados há a utilização de *vẽ* (*vã*) comprometendo-se com a asserção. É como se ela dissesse: é isso, o nome dele era esse!

Na continuação dessa conversa /narrativa, novamente uma das filhas interrompe perguntando sobre avô. A sobrinha quer saber da tia se o avô era ‘Kaingang mesmo’ e a tia responde confirmando, dizendo que ‘era sim, um Kaingang legítimo!’. Note-se o uso de *vẽ* em (133 – V1) demonstrando isso:

(133)

(M1) *Ã panh mỹ tỹ kanhgág pẽ tĩ ja nĩ, tia.*

2SG pai QU MS Kaingang legítimo HAB PST EXIST tia

‘Seu pai era bem índio mesmo, tia’ (?)

(V1) *Hỹ hỹ..., Kanhgág pẽ tĩ vã ham, ěg panh ti,*

sim, sim Kaingang legítimo HAB ASSERT MD 1PL pai 3SG

*pi kyvénh jãgja ve nĩ hẽn,*

MS:NEG sangue misturar parece IPFV igual, parecido

*tũm ãn, kar mỹnh fi ke gé.*

negação DEM todos mãe C:Fem dizer também

‘Sim, sim... ele era bem legítimo, o nosso pai. Ele não tem o sangue misturado (nada de mistura de sangue), nada, a mãe também’.

Um outro exemplo que mostra *vẽ* neste domínio de modalidade é o de uma conversa informal na qual alguém comentou sobre uma pessoa mais idosa que sabia contar histórias. Nesse enunciado (que se segue, em 134) uma das pessoas que participavam, a senhora (T), faz uma intervenção comparando a idade da mãe dela com a dessa ‘velhinha’ e conclui que, sendo ambas da mesma idade, elas sabem mesmo contar bem as histórias antigas...

(134) ...*Mê*<sup>117</sup>. *Hỹ hã tóg, mỹnh fi kóm ke fag vã ham.*  
 ah, é sim parece MS mãe C:Fem ao mesmo tempo, junto fazer 3PL.F ASSERT MD  
*Kỹ fag tóg jagnã mré tugtó há nỹtĩ.*  
 então 3PL.F MS RECP com, junto contar.PL bem IPFV.PL  
 ‘Ah, é? Pode ser, elas são da mesma idade da minha mãe. Então elas sabem contar (bem)’.

Abaixo apresento dois dados que foram retirados do livro *Kanhgág jinjén* ‘Armadilhas Kaingang’ (2008) de Dorvalino Kógjá Joaquim, um professor pesquisador Kaingang de Guarita (Rio Grande do Sul). Neste trabalho de Kógjá Joaquim, muitos exemplos com o uso de *vẽ* (neste domínio) podem ser encontrados; porém limito-me a citar dois deles.

O primeiro texto que transcrevo encontra-se nas páginas 45 (escrito em Kaingang) e 46 (a respectiva tradução em Português) onde o autor conta sobre como os Kaingang faziam ‘flecha’ *no*. Ele inicialmente aponta que elas eram suas armas para caça (terrestre) e de pássaros (p. 45). Depois ele continua ensinando como se faz a flecha e no último parágrafo do seu texto, sobre a ponta de flecha para pássaros, encontra-se:

(135) *No ki ka tu na kemũ tag tỹ,*  
 flecha em ‘madeira’ em direção ‘virote’ fazer+PFV DEM MS  
*tỹ nén ã krĩ tỹvĩn mĩ pin já (jé) hár nỹtĩ.*  
 MS coisa INDF cabeça ‘somente’<sup>118</sup> ‘dentro’ atirar para ‘feito’ IPFV.PL  
*Ag pág há jamãñ kỹ kevẽ hãra.*  
 3PL lançar bem ‘pensando’ então fazer/ASSERT mas (‘porque’)  
 ‘A flecha com *na* (virote) é feita para atirar só na cabeça. Isso porque sabem atirar bem (são exímios atiradores)’.

*Jãvo ag tóg jẽsĩ mág ag krĩ tỹ gãm ke tĩ, hamẽ.*  
 mas 3PL MS pássaro grande 3PL cabeça MS abrir fazer HAB MD  
 ‘Mas elas abrem a cabeça dos pássaros’.

<sup>117</sup> *Mẽ*, nesse caso, está sendo usado com o sentido de aceitação ou novidade: ah bom; hum...!; é!?.

<sup>118</sup> *Tỹvĩn* pode significar ‘muito’ ou ‘somente’.

*Kanhgág ag no tu vēmēn hã vẽ.*  
 Kaingang 3PL flecha em relação a contar, falar desse jeito ASSERT  
 ‘Isso é o que falam sobre a flecha dos Kaingang’.

Um segundo exemplo se encontra nas p. 10 e 11 do mesmo livro, onde o autor explica como se faz o *ẽgje* ‘armadilha com isca de milho’. Ele explica que essa armadilha é feita no chão usando o milho para pegar alguns tipos de aves, como saracuras, pombas, perdizes, jacus. Após esclarecer como armá-la e afirmar que os filhos dos Kaingang mais velhos não passaram necessidade de comer carne (porque pegavam muitos pássaros com essa armadilha), ele finaliza assim:

(136) *Fag tỹ ã tá ag ne tỹ jēsĩ gé kãmũ,*  
 3PL.F MS INDF LOC:lá 3PL diz que pássaro também vir.PL  
*gé kãmũ, ke tĩ, jagnẽ kóm. (...)*  
 também vir.PL fazer HAB RECP junto, ao mesmo tempo

(...) *Ëgje kãmén hã vẽ.*  
 ‘armadilha com isca de milho’ explicar, comentar parecido ASSERT  
 ‘De um lugar ou de outro, sempre vinham pássaros, dizem. Um ou outro sempre vinham.  
 (...) É o que contam sobre essa armadilha’.

Como se observa em (135) e (136) o fechamento do que está sendo contado é feito dessa maneira que é também usual em várias línguas indígenas: há uma conclusão, um anúncio do término da fala com uma confirmação: é isso!; estou fazendo essa afirmação!; é assim!. Na língua Kaingang, nos casos apresentados acima, é *vẽ* que responde por essa leitura.

Em (137) a confirmação da asserção é mais literal, conforme se vê na tradução dada:

(137) *Vĩ mẽ nỹ ãn vễ ser ham.*

falar mais ou menos EXIST DEM ASSERT assim MD

‘Fala mais ou menos. É isso aí (viu)!’

Ocorrências de *vễ* expressando essa forma de modalidade são também visualizadas na exemplificação abaixo que é um trecho de um texto produzido no curso Vãfy (2002). São relatos orais (com pessoas das comunidades) transcritos pelos alunos que eram professores Kaingang do referido curso. Esse texto é outra narrativa sobre o famoso Cacique *Fongue* em suas batalhas – *Fongue ti kãme* ‘Histórias de *Fongue*’:

(138)

*...jãvo ãn si há ag tỹ jagnễ mrẻ vễmẽn kã kygfỹ vễ hamã,*

enquanto INDF velho bem 3PL MS RECP junto,com contar,falar e chorar.PL ASSERT MD

*ag kanhkã ag tũg ja ãn tu ãkrẻn kỹ,*

3PL parente 3PL morrer NMLZ DEM em relação a pensar então

‘...enquanto isso os mais velhos falavam a respeito disso e choravam muito (viu), por pensarem naquele extermínio dos parentes deles’

*kỹ ãn ki ag tỹ jagnã mrẻ kygfỹ kar nỹtĩ hã nỹ,*

então DEM em 3PL MS RECP junto chorar.PL depois permanecer,ficar.PL assim DECL-ASSERT

*ãn ki ag jagnã mrẻ nỹtĩ nĩ ser hamã,*

DEM em 3PL RECP junto permanecer,ficar.PL IPFV assim MD

‘então depois de eles chorarem bastante eles estavam ali viu’,

*jagnã mrẻ ser hamã.*

RECP junto,com assim MD

‘todos juntos (viu)’.

(...)

*Kanhgág ag hã nỹ ag mrẻ ke-j mũ vã,*

Kaingang 3PL assim EXIST 3PL junto,com fazer.FUT PFV ASSERT

*ag mÿ, ag pêtãm mũ vã ke mũ hamã.*

3PL para 3PL correr ir.PL ASSERT dizer PFV MD

‘Os kaingang iam fazer junto (com) eles, para eles, eles vão correr, dizem’.

A seguir apresento um trecho de um relato pessoal no qual há a ocorrência de *vẽ* (*vã*) e que, no enunciado em que é utilizado (**A2**), é o responsável por assegurar o que está sendo narrado. O fechamento (**B1**) (deste trecho, dessa fala), por sua vez, é realizado por uma segunda pessoa reafirmando a proposição da primeira. Para tal o falante se utiliza também da forma gramaticalizada *vẽ* como Assertivo (essa pessoa, que era prima da narradora, vivenciou os fatos mencionados pela outra; falava, portanto, com conhecimento de causa, daí a confirmação dos eventos citados):

(139)

(A1) *Hãra ãri kra vyn vẽnĥ tĩ ser,*

mas hoje,atualmente mão-de-pilão carregar(coisa comprida) NEG HAB assim

*ãjag krẽ mẽ,*

2PL filhos igual,parecido (com sentido de aceitação)

[mas atualmente não carregam (habitualmente) mão-de-pilão, os filhos de vocês]

*ke nĩ inh ne nĩ gé fi mÿ, tag fi mog ve ra ha,*

dizer IPFV 1SG MS IPFV também 3SG.F para DEM 3SG.F crescer ver IMP ‘agora’

[digo , eu também para ela, olha essa crescendo (nesse momento)!]

*mog há han fi tÿ mũ ha, jo inh pi mog há ve han mũ,*

crescer bem fazer 3SG.F MS PFV agora mas 1SG MS:NEG crescer bem apenas fazer PFV

*ke ja tĩ fi mÿ.*

dizer [1SG]MS HAB 3SG.F para

[ela cresce bem, mas eu não cresci bem, digo (habitualmente) para ela]

‘Mas hoje os filhos de vocês não pegam mais na mão-de-pilão, falo isso para ela também...olha essa crescendo agora [isto é, nos dias de hoje], ela está crescendo bem agora [sem esforço de muito trabalho], mas eu não cresci nada bem, digo isso para ela...’.

(A2) *Fag farĩnh miju tỹ morsa tỹ ge ki*

3PLF farinha biju MS bolsa MS assim,desse jeito LOC:em

*jãjá ke-j hãra ha Marsa, ... vãsóki<sup>119</sup> hághán<sup>120</sup> vã ham.*  
pendurar fazer.FUT então ‘agora’ Márcia ‘de si próprio’ fazer.PL ASSERT MD  
‘As farinhas de bijus delas (das mães) ficavam em bolsas assim [penduradas],  
Márcia...faziam elas mesmo’.

(A3) *Ã vovo tỹ ser fi mỹ ren ki jãká-j,*

2SG avô MS assim 3SG.F para fora de casa LOC:em inclinar.FUT

[teu avô assim para ela ‘ia inclinar’ fora de casa]

*kỹ tỹ ser forno han gem, ... pó tỹ to nĩmnĩm ge,*

então MS assim forno fazer desse jeito,assim pedra MS em direção ‘dar algo não comprido’.PL assim  
[então fazia forno, assim... ‘colocando’ pedra assim]

*kỹ tỹ ser fi mỹ kri nĩm mũ ser ha ..*

então MS assim 3SG.F para em cima ‘dar algo não comprido’ PFV assim ‘agora’

[então (ele) assim para ela ‘colocava’ em cima]

*kre grosso mag tỹ ge ãn ki hãra ti tynyr tỹ nĩ ha.*

balaio grosso ‘muito grande’ MS assim DEM LOC mas 3SG socado MS permanecer, ficar.SG agora  
*Ne vé...*

MS somente

[em um balaio muito grande desse jeito; aquilo (ao que se referia), o socado, ficava. Somente...]

‘O teu avô fazia (fogo) lá fora para ela, e fazia forno, colocava pedras ao redor e colocava em cima para ela, em um balaio grosso assim ficava o socado. Como...’

<sup>119</sup> Pronunciado dessa forma, mas a palavra é *vãšykã*.

<sup>120</sup> Pronunciado dessa maneira, mas mais frequentemente se encontra *hynhan*.

(B1) *Fãn kÿ nĩ ãn vã, kre.*  
encher então permanecer, ficar.SG DEM ASSERT balaios

‘Eram cheios (os balaios)’ (lit: ‘Enchia, então, ficava aquilo assim, (os) balaios’).

Ainda em um outro trecho desse mesmo relato há a ocorrência de *vẽ* (*vã*) nessa acepção semântica:

(140)

(B1) *Kra mág ãn ke gé ker, kra régre.*  
mão-de-pilão grande DEM dizer também ‘ou melhor’ mão-de-pilão dois

‘Aquele mão-de-pilão grande também, duas mão-de-pilão’.

(A1) *Kra mág ãn vã gé ham. Kra régre, vënhkato ãg tÿ*  
mão-de-pilão grande DEM ASSERT também MD mão-de-pilão dois ‘um ao outro’ 1PL MS  
[aquela mão-de-pilão grande também. Duas mãos-de pilão, em frente um ao outro, nós]

*vé jã-j mũ ham, kra tēgtũ ki ãg tÿ kejën*  
apenas POSIC:em pé.FUT PFV MD mão-de-pilão três em 1PL MS às vezes

*ãg tygnyn tĩ ham.*

1PL socar.PL HAB MD

[somente em pé, três mãos-de-pilão nós às vezes socávamos (habitualmente)]

‘Mão-de-pilão grande também. Duas mãos-de-pilão, ficávamos uma em frente à outra (literalmente em frente de alguém, do outro e em pé), às vezes socávamos com três mãos-de-pilão’.

(A2) *Kÿ ěg tÿ ser gãr kughu ãn tygnyn kÿ tÿ jamĩ han*  
então 1PL MS assim milho cateto DEM socar.PL então MS ‘bolo’ fazer

[então nós socávamos aquele milho cateto, então, fazíamos ‘bolo’]

*jo ěg ne ser gěr pĕ sógsãm kÿ kejĕn goj tá nĩm (nĩ + mũ)*

e 1PL MS assim milho genuíno ‘socar’ então às vezes água LOC:lá permanecer, ficar/PFV  
[e nós assim socávamos, então. Às vezes ficava (lá) na água]

*kÿ ser tÿ quatro nija mÿ tynyn kÿ ser,*

então assim MS quatro dia e socar então assim  
[então, assim, quatro dias e socávamos, então]

*ãn kirér han kÿ ãg tÿ ser nĩ mũ gé ham. ...*

DEM quirela fazer então 1PL MS assim permanecer, ficar.SG PFV também MD

*Vĕnhmÿ aroj vĕ.*

‘diferente’ arroz ASSERT

[nós então (ao que se referia) (com) aquilo fazíamos quirela, assim ficava também... era arroz diferente]

‘Então nós socávamos aquele milho cateto e fazíamos bolo, e socávamos o milho comum e deixávamos no rio (na água) e dali 4 dias socávamos, fazíamos quirela e deixávamos ... Era arroz diferente’

Mais próximo ao final dessa conversa, as senhoras se referiam à avó que, segundo elas, “não tinha boas palavras”, ou seja, ‘ela falava o que era preciso’; mas era uma pessoa muito trabalhadora, não cansava de trabalhar. Então complementam assim:

(141)

(A1) *Hÿ kÿ ija nén ã han kãmĕ tÿ vĩ*

por isso [1SG]MS coisa INDF fazer experimentar MS falar

*kãmã-j fã nÿg (nÿgnĩ) ke ke mÿr.*

experimentar.FUT ‘coisa para fazer(enfático)’ IPFVN.PL dizer fazer pois

‘Por isso eu falo: quem é trabalhador fala muito também’.

(B1) *Áu, hãra ti ke há vã ham.*

sim mas 3SG dizer bem ASSERT MD

‘Sim, mas estão falando a verdade’.

(A2) *Ke há vã ham, ón kÿ tó pi jé ham.*

dizer bem ASSERT MD ‘faz de conta’ então falar, contar MS:NEG *diz que* MD  
‘Falam verdades, não falam por falar’.

E também para esse item apresento uma outra narrativa que é o final da ‘história’ do *Krîpénufã* (que já vimos anteriormente) e nesse final está sendo contado como os Kaingang fizeram uma armadilha para capturá-lo. No fechamento dessa fala (correspondendo ao último enunciado abaixo), a presença de *vẽ* expressa Modalidade epistêmica:

(142)

(A1) *Kÿ ag jeta ser vãnhmÿ, hãra kófa fi jeta ag mré tÿgtÿ,*

então 3PL *diz que* assim *diz que* mas velho C:Fem *diz que* 3PL junto, com andar.HAB  
[então eles diz que assim, mas uma velha (diz que) andava com eles]

*kÿ ag ne tÿ ser vãnhmÿ, kãj hynhan kÿ kófa fi tÿ fág mráj ja*

então 3PL *diz que* assim *diz que* cesto fazer.PL então velho C:Fem MS pinheiro quebrado PST  
[então eles (diz que) assim fizeram cestos, então a velha / havia um pinheiro quebrado]

*ta ge ã ki kynhhá mÿ jãpry kÿ fi jãján mÿ jetóg,*

MS assim INDF em ‘bem alto’ subir então 3SG.F pendurar PFV *diz que*  
[subiram bem alto, então penduraram ela, diz que]

*Jo ag jeta ser kynhmÿ jãpry mÿ ser jetóg, ...*

e 3PL *diz que* assim alto, por cima subir PFV assim *diz que*  
[e eles diz que assim, subiram alto (para cima), desse jeito, diz que]

*jo ne tÿ ser prãr kãtÿg kÿ ser ka ãn*

e *diz que* assim gritar vir, chegar então assim árvore DEM

*to grãn ke mÿ ser jetóg, goj kri,*

para encostar-se, enfrentar PFV assim *diz que* água em cima

[e diz que (ele) chegou, veio gritando então, encostou naquela árvore, diz que em cima d’água]

‘Então eles, diz que, mas uma velha andava com eles; então eles fizeram cestos e num pinheiro quebrado bem alto subiram e penduraram ela, diz que; ...e eles, diz que subiram para cima... e ele veio gritando e grudou naquela árvore, diz que em cima d’água’,

(A2) ..*hãra ne tỹ kã hãn ke kỹ kutã,*  
 mas *diz que* então fugir,sair,escapar e cair  
 [mas (diz que) então escapou e caiu]

*goj pãró ãn hã kri, pó kri ham, pó kamã tĩ,*  
 água rocha,rochedo DEM parecido,assim em cima pedra em cima MD pedra ‘costuma(ter)’ HAB  
 [em cima daquelas rochas na água, em cima das pedras, tem (habitualmente) muitas pedras]

*ke mỹr goj fyr mĩ, ...kỹ ãn hãhã tóg ge ke inh nĩm.*  
 dizer pois água beira LOC então DEM parecido,assim MS assim,desse jeito dizer 1SG MS(PFV)  
 [digo pois, na beira da água, então aquilo parecia desse jeito, eu digo/estou dizendo]

‘Mas ele (se) soltou e caiu, em cima daquelas pedras na água, em cima das pedras, tem muitas pedras na beira do rio... então, deveria ser aquilo, eu falo’.

(A3) *Kỹ jeta ser ti krĩ je ta krėj ke mũ jetóg, ...*  
 então *diz que* assim 3SG cabeça *diz que* ‘despedaçar’<sup>121</sup> PFV *diz que*  
 [então diz que a cabeça dele diz que ‘despedaçou’, diz que]

*hã jeta tỹ pexe nỹtĩ je, krėkufár (risos...). Ke tĩ ge ham.*  
 assim *diz que* MS peixe IPFV.PL *diz que* ‘peixe pequeno’ dizer HAB também MD  
 [assim, diz que são peixes, peixes pequenos. Dizem (habitualmente) também]

‘Então a cabeça dele despedaçou, diz que... e isso são peixes, diz que (risos...). Dizem também’.

<sup>121</sup> Em Wiesemann (2002, p.108) *krém ke* é ‘bater cremoso’. Aqui utilizado no sentido de que a cabeça bateu na pedra e abrindo, se despedaçou; provavelmente intuindo que isso espalhou partes do cérebro!!

(C1) *Hã mỹ ser.*  
assim, parecido QU assim  
'É isso então?'

(A4) *Hỹ...*  
'Sim'

(B1) *Tag tĩn vã kra*<sup>122</sup>.  
DEM HAB ASSERT quase  
'É só isso (né)'.

#### 4.5 *Vẽ* como **Contrafactual**

No Kaingang o morfema *vẽ* também pode ser utilizado em uma outra acepção semântica que não de assertividade. Nestes outros contextos, a presença de *vẽ* mostra ao ouvinte que o evento / fato não se realizou ou não se estabelece mais; ou ainda se tem uma leitura em negativo da circunstância apresentada. É como se tivéssemos um 'mas' ao que se segue à sua utilização. Por isso seu uso é muitas vezes mais visível (com esse sentido) quando há a ocorrência de *hãra* 'mas' no enunciado que se segue a um outro no qual esse marcador está presente. Porém, em determinadas circunstâncias somente se sabe que ele está sendo usado com essa extensão semântica se tivermos o contexto.

Quando *vẽ* está sendo utilizado nessa acepção refiro-me a esse marcador como **Contrafactual (CFT)**.

Em (143) e (144) é a presença de *vẽ* que explicita que algo ocorria e agora não acontece mais:

(143) *Mỹr Nũnẽ vãnh nĩ-g ja tá ke vã hamã.*  
pois *Nũnẽ vãnh*<sup>123</sup> permanecer.ficar.SG.PST NMLZ LOC:lá fazer CTF MD

'Pois era lugar onde o *Nũnẽ vãnh* morara (fizera morada) um tempo, viu?'. (Fonte: Vãfy, 2002)

<sup>122</sup> O termo para 'quase' é *kré*, mas aqui parece ser uma variação dialetal.

<sup>123</sup> Literalmente 'que não tinha língua, mudo' (atualmente seria *Nonoai*).

(144) *Hãra ag jeta ãn kã ãn tá ãri ag tỹ Ruínas de São Miguel*  
 mas 3PL *diz que* DEM em DEM LOC:lá hoje 3PL MS Ruínas de São Miguel  
*ke tỹ, ãn ãri ti jyjy vã hamã vã hamã,*  
 dizer HAB DEM hoje 3SG nome CTF MD CFT MD  
*ãn tá ag jeta nỹtỹ ja nỹ vã hamã.*  
 DEM LOC:lá 3PL *diz que* permanecer, ficar.PL PST EXIST CTF MD

‘Mas diz que eles estavam naquele lugar, hoje chamado Ruínas de São Miguel, hoje é o nome dele naquele lugar, diz que, viu!’.  
 (Fonte: Vãfy, 2002)

O professor Kaingang que discutiu vários dados de campo comigo me explicou da seguinte forma o uso de *vã* (*vẽ*) nessas exemplificações acima:

i) em (143) – “o que dá a idéia de ‘morara’ (por um tempo) é *nỹg ja vẽ* = o lugar onde morava, mas não mora mais. O que diz que evento ‘morar’ ou ‘a morada’ (dele) não é mais atual é a presença de *vẽ*”;

ii) em (144) há a presença de *vã* em: ‘*ãn ãri ti jyjy vã hamã vã hamã*’ (com uma repetição de fala ao final). Ele observou que “*vã* mostrava, neste caso, que era outro nome (do lugar) e que hoje mudou, é conhecido (atualmente) como Ruínas de São Miguel”. E, para *nỹtỹ ja nỹ vã*, sua explicação para minha indagação do sentido dessa construção foi: “É que eles moravam lá, mas agora não estão mais. É *vã* que diz isso”.

Em (145), um outro trecho desse texto do Vãfy 2002 (*Fongue tỹ kãme* “Histórias de *Fongue*”), também é a presença de *vẽ* (no penúltimo enunciado) que responde pela leitura que a pessoa ‘sabia’ o nome de todos (os que estavam naquele lugar quando *Fongue* chegou), mas atualmente não sabe mais todos os nomes, só sabe o nome de um deles:

(145) *Kỹ ãn ag jeta ser ãn ra kãmũ ja nỹ hamã.*  
 então DEM 3PL *diz que* assim DEM para vir.PL PST EXIST MD  
 [então aqueles, eles (diz que) tinham vindo para (aquele lugar)]

*Nãn kã ra ag tu ser hamã, ãn tu,*  
 mato LOC para 3PL DIR assim MD INDF DIR  
 [para o mato, eles (levaram) alguém em direção ao (mato)]

*Fongue tỹ ki jun mỹr ag ãn jeta ki nỹtĩ nĩ hamã,*  
*Fongue* MS em chegar quando,pois 3PL casa *diz que* LOC:ali permanecer,ficar.PL IPFV MD  
 [quando *Fongue* chegou na casa deles, diz que estavam ali]

*hãra ag jeta, ãn tẽgtũ jeta kã ja nĩ hamã, ãn tẽgtu hamã.*  
 mas 3PL *diz que* casa três *diz que* LOC PST EXIST MD casa três MD  
 [mas eles, diz que havia três casas ali, três casas (viu)]

*Õn pir ti jyjy, ãn pir ti hã*  
 INDF um 3SG nome INDF um 3SG assim,parecido  
*jyjy hã kãjatun tũ*<sup>124</sup> *sa nĩ, ag jyjy*  
 nome assim,parecido esquecer negação [1SG]MS IPFV 3PL nome  
*kinhra kar sa nĩ vã.*  
 saber todos [1SG]MS IPFV CTF  
 [o nome de um deles, de um deles, eu não esqueci assim o nome dele. Eu sabia todos os nomes deles]

*Hãra ã ti jyjy hã jeta Norẽ ke mũ hamã.*  
 mas INDF 3SG nome assim,parecido *diz que* *Norẽ* dizer PFV MD  
 [mas o nome de um deles diz que é *Norẽ*, digo]

‘Então diz que aqueles tinham vindo ali viu. Levaram para o mato, aquele, quando o *Fongue* chegou à casa deles diz que estavam ali, mas diz que eles, havia três casas, três casas viu. O nome de um deles eu não esqueci; eu sabia do nome de todos eles. Mas o nome de um deles diz que era *Norẽ*’. (Fonte: Vãfy, 2002)

Observe-se a exemplificação (146) – para discussão e explicação deste dado numerei sequencialmente para facilitar a visualização:

<sup>124</sup> *Tũ* pode significar também ‘inexistência’ ou ‘coisas de alguém’.

(146)

(1) ... *ãg mÿ tuvãnh jãvãnh ag ta nÿtĩ,*  
1PL para deixar,largar,soltar recusar, não querer 3PL MS IPFV.PL

(2) *kÿ ãg tÿ ag mÿ para ke ke mũ va,*  
então 1PL MS 3PL para ‘parar’ fazer dizer PFV ‘quer dizer/isto é’  
‘...eles não querem dar lugar para nós, então nós viemos dizer a eles: Parem’!

(3) *hãra ag tÿ ãg kygrãh ke mũ gé,*  
mas 3PL MS 1PL matar.PL PFV também  
(4) *ag tu mũ tÿ hãrike han ag tóg hore vã vã,*  
3PL em direção ir.PL MS QU fazer 3PL MS ‘já’ CTF CTF  
(5) *ag pan sór vã vã,*  
3PL mandar sair,derrubar.PL querer CTF CTF

‘Mas eles querem matar nós também, já fomos várias vezes até a eles, queríamos tirá-los (querendo mandar (eles) saírem)’,

(6) *hãra ag tóg ãg kygrãh ke mũ gé,*  
mas 3PL MS 1PL matar.PL PFV também  
(7) *ag pi mÿ vÿ-j há nÿtĩ, nén ã sÿ mÿ ag tóg ser*  
3PL MS:NEG para falar.FUT bom IPFV.PL coisa INDF pequeno ‘pergunta’(QU) 3PL MS assim  
(8) *ãg kygrãh ge hã ki nÿtĩ nĩ ke mũ ser,*  
1PL matar.PL assim em permanecer,ficar.PL IPFV dizer PFV assim

‘mas eles querem matar nós também, não podemos nem falar para eles, para qualquer coisa já querem nos matar’

(9) *kÿ, kÿ ag tÿ tũg sór vã vã,*  
Então então 3PL MS abater,terminar querer CTF CTF  
‘Então, todas as vezes eles queriam terminar’.

(10) *kỹ ag mág tỹ ge mũ ser hamã.*

então 3PL grande MS dizer PFV assim MD

(11) *Ne kanhgág ag ta tỹ ag tu vãm há, ke mũ, hamã.*

‘podia,devia (fazer)’ Kaingang 3PL *diz que* 3PL em direção por,colocar,jogar bom dizer PFV MD  
‘Então o líder deles disse : “Podia colocar (algo) bom (fazer algo) para os Kaingang”,  
disse’’. (Fonte: Văfy, 2002)

Esse dado é muito interessante e algumas coisas precisam ser explicadas para o entendimento do conjunto. Lembro aqui também que estas informações são provenientes das discussões com meu colaborador. Inicialmente observo que em (2) há um empréstimo do Português ‘para’, que foi usado para o verbo ‘parar’, ao invés de se utilizar *krỹ*. Ainda em (2) *va* tem o sentido de tentar falar de outra forma ou contrariar algo já dito: ‘quer dizer, isto é’.

Em (4) está uma das ocorrências que estamos focando neste item e temos *vã vã* em: *ãg tu mũ tỹ hẽnrike han ag tóg hore vã vã*. A idéia desta frase é: ‘Fomos várias vezes lá neles (em direção a eles), mas de nada adiantou’. A presença de *vã* é que nos reporta a esse ‘mas’ (à contrafactualidade do evento) e a reduplicação aponta o que se fez várias vezes. Da mesma maneira em (5), o sentido que traduz: ‘várias vezes queríamos expulsar eles, mas...’ (isso não se sucedeu!).

Na construção (9): *kỹ ãg tỹ tũg sór vã vã* traduzida como ‘então eles queriam terminar’, o sentido semântico expresso pela presença de *vã* é ‘o que se queria, mas não deu certo’.

E para complementar o entendimento, apesar de não relacionar-se diretamente com o assunto aqui, chamo a atenção para *ne* em (11) que faz um papel de quando alguém dá uma opinião ou sugestão em uma fala. Por exemplo, ‘podia fazer assim ou aquilo’; daí a glosa como ‘podia, devia’. Então, a idéia desse enunciado é que na fala do líder (a palavra *mág* ‘grande’ foi utilizada para se referir a ‘líder’) ele ‘sugere’: “poderia ou se devia fazer dessa forma!”.

No trecho abaixo, um outro recorte da narração sobre o *Krĩpénufã* (também com os enunciados numerados para facilitar a discussão), temos no início (02) a presença

de *vã* como Assertivo: ‘era ele (o *Krîpénufã*) mesmo’; já em (08) *vã* apresenta-se como Contrafactual. Nesse último caso, a presença do marcador é responsável pela leitura em negativo apresentada na tradução: “não sei o que fizeram com ele” *ti tÿ hãre mũ vã*:

(147)

(01) *Kÿ ne tÿ ser vãnhmÿ, ag jeta ti hã ja, ke mũ ser jetóg,*  
então *diz que* assim *diz que* 3PL *diz que* 3SG parecido,assim PST dizer PFV assim *diz que*

(02) *ti hã ja vã, ke nÿtÿ-g tÿ jetóg.*

3SG parecido PST ASSERT dizer permanecer, ficar.PL.PST HAB *diz que*

‘Então diz que eles disseram (que) era ele mesmo. Diz que ficavam dizendo é (era) ele mesmo’.

(03) *Hãra ne tÿ kejãn jetóg tabu ên kri jã-g kÿ jeta*  
mas *diz que* uma hora *diz que* tábua DEM em cima POSIC:em pé.PST então *diz que*

[mas diz que um dia estava em pé em cima da tábua, então diz que]

(04) *tabu kri nÿ kÿ goj kron nÿ-g tÿ,*  
tábua em cima sentar então água tomar,beber permanecer, ficar.SG.PST HAB

[(habitualmente) (estava, ficava) sentado em cima da tábua tomando água]

(05) *goj ne ‘e kron há ja fã, ãn nogror ne ko há*  
água MS muito tomar,beber bom PST ‘coisa que se faz’ ‘grávida’ MS comer bom

*tÿvÿ ja fã, ke ne tÿ tÿ.*

muito PST ‘coisa que se faz’ dizer *diz que* HAB

[Ele ficava dizendo (que) “era muito bom beber água; era muito bom comer (o que estava) ‘grávida’”]

‘Mas (diz que) uma hora estava em pé em cima daquela tábua. Então sentado (em cima) naquela tábua ficava tomando água: “como é bom beber água”; “como é bom comer grávida”, ele dizia’.

(06) *Vãmén nĩ ne tỹ tĩ, ãn noqrór ne ko há ja fã,*  
 ‘falar muito’ permanecer, ficar.SG *diz que* HAB ‘grávida’ MS comer bom PST ‘coisa para fazer’  
*ke ne tỹ tĩ, vãnhmỹ kãgra.*  
 dizer *diz que* HAB *diz que* ‘comer tudo’  
 ‘Ele ficava falando: “como é bom comer grávida”, ele dizia (diz que comendo tudo)’.

(07) *Ti ãn ge mũn<sup>125</sup> jãvó*  
 3SG DEM dizer enquanto ‘atirar flechas’(em direção de alguém)  
*ag jeta ser, vãnhmỹ,*  
 3PL *diz que* assim *diz que*  
 [enquanto ele dizia aquilo (isso), eles assim, diz que atiravam flechas na direção (dele)]

(08) *ti ki nỹnh ke kỹ, ti tỹ hãre mũ vã,*  
 3SG em ‘arco arcado’ fazer então 3SG MS QU PFV CTF  
 [‘armaram o arco’ (em direção) ‘nele’, então, fizeram (será?, o que?) com ele]

(09) *ti pẽnũ ag hã tóg ser, () ti nũgnin kator ãn ã ki pẽnũ ke*  
 3SG atirar 3PL assim MS assim 3SG umbigo pelado DEM 2SG em atirar fazer  
 [eles atiraram nele assim, faça atirar (atire) no umbigo pelado dele]

(10) *ke ag ne tỹ mũ.*  
 dizer 3PL *diz que* PFV  
 [diz que eles diziam]

‘Enquanto ele dizia isso, eles ‘armaram’ o arco nele (em direção a ele); não sei o que fizeram com ele, devem ter atirado nele. “Acerte no umbigo pelado dele”, eles diziam isso’.

Ainda um outro comentário para maior clareza da leitura do enunciado: (03) a (05) desse dado (147) está traduzido pela minha auxiliar de transcrição em um discurso direto, como se ‘ele, o *Krĩpénufã*’ estivesse falando, mas literalmente em Kaingang está em uma referência passada e como se fosse um discurso indireto. Poderia ser assim traduzido:

<sup>125</sup> Segundo falantes da língua, *mũn* pode ser utilizado, como neste caso, como ‘enquanto’, mas também formas homófonas se traduzem como verbo ‘mirar, fazer mira ou pontaria’, ou ainda verbo ‘fazer ir. PL’ ou ‘andar.PL’.

‘mas diz que um dia, diz que estava em pé em cima de uma tábua; então, diz que (estava) sentado sobre uma tábua tomando água. Ele ficava dizendo (que) “era muito bom beber água; era muito bom comer o que ‘estava grávida’”. A construção *ũn nogror (nugror)* significa literalmente: ‘alguém de barriga redonda’.

Também na exemplificação:

(148) *Ta ne kutẽ sór nỹ nĩ vẽ.*

chuva MS cair querer POSIC:deitado/horizontal IPFV CTF

‘Estava querendo chover’.

sabe-se que o evento ‘chover’ não aconteceu pela marcação de *vẽ* na sentença. Se tivéssemos somente

(149) *Ta ne kutẽ sór nỹ nĩ.*

chuva MS cair querer POSIC:deitado/horizontal IPFV

a tradução seria: ‘Está querendo chover’.

Da mesma forma no exemplo:

(150) *Ti ter ke vẽ ham, sarampo ta.*

3SG morrer fazer CTF MD sarampo MS

traduzido como: ‘Ele estava para morrer’ - perguntei a meu colaborador se a presença de *vẽ* mostrava que ‘estava para morrer, mas não morreu’. Ele me respondeu que poderíamos ter mais de uma tradução: ‘Ele está/estava (para) morrer (viu), de sarampo’ ou ‘Ele vai morrer de sarampo’. Isso mostrou, então, pela resposta (dele), que era possível em diferentes contextos termos possibilidades distintas.

E por fim, mais um exemplo de uma leitura contrafactual assinalada pelo uso de *vẽ*. Segundo Selvino, 2009 (comunicação pessoal), essa sentença tem o sentido que ‘eles estavam, mas não estão mais’:

(151) *Ag vỹ taki nỹtĩ vẽ.*

3PL MS LOC:aquí IPFV.PL CTF

‘Eles estiveram aqui’.

#### 4.6 Outras expressões de Modalidade – alguns exemplos

Neste item, com o intuito de ampliar conhecimento e mostrar que fatores pragmáticos influenciam as leituras modais, apresento algumas expressões lexicais que traduzem diferentes sentidos nesse âmbito. Respondem por expressão de dúvida, possibilidade, expectativa, desejo, etc.

É o que se verifica em (152) com *hẽ tóg* ‘decerto’ que, segundo Selvino 2009 (comunicação pessoal) expressa dúvida:

(152) *Vár tỹ hore hẽ tóg.*

ir.PST MS já ‘decerto’

‘Já foi, decerto’.

Ou em (153), também com essa leitura:

(153) *Kỹ ěg tỹ ser ěn hẽ ki ser jagto nỹtĩ, ke mũ,*

então 1PL MS assim DEM parecido em assim ao lado permanecer, ficar.PL dizer PFV

*ki kagá ja nĩg nĩ gé.*

em ir.PST.PL PFV IPFVN também

‘Então é a partir daí que estamos juntos, disse. Já tinham ido também’.

*Hãra kejẽn ã mỹnh fi hẽ tỹ ěg nón vyr gé hẽ tóg,*

mas um dia 2SG mãe C:Fem parecido, assim MS 1PL atrás ir.PST também ‘decerto’

*kỹ fi tỹ ser ta ěn gen kỹ nĩ-g tĩ gé.*

então 3SG.F MS assim LOC DEM desse jeito então permanecer, ficar.SG.PST HAB também

‘Então certa vez tua mãe foi atrás de nós também, decerto; daí era assim que ela morava lá também’.

Outras formas se apresentaram com uma leitura de modalidade, durante a pesquisa. Ao discutir alguns dados com meu colaborador, apresentei um contexto assim: nós estamos saindo de casa atrasados para encontrar com outra pessoa; então, se eu dissesse, expressando ‘dúvida’: ‘Ele já deve ter saído’; como seria em Kaingang?

Selvino me respondeu: “Ficaria assim”:

(154) *Hērimūn ti tỹ vár hore.*

talvez 3SG MS ir.PST já

onde *hērimūn* ‘talvez’ é o que refletiria essa idéia. Porém se a minha fala fosse uma ‘suposição’ (porque estamos atrasados e já é ‘tarde’ – o horário já está avançado), o enunciado em Kaingang ficaria igual. Então, perguntei: depende da entoação, ou seja, de outros fatores para se determinar se esse morfema expressa dúvida ou suposição? Ele disse que sim (embora aponto que há a possibilidade também de pensar que dúvida ou suposição não tenha uma diferença significativa para os falantes dessa língua).

Da mesma forma, se alguém deveria chegar hoje (em casa, por exemplo), mas não veio, posso dizer:

(155) *Hēremūn ti tỹ vajka kãtĩg.*

talvez 3SG MS amanhã vir

‘**Pode ser** que ele venha amanhã’.

E se tiver ‘esperança’ que ele venha amanhã, ainda utilizaria o mesmo ‘talvez’, porém com a adição do Perfectivo *mũ* ao final do enunciado (lembro que em contextos futuros, a presença de *mũ* acrescenta um sentido de ‘mais’ certeza ao evento. Assim, mesmo que a tradução se mantenha, o resultado semântico final do enunciado muda):

(156) *Hērimūn ti tỹ vajka kãtĩg mũ.*

talvez 3SG MS amanhã vir PFV

‘**Pode ser** que ele venha amanhã’.

No mesmo contexto, pode-se expressar ‘esperança’ com o uso de *kumã̃n*:

(157) *Kumã̃n ti jé vyr ja tũ ver.*

‘espero’ 3SG MS ir.PST PFV não ainda

‘**Espero** que ele não tenha saído ainda’.

Outra construção ainda para esse contexto e que também expressa senso de modalidade é *inh mỹ* (literalmente ‘para mim’). Em (158) e (159), expressando ‘desejo’:

(158) *Inh mỹ ti tỹ ver tá nĩ-j há, ta tĩ.*

1SG para 3SG MS ainda LOC:lá permanecer, ficar.SG.FUT bom MS HAB

‘**Gostaria** que ele estivesse lá’.

(Lit: ‘Para mim, é bom ele ainda permanecer, ficar lá, ele’)

Mas nesse caso constrói-se uma perífrase: *Ele ainda estar lá será bom para mim* (ou: *vou gostar (se) ele ainda está lá*).

Ou como em (159):

(159) *Inh mỹ ti tỹ ver tá nĩ-j há, ta tĩ,*

1SG para 3SG MS ainda LOC:lá permanecer, ficar.SG.FUT bom MS HAB

*ẽg tỹ tá junjun mỹr.*

1PL MS LOC:lá chegar.PL quando

‘**Gostaria** que ele estivesse lá ainda quando nós chegássemos’.

(Lit: ‘Para mim, é bom ele ainda permanecer, ficar lá, ele’, quando nós chegarmos lá)

Entretanto abaixo se observa uma leitura de ‘dúvida’ com essa mesma construção *inh mỹ*:

(160) *Inh mỹ ta tỹ kutẽ-j.*

1SG para chuva MS cair.FUT

‘**Acho** que vai chover’ (lit.: ‘Para mim, vai chover’).

Observo aqui que essa foi a resposta dada a mim para um contexto no qual eu notava nuvens escuras no céu. Entretanto, também perguntei se falaríamos dessa mesma maneira se eu apenas pensasse que ‘iria chover’, sem ter evidências de nuvens escuras; e, a resposta foi que eu diria do mesmo jeito.

Ainda alguns exemplos se observam em (161) e (162), nos quais há a utilização de uma expressão lexical - o verbo ‘deixar, soltar’ *tuvãnh* - para assinalar ‘permissão’, que de certa forma é uma expressão de modalidade:

(161) *Ëg tỹ fóg ag tỹ ãg ga ra kã ge tuvãnh.*

1PL MS não-índio 3PL MS 1PL terra para dentro assim deixar

‘Nós **permitimos** que muitos brancos chegassem até nossa ‘aldeia’ (lit: “nossa terra”)’.

(162) *Ëg tỹ ag tỹ ãg ãn ra kã ge tuvãnh.*

1PL MS 3PL MS 1PL casa para dentro assim,desse jeito deixar

‘Nós **deixamos** eles entrarem na nossa casa’.

## Capítulo 5

### Os Verbos Posicionais

Em Kaingang as formas lexicais *nĩ*, *nỹ*, *jẽ* e *sa* são verbos posicionais (ou posturais ou locativos); respectivamente ‘sentar’ (estar sentado)<sup>126</sup>; ‘deitar’ (estar deitado); ‘(estar) em pé’; ‘pendurar’ (estar pendurado). Tais verbos nesta língua são fonte para imperfectividade, como mostrado no item 3.5.2. Também foi mencionado que ‘verbos locativos’ podem originar ‘existenciais’ (como em Enga, por exemplo<sup>127</sup>). No Kaingang, formas gramaticalizadas oriundas dos verbos ‘posicionais’ também são encontradas expressando significado ‘existencial’. Adicionalmente, outras extensões semânticas podem ser observadas com contornos modais ou evidenciais atribuídos aos enunciados.

O que se pretende neste item, então, é uma discussão abordando esses diferentes conteúdos semânticos associados à utilização desses verbos e de suas formas gramaticalizadas.

#### 5.1 Iniciando a discussão

As formas *nĩ*, *jẽ*, *nỹ* e *sa* encontram-se nesses exemplos (163) a (165) como verbos principais ou nucleares da oração, expressando distintas ‘posições’ ou ‘posturas’:

(163) *Gĩr vỹ nỹ tĩ.*  
criança MS deitar HAB  
‘A criança deita’.

(164) *Hãra ne tỹ kejãn jetóg tabu ên kri jã-g kyỹ jeta*  
mas diz que uma hora diz que tábua DEM em cima POSIC:em pé.PST então diz que  
[mas diz que um dia estava em pé em cima da tábua, então diz que]

<sup>126</sup> Também homófono e homógrafo com a forma do verbo ‘permanecer, ficar.SG’ – *nĩ*.

<sup>127</sup> Ver Aikhenvald (2003, p. 296).

*tabu kri nĩ kÿ goj kron nĩ-g tĩ,*  
 tábua em cima sentar então água tomar,beber permanecer,ficar.SG.PST HAB  
 [(habitualmente) (estava, ficava) sentado em cima da tábua tomando água]

*goj ne 'e kron há ja fã, ãn nogror ne ko há*  
 água MS muito tomar,beber bom PST 'coisa que se faz' 'grávida' MS comer bom  
*tÿvĩ ja fã, ke ne tÿ tĩ.*  
 muito PST 'coisa que se faz' dizer *diz que* HAB

[Ele ficava dizendo (que) “era muito bom beber água; era muito bom comer (o que estava) ‘grávida’”]

‘Mas (diz que) uma hora estava em pé em cima daquela tábua. Então sentado (em cima) naquela tábua ficava tomando água: “como é bom beber água”; “como é bom comer grávida”, ele dizia’.<sup>128</sup>

(165) *Ã tÿ ěgje venh (ve-j) ti hãra jěsĩ tÿ tu sa-j mũ ser.*  
 2SG MS ěgje<sup>129</sup> ver.FUT 3SG mas pássaro MS em relação a pendurar.FUT PFV assim  
 ‘Quando você vai ver a armadilha, o pássaro já está pendurado (nela)’.

(Fonte: Kógjá Joaquim 2008, p. 10 e 11)

Já nos exemplos a seguir, (166) e (167), *nÿ* está utilizado como verbo ‘existencial’(EXIST):

(166) *Gĩr hã nÿ.*  
 criança parecido, assim **EXIST**  
 ‘É a criança’.

<sup>128</sup> Trecho de uma narrativa sobre um *Krĩpénufã*. Ele tinha ‘roubado’ uma mulher grávida Kaingang e os índios estavam atrás dele para capturá-lo. O *Krĩpénufã*, que estava em cima da pedra falando e comendo, era observado pelos Kaingang que o espreitavam.

<sup>129</sup> *Ěgje* = “armadilha com isca de milho” (Kógjá Joaquim 2008, p. 11).

(167) *Ag tỹ ãn ki jun jun mũn kã ag tỹ ãn to Nũnẽ vãnh*  
 3PL MS DEM em chegar.PL andar.PL então 3PL MS INDF em relação a *Nũnẽ vãnh*  
*ke mũ, ãn tỹ ãn kã nĩ ja nĩ.*

dizer PFV DEM MS DEM então permanecer, ficar.SG PST EXIST

‘Quando eles chegaram lá aquele quem eles chamavam de *Nũnẽ vãnh* morava ali’.

(*Nũnẽ vãnh*, ‘que não tem língua, mudo’; ‘Nonoai’, nome de um importante cacique do século XIX no Rio Grande do Sul, seria uma corruptela desse termo).

*Ag pi ti kinhra nỹtĩ. Hãra ãn hã hã nỹ kã jã ja nĩ,*  
 3PL MS:NEG 3SG conhecer IPFV.PL mas casa assim, parecido assim **EXIST** então POSIC:em pé PST EXIST  
*kỹ ag tỹ ãvãnh mỹr , ã tỹ kã nĩ ti tỹ vé,*  
 quando 3PL MS observar pois INDF MS LOC permanecer, ficar 3SG MS apenas, somente  
*Nũnẽ... ag tỹ..*

*Nũnẽ* 3PL MS

‘Eles não conhecem ‘ele’. Porém existia/tinha casa lá, quando eles observaram, quem morava ali era *Nũnẽ... eles..*’

*ti ag tỹ ti tuvé ti hã nỹ Nũnẽ vãnh nĩ ke mũ,*  
 3SG 3PL MS 3SG somente, apenas 3SG parecido, igual EXIST *Nũnẽ vãnh* IPFV.PL dizer PFV  
*ti tỹ ti vỹvãnh tugrĩn.*

3SG MS 3SG falar+NEG por causa de

‘Ele para eles apenas disseram ele é *Nũnẽ vãnh*, por ele ser mudo’.

(Fonte: Vãfy, 2002)

Assim também em (168), *nỹtĩ* (a forma plural de *nĩ*) expressa esse senso:

(168) *Tã tá tỹ nỹtĩ.*

LOC:lá MS EXIST.PL

‘Lá existe ou lá tem (várias: pessoas, coisas...)’.

Em (169), abaixo, *nỹtĩ* responde pela imperfectividade do enunciado; porém, dado o contexto, um sentido existencial não é totalmente descartado. *Kinhra* literalmente significa, em Kaingang, “saber, conhecer” (como em algumas outras línguas; ou seja, diferente do Português, o que nós distribuimos em dois vocábulos, o Kaingang reúne em um único; o Guarani também). O enunciado está traduzido como: ‘Eles não conheciam ele’. Mas seria possível uma outra tradução: ‘Eles (os Kaingang) não sabiam (da existência) dele/ que ele (aquele que ‘era mudo, que não falava - *Nũnẽ vãnh*’) existia’. Afinal, os Kaingang liderados pelo cacique *Fongue* chegaram naquele lugar desconhecido e não sabiam que lá existiam pessoas; que existiam casas...(em outro trecho o narrador conta que encontraram três casas já feitas no local):

(169) *Ag tỹ ãn ki jun jun mũn kã ag tỹ ãn to Nũnẽ vãnh ke mũ*

3PL MS DEM LOC chegar.PL andar.PL quando 3PL MS INDF em direção *Nũnẽ vãnh* dizer PFV

*ẽn tỹ ãn kã nĩ ja nĩ.*

DEM MS DEM em permanecer, ficar.SG PST EXIST

‘Quando eles chegaram ali aquele chamado de *Nũnẽ vãnh* morava ali’.

*Ag pi ti kinhra nỹtĩ.*

3PL MS:NEG 3SG saber IPFV.PL

‘Eles não conheciam ele’.

(Fonte: Văfy, 2002)

De (170) a (172), resalto a perspectiva aspectual expressa por *nĩ* e *nỹtĩ* :

(170) *Kỹ ne tỹ ser prãr ke tĩ-g nĩ jetóg,*

então *diz que* assim gritar fazer HAB.PST IPFV *diz que*

[então diz que ‘vivia’ fazendo a ação de gritar, diz que]

*jo ag je tỹ ser goj kym mũ ser,*

e 3PL *diz que* assim água cortar PFV assim

[e eles, diz que cortaram (atravessaram) a água assim,]

*hãra fág hã tỹ ser mer kã nỹ nĩ gé.*  
 mas pinheiro parecido MS assim baixada em POSIC:deitado IPFV também  
 [mas havia um pinheiro (deitado) mais para baixo também]

*Kỹ ag jeta ser fág tag to jãpry-j há ja ti jo jãvo*  
 então 3PL *diz que* assim pinheiro DEM para subir.PL.FUT bem PFV 3SG POSP:antes senão  
 [então eles dizem que iriam subir para aquele pinheiro antes dele, senão]

*tỹ ag kã ã ko-j mũ, ke mũ, kegé ser jetóg.*  
 MS 3PL em INDF comer.FUT PFV dizer PFV também assim *diz que*  
 [ele comeria alguém deles, disseram; diz que também assim]

‘Então vivia gritando, diz que; e eles atravessaram a água, mas havia um pinheiro para baixo. Então eles disseram “poderíamos subir nesse pinheiro”, “senão ele comerá um de nós”, disseram também, diz que’.

(Mais literalmente: ‘Então, diz que (ele) vivia, andava gritando e eles (os Kaingang) atravessaram a água e tinha um pinheiro (deitado) mais abaixo. Então diz que eles iriam subir no pinheiro senão ele (o *Krĩpénufã*) comeria um deles’).

A imperfectividade da construção: *prãr ke tĩg* (literalmente: ‘vivia, andava fazendo a ação de gritar’) está dada por *nĩ*. A presença de *nỹ* em: *hãra fág hã tỹ ser mer kã nỹ nĩ gé* tem a função de mostrar a posição do pinheiro – (ele) ‘está deitado’. Adiante no capítulo aponto que essa informação tem outras implicações, mas por enquanto essa compreensão é suficiente. O *nĩ* (que ocorre após o Posicional) também expressa uma perspectiva imperfectiva; porém não se pode deixar de notar que ele assinala a ‘existência’ do pinheiro: ‘tinha/havia/existia’ um pinheiro (deitado) mais abaixo’.

(171) *Hãra ãg kra pi kórég nỹĩ ham,*  
 mas 1PL mão-de-pilão MS:NEG feio,ruim IPFV.PL MD  
*ka kufy tag tỹ hyghá vã ham, krėj mág ãn vã gé ham.*  
 árvore peso DEM MS fazer.PL ASSERT MD pilão grande DEM ASSERT também MD  
 ‘E nossas mãos-de-pilão não eram ruins, eram feitas de madeira pesada, eram pilão grandes também’.

(172) *Vỹsỹ ã tỹ ser fogão kar ser monh tỹ ãa junta nĩ*  
 antigamente INDF MS assim fogão e assim boi MS uma junta IPFV  
*tỹ ser tỹ ã tỹ nén ã nĩ ker, êg mỹ.*  
 MS assim MS INDF MS coisa INDF IPFV ‘quer dizer’ 1PL para  
 ‘Antigamente quem tinha fogão e uma junta de boi já era bem de vida para nós’.

Em (173), abaixo, o uso de *nĩ* é responsável pela leitura do evento ‘cochilar’ se estendendo, ou em outras palavras, com duração:

(173) *Û jita vyryn ke tare ke nỹ nĩ, mókã tỹ*  
 INDF *diz que* (1) (2) fazer POSIC:deitado IPFV arma de fogo MS  
*vãnh rã fág*  
 REFL perto pinheiro  
 [alguém, diz que ‘cochilava’ ‘deitado’, ele com uma arma de fogo ‘perto de si mesmo’ (em um pinheiro)]  
*kỹ jita vyryn ke tare ke nĩ-g tĩ hamã.*  
 então *diz que* (1) (2) azer permanecer, ficar.SG.PST HAB MD  
 [então diz que ficava cochilando, viu!]  
*Kỹ jítóg sa ãjag mỹ ag kygrãn ke-j hamã.*  
 então *diz que* [1SG]MS 2PL para 3PL abater, surrar.PL fazer.FUT MD  
 [então diz que disse: para vocês, eu irei surrar eles, viu!]  
*Ti nĩgnó tavĩn tỹ jita ag kygrãn hamã.*  
 3SG braço somente MS *diz que* 3PL abater, surrar.PL MD  
 [ele somente com o braço, diz que surrou eles]  
 ‘Havia um, cochilando com a espingarda perto dele, um cochilando. Então ele disse: “vou surrar eles para vocês”. Ele surrou todos eles só com o braço (sem uso de arma)’.

(Fonte: Vãfy, 2002)

Inicialmente esclareço as glosas numeradas: (1) relaciona-se a *vyryn ke*, que está traduzido em Wiesemann (2002, p.100) como ‘empurrar até cair’ - foi utilizado aqui como ‘cochilar’; e (2) o morfema *tare* que, segundo minha auxiliar de transcrição, refere-se ao ‘movimento que a pessoa está fazendo cochilando... a cabeça, o rosto indo para a

frente...’. Então as informações em - *ũ jita vyryn ke tare ke nỹ nĩ* - são: ‘diz que tinha um/alguém (um soldado) que fazia a ação de cochilar na posição ‘deitado’ (*nỹ*)’. Na verdade, mais ou menos deitado ou ainda não muito deitado, porque *tare* aponta o movimento da cabeça pendendo, como se ele estivesse sentado, cochilando. E, a presença de *nĩ* expressa que o evento tem ‘certa’ duração, daí a tradução ‘(havia um) cochilando’. Note-se que essa duração indicada pode relacionar-se com o momento em que os Kaingang chegaram onde a pessoa cochilava: ela ainda estava cochilando quando eles chegaram (o evento ‘cochilar’ se estendeu até aquele dado momento).

O exemplo (173) mostra que enunciados com a presença de verbos durativos (ou pelo menos que tenham possibilidade de expressar circunstâncias com duração na língua Kaingang) com o uso concomitante do Imperfectivo *nĩ* ressaltam o sentido acional de duração do evento. É também essa a leitura (segundo minha auxiliar de transcrição e de outro professor colaborador) que *nỹtĩ nĩ* (verbo permanecer, ficar.PL e *nĩ* como Imperfectivo) dá em (174): semanticamente a idéia é que ‘a partir daí (daquele momento) eles (os Kaingang) estão lá e que ainda continuam até ‘hoje’’. No trecho anterior a essa fala, o narrador contava que os Kaingang chegaram com *Fongue* ‘naquele lugar’ e encontraram uma pessoa que não falava – *vĩvãnh* (‘que não tinha língua, não tinha palavra - era mudo’) e, então, permaneceram naquele local:

(174) *Kỹ tỹ ser ag tỹ hãn tá nỹtĩ nĩ ser hamã.*  
então MS assim 3PL MS algum lugar LOC:lá permanecer, ficar.PL IPFV assim MD  
‘Então eles ficaram lá’. (Fonte: Vãfy, 2002)

Diferente da expressão em (175) com o uso de *nỹtĩg* (verbo *nỹtĩ* no Passado) e o uso de *tĩ*; exemplo no qual não há sentido de duração, mas sim de habitualidade: ‘ficávamos (habitualmente) lá’:

(175) *Hỹ’ỹ... Kỹ ãg tỹ ser tá nỹtĩ-g tĩ ham,*  
sim então 1PL MS assim LOC permanecer, ficar.PL.PST HAB MD  
[sim, então nós assim ficávamos (habitualmente) lá]

*hỹ kỹ ija hãra inh ne, kófa tugnĩn*

por isso [1SG]MS mas 1SG MS velho ‘por causa de’

[por isso eu, mas eu por causa do velho]

*ẽg ne tag mĩ mũ nĩ gé, ke ke mỹr,*

1PL MS DEM LOC ‘andar.PL’ IPFV também dizer fazer pois

[nós andamos por aqui também, digo pois]

*hãra ẽg pi kãmũ-j mũ vã.*

senão 1PL MS:NEG chegar.PL.FUT PFV ASSERT

[senão nós não chegaríamos (não viríamos)]

‘Sim... então ficávamos lá... por isso eu, mas eu, por causa do velho estamos por aqui, eu falo isso, senão não teríamos vindo’.

Notem que na sentença - *kófa tugnĩn ẽg ne tag mĩ mũ nĩ gé* ‘por causa do velho estamos por aqui’ - *mũ* tem sentido de ‘andamos, vivemos (aqui)’, utilizado no plural por se referir a ‘nós’ *ãg*; e, *nĩ* aponta a duração do evento: ‘(ainda) estamos por aqui, desde que viemos’.

## 5.2 Outras possibilidades

Mencionei no início deste capítulo que diferentes extensões semânticas decorrem dos Verbos Posicionais.

Para mostrar e discutir essas relações, inicio apresentando algumas exemplificações nas quais há também ocorrência do que trato como Posicionais (POSIC). Nestes casos, eles não estão utilizados como Verbos principais da oração, mas fazem alusão à localização espacial, à posição (e ou forma) do referente (veja também item 5.3). Ocupam a posição final da oração ou – como nos dados abaixo – a penúltima posição, à esquerda (antes) de um marcador aspectual e ou modal.

Neste momento vamos observar o papel dos marcadores finais nos exemplos de (176) a (178), os quais estão numerados para facilitar a visualização: *nĩ*<sup>1</sup>; *nĩ*<sup>2</sup> e *nỹ*<sup>3</sup>. Lembro que a tradução foi dada por meu colaborador ao me explicar os exemplos.

(176) *Fi tỹ kaga ka nĩ nĩ*<sup>1</sup>.

3SG.F MS doente então POSIC:sentado *nĩ*

‘Ela está doente’

(177) *Fi tỹ kaga ka nỹ nĩ*<sup>2</sup>.

3SG.F MS doente então POSIC:deitado *nĩ*

‘Ela está doente’

(178) *Fi tỹ kaga ka nĩ nỹ*<sup>3</sup>.

3SG.F MS doente então POSIC:sentado *nỹ*

‘Ela está doente’

Contrastando inicialmente os três exemplos, em termos ‘posturais’ do Sujeito (o referente, aqui no caso), temos: i) em (176) o enunciado diz que ‘a pessoa está doente, mas permanece ‘sentada’; ii) em (177) ‘a pessoa está doente e de cama, deitada’; e iii) em (178) a informação dada é que ela também está doente, mas ‘sentada’.

Já as formas gramaticalizadas que se encontram no final dos enunciados devem ser os aspectuais e ou modais. Semanticamente há distintas informações nesses enunciados. Observem-se os exemplos (176) e (178): ambos têm marcadores para a posição ‘sentada’ – (no sentido de se dizer que a pessoa não está acamada); a questão a responder, então, é: o que expressam os outros marcadores *nĩ*<sup>1</sup> e *nỹ*<sup>3</sup>, respectivamente? Em (176) a presença de *nĩ*<sup>1</sup> expressa um sentido de duração do evento ‘estar doente’; a idéia é que ‘ela estava doente e continua (até o momento). Já em (178) com a utilização de *nỹ*<sup>3</sup>, resulta uma interpretação que ‘ela estava doente, continua de certa forma nesse estado, mas não está mais ‘tão doente’; ou em outras palavras, a situação está ‘mais resolvida’ (embora ainda se tenha alguma possibilidade de mudança desse estado). Note que o fato dela estar ‘sentada’ indica uma melhora em seu ‘estado de saúde’.

Segundo os falantes nativos consultados, pode-se omitir o marcador posicional em (176) e (177), deixando de contar com a informação de como se encontra o paciente em termos de localização espacial; entretanto, não se poderia fazer o mesmo com (178), pois se

tivermos somente o marcador final, como em: (179) *Fi tỹ kagá ka nỹ<sup>3</sup>* – sem o posicional *nĩ* a interpretação é completamente diferente. Neste caso, não indica que a situação está mais ‘resolvida’, mas seria o mesmo que dizer que ela está menstruada; ou até mesmo que ela esteve doente, sarou, mas ainda está deitada (sendo um enunciado isolado, se pode interpretar uma mudança no evento - a pessoa estaria ‘menstruada’, ao invés de ‘doente deitada’; ou se poderia pensar que expressa uma relação semântica, ainda que longínqua, considerando menstruação como um estado ‘doente’ ou que ‘dói’).

Em (180) (a) e (b), abaixo, fazemos uma outra comparação de orações com alternância do marcador em posição final (com tradução de meu colaborador):

(180)

a) *Fi tỹ mén kỹ nĩ<sup>a</sup> nỹ.*

3SG.F MS casar então *nĩ nỹ*

‘Ela está casada’.

b) *Fi tỹ mén kỹ nĩ<sup>a</sup> nĩ.*

3SG.F MS casar então *nĩ nĩ*

‘Ela está casada / ela se casou’.

Essa exemplificação é um pouco diferente do que se apresentou de (176) a (178). Mas no momento voltemos nossa atenção para *nỹ* e *nĩ*, que se encontram no final destes enunciados em (180). De acordo com Selvino (comunicação pessoal), a diferença de sentido dos dois é sutil, mas existe: (180 a) seria a resposta a alguém que chega e pergunta por uma mulher e você diz que ‘ela está casada’, no sentido que aquilo não tem mais jeito; já (180 b) você chega e conta: ‘pois é, ela está casada / se casou’, com um sentido de algo que está durando até agora, mas depois... não se sabe!

Apesar de distintos exemplos, as questões levantadas para (176) a (180) relacionam-se à ocorrência desses marcadores em predicados estativos. Temos duas situações principais a serem analisadas (em termos de uso):

1. *nĩ* e *nĩ* em posições finais nessas composições;
2. *nĩ* ocupando a penúltima posição (como no caso de (180) onde está identificado como *nĩ*<sup>a</sup> (para facilitar a discussão)).

A hipótese inicial em relação à utilização de *nĩ* e *nỹ* em posição final nessas construções em ‘predicados estativos’ é considerar o contraste: Imperfectivo *versus* Perfectivo. *Nĩ* expressa a imperfectividade da situação e sua utilização carrega ainda um sentido de duração; e *nỹ* um Perfectivo, cujo senso completivo demonstra que a entidade é totalmente afetada pelo estado. E, neste caso, o Tempo da sentença não é afetado e por isso, é compatível com estado ‘presente’ (como descrito por Johnston 1980, apud Bybee (1994, p. 66, 67 e 74) para casos na língua Nankanai).

Isso explica porque se pode retirar o Posicional nos exemplos (176) e (177): a imperfectividade da situação continua a ser expressa pela presença do marcador *nĩ*. O que não pode ser feito com *nỹ* em (178), pois a retirada do Posicional muda as circunstâncias do enunciado. A presença do Posicional indicando que a pessoa está sentada com o uso seguido de *nỹ* mostra que o evento que (agora) afeta totalmente a pessoa: ‘ela estar doente’ passou por um processo: ela está melhor porque ela se encontra em uma localização espacial ‘sentada’. Podemos ter um enunciado com *nỹ* como posicional seguido de *nỹ* com sentido completivo, como em (181) *Fi tỹ kaga ka nỹ nỹ* ‘Ela está doente’; e, neste caso, significa dizer que a pessoa está mal, porque está acamada.

Da mesma maneira, em (180a), a composição *nĩ nỹ* demonstra a completude da situação – ‘ela já está casada’; enquanto a composição *nĩ nĩ* em (180b) mostra o evento sem focar em seu ponto final – há duração de/no ‘estar casada’, mas nada se diz em relação à totalidade dessa situação, apenas vemos parte (a estrutura interna) do acontecimento (considerando a definição de Comrie 1976, p. 24).

Um outro apontamento diz respeito a possíveis fontes lexicais para esses marcadores *nĩ* e *nỹ* expressando Imperfectividade e Perfectividade. Em relação à forma gramaticalizada *nĩ*, a hipótese é que o verbo locativo *nĩ* ‘sentar/estar sentado’ é sua fonte lexical (vimos que ‘locativos são fonte de Imperfectividade). Entretanto, para *nỹ* atribuir sentido completivo ou resultativo, a origem desta gramaticalização deve ser outra.

Bybee et alii (1994, p.74 a 78) ao tratarem da interação de ‘completivos’, ‘anteriores’ e ‘resultativos’ com predicados estativos, citam que:

Como completivos ou resultativos se desenvolvem em anteriores e, depois, em perfectivos, eles devem generalizar para ocorrer com verbos de todos os tipos semânticos.<sup>130</sup>

Também mencionam que, em línguas que permitem um ‘anterior’ ou ‘completivo’ com predicados estativos, verificaram duas distintas situações possíveis:

Uma está associada com anteriores e completivos advindos do verbo principal ‘terminar’; o outro caminho está associado com anteriores advindos dos auxiliares ‘ser’ e ‘haver’. (...) Na primeira situação o *gram* anterior ou o completivo tem o sentido de enfatizar a plenitude com que o estado aplica-se à entidade. (...) O segundo tipo de interação com predicados estativos, o *gram* anterior muda o aspecto do predicado estativo para incoativo, isto é, marca o predicado estativo assinalando a mudança de estado (Ibid., p. 74).<sup>131</sup>

Essas citações demonstram que *nỹ*, com esse uso, não pode ter nos verbos ‘posicionais’, a sua fonte lexical. Neste momento, talvez não consigamos precisar como essa forma gramaticalizada se desenvolveu. Sugiro que outras verificações sejam feitas para tentar responder essa questão pendente.

Os exemplos citados e outros a seguir mostram a utilização de *nỹ* no que está sendo tratado inicialmente como expressão genérica de/para Perfectividade. No entanto, como ‘anterior’ (ou os chamados Perfeitos por outros autores, como Comrie, 1976) tendem a se desenvolver em ‘passados’ e ‘perfectivos’, há que se considerar o que é apontado em Bybee et alii (1994, p. 78,79) – que sugerem a hipótese que em seu material de pesquisa é possível encontrar *grams* que representem um estágio intermediário entre puro ‘anterior’ e passado ou perfectivo. Esses autores ainda mencionam:

---

<sup>130</sup> No original: “As completives or resultatives develop into anteriors and further into perfectives, they must generalize to occur with verbs of all semantic types”.

<sup>131</sup> No original: “One is associated with anteriors and completives from the main verb ‘finish’; the other may be associated with anteriors from ‘be’ and ‘have’ auxiliaries. (...) In the first situation, the completive or anterior gram has the sense of emphasizing the completeness with which the state applies to the entity. (...) The second type of interaction with stative predicates, the anterior gram changes the aspect of stative predicate to inchoative, that is, it makes the stative predicate signal a change of state”.

Se nós estivermos certos em nossa hipótese sobre o desenvolvimento do significado anterior com predicados estativos principais, então aqueles *grams* que têm **estado existencial** como um uso mostram um desenvolvimento ainda maior, uma vez que tomamos um uso Presente com estativos sendo mais uma derivação de ‘um estado que completamente afeta a entidade’ ou uma inferência de uma interpretação resultativa de um estativo. (negrito no original) <sup>132</sup>

Chamo a atenção para essa teorização, porque na língua Kaingang a utilização de *nỹ* - nesse sentido aqui apontado – possibilita distintas leituras dependendo da semântica do verbo presente no enunciado. Com um verbo com significado estativo como ‘conhecer’, ‘lembrar’, ‘esquecer’; a presença de *nỹ* pode ter também uma interpretação resultativa. Observe-se no exemplo (182) a presença de *nĩ* com a presença do verbo *kãjatun* ‘esquecer’: “*ũn pi ti hã jyjy hã kãjatun tũ sa nĩ*” ‘não esqueci o nome de um deles’, que está substituído por *nỹ* em (183):

(182) ... *jeta ki nỹtĩ nĩ hamã, hãra ag jeta,*  
*diz que* LOC:em permanecer, ficar.PL IPFV MD *mas* 3PL *diz que*  
 [...diz que estavam ali, mas eles, diz que]

*ĩn tẽgtũ jeta kã ja nĩ hamã,*  
 casa três *diz que* LOC:ali PST EXIST MD  
*ĩn tẽgtu hamã, ũn pir ti jyjy,*  
 casa três MD INDF um, apenas 3SG nome  
 [havia três casas, três casas (viu). O nome de um deles]

*ũn pir ti hã jyjy hã kãjatun tũ sa nĩ,*  
 INDF um 3SG assim, parecido nome assim, parecido esquecer negação [1SG]MS **IPFV**  
 [de um deles, eu não esqueci assim o nome dele]

<sup>132</sup> No original: “If we are correct in our hypotheses concerning the development of anterior meaning with stative main predicates, then those grams that have **state exists** as a use show even further development, since we take a presente use with statives to be a further derivation from ‘a state completely affects on entity’ or an inference from a resultative interpretation of a stative” (destaque em negrito, no original).

*ag jyjy kinhra kar sa nĩ vã.*  
 3PL nome saber todos/tudo [1SG]MS IPFV CTF  
 [eu sabia todos os nomes deles]

*Hãra ã ti jyjy hã jeta Norẽ ke mũ hamã.*  
 mas INDF 3SG nome assim,parecido *diz que* *Norẽ* dizer PFV MD  
 [mas o nome de um deles diz que é *Norẽ*, digo]

‘...diz que estavam ali, mas diz que eles, havia três casas, três casas (viu!). O nome de um deles eu não esqueci; eu sabia do nome de todos eles. Mas o nome de um deles diz que era *Norẽ*’.  
 (Fonte: Vãfy, 2002)

(183) *ũn pir ti hã jyjy hã kãjatun tũ sa nỹ*  
 INDF um 3SG assim,parecido nome assim,parecido esquecer negação [1SG]MS **nỹ**

Porém, a tradução para este enunciado (183) com a presença de **nỹ** fica bem diferente: “Já não esqueço nenhum dos nomes deles”. Segundo os falantes, a interpretação para: ‘já não esqueço mais’ - seria algo como ‘decorei e vai ser difícil esquecer’ (conforme Selvino (comunicação pessoal), como “decorar a letra de uma música”, por exemplo). Em outras palavras, o uso de **nỹ** neste enunciado (183) se apresenta como um ‘resultativo’, no sentido de denotar ‘estado resultante’.

Ainda é necessário notar que **nỹ** nesse senso ‘completivo’ pode ter uma abertura, uma extensão para assinalar modalidade epistêmica com sentido de validar o que está sendo falado. Ao apontar um fato, um evento estabelecido ou ‘mais’ resolvido; o falante ao utilizar esse marcador, pode expressar seu aval ao que está sendo narrado, dando maior confiabilidade ou certeza/segurança no que está sendo contado.

Anteriormente apresentei no exemplo (115) um trecho de uma conversa/narrativa que mostro aqui novamente (184); porém, com uma pequena ampliação nos enunciados. Relembro que estamos nesse dado olhando para **nỹ** nessa perspectiva

apontada acima. O exemplo corresponde a falas de pessoas diferentes (indicadas por A, B e C) que conversavam sobre as diferenças de comidas e de atividades de ‘antigamente’ e as ‘atuais’. As traduções são da professora e falante Kaingang que me auxiliou na transcrição:

(184)

(A1) *Ko há tỹ tĩ-g ti grẽ tẽg ố.*  
 comer bom MS HAB.PST 3SG assado novo óh (exclamação)  
 ‘Era muito gostoso o recém assado’.

(C) *Kỹ jagnẽ ã han sór vãnh nỹtĩ.*  
 então RECP INDF fazer querer NEG permanecer, ficar.PL  
 ‘Então, por que vocês não podem continuar fazendo?’  
 (Literalmente: ‘Então vocês não querem ficar fazendo (o assado)’).

(B1) *Hãra ẽg tỹ nĩgnó kaga nỹ<sup>1</sup> ta ha, ãg tynyn vãnh.*  
 mas 1PL MS braço doente DECL-ASSERT por agora 1PL socar NEG  
 ‘Mas agora, por termos os braços doentes (doídos), não socamos’.

(A2) *Ûri nĩgnó.... (risos) ke nĩ nỹ<sup>2</sup> inh, Marsa,*  
 atualmente, hoje braço dizer IPFV DECL-ASSERT 1SG Márcia  
*inh pi nĩgnó há ve nỹ<sup>3</sup> ke gé ha.*  
 1SG MS:NEG braço bom apenas DECL-ASSERT/(PFV) dizer também agora  
 ‘Hoje, os braços... (risos), eu digo (mesmo), Márcia, eu já não tenho os braços nada bons, digo’.

(B2) *Nũr mã ãg tỹ kurãg, nũr mã kurãg.*  
 dormir ‘sem’ 1PL MS amanhecer dormir ‘sem’ amanhecer  
 ‘A gente amanheceria sem dormir, sem dormir’.

Já apontava, quando apresentei esse dado em (115), essa perspectiva de avaliação do falante em relação aos fatos citados, tanto que o uso de *nỹ* em (A2) havia sido glosado como DECL-ASSERT (Declarativo-Assertivo). Para facilitar, transcrevo novamente a explicação dada anteriormente: “a presença de *nỹ* em ((A), (*nỹ*<sup>2</sup>, em 184 A2)) tem o sentido de afirmar, de dar maior confirmação, firmeza ou ênfase ao que está sendo dito. Assim também o segundo *nỹ* (*nỹ*<sup>3</sup>, em 184 A2). Perguntei a um outro auxiliar Kaingang se em: “*inh pi nĩgnó há ve nỹ ke ge há*”, o *nỹ* poderia estar relacionado com braço (*nĩgnó*) – que é ‘longo’ e talvez aí tivéssemos um outro significado; mas sua resposta foi: “tem a ver com braço bom”. Insisti, então, perguntando a que mais se relacionaria, neste caso, o uso de *nỹ* e ele me respondeu: “fala com mais certeza”. No entanto, não podemos deixar de notar que apesar da utilização de *nỹ* confirmar nesse enunciado um fato (que hoje os braços (dela) não são bons!); ele carrega um sentido completivo (já não são nada bons!).

O que se apresenta nesse exemplo é que há também expressão de modalidade com a utilização de *nỹ*, além do sentido aspectual que ele evidencia; este, no entanto, distinto do uso explicitado por *nĩ* – claramente Imperfectivo. A distinção que podemos mencionar é que no caso de *nỹ*<sup>2</sup> a posição ocupada após o aspectual sugere um uso mais predominantemente de modalidade. Entretanto, *nỹ*<sup>3</sup> pode explicitar os dois usos: um aspectual e também de modalidade. Mas neste caso, minha hipótese ainda é que o sentido de modalidade é o que primordialmente o falante está assinalando.

Em (185) a imperfectividade está expressa por *nỹtĩ* – utilizando a forma plural por referir-se a ‘elas’: às pessoas de uma família que tinham vindo de Serrinha – e o uso de *nỹ*, neste enunciado, também dá lugar a uma interpretação de assertividade que responde pela confirmação de um fato já estabelecido, ou seja, as pessoas (já) tinham fogão e o trouxeram:

(185) *Áu ham, fogão nỹtĩ nỹ gé ser fag ham fag kãmũ mỹr ham.*

sim MD fogão IPFV.PL DECL-ASSERT também assim 3PL.F MD 3PL.F chegar.PL pois MD ‘Sim, elas já tinham fogão quando vieram’.

Ainda nas exemplificações (186) e (187) ocorre a presença de *nỹ* expressando claramente um significado epistêmico (e também se encontra abreviado em uma construção interessante: *nỹtĩn* = *nỹtĩ nĩ nỹ* - verbo 'permanecer, ficar.PL' + Imperfectivo *nĩ* + *nỹ* [DECL-ASSERT]).

(186)

(A) *Ã ró sĩ tag fãñ kỹ tỹ hãra jãñ mág*  
 2SG cercado<sup>133</sup> pequeno DEM encher então MS mas alimentar bastante  
*ge ra ha, gẽr ti.*  
 fazer para agora milho 3SG

'Mas se você encher este chiqueiro dura bastante, o milho'.<sup>134</sup>

<sup>133</sup> *Ró* é 'cerca, cercado', e 'cercado pequeno' *ró sĩ* é, então, um neologismo para "chiqueiro". No passado, para os Kaingang, um criatório de porcos era um bom (em geral, grande) cercado de varas, a céu aberto (sob pinheiros). Mas o cercado pequeno também pode ser um paiol, um depósito (Wilmar D'Angelis, comunicação pessoal).

<sup>134</sup> O termo *gẽr ti*, ao final, extraposto, é a retomada catafórica de um pronome da oração, uma coisa comum nos Kaingang. Sendo 3ª pessoa não-feminino, ele pode comparecer na oração principal apenas e somente pela MS (abaixo, co-indexo esses dois elementos), dispensando o uso do "ti". A oração, na formulação indígena (ou 'literalmente') não fala realmente de "você...". Sua melhor tradução é:

*Ã ró sĩ tag fãñ kỹ tỹ*  
 2SG cercado pequeno DEM encher então MS

[Este seu chiqueiro + encher + então, por, caso... + ele<sub>1</sub> +]

*hãra jãñ mág ge ra ha, gẽr ti*  
 então, mas alimento muito dizer IMP agora milho 3SG:ENF

[então + alimento/comida + muito, dizer + imperativo + já, o milho<sub>1</sub>]

O que resulta algo como:

'Se o milho encher esse seu paiol (ou chiqueiro), então vai ter muita comida, já diga\*.'

\* As expressões "diga" e "já diga", ao final de uma frase, quando um Kaingang está falando com outra pessoa e faz um comentário, é uma prática comum. O comentário é dele, mas é como se estivesse sugerindo ao interlocutor que o fizesse (porque, nesse caso, refere-se a algo que envolve o interlocutor ou seu interesse) (Wilmar D'Angelis, comunicação pessoal).

(B) *Jẽn mág jé tóg inh mỹ, hỹ.....*

alimentar bastante para MS 1SG para sim

*mỹr pir nỹtĩn (nỹtĩ nĩ nỹ) ve ra.*

porque pouco permanecer, ficar.PL/IPFV/DECL-ASSERT ainda ‘apesar de’

Traduzido: ‘Para dar de comer (alimentar) bastante, ele, para mim, então, porque ficaram poucos’.

Ou seja:

‘Para mim ele (esse milho) será para alimentar bastante (durará muito), porque ficaram poucos (porcos)’.

Neste dado acima as senhoras falavam sobre o milho que estava sendo colhido, naquele momento, um pouco mais abaixo da casa onde nos encontrávamos. O falante (B) concordando com a aceção dada por (A) dá seu aval ao que havia sido citado.

(187)

(187.1) (A) *Hãra fag tỹ hãra inhhã tỹ nén ã há sĩ ja nỹtĩ ham*

mas 3PL.F MS mas ‘só aquela pessoa’ MS coisa INDF bom pequeno PST IPFV.PL MD

*Piquena fag ham, fag tag tá Serinha tá kãmũ mũ kã.*

‘Pequena’ 3PL.F MD 3PL.F DEM LOC Serrinha LOC vir PFV quando

‘Mas só elas já tinham algumas coisas um pouco boas, as Pequenas, quando elas vieram lá de Serrinha’.

(187.2) (B) *Hỹ ken jé, tag tá kãmũ mũn kã ke ra,*

sim ENF DEM LOC vir, chegar.PL ‘quando’ então dizer IMP

*ke tan. Fóg, fóg fag tỹ nén ã hã ri ke ser ke ra,*

dizer MS+IPFV (*ta nĩ*) não-índio não-índio 3PL.F MS coisa INDF QU assim dizer IMP

*fag kã ge mỹr, ken jé.*

3PL.F entrar.PL quando ENF

‘Sim (ah! é) mesmo, quando vieram de lá (diga!) (estou dizendo). Já (tinham) as coisas assim como os brancos (diga!), quando elas entraram (isso mesmo, é verdade)’.

(187.3) (A) *Áu ham, fogão nỹtĩ nỹ gé ser fag ham*  
 sim MD fogão IPFV.PL DECL-ASSERT também assim 3PL.F MD  
*fag kãmũ mỹr ham.*  
 3PL.F vir, chegar.PL quando MD  
 ‘Sim, elas já tinham fogão quando vieram’.

(187.4) (B) *Ken jé...*  
 ENF  
 ‘Isso mesmo...’.

(187.5) (A) *Vỹsỹ ã tỹ ser fogão kar ser monh tỹ ãa junta nĩ*  
 antigamente INDF MS assim fogão e assim boi MS uma junta IPFV  
*tỹ ser tỹ ã tỹ nén ã nĩ ker, ěg mỹ.*  
 MS assim MS INDF MS coisa INDF IPFV ‘quer dizer’ 1PL para  
 ‘Antigamente quem tinha fogão e uma junta de boi já era bem de vida, para nós’.

(187.6) (B) *e... ěn tỹ ser tỹ ãn tỹ nén ã tĩ nĩ ham,*  
 eh! DEM MS assim MS INDF MS coisa INDF HAB IPFV MD  
*ẽn ti ser, ěg vãnhkagtĩg nỹtĩn (nỹtĩ nĩ nỹ) kỹ ham.*  
 DEM 3SG assim 1PL bobo, ignorância permanecer, ficar.PL/IPFV/DECL-ASSERT então MD  
 ‘Eh!...aquele é quem tem grandes coisas, porque éramos bobos’.

Tanto em (187.3) (A) quanto em (187.6) (B) o uso de *nỹ* indica assertividade em relação às citações anteriores.

Penso, então, que uma nomenclatura para esse uso ‘orientado pelo falante’ de *nỹ*, nestes contextos, como ‘Declarativo-Assertivo’ (DECL-ASSERT) talvez traduza as noções semânticas /pragmáticas pretendidas. Uma glosa genérica como ‘modalidade epistêmica’ também poderia ser empregada. De toda maneira, o que é importante é ter em mente as diferentes leituras que fazem parte do todo. Não é possível olhar somente para um marcador no enunciado, as diferentes construções atrelam-se a diferentes interpretações,

obviamente. E a questão aqui não é só o valor de verdade da proposição indexada, como menciona Bybee et alii (1994, p.239):

.. modo não indexa o valor de verdade de uma proposição em qualquer sentido abstrato, mas antes nos diz em que medida o falante está disposto a AFIRMAR a verdade de uma proposição. Inerente à função de modalidade epistêmica é o grau de compromisso que o falante está disposto a admitir com respeito à verdade da proposição. Modalidades orientadas pelo falante também não são sobre verdade, mas sim sobre a função do enunciado no contexto...<sup>135</sup>

Mas retornemos à questão que ficou pendente: *nĩ* ocupando a penúltima posição (como no caso de (180), que reproduzo novamente em (188) para facilitar a discussão).

(188)

a) *Fi tỹ mén kỹ nĩ<sup>1</sup> nỹ.*

3SGF MS casar então *nĩ nỹ*

‘Ela está casada’.

b) *Fi tỹ mén kỹ nĩ<sup>2</sup> nĩ.*

3SGF MS casar então *nĩ nĩ*

‘Ela está casada / ela se casou’.

Nestes casos, os marcadores identificados como *nĩ<sup>1</sup>* e *nĩ<sup>2</sup>* ocupam a posição (o lugar) do Verbo Posicional na estrutura da oração. Se considerarmos *nĩ* e *nỹ* em posição final se alternando na função aspectual, então, qual seria o uso de *nĩ* (<sup>1</sup> e <sup>2</sup>)?

Para sugerir uma resposta a essa questão, (re)apresento esses dois dados e alguns outros com comentários adicionais.

---

<sup>135</sup> ...mood does not index the truth value of a proposition in any abstract sense, but rather tells us the extent to which the speaker is willing to ASSERT the truth of a proposition. Inherent in the function of epistemic modality is the expression of the degree of commitment that the speaker is willing to admit concerning truth of proposition. Speaker-oriented moods are also not about truth, but rather about the function of utterance in the context...

(189) *Kã hã tỹ nĩ nĩ gé ser gen kỹ.*  
 então assim MS V (permanecer, ficar.SG) **IPFV** também assim desse jeito  
 ‘Então ele estava lá também’.

Em (189) somos levados a ver o primeiro *nĩ* como verbo: ‘ele permanece, fica’ (lá também).

(190) *Fi tỹ mén kỹ nĩ<sup>1</sup> nỹ.*  
 3SG.F MS marido com **POSIC** **PFV**  
 ‘Ela está (firme) com marido = casada\*’.

(\*) pode-se usar *mén* como verbo “casar (mulher)”, mas aqui o termo está posposicionado, o que significa que está tratado como Nome.

Esse dado (190), apresentado novamente com uma tradução mais literal, traduz a idéia de que ‘ela permanece casada’ - nesse ‘estado’ com sentido de completude....o fato já está ‘consolidado’. Há ainda um grau de asserção expreso, pois eu estou fazendo uma afirmação ‘categórica’ (ela já está casada e é isso!!)

(191) *Fi tỹ mén kỹ nĩ<sup>1</sup> nĩ.*  
 3SG.F MS marido com **POSIC** **IPFV**  
 ‘Ela está (vivendo) com marido = casada’.

Para (191), uma tradução mais literal: ‘ela permanece (está) casada’ - nesse ‘estado’, até este momento no qual estou contando, mas não sei depois. A duração está expressa pelo uso dessa construção e da presença do Imperfectivo final.



V

(196) *Ti tỹ kanẽ jur nĩ<sup>1</sup> nỹ.*  
 3SG MS ter medo POSIC PFV

‘Ele (já) está preocupado’.

No primeiro caso, há a presença de *ha*, que é um advérbio explícito, exatamente como “já” do Português. Na segunda formulação, o advérbio desaparece (ou não está), mas o sentido da frase com o uso do *nỹ* final é semelhante, porque agrega a idéia de algo finalmente estabelecido, atingido, que em português pode ou permite (ou pede) uma tradução com “já”. A situação instalada (em 196) está apontada pela perfectividade expressa com o uso de *nỹ*. Uma tradução mais fiel é: ‘Ele (agora, já) está (realmente) preocupado.’

A exemplificação, abaixo, corresponde a um pequeno contexto: Se eu chegasse a um lugar onde ocorreu um acidente de carro grave com vítimas, como dizer em Kaingang:

(197) O homem está morto.

*Ti tỹ ter nỹ<sup>2</sup>.*  
 3SG MS morrer POSIC:deitado

A utilização de *nỹ* assinala a posição ‘deitada’ na qual a pessoa se encontra (‘morta’). Se a frase terminasse em *ter* ‘morrer’, seria do tipo genérico, mas diria: “O homem está morto”. Só com o uso do *nỹ* é que passa a ser uma frase de alguém que atesta (contando), porque viu o que está falando. E isso exige o uso de uma partícula (evidencial) posicional (retornaremos a essa questão no item seguinte). Pode-se supor que até um *nĩ* caberia aí, caso o homem tivesse morrido ‘sentado’ em seu banco, preso ao cinto de segurança.

Mas no caso de chegar ao local do acidente, se eu visse o homem no chão e ao verificar que ele estava morto, eu contaria para outra pessoa: O homem já estava morto. Esse enunciado em Kaingang é o que se apresenta em (198):

V

(198) *Ti tỹ ter ja nỹ<sup>2</sup> nỹ.*  
 3SG MS morrer (NMLZ)PST POSIC:deitado PFV/DECL-ASSERT

Ou seja, temos *ter ja* que é uma forma nominalizada, passada. A frase, até aí, diz: “Ele está morto” ou “Ele é falecido”. O primeiro *nỹ* é posicional: está morto (e está) ‘deitado’. O segundo *nỹ* expressa além da idéia do evento estabelecido, um significado declarativo/assertivo: estou confirmando que ele (já) está morto.

Então, o que podemos avaliar depois desses exemplos de (189) a (198)?

No exemplo (189) *nĩ* como **Verbo** parece ser a interpretação mais correta (não há outro verbo antes dele). Nos exemplos (192), (197) e (198), *nĩ<sup>2</sup>* e *nỹ<sup>2</sup>* são claramente Posicionais. Nas outras formulações, a posição estrutural de *nĩ<sup>1</sup>* e *nỹ<sup>1</sup>* dentro da oração é a mesma em relação a *nĩ<sup>3</sup>* em exemplos como *Fi tỹ kaga ka nĩ<sup>3</sup> nĩ* ‘ela está doente (e está sentada). Mas os contextos semânticos, as coisas que co-ocorrem na mesma oração, levam o ouvinte a interpretações diferentes.

Minha hipótese inicial, então, é que nessas construções em predicados estativos há a utilização de um Posicional que ‘reporta’ a aspecto ‘físico’ quando o contexto pede ou favorece; mas ganha um sentido metafórico, ou fica apenas com a ‘essência’ semântica (ou com um traço semântico nuclear) quando co-ocorre com verbos ou em circunstâncias que não permitem leitura ‘física’. E sempre em contraste com os outros ‘Posicionais’. Assim podemos ter as situações:

1) em enunciados com possibilidade de referenciar posição:

*nĩ nĩ* = POSIC + IPFV (associado com uso modal e ou evidencial e duração)

*nỹ nĩ* = POSIC + IPFV (associado com uso modal e ou evidencial e duração)

*nĩ nỹ* = POSIC+ PFV (associado com uso modal e ou evidencial)

*nỹ nỹ* = POSIC + PFV (associado com uso modal e ou evidencial)

Em outras palavras, o primeiro elemento da composição é o que indica a localização espacial do referente (que está explicitado) e a posição à direita na construção é ocupada por uma forma perfectiva ou imperfectiva associadas a outras aberturas semânticas.

2) em enunciados nos quais não há um contexto que explicita posição física, o uso dos marcadores Posicionais se encontra esvaziado de seu sentido literal, mas possivelmente sugerindo um sentido metafórico a partir do original. Dependendo da ocorrência, talvez se possa falar em diferentes gradações que se estabelecem.

Observemos mais alguns elementos nessa discussão.

Nessa perspectiva olhemos o exemplo (199): embora o Posicional não esteja dentro das construções apontadas acima (sua ocorrência é isolada), também está utilizado com um sentido estendido a partir do original. É um dado com *jẽ* ‘estar em pé’ que contrasta em seu uso mais literal em (200):

(199) *Hỹ kỹ ija hãra ẽg ne pã'i si ja ag hã ki kagtĩg nỹtĩ ser ham ge mỹr.*

por isso [1SG]MS mas 1PL MS líder antigo PST 3PL assim saber IPFV.PL assim MD dizer pois

*Hỹ kỹ ija Sẽgre japrãr ke nĩ nĩ vã,*

por isso [1SG]MS *Sẽgre* chamar dizer MS(*ne*) IPFV ASSERT

*ti hẽ tỹ ki kanhró jẽ, ti hẽ ne ser ãg jo ke jẽ ham (risos).*

3SG assim MS conhecer **POSIC**:em pé 3SG assim MS assim 1PL antes fazer **POSIC**:em pé MD

‘Por isso eu falo só não sabemos dos antigos líderes. Por isso estou dizendo para chamarem o Sẽgre, ele que sabe ele é mais velho que nós. (risos...)’.

Nesse exemplo (199) a utilização de *jẽ* em - *ti hẽ tỹ ki kanhró jẽ* - deve ser resultado de um sentido metafórico a partir do original: ‘estar ou ficar em pé’. Não se aplica, obviamente, a seu sentido mais físico ou espacial, mas note-se que a posição ‘estar em pé’ é menos estável que a posição de ‘estar sentado’ ou ‘estar deitado’. O que pode sugerir que seu uso passe a uma significação de algo temporário ou com maior

possibilidade de mudança, transformação (talvez no sentido de precariedade da lembrança). Em - *ti hẽ ne ser ãg jo ke jẽ ham* - também há uma extensão semântica no uso de *jẽ* (embora pouco diferente da anterior), pois neste caso parece ser feita uma analogia a “ele estar ‘erguido’, na frente ‘de nós’” (mas em termos de idade, então, “ele é mais velho que nós”). Aqui há uma ligação semântica, ainda que fracamente estabelecida, com a acepção original de uso do marcador.

Diferentemente do que encontramos em (200), onde há a explicitação da localização espacial em termos físicos: o posicional *jẽ* assinala a igreja ‘erguida’, ‘levantada’.

(200) *Ha ka m̃nh fi ta pẽnónh kẽ*  
 por isso mãe C:fem MS morro,colina LOC  
*hẽ nĩ ja nĩg ham,*  
 assim permanecer,ficar.SG PST IPFVN MD  
*igreja jẽ ja ẽn ki sa ã mẽn, goj ror ẽn to,*  
 igreja **POSIC**: em pé PST DEM LOC [1SG]MS 2SG ‘dar a luz’ água redondo DEM em relação a  
*ke fi tỹ tĩ, m̃nh fi ham... hỹ...*  
 dizer C:Fem MS HAB mãe C:Fem MD sim  
 ‘Por isso minha mãe morava mais em cima, ela dizia que “onde estava a igreja é que eu ganhei você ali”, a mãe dizia, “perto daquele olho d’água”.... sim...’

Observo que fiz uma discussão inicial sobre essas considerações com falantes e há essa intuição de gradações apontadas para os casos nos quais não há explicitação de forma física; mas que, no entanto, ainda se utiliza um marcador posicional. Isso obviamente não é suficiente para responder às questões que se relacionam a este campo.

De todo modo, penso que essas indagações não se resolvam nesse momento, mas essas distintas possibilidades de usos estendidos para os marcadores Posicionais necessitam um outro olhar de nossa parte enquanto pesquisadores. Fica, então, o apontamento de se investigar essa hipótese inicial, ou seja, se há mesmo essa gradação que se relaciona originalmente a diferentes ‘posições físicas’.

Ainda há outras avaliações para serem trazidas para esta discussão. No item seguinte mostro algumas delas.

### 5.3 Posicionais e Fonte de Informação

Em alguns contextos na língua Kaingang a ocorrência de formas gramaticalizadas que são possivelmente provenientes de verbos locativos podem atribuir ou expressar significados adicionais aos apresentados anteriormente.

É o que se apresenta, por exemplo, em (201) e (202):

(201) *Pÿn vỹ nỹ.*

cobra MS POSIC:forma: deitado; alongada, horizontal/EXIST

‘A cobra está aqui’ / ‘É a cobra’.

(202) *Pÿn ta inh mâng pra sór nĩ*

cobra MS 1SG criação morder querer POSIC: forma: ‘sentada’; redonda

*ja nĩ sa jun mÿr.*

PST EXIST [1SG]MS chegar quando

‘A cobra estava querendo morder meu cachorro (lit: minha criação) quando eu cheguei’.

Nesses dados estão em negrito os dois marcadores para os quais chamo a atenção. Em (201) a utilização de **nỹ** é interpretada em referência à posição/forma do Sujeito ‘cobra’: a cobra é um ‘objeto, ser’ que está (geralmente) em posição horizontal (‘deitada’) e é longa, delgada (*nỹ*, neste contexto, diz respeito a objetos considerados ‘compridos’).<sup>136</sup> Já a interpretação de **nĩ** em (202), segundo minha auxiliar de transcrição, é que esse marcador mostra que a cobra estava ‘enroladinha’ (pronta para o bote) querendo morder meu animal (quando cheguei). Observe-se que ambos os marcadores estão sendo utilizados para o Sujeito ‘cobra’, entretanto, em (201) a atenção está voltada para a ‘forma física’ do animal; já em (202) a informação está mais voltada para a ‘localização espacial’, ‘à posição da cobra’.

---

<sup>136</sup> Note-se que uma leitura ‘existencial’ também é possível.

Nesses termos, pode-se dizer que a utilização desses marcadores dá informação ao ouvinte da ‘posição’ (ou ‘localização espacial’) ou ‘forma’ daquilo a que se referem.<sup>137</sup>

Voltemos para os dados:

Em (203) a presença de *jě* marca o posicionamento da casa: ela está ‘erguida, em pé’:

(203) *Īn vỹ jě.*  
 casa MS POSIC:em pé/EXIST  
 ‘A casa está aqui’ / ‘É a casa’.

Também na exemplificação a seguir *jě* e *jãg* fazem alusão à altura ou comprimento (quando em pé, ou seja, o tamanho quando estava ‘erguido, em pé’) que o irmão tinha na época que uma outra pessoa: *Kakrě, finado Marculino*, morreu. Nesse dado também se encontra a forma verbal *sãg* ‘pendurado’:

(204) *Isỹ gĩr kã tĩn ver tũg mỹr hamě,*  
 [1SG]MS criança ‘naquele tempo’ ‘andar’ ainda morrer quando MD  
 [eu ‘andava’ (era) criança naquele tempo ainda, quando (ele) morreu]

*Girĩ tỹ ver kě, ti hẽn ã tỹ ne rike jě hě,*  
*Girĩ* MS ainda ‘naquele tempo’ 3SG QU INDF MS MS igual,semelhante POSIC:em pé assim  
 [o *Girĩ* ainda naquele tempo; (ele) assim em pé (será?) igual alguém (era do tamanho de quem?)]

*inh mỹ tỹ ver sĩ tĩ ja jã-g, ke ja (ija ~ isa) tĩ,*  
 1SG para MS ainda pequeno HAB PST POSIC:em pé.PST dizer [1SG]MS HAB  
 [para mim ele ainda era bem pequeno (referindo-se a altura dele em pé), dizia (digo)]

<sup>137</sup> Veremos no capítulo seguinte que formas utilizadas mais em contextos discursivos / narrativos também podem expressar esses sentidos.

*hã kÿ tĩn sÿ mÿnh fi tÿ ěg hẽn ra mũn kÿ ser*  
 por isso ‘andar’ [1SG] mãe C:Fem MS 1PL QU:para onde? andar,ir.PL quando assim  
 [por isso (quando) andava minha mãe, nós andávamos para algum lugar assim]

*inh nér to ti sã-g ge ke mÿr*  
 1SG ‘anca’ em direção a 3SG pendurar.PST desse jeito fazer ‘então’  
 [então fazia assim (desse jeito) pendurava ele ‘atrás’ de mim]

*ěg Pranarto ra mũn kÿ ham*  
 1PL Planalto para andar, ir.PL quando MD  
 [quando íamos para Planalto, viu]

‘Eu era criança ainda quando ele morreu, o *Girĩ* ainda naquele tempo. Não sei do tamanho de quem ele era, ele ainda era bem pequeno. Por isso que quando (andava) minha mãe, quando saíamos para algum lugar, então colocava ele atrás de mim e fazia assim quando íamos para Planalto, viu’.

Em outros dados *nĩ* e *nÿ* estão mais voltados a explicitarem a forma física dos seus Argumentos S/O. Por exemplo, em (205), *nÿ* pode fazer referência à faca que se encontra em posição ‘horizontal’ (sobre uma mesa, talvez), mas não só. Seu uso pode estar mais relacionado ao objeto ‘faca’ que é alongado, comprido:

(205) *Rágro vÿ sá nÿ.*  
 faca MS preto POSIC:forma: alongada/EXIST  
 ‘A faca é preta’.

Assim também se uma pessoa Kaingang me dissesse: ‘a panela está lá ou ali’ poderia me dizer:

(206) *Kukrũ vÿ nĩ nĩ.*  
 panela MS POSIC:forma: redonda IPFV  
 ‘A panela está lá ou ali’.

que tem o sentido que ‘naquele lugar indicado está uma panela ‘redonda’’. O primeiro *nĩ* da construção *nĩ nĩ* relaciona-se à forma da panela que geralmente é redonda. Neste caso, o marcador está sendo utilizado para descrever esse objeto.

Já em

(207) *Mỹg tỹ tá ta nĩ.*

mel MS lá por POSIC:forma:redonda

‘O mel está lá’.

o uso de *nĩ*, segundo Selvino (comunicação pessoal) mostra que o mel está em um recipiente redondo, ou seja, também explicita a forma de algo a que se refere. E obviamente não está se referindo ao mel, mas ao formato do recipiente que o contém.

Uma leitura semelhante se tem no dado (208)

(208) *Goj tỹ rỹjgu jẽ.*

água MS quente POSIC: em pé

‘A água está quente’.

Essa foi a observação feita pelo meu colaborador Kaingang sobre ‘minha água’ que estava em uma garrafa (plástica) que se encontrava na posição ‘em pé’, sobre a mesa. O que contrasta com (209), exemplo no qual mencionou a água (colocada para ‘ferver’) em uma panela redonda (com o uso de *nĩ*):

(209) *Goj tỹ rỹjgu nĩ.*

água MS quente POSIC:forma: sentada; redonda

‘A água está quente’.

Mas se falássemos sobre a água de uma cachoeira que está quente, o enunciado seria feito com a utilização de *nỹ*:

(210) *Goj tỹ rỹjgu nỹ.*

água MS quente POSIC:forma: horizontal [paralelo ao chão];alongada

‘A água está quente’.

Ainda outros exemplos apresentados por um professor Kaingang para a utilização de *nĩ* e *nỹ* com esses sentidos apontados acima estão em (211) e (212)<sup>138</sup>:

(211)

*Nĩ* = com objetos/formas redondas, quadradas (ou menos alongadas ou mais compactas)

a) *Mora vỹ nĩ*.

‘É a bola (a bola está aqui)’.

b) *Pó vỹ nĩ*.

‘É a pedra (A pedra está lá)’.

(212)

*Nỹ* = com objetos/formas compridas (ou mais delgadas, alongadas ou menos compactas)

a) *Pỹn vỹ nỹ*.

‘É a cobra (A cobra está aqui)’.

b) *Ka vỹ nỹ*.

‘É a árvore’. (Também se pode ter uma leitura: ‘a árvore está caída’)

c) *Még vỹ nỹ*.

‘O cachorro (criação/animal) está aqui’/ ‘É o cachorro’.

d) *Caneta vỹ nỹ*.

‘A caneta está lá’ / ‘É a caneta’.

Essas observações e exemplificações levantam a questão se, nestes casos, poderíamos pensar em verbos ‘classificatórios’; ou em outras palavras, se verbos ‘posicionais ou posturais’, no Kaingang, estão sendo utilizados como ‘verbos classificatórios’. Aikhenvald (2003, p. 362, 363) cita que

Verbos de POSTURA e MOVIMENTO tendem a tornar-se verbos classificatórios. Verbos de Postura são usados como existenciais classificatórios em Ku Waru (Papua...). Em Engan e Waris, verbos classificatórios incluem verbos posturais (“estar em pé”, “sentar”, “estar dentro”, “ficar”), verbos de movimento (“vir”) e um verbo transitivo

---

<sup>138</sup> Note a tradução desses dados mostrando sentidos locativos (ou ‘posicionais’) e ‘existenciais’ muito proximamente ligados na língua, tanto que é possível vermos essas duas leituras na tradução.

(“carregar”). A tendência de verbos POSTURAIIS desenvolverem traços classificatórios, isto é, serem usados para classificar seu argumento S em termos da sua forma é encontrada em um número de línguas Indo-Européias. O uso de verbos de Postura na Rússia é correlato com a posição e forma física do seu Sujeito (Rakhilina, 1998); a mesma tendência tem sido descrita para o Alemão por Borneto (1996).<sup>139</sup>

Porém, essa discussão não é o foco no momento. Deixo, então, a sugestão de uma investigação mais detalhada sobre isso.

No entanto, alguns antecedentes e suas conseqüências, podem ser percebidos a partir dos dados citados neste item 5.3. Uma questão é que o ouvinte sabe automaticamente a informação que está sendo dada pelo falante; e este, por sua vez, está vendo ou viu a informação que está sendo passada: para saber a posição em que se encontra ou a forma de um objeto (com o mel dentro, por exemplo), ele precisa ter uma informação visual. É o que também precisa ocorrer para se dizer que a cobra está enrolada, pois é um animal que, por sua forma alongada, normalmente se utilizaria *nĩ* para se referir a ele. E a água na garrafa ou na chaleira também foi uma informação visual transmitida. Expressar isso é marcar como se obteve a informação e isso nos leva a Evidencialidade, que é uma categoria linguística cujo significado primário é fonte de informação (Aikhenvald, 2004, p.3).

Em *Evidentiality*, Aikhenvald (Ibid, p. 274) cita que “verbos que se referem à localização e existência podem originar evidenciais inferidos e assumidos”. Continua: “The inferred evidential *-?el* in Wintu (Schlichter 1986:52) probably goes back to a verbal element meaning ‘exist’”. A autora também afirma que “locative and directional markers also give rise to evidentials (Ibid. p. 275)

Para o Kaingang, mesmo que não se revele, neste momento, a fonte lexical – se são Posicionais/Existenciais ou Posicionais que se tornaram Classificatórios; a sugestão

---

<sup>139</sup> No original: “POSTURE and MOTION verbs tend to become classificatory verbs. Posture verbs are used as classificatory existential in Ku Waru (Papuan: table 6.8). In Engan and Waris classificatory verbs include posture verbs (‘stand’, ‘sit’, ‘hang’, ‘lie inside’, ‘lie’), one motion verb (‘come’) and one transitive verb (‘carry’). A tendency for POSTURE verbs to develop classificatory overtones, i.e. to be used to classify their S argument in terms of its form, is found in a number of IndoEuropean languages. The use of posture verbs in Russian correlates with the position and physical form of its subject (Rakhilina, 1998); the same tendency has been described for German by Borneto (1996).

inicial é considerar que as formas gramaticalizadas oriundas desses verbos estão sendo utilizadas, nestes contextos, para explicitar uma informação obtida; para expressarem, então, Evidencialidade, ou seja, atestar algo sobre a fonte de informação.

Pode-se pensar também em outros enunciados anteriores nos quais ‘posicionais’ foram utilizados para mostrar posição do referente, como por exemplo, ‘fazer horta, em pé’; ou mesmo na informação da ‘altura’ do irmão que era pequeno – os fatos citados foram presenciados e a informação disso está dada pela utilização dessas formas gramaticalizadas. Em todos esses casos mencionados há uma informação visual, ou em outras palavras, uma informação de ‘primeira-mão’.

Resumindo, então, vimos neste capítulo que diferentes gramaticalizações oriundas de verbos posicionais estão presentes na língua Kaingang.

A forma gramaticalizada *nĩ* (e o plural *nỹtĩ*) assinala Imperfectividade. São encontrados também como Existenciais. Ainda uma forma homófona é utilizada para relacionar Posição/Forma do Sujeito ou Objeto a que se refere com adicional extensão semântica de Evidencialidade ou de Estratégia de Evidencialidade, indicando uma informação visual. Em outras palavras, atestam a fonte de informação. Nestes casos e em algumas outras situações podem ter, adicionalmente, uma leitura ‘existencial’.

As formas *jẽ* e *sa* foram observadas mais frequentemente em exemplificações que mostram a localização espacial do referente ou, utilizadas como verbos posicionais/posturais que são originalmente. Embora ainda se encontrem usos estendidos dessas (e de outras) formas Posicionais, os quais parecem estar apenas com resquícios semânticos nucleares do uso original (todavia, essas situações necessitam ser melhor avaliadas).

Em relação a *nỹ*, observamos contextos nos quais ele está utilizado como verbo de ‘posição/postura’. Além disso, uma forma gramaticalizada proveniente do verbo postural (‘deitar’) é utilizada para mostrar forma/posição do referente. Nesse caso, também explicita algo que está sendo ou que foi visualizado e essa informação é repassada.

Em predicados estativos encontra-se uma forma homófona - *nỹ* que tem uma interpretação completiva/resultativa dependendo do contexto (em muitos exemplos tem uso

Perfectivo, contrastando - no mesmo lugar, em termos de posição estrutural dos constituintes na oração - com o Imperfectivo *nĩ*). Tais formas têm também leituras de modalidade ‘orientada pelo falante’ - expressam modalidade epistêmica. Essa gramaticalização utilizada para expressar senso completivo tem, provavelmente, fonte lexical distinta da forma homófona *nỹ* utilizada como Posicional ou Existencial. Isso porque verbos ‘posicionais’ não são fontes lexicais para Completivos e Resultativos, como sugerem as teorias de gramaticalização. Verbos ‘posicionais’ originam Imperfectivos e Existenciais.

## Capítulo 6

### Relações discursivas no Kaingang Sul

A proposta nesse capítulo é uma introdução sobre discursividade na língua Kaingang. É uma apresentação certamente não exaustiva, mas que objetiva mostrar principalmente algumas formas gramaticalizadas utilizadas em contextos discursivos. Serão relacionados também alguns operadores ou marcadores discursivos e outras informações que têm relevância no conjunto da organização do discurso.

Como mencionado na Introdução desta Tese, *discurso*, aqui, é entendido como organização textual-interativa ou, em outras palavras, um texto em operação, um texto em sua situação comunicativa (oral ou escrita).

Koch e Travaglia (1992, p. 10) definem Texto:

*Texto* será entendido como uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.

Também Castilho (2004, p. 55) menciona em seu trabalho:

Vou entender Texto como o produto de uma interação, que pode ser do tipo “face-a-face”, como na LF (língua falada), ou do tipo “interação com um interlocutor invisível”, como na LE (língua escrita). De qualquer forma, em nosso uso diário da língua estaremos sempre produzindo textos, mesmo sem o saber ...

Explícito novamente, então, que essa perspectiva presente nos autores acima citados, ou seja, essa aceção de texto-interação é a que orienta o que me refiro como ‘discurso’. As relações estabelecidas a partir das situações interacionais constituem as relações discursivas ou o que chamo de discursividade na língua Kaingang.

A ordem de Constituintes na língua Kaingang é, predominantemente, SOV - Sujeito, Objeto, Verbo - onde o Sujeito é ‘marcado’ abertamente por uma palavra gramatical e o Objeto é um sintagma que antecede o Verbo, isto é, é argumento interno do Verbo. Essa ordem se mantém em narrativas, conversações e textos. Formas gramaticalizadas para categorias tempo-aspectuais e outras relacionadas são pospostas ao verbo (ver **item 1.2.5**)

O recurso de topicalidade relativa é, às vezes, utilizado para localizar ou chamar a atenção para a pessoa ou objeto que está sendo mencionado; como por exemplo: *m̃nh fi ham* ‘(a) mãe’, no final do enunciado (213), abaixo; e, também em (214), traduzido como ‘nossas mães’ *m̃nh fi ham* (mas, literalmente, apenas: ‘(a) mãe’):

(213) *Miju han k̃y fi t̃y ser ũ t̃y ki ñt̃ĩ*  
 biju fazer então 3SG.F MS assim INDF MS em permanecer, ficar.PL  
*ãg ñgê kã fig, ñgê kã fig ge t̃-j, m̃nh fi ham.*  
 1PL mão em/dentro ‘dar’ mão em/dentro ‘dar’ assim HAB.FUT mãe C:Fem MD  
 ‘Ela ficava fazendo biju e ia dando assim nas nossas mãos, dando na mão, **a mãe**’.

(214) *Krēj ki tynyn k̃y t̃y jam̃ han m̃ũ gé ham, m̃nh fi ham.*  
 Pilão em socar então MS ‘bolo’ fazer PFV também MD mãe C:Fem MD  
 ‘Socavam no pilão e faziam bolo, **nossas mães**’.

Construções com verbo *ke* principalmente com sentido de ‘dizer’ conjuntamente com Perfectivo ou Imperfectivo/habitual - *ke m̃ũ*, *ke t̃ĩ* – podem ser ordenadas pragmaticamente: sua ocorrência normalmente finaliza enunciados na ordem OVS e VS. É usual em diferentes contextos, inclusive em falas cotidianas:

(215) - “*Hãra ... Topẽ vĩ vẽnĥ ser ki kanhró ag tỹ nỹgnĩ gé, kujá ag*”,  
 mas *Topẽ* palavra RECP assim conhecer 3PL MS IPFVN.PL também *kujá* 3PL

(V) (S)

*ke fi tỹ tĩ, mỹnh fi.*

dizer 3SG.F MS HAB mãe C:Fem

“Mas ... eles também conheciam a palavra de *Topẽ*, os *Kujás* (*xamãs*)”, ela dizia, a mãe’.

(216)

(V) (S)

[*Kỹ ěg tỹ ser ti mỹ ě ke nỹtĩ-j,*] *ke inh nĩm.* (*ke inh ne mũ*)

então 1PL MS assim 3SG para *ě* fazer permancer, ficar. PLFUT dizer 1SG (MS /PFV)

‘Nós ficávamos respondendo para ele com ( *ě* )’.

(Literalmente: ‘Nós ficávamos fazendo/dizendo *ě* para ele, eu estou dizendo/eu digo’).

Entre as diferentes marcas de Sujeito que ocorrem em todos os gêneros textuais (refiro-me aqui aos vários usos comunicativos na língua: diálogos/conversações, narrativas, discursos) também se apresenta uma forma negativa, *pi*, que nega um fato ou ação realizada pelo Sujeito (como no exemplo 217 abaixo). No entanto, há também a possibilidade da negação do verbo pelo uso do termo *vãnh* ou *vẽnĥ*, que ocorre posposto ao verbo e nega a ação descrita (exemplo 218):

(217) *Sỹ inh mỹnh fi jyjy, inh mỹnh fi jyjy...*

[1SG]MS 1SG mãe C:Fem nome 1SG mãe C:Fem nome

*hẽ kinhra sa nĩ, ... jo inh pi ser*

assim saber [1SG]MS IPFV e,mas 1SG MS:NEG assim

*ěg vovo prũ fi jyjy kikajró nĩ.*

1PL vovô esposa C:Fem nome saber IPFV

‘Eu... o nome da minha mãe, o nome da minha mãe... sei um pouco (lembro mais ou menos)... mas eu não sei o nome da mulher do vovô’.

(218) *Hỹ kỹ ija kỹ ĩg ne vỹsỹ miso*

por isso [1SG]MS então 1PL MS antigamente bicho

*kamãg vãnh ja, ke ke mỹr.*

‘ter medo’ NEG PST dizer dizer pois

‘Por isso eu falo como não tínhamos medo de bicho naquele tempo (antigamente)’.

## 6.1 Marcadores discursivos

Neste item faço uma discussão do que relaciono como ‘Marcadores Discursivos’ no Kaingang. É uma exposição inicial, já que apresento os Marcadores cuja ocorrência está circunscrita aos dados deste trabalho.

Penhavel (2005, p. 1296) aponta que não há um consenso terminológico na literatura que defina bem os Marcadores Discursivos como uma classe. Risso, Silva e Urbano (1996, p. 22) também afirmam que “há um dissenso entre os que se dedicam a estudos sobre os **Marcadores** (negrito no original) quanto à sua denominação”.

De modo geral, os Marcadores Discursivos, cita Penhavel (2005, p.1296), “são mecanismos que atuam no nível do discurso estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores”.

Mas se encontram diferentes denominações ou designações para referir-se a esses mecanismos, por exemplo: Marcadores Discursivos, em Risso et alii (1996); Marcadores Conversacionais, em Castilho (2004) e também em Marcuschi (1991); Operadores Argumentativos, em Koch 1997 (a partir do termo criado por Ducrot<sup>140</sup>).

Opotei pela denominação ‘Marcador Discursivo’ (**MD**) pressupondo discursivo como organização ideacional (ou textual para Castilho 2004, p. 49) e articulação interacional (interpessoal ou pragmático para Castilho (*op. cit.*) da linguagem. A mim me parece – concordando com Risso et alii (1996, p. 22) – que a designação de Marcador Discursivo é mais adequada e abrangente do que a de Marcador Conversacional. Esses autores observam (Ibid., p. 23):

---

<sup>140</sup> Segundo Koch (1997, p. 30), “o termo *Operadores Argumentativos* foi cunhado por O. Ducrot para designar certos elementos da gramática de uma língua que têm por função indicar (“mostrar”) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam”.

Embora esta outra<sup>141</sup> seja a mais corrente e aceita entre os linguistas brasileiros, reconhecemos nela uma limitação, por sugerir, inevitavelmente, um comprometimento exclusivo com um tipo de texto oral, que é a conversação.

No Kaingang, às vezes, um mesmo MD pode assumir mais de uma função. Risso et alii (1996, p. 47) lembram:

...é preciso ter primariamente em conta que, na dinâmica das relações textuais, dificilmente um determinado Marcador Discursivo exerce uma única função em caráter permanente e absoluto. O fato da mesma forma poder prestar-se a diferentes funções e ter, em decorrência, diferentes enquadramentos, reflete-se automaticamente em alterações nos padrões de traços.

Feitas então, estas breves considerações, apresento a seguir, os mecanismos que atuam no nível do discurso (os Marcadores Discursivos) encontrados em meu material de pesquisa.

Para conexão e também no início dos enunciados é frequentemente utilizado *kỹ* (*ka*<sup>142</sup>) ‘então’. Segundo Koch (1993, p. 62),

conectores interfrásticos são responsáveis pelo tipo de encadeamento que se tem denominado conexão ou junção. Trata-se de conjunções, advérbios setenciais e outras palavras (expressões) de ligação que estabelecem, entre orações, enunciados ou partes do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ ou pragmáticas.

Quanto à ‘função conversacional’ relaciona-se aos ‘sinais produzidos pelo falante’ (Marcuschi 1991, p. 71) para indicar o início e o final de uma asserção. Esse Marcador *kỹ*, apesar de ter um valor textual básico de unidade articuladora normalmente associada à estrutura ideacional do discurso, pode também receber atribuições orientadas para a interação.

---

<sup>141</sup> Referindo-se à denominação de ‘Marcador Conversacional’.

<sup>142</sup> Com perda de nasalidade, como acontece com *tỹ* > *ta*.

Um outro recurso discursivo extremamente comum é *ham* ~ *hamã* ~ *hamẽ*, cuja ocorrência é em final de oração; e, em muitos momentos, traduzido pelos meus auxiliares para o Português como: ‘assim!(?), viu!(?)’. Chama a atenção do ouvinte para o final de um enunciado e dá chance para uma ‘tomada de turno’; se é o caso, por exemplo, em uma história, parte de uma conversação, que requer um ‘retorno’ dos participantes. Mas tem igualmente a função de manter o contato com o interlocutor (a função ‘conativa’, no sentido jakobsoniano das funções da linguagem (JAKOBSON, 1975)). Usando a nomenclatura de Marcuschi (1991, p. 73), pode-se considerar o marcador *ham* ~ *hamã* ~ *hamẽ* inserido nos ‘sinais de sustentação de turno’: o falante usa para manter a palavra ou conseguir o assentimento do ouvinte; aparece ao final do que esse autor denomina de ‘unidades comunicativas (UC)<sup>143</sup>, preferencialmente na forma indagativa e pode configurar lugares relevantes para transição de turno. A utilização de *hamã* pelos falantes Kaingang normalmente remete a toda a sequência anterior do texto.

*Ser* ‘assim’ e *ge* ‘assim, desse jeito’ são utilizados na língua Kaingang na conexão<sup>144</sup>, mas também assinalando relações de sentido entre enunciados ou partes de enunciados; como por exemplo: de consequência ou de explicação (‘assim’!, ‘desse jeito’!). Observa-se a ocorrência desses marcadores no interior ou em posição final dos enunciados e, às vezes, podem remeter a um enunciado anterior. Quando em posição final, apontam um lugar para tomada de turno.

*Mÿr* ‘pois’ como Marcador discursivo pode articular i) uma justificativa; ii) uma explicação relacionada ao enunciado anterior; ou, iii) uma conclusão relativa aos argumentos apresentados anteriormente. Este último caso é o que a presença de *mÿr* assinala em (219):

---

<sup>143</sup> Para Marcuschi (1991, p. 61, 62): “A expressão unidade comunicativa (UC) é aqui tomada (cf. Rath, 1979) como substituto conversacional para “frase”, ou seja, é a expressão de um conteúdo que pode dar-se, mas não necessariamente, numa unidade sintática tipo frase”.

<sup>144</sup> Koch (1993, p. 60) observa: “o encadeamento permite estabelecer relações semânticas e / ou discursivas entre orações, enunciados ou sequências maiores do texto. Pode ser obtido por *justaposição* (em itálico no original) ou por *conexão* (em itálico no original)”.

(219) *Hỹ kỹ ija, hãra ěg pi ěg tỹ ěg panh,*  
 por isso [1SG]MS mas 1PL MS:NEG 1PL MS 1PL pai  
*ěg nỹ ter jerĩnmỹ ěg pi panh ge sór vẽnħ ja fẽ*  
 1PL mãe morrer ‘apesar de’ 1PL MS:NEG pai dizer querer NEG PST ‘costume’  
*nỹg, ge ke mỹr,*  
 IPFVN.PL também dizer pois

[Por isso eu, mas mesmo que nosso pai, nossa mãe morra, nós não deixamos o costume de querer chamar de pai, digo também, pois.]

*ũ tỹ panh ge ve kỹ tỹ ěg tỹ panh ge-j há tĩg, ...*  
 INDF MS pai dizer ver quando MS 1PL MS pai dizer.FUT bem ir,andar  
 [Quando vemos alguém dizer pai, também iremos dizer...]

‘Por isso eu, mas nós mesmo que o nosso pai, nossa mãe morra, nós não perdemos a vontade (não deixamos) de chamar de pai, digo (isso), **pois**, também. Quando vemos os outros falarem pai, também iremos dizer (sentimos vontade de falar)...’.

Nesse dado (219) acima, notamos ainda a presença de *hỹ kỹ* ‘por isso’, que também é um mecanismo discursivo que introduz uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior. Normalmente utilizado em início de orações.

Por sua vez, nessa mesma exemplificação, a presença de *jerĩnmỹ* ‘apesar de’ contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias.

*Hã ~ hẽ* traduzido como ‘assim, parecido, igual’ (ou ‘como’) também pode retomar algo já mencionado; referir ações; ou enfatizar uma citação. Em determinadas situações atua como marcador que modaliza o tópico, asseverando: ‘isso!, assim!, ‘dessa forma’!

Em (220) temos um exemplo no qual *hẽ* está empregado para ênfase:

(220) *Fi hẽ tỹ tĩg mũ.*  
 3SG ENF MS ir,andar PFV  
 ‘É ela quem irá’.

*Ān* ~ *ēn*, um Demonstrativo, traduzido como ‘aquele, aquilo’ pode ser utilizado, em algumas situações como um anafórico - diferentemente de outros Demonstrativos (por exemplo, *tag* ‘este/isto/aquilo’). Nesses casos, *ān* faz referência a algo já mencionado e usado como recurso coesivo entre orações ou períodos nos enunciados, mantendo referência para o ouvinte. Em certos contextos, ajuda a evitar possíveis ambiguidades ou repetições desnecessárias.

*Hāra* pode ser traduzido como ‘mas’ ou ‘então’. No sentido de ‘mas’, contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias (como empregado no exemplo (219) acima); quando significando ‘então’, é utilizado, em termos discursivos, para conexão (como no exemplo (221) abaixo).

Na exemplificação (221) a seguir podemos observar a presença de vários desses mecanismos utilizados como recursos discursivos (realçados em negrito). Há a presença de *kỹ* ‘então’ (conexão); *ān* ‘aquilo (referido)’; *hẽ* ‘assim, parecido’ (modalizando o tópico), *ser* ‘assim’, *hāra* ‘então’ Note-se as diversas relações estabelecidas, dentre as quais, o monitoramento da conversação e a organização do texto (discurso):

(221) *Ti tỹ kěj tó ken hẽ tóg,*  
 3SG MS cesto contar fazer assim, parecido MS  
 [ele fazia a ação de contar (falava) isso (assim) do ‘cesto’]

*hāra ser ag tỹ vỹsa runja mág ān nunh ki kym*  
 ‘então’ assim 3PL MS antigamente cabaça grande ‘aquele’ pescoço em cortar  
 [então desse jeito (assim) eles antigamente cortavam o pescoço daquelas cabaças grandes]

*kỹ ser hã ki mỹg jãgmĩ-j mũ gé jetóg.*  
 então assim parecido em mel espremer.FUT PFV também *diz que*  
 [então assim ‘naquilo’ iriam espremer o mel também, diz que]

*Kỹ ser kãj ãn<sup>145</sup> kãkã tỹ nĩ nĩ ke mũ,*  
 então assim cesto ‘aquele’ LOC:dentro MS permanecer, ficar.SG IPFV dizer PFV  
 [então desse jeito (assim) (o mel) ficava dentro daquele cesto, digo]

*runja mág ãn tĩ, ãn tu kỹ tĩ-j mũ jetóg,*  
 cabaça grande ‘aquele’ HAB DEM para então ir.FUT PFV diz que  
 [(n)aquela cabaça grande habitualmente, diz que ia então (na direção) (com) aquilo (a cabaça com o mel)]

*ti nó n ser, fi mén nó n.*  
 3SG atrás assim 3SG.F marido atrás  
 [atrás dele, assim, atrás do marido dela]

‘Ele falava isso (assim) do *kěj* (cesto), como antigamente eles cortavam aquelas cabaças grandes assim (na altura do) no pescoço e espremiam o mel ali. Então (o mel) ficava dentro daquele cesto, (n)aquela cabaça grande, andava carregando aquilo (a cabaça grande com o mel), atrás dele, do marido dela, diz que’.

Outras duas palavras gramaticais que podem ser utilizadas com funções discursivas são: i) *ker* ‘dizendo melhor’ (ou ‘melhor dizendo’), ou em outras palavras, atua no sentido de retificação do que foi dito (‘não’, quer dizer, isto é’), como em (222); ii) *va* ‘quer dizer’, ‘isto é’, que atua em operação de paráfrases explicativas, como em (223):

(222) *Kra mág ãn ke gé ker, kra régre.*  
 mão-de-pilão grande DEM dizer também ‘dizendo melhor’ mão-de-pilão dois  
 ‘Aquele mão-de-pilão grande também, duas mão-de-pilão’.  
 (Lit: ‘Aquele mão-de-pilão grande também, ou melhor, duas mãos-de-pilão’).

<sup>145</sup> Note-se que aqui *ãn* não faz referência a algo citado, mas liga-se diretamente ao substantivo subjacente: ‘aquele’ (cesto) - *kãj ãn kãkã* = ‘dentro daquele (em aquele) cesto’.

(223)

... *ãg mỹ*      *tuvãnh*              *jãvãnh*              *ag ta nỹtĩ,*

1PL para deixar,largar,soltar recusar, não querer      3PL MS IPFV.PL

*kỹ*    *ẽg tỹ*    *ag mỹ*    *para ke ke mũ*              *va,*

então 1PL MS 3PL para ‘parar’ fazer dizer PFV ‘quer dizer/isto é’

‘...eles não querem dar lugar para nós, então nós viemos dizer a eles: Parem’!

Nesse exemplo (223) o sentido explicativo se traduz em algo assim: “eles não queriam dar lugar para nós, então quer dizer que nós viemos dizer (falar) para eles pararem!”.

Para sintetizar, então, relaciono os Marcadores Discursivos em um quadro com a indicação da posição ou posições de ocorrência nas sentenças e sua utilização (\* por oposição às posições ‘inicial’ e ‘final’, utilizo ‘interior’ para quaisquer outras posições na frase):

Figura (20) - Quadro de Marcadores Discursivos (MD)

<b>Kaingang</b>	<b>Tradução para o Português</b>	<b>Posição de ocorrência</b>	<b>Utilização</b>
<i>Ān ~ ěn</i>	aquele, aquilo	inicial ou interior	- anafórico (mantém referência para o ouvinte) - conexão
<i>ge</i>	assim, desse jeito	interior ou final	- conexão; - relações de sentido entre enunciados: consequência ou explicação; - às vezes remete ao enunciado anterior; - quando em posição final, pode apontar um lugar para tomada de turno
<i>hā ~ hē</i>	assim, parecido, igual	interior	- retoma algo já mencionado; - enfático
<i>hamā~ hamē~ ham</i>	assim!, viu!	final	- manter a palavra ou conseguir o assentimento do ouvinte; - aponta um lugar para tomada de turno; - remete à sequência anterior do texto
<i>hāra</i>	mas	inicial	- contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias
<i>hāra</i>	então	inicial	- conexão
<i>hỹ kỹ</i>	por isso	normalmente inicial	- justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior
<i>jerĩnmỹ</i>	apesar de tudo	final	- contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias
<i>ker</i>	<i>ou melhor</i>	final	- retificação do que foi dito
<i>kỹ ~ ka</i>	então	inicial ou final	- Sequenciar os tópicos; - quando em posição final de tópico pode assinalar ao ouvinte o final da asserção e orientá-lo à tomada de turno.
<i>ser</i>	assim	interior ou final	- conexão; - relações de sentido entre enunciados: consequência ou explicação; - às vezes remete ao enunciado anterior; - quando em posição final, pode apontar um lugar para tomada de turno
<i>va</i>	quer dizer, isto é	final	- paráfrase explicativa

## 6.2 Algumas formas que ocorrem em narrativas ou eventos contados

Em textos, mais geralmente em narrativas ou histórias que fazem parte de conversações, há a utilização de algumas formas gramaticalizadas que assinalam que aquilo está sendo contado e atribuem diferentes sentidos semânticos aos enunciados.

Provavelmente são também gramaticalizações provenientes de formas lexicais como verbos posicionais/existenciais. Nesse momento sugiro essa possibilidade e aponto outras pesquisas e estudos nessa discussão. Ainda assim gostaria de trazer para este trabalho dados que explicitam a complexidade de informações (semânticas e pragmáticas) atribuídas por essas formas gramaticalizadas nos diferentes contextos discursivos na língua Kaingang. Julgo importante fazer, aqui, uma primeira apresentação dessas diversas formas e das relações discursivas envolvidas, ainda que tentativamente. Relembro, no entanto, que dado o caráter exploratório e inicial dessa discussão, não fiz uma tipologia de gênero discursivo, mas assinalo a pertinência e necessidade da ampliação desses aspectos em futuras investigações.

### 6.2.1 *Nĩgnĩ*

É utilizado quando algo está sendo contado, frequentemente quando se falam ou se contam coisas passadas ou algo já ocorrido. Geralmente os contextos nos quais é empregado são Imperfectivos, como se observa, por exemplo, em (224) e (225) abaixo. Intuitivamente os professores Kaingang apontam que esse morfema é escrito ‘junto’ para distinguir de *nĩg nĩ* – ‘escrito separado’ – composto do verbo *nĩg* ‘permanecer, ficar.SG.PST’ mais o Imperfectivo *nĩ*. Na verdade, em textos escritos, isso não é muito ‘respeitado’ (ou ‘seguido’), pois tanto quem escreve quanto quem lê sabe ou entende o contexto em que está sendo utilizado. Na oralidade há, geralmente, pequena pausa neste último caso citado.

(224) *Kỹ ěg ne ser mũ, kỹ ve ser tá kãmũ tũ kỹ*  
então 1PL MS assim ir.PL então apenas,somente assim LOC chegar.PL negação então

*ser vënh kÿ génh gé hë tóg,*  
assim aprontar-se pegar,carregar.PL também parecido,assim MS

*hãra inh pi ser kinhra nĩgnĩ gé.*  
mas 1PL MS:NEG assim saber IPFVN também

‘Então nós fomos, não quisemos mais voltar de lá e fizemos a mudança, mas não sei também’<sup>146</sup>.

(225) *Ëg sygsanh há sÿ ra ke hë tóg ge sam.*  
1PL crescer.PL bem pouco ‘na direção de’ dizer ‘decerto’ também [1SG]/(PFV) (*sa mũ*)  
[nós (já) (éramos) pouco mais crescidos, digo assim também]

*Javo, ù tÿ nén tÿ kã tÿ pã'i nĩgnĩ gé*  
porém INDF MS coisa MS naquela época MS líder IPFVN também  
[porém alguém já era autoridade naquela época também]

*inh këke ën fi mén mũn kã ham,*  
1SG *këke* DEM C:Fem casar quando naquela época MD  
[naquela época quando casou (fez o casamento) daquela minha irmã mais velha, viu?]

*kakrë sÿ Vënhrán sÿ mré jë-g mũn kã.*  
*kakrë sÿ Vënhrán sÿ* com POSIC:em pé.PST quando então  
[então quando ‘parou’ (ficou) com o *kakrë sÿ Vënhrán sÿ*]

‘Já éramos um pouco mais velhos (adultos) eu acho assim. Porém alguém já era autoridade naquela época, quando fez o casamento da minha irmã (mais velha) viu, quando ficou (morou ou parou) com o *kakrë sÿ*<sup>147</sup> *Vënhrán sÿ*’.

<sup>146</sup> Talvez não saiba mais sobre isso...

<sup>147</sup> *Kakrë* é termo de parentesco que significa “sogro”, real ou potencial, de modo que se aplica a qualquer homem da geração acima que seja irmão (real ou classificatório) da mãe de Ego. Por isso também se traduz, às vezes, por “tio”. *Kakrë sÿ* é um irmão mais novo da mãe (Wilmar D’Angelis – comunicação pessoal).

O uso de *nĩgnĩ*, segundo meu colaborador e professor Kaingang, traz uma implicação discursiva, pois aponta ‘que se está falando de algo para alguém que ele ainda não saiba’. Aqui se trata de uma avaliação do falante a respeito do conhecimento do ouvinte, o que o faz colocar determinada informação como *Nova*, e não como “*Dada*”, para usar a terminologia funcionalista.

Uma sugestão, que penso não cobrir totalmente os sentidos pretendidos em sua utilização, mas que indica parte da função assumida por esse marcador, é que ele seja glosado como Imperfectivo Narrativo (IPFVN). Lembro, entretanto, que nesse termo ‘narrativo’ estou me referindo também a histórias que fazem parte de conversações e que muitas vezes requerem um ‘retorno’ dos participantes. E adicionalmente a outras formas discursivas que envolvem ‘contar coisas ou fatos/eventos’; que, porém, não deixam de ser uma forma de conversação/narração dependendo do assunto tratado.

Muitas vezes há abreviação de *nĩgnĩ* e só se observa *nĩg* (226). Nesses casos, há dependência do contexto para se saber se é abreviação de *nĩgnĩ*; ou, se é verbo *nĩ* no Passado.

(226) *Hãra ěg tỹ ěg tỹ kuvar mĩ mũn*  
 mas 1PL MS 1PL MS longe dentro(em movimento) andar.PL  
*kỹ jagnã ve sór ja fã nĩg (nĩgnĩ).*  
 então RECP apenas querer ‘coisa que se faz’ IPFVN

‘Pois nós, por nós andarmos longe um do outro, tínhamos saudade (tínhamos vontade de ver um ao outro)’.

Uma outra observação é em relação à temporalidade dos enunciados com a presença de *nĩgnĩ*. Apesar de, como já citado no início, frequentemente encontrado em enunciados que fazem referência temporal a eventos passados, também ocorre em falas lidas como ‘presente’: em (224) acima, exemplo no qual o ‘não sei’ faz referência a não ter outras informações ou não se lembrar (muito) “nesse momento” (da enunciação) sobre o assunto falado. No enunciado abaixo, parte de uma conversa/narração na qual a pessoa falava sobre seus pais, a temporalidade dada na tradução remete ao Momento da

Enunciação, embora a pessoa esteja se referindo a um contexto passado: ‘a outra (pessoa) conhecia um pouco a mãe das mães – a avó’:

- (227) *Ã mÿ ã mÿnh fi, fag mÿnh fi kinhra sÿ nÿg (nÿgnÿ), vó.*  
2SG QU 2SG mãe C:Fem 3PL mãe C:Fem saber pouco **IPFVN** não(interjeição)  
‘Você acha que a tua mãe conhece a mãe delas, não?!’  
(Lit: Você, a sua mãe, conhece (um pouco) a mãe delas, não?!)

Assim também em (228)

- (228) *Ën kinhra há tÿ fi tÿ nÿgnÿ gé inhhã,*  
DEM saber bem HAB 3SG.F MS **IPFVN** também ‘só aquela pessoa’  
*ã mÿnh kófa ã fi.*  
2SG mãe velha INDF C:Fem  
‘Só ela sabe bem disso também (eu acho / me parece), a tua outra mãe velha’.  
(ou: Ela é que sabe bem disso também (eu acho / me parece), a tua outra mãe velha’)

Veja que é possível narrar fatos anteriores concomitantemente com o MF, como nesse caso acima, no qual a senhora contava uma informação que a ‘outra mãe’ já sabia, mas não os outros participantes da conversa.

Ainda em

- (229) *Ûri ti pi ge nÿgnÿ.*  
hoje,atualmente 3SG MS:NEG assim,desse jeito **IPFVN**  
‘Hoje ele não é mais assim’.

Isoladamente esse enunciado (229) pode ter distintas leituras em diferentes contextos: a) pode ser, por exemplo, uma fala de conclusão a partir de diversas coisas citadas sobre alguém e que essas circunstâncias tiveram mudanças; e, daí – ‘hoje ele não é mais assim’; b) por outro lado, podemos ter um contexto com um sentido existencial – hoje ele não existe mais (seja como pessoa - em termos físicos: pode ter morrido; ou como

resultado de mudanças de suas atitudes em termos metafóricos: aquela pessoa que existia, atualmente não é mais a mesma!). E, nesse caso, *nĩgnĩ* seria mais propriamente um ‘existencial’.

Também se pode dizer sobre esse dado que, em uma formulação impressa, escrita, se necessita o acréscimo de *ha* ‘agora’ ao enunciado:

(230) *Ũri inh pi ge nĩgnĩ ha.*  
 hoje,atualmente 1SG MS:MEG assim,desse jeito IPFVN ‘agora’  
 ‘Hoje (já) não sou mais assim’.

pois, segundo Selvino (comunicação pessoal) se fosse utilizado somente *nĩgnĩ*, nesse caso, seria o mesmo que dar um título para um livro ou um texto. Ou seja, na oralidade (no uso oral ou na comunicação direta face a face), o *ha* estaria dispensado também em (230), porque o contexto é claro: o sujeito está enunciando. O que é interessante na explicação dele é o fato de que, se a frase aparece solta, o *nĩgnĩ* é interpretado como um catafórico: remete a algo que está por ser dito, que será dito adiante. E isso não ocorre no dado (229), porque ele seria apenas um ‘pedaço de uma fala’ que vinha antes, onde tudo já tinha sido dito, de modo que é a conclusão de coisas já ditas e coisas já acontecidas.

Da mesma maneira que *nĩ* pode relacionar-se com a forma/posição do S/O da sentença, *nĩgnĩ*, em certas circunstâncias também pode fazê-lo. Neste caso, seu uso é ‘existencial’:

(231) *Pó vỹ ror nĩgnĩ.*  
 pedra MS redonda EXIST  
 ‘A pedra é redonda’.

Cabem, porém, ainda duas observações a respeito de (231): 1. apesar de *ror* já indicar que a pedra é redonda, o uso de *nĩgnĩ* também se relaciona ao objeto ‘pedra’ que é ‘não alongado’ ou é ‘mais compacto’; 2. para as construções existenciais como essa não basta agregar *nĩgnĩ* (ou *nỹgnĩ* – em (232)), a escolha da Marca de Sujeito é igualmente relevante; precisa usar *vỹ*, nesses casos.

Se o tema da afirmação fosse, por exemplo, uma cachoeira e observássemos que a “a cachoeira é grande”; isso podia ser dito, em Kaingang, pela fórmula “a água (da cachoeira) é comprida”. Essa oração seria formulada com a utilização de *nỹgnĩ*:

(232) *Goj vỹ téj nỹgnĩ.*  
 água MS comprida EXIST

### 6.2.2 *Nĩgtĩ*

*Nĩg tĩ* (em textos), normalmente escrito separado, é verbo ‘permanecer, ficar’. PST mais o Habitual *tĩ*. Frequentemente utilizado como extensão semântica, como um recurso do sentido de ‘morar’; já mostrado no exemplo (07) e que reproduzo parcialmente em (233) para facilitar a visualização:

(233) *Kỹ fi tỹ ser tá ĩn gen kỹ nĩ-g tĩ gé.*  
 então 3SG.F MS assim LOC DEM assim, desse jeito então permanecer, ficar. SG.PST HAB também.  
 [então, ela assim lá, desse jeito, então ‘morava’ (ficava) (habitualmente) também]  
 ‘Então lá ela morava assim também’.

Já no enunciado abaixo, parte de um contexto no qual a senhora Kaingang falava sobre uma outra pessoa (uma velhinha) que contava ‘histórias’ para sua filha (na tradução, o primeiro ‘ela’ se refere à velhinha, e o segundo, à filha) - *nĩgtĩ* está utilizado fazendo menção à ‘posição física’ na qual a senhora contava histórias: ‘sentada’: *nĩ* é Posicional no Passado, não é o verbo principal da oração e pode, inclusive, ser retirado; e *tĩ* é o habitual:

(234) *Ēg vĩ ki, fi mỹ fi tỹ tó nĩ-g tĩ.*  
 1PL língua em 3SG.F para 3SG.F MS contar POSIC:sentado.PST HAB  
 ‘Na nossa língua, ela ficava contando para ela’.

Mas a forma gramaticalizada *nĩgtĩ* é também utilizada para ‘algo contado’, uma ‘história narrada’, como no caso daquela ‘história’ do *Krĩpénufã*. É um IPFV-Narrativo, com foco na Imperfectividade Habitual assinalada:

(235) *kỹ ag jeta, hãra kejãn Krĩpénufã ãn je ta kãtĩn,*  
então 3PL *diz que* mas um dia, uma hora *Krĩpénufã* DEM *diz que* ‘fazer vir’  
*ag vãjigjig nỹtĩ ra, hãra vãfa-j fã hã tỹ gen*  
3PL espreitar.PL permanecer, ficar.PL quando mas ‘lavar roupa.FUT’ LOC<sup>148</sup> assim MS desse jeito  
*kỹ nĩgtĩ gé. Kỹ ag tỹ pénĩn vãjigjig gem.*

LOC:dentro IPFVN também então 3pl MS em torno de, ao redor espreitar.PL também/PFV(*ge mũ*)  
‘Então diz que eles, mas uma hora aquele *Krĩpénufã* estava vindo quando eles estavam espreitando e havia um lugar onde lavavam (iam lavar) roupas também desse lado. Então eles espreitavam ao redor’.

No livro de Dorvalino Kógiá Joaquim sobre armadilhas Kaingang (*Kanhgág Jinjén*) há o emprego de *nĩgtĩ* em várias histórias narradas e contextos de imperfectividade. No entanto, se nota pela tradução, certo sentido de habitualidade (carregada pela presença de *tĩ*). É o que se sugerem os exemplos (236) e (237) extraídos, respectivamente, de um trecho de *Rỹr* ‘Laço com Taquara’ – no original, página 19 em Kaingang e página 20 a tradução em Português; e, um enunciado do texto *Kãme mỹ ěgje* ‘Armadilha para veado’ - página 28 e 29 do original.

*Nĩgtĩ* (pela presença de *tĩ*) marca ou expressa habitualidade em (236).<sup>149</sup> Em (237) isso se confirma: olhando para a tradução apresentada no livro, a idéia de algo que ocorria ‘sempre’ está dada por *nĩgtĩ* (que ocorre conjuntamente com a presença de *ja*. Posteriormente veremos, ainda neste capítulo, que neste caso, o emprego de *ja nĩgtĩ* pode produzir ainda outros sentidos):

<sup>148</sup> *Fã* é aqui um Locativo: *lugar em que...* . Mas também é usado como Nominalizador em algumas construções neológicas para *escola, refeitório...*

<sup>149</sup> Pode-se pensar que a habitualidade neste dado está relacionada com a presença de *jafã*, que implica certa habitualidade, mas nem sempre; também pode esse morfema ser usado para marcar o lugar de um evento acontecido uma única vez: ‘o lugar onde eles mataram o invasor da terra’, por exemplo.

(236) *Vãn tỹ ag tỹ rỹr hyn-han jafã nĩgtĩ.*  
 taquara com 3PL MS rỹr fazer.PL ‘coisa que se faz’ IPFVN  
 [com taquara eles faziam rỹr]

*Kar ag tỹ tẽnh kujej tỹ vễfer han ja nĩgtĩ gé, rỹr ag mỹ.*  
 e 3PL MS palmeira nervo,veia com linha de costurar fazer PST IPFVN também rỹr 3PL para  
 [e eles com o ‘nervo’ (fibra) da palmeira faziam a linha também, para eles (rỹr)]

*Kakanẽ tu jẽsĩ ag jugján jé rỹr tóg*  
 árvore com fruta(?) em direção pássaro 3PL ‘pegar com laço’ para rỹr MS  
*téj nỹ-j ke nĩ.*  
 comprido EXIST/POSIC.FUT dizer IPFV  
 [para eles pegarem pássaros nas árvores, o rỹr será comprido, digo]

*Jãvo jẽsĩ jo ãn ra vatĩg ge tóg ror nỹ mũ.*  
 ao contrário pássaro antes casa para ‘levar’ assim,desse jeito MS ‘redondo’ EXIST/POSIC PFV  
 [ao contrário, o levado assim para a casa dos pássaros (é) curto, não alongado]

‘Eles faziam rỹr com taquara. E faziam a linha com fibra de coqueiro, para a construção dos rỹr. O rỹr utilizado para pegar pássaros nas árvores deve ser comprido. Ao contrário, o rỹr que é levado para ceva (casa para pássaros) deve ser curto’.

Considerando o contexto e a presença de *jafã*, uma tradução mais literal para *Vãn tỹ ag tỹ rỹr hyn-han jafã nĩgtĩ* seria ‘A taquara era a coisa com que eles faziam o rỹr’. Chamo a atenção ainda para o emprego de *nỹj* e *nỹ*: o primeiro (marcado para Tempo Futuro) faz alusão à forma – por ser um objeto ‘comprido’; e também *nỹ*, na sequência. Apesar de dizer que o rỹr deve ser mais curto (usou *ror* para isso), o narrador ao fazer referência à forma *téj* (‘comprida’) de um rỹr, e em razão de que seu uso se faz sempre ‘ao comprido’, ou ‘deitado’ (paralelo ao chão, na horizontal), e nunca em pé, o marcador adequado tem que ser *nỹ*.

(237) *Kanhgág ag mÿ, ěgje vÿ kãme kãgmĩ ja nĩgtĩ.*  
Kaingang 3PL para armadilha MS veado pegar,agarrar coisa longa PST IPFVN  
'Essa é a armadilha que sempre pegava veado para os Kaingang'.

Essa idéia de habitualidade se manifesta também em

(238) *Ge ta nĩgtĩ.*

assim MS EXIST

'É assim mesmo/ é desse jeito'

que seria o que alguém estaria dizendo referindo-se a um fato, a algo já citado dentro de uma narração; no entanto, a fala coincide com o Momento da Enunciação.

Já no caso de *nĩgtĩ* ser utilizado por relacionar 'forma física' a que se refere, ele atribui temporalidade passada ao enunciado (como em (239)), contrastando com *nĩgnĩ* nestas mesmas circunstâncias (já apresentado no exemplo (231)). Nestas situações também está mais propriamente em um uso 'existencial':

(239) *Pó vÿ ror nĩgtĩ.*

pedra MS redonda EXIST

'A pedra era redonda'.

(231) e (239) são construções existenciais (o que sabemos pela presença tanto de *nĩg* quanto do marcador de Sujeito *vÿ*) e, nesses casos, *tĩ* só pode ser lido como Habitual (e Imperfectivo) se estiver em referência a algo passado. No presente, a pedra "é". Só no passado "era", "estava sendo", imperfectivamente, porque deixaria de ser. Em outras palavras, usando *tĩ*, na construção (239), está implicado que a pedra já não é redonda.

### 6.2.3 *Nĩgnĩ / nĩgtĩ*

Para iniciar a discussão nesse subitem da forma gramaticalizada *nĩgnĩ*, parto de uma exemplificação de um texto de Selvino Kókaj, 2009 - *Krÿgnÿg* 'Capivara' (de sua página da *web*):

(240) *Fóg ag tỹ krỹgnỹg to éjgy nỹgnĩ, ti nĩ kar ti fár tugnĩn.*  
 não-índio 3PL MS capivara em relação a cobiçar *nỹgnĩ* 3SG carne e 3SG pele por causa de  
 ‘Os não-índios cobiçam muito da capivara, por causa da sua carne e a sua pele’.

Sobre essa construção, Selvino observou, posteriormente, para mim, que utilizou *nỹgnĩ* por se tratar de Sujeito no plural (os ‘não-índios’); se tivesse dito ‘o não-índio’ (no singular), usaria *nĩgnĩ* e ficaria assim (em (241)):

(241) *Fóg tỹ tỹ krỹgnỹg to éjgy nĩgnĩ, ti nĩ kar ti fár tugnĩn.*  
 não-índio MS MS capivara em relação a cobiçar *nĩgnĩ* 3SG carne e 3SG pele por causa de  
 ‘O não-índio cobiça muito da capivara, por causa da sua carne e a sua pele’.

A partir dessa observação, uma sugestão inicial de glosa para *nỹgnĩ* é IPFVN.PL (Imperfectivo Narrativo Pural), sendo esse marcador utilizado em contextos narrativos, em orações cujo Sujeito está na forma plural.

No par de exemplos a seguir, (242A) e (242B) – semelhante ao que observamos para *nĩgnĩ* e *nĩgtĩ* a respeito dos exemplos (231) e (239) – o emprego de *nỹgnĩ* ou de *nỹgtĩ*<sup>150</sup> produz interpretação temporal diferente em cada caso (o uso de *nỹgnĩ* - nestas circunstâncias - resulta um enunciado com leitura de não-passado e *nỹgtĩ* reporta uma referência temporal passada). Como já apontado acima (comentário ao dado (232)), na composição *nỹgnĩ*, o primeiro elemento (*nỹg*) pode funcionar como classificador de um argumento do verbo em relação à sua forma: ‘comprido’, ‘alongado’, ‘menos compacto’ ou localização espacial - horizontal ou paralelo ao chão. Os exemplos são comentários a respeito de uma cachoeira grande:

<sup>150</sup> Distinto de *nỹg* como verbo ‘deitar’ no Passado com o habitual - *nỹg tĩ* - que se traduz como ‘deitado habitualmente’, no sentido que ‘somente fica deitado’, como no exemplo:

(i) ...*ke fi tỹ tĩ, vé ne tỹ nỹgtĩ ham.*  
 ‘...dizia ela, disque ele só ficava deitado’.

(242) (A) *Goj vỹ téj nỹgnĩ.*

Água MS comprida EXIST

‘A água é comprida’.

(242) (B) *Goj vỹ téj nỹgtĩ.*

‘A água era comprida’.

Em (243), um trecho extraído do texto *No* (‘Flecha’), de Kógiá Joaquim (2008 - no original, p. 45 em Kaingang e 46 em Português). O termo ‘flecha’ expresso na tradução da oração na qual se encontra *nỹgnĩ*, não ocorre literalmente. No entanto, a presença do marcador *nỹgnĩ* relaciona o fato de que ‘as flechas’ são ‘alongadas’ e vistas, prototipicamente, como em posição horizontal. Ainda essa forma garante a compreensão ou inferência de um sujeito no plural (não expresso, muito embora se assim o fosse, seria com uma palavra no singular: *no*).

Vejamos o contexto anterior e o trecho que aqui nos interessa:

(243) *No hyn-han mũ ja ag tóg nỹgtĩ; kanhgág ag.*

flecha fazer.PL ir.PL PST 3PL MS IPFVN Kaingang 3PL

[eles ‘viviam’ fazendo flechas, os Kaingang]

*Ag mỹ tóg tỹ sē kar jēsĩ ag jāvój jafã nỹtĩ-g nĩ.*

3PL para MS MS caça e pássaros 3PL atirar.PL coisa para fazer EXIST.PST IPFV

[para eles atirarem em caça e pássaros]

*Hã kỹ tỹ tu ag mỹ há tĩ ke mũ.*

por isso MS em relação 3PL para bem HAB fazer PFV

[por isso faziam bem]

*Kurã ã mỹ ag tóg vãn kēsĩr kre pēm kỹ vin tĩ,*

um dia INDF e 3PL MS taquara pequenos cortar dividir então colocar.PL HAB

[em um dia eles estalam (costuma estalar) as taquaras em fatias finas]

*ag tỹ ne han tũ ẽn kã kugjén nĩ nĩ ke jé kevẽ.*

3PL MS MS fazer ‘sem’ DEM quando estender.PL POSIC IPFV fazer para fazer /ASSERT  
[quando eles (estiverem) sem fazer (nada), estenderem para fazer, para fazer (isso)]

*Hã ki tóg kãgãgãg mũ ser ag mỹ.*

assim em MS secar.PL PFV assim 3PL para  
[assim eles secavam, para eles]

“Os Kaingang viviam fazendo flechas. São as armas deles para caça (terrestre) e pássaros. Por isso eles gostavam de fazer isso. Num dia eles já deixam tiradas as taquarinhas para, quando eles estiverem à toa, irem preparando as flechas: ajustando, aquecendo no fogo e arrumando aquelas que estiverem tortas. Assim, secavam a taquara para eles”.

*Ag tỹ kugjén kỹ, tỹ kugryj ke kãn*

3PL MS estender.PL quando MS endireitar fazer tudo  
[quando eles estendiam, eles faziam tudo endireitar]

*kỹ ag vỹ ser fẽnfẽn mũ gé.*

então 3PL MS assim pena,pena PFV também  
[então eles assim (colocavam) as penas]

*Hãra jãtã fẽn kuprẽg kỹ ke vẽ.*

mas urubu pena escolher então fazer ASSERT  
[mas escolhem penas de urubu, então fazem (isso)]

*Hã ne tỹ ag mỹ tỹgy nỹgnĩ jítóg.*

parecido,assim diz que 3PL para andar.FUT.intensificador IPFVN.PL diz que  
[assim, desse jeito, diz que para eles (as flechas) ‘andam mais rápido’, diz que]

“Quando preparam a madeira, ficam todas alinhadas (retas), então eles também colocam as penas, mas usam penas de urubu, penas selecionadas. Eles acreditam que o tipo de pena usado deixa a flecha mais veloz”.

Segundo Selvino (comunicação pessoal, 2010), existe ainda um outro emprego de *n̄gnĩ*, em construções que expressam ou comportam um aconselhamento. O exemplo é o dado (244), abaixo:

(244) *Nén tag pi há n̄gnĩ.*  
 coisa DEM MS:NEG bom EXIST.PL  
 ‘Esta coisa não presta (não é bom) fazer’.

#### 6.2.4 *N̄gnỹ*

*N̄gnỹ* também é utilizado em contextos discursivos e atribui um sentido de modalidade à fala. Acrescenta um grau de certeza que encerra os comentários feitos, como na sequência narrativa apresentada em (245) e (246). Note-se que carrega, de certa maneira, o uso de modalidade explicitado por *n̄* quando utilizado individualmente em alguns contextos. Optei, então, nesse momento, glosar *n̄gnỹ* como DECL-ASSERT.N (Declarativo Assertivo Narrativo):

(245) *Hỹ kỹ ija, h̄ara ěg pi ěg tỹ ěg panh, ěg nỹ ter jerĩnmỹ*  
 por isso [1SG]MS mas 1PL MS:NEG 1PL MS 1PL pai 1PL mãe morrer ‘apesar de’  
*ěg pi panh ge sór v̄enh jafẽ n̄g<sup>151</sup> ge, ke m̄yr,*  
 1PL MS:NEG pai (ke)dizer querer NEG coisa que se faz IPFVN.PL também dizer pois  
*ũ tỹ panh ge ve kỹ tỹ ěg tỹ panh ge-j há tĩ-g, ...*  
 INDF MS pai dizer ver quando MS 1PL MS pai dizer.FUT bem HAB.PST  
 [Por isso eu, mas mesmo que nosso pai, nossa mãe morra, nós não deixamos o costume de querer chamar de pai, digo também, pois. Quando vemos alguém dizer pai, também iremos dizer...]

<sup>151</sup> *N̄g* é abreviação de *n̄gnĩ* e não de *n̄gnỹ* pelo motivo que *n̄gnỹ* não se abrevia, já que é a forma reduplicada para o verbo *n̄* ‘dormir’.

*ũri hã ija ke tũ sĩ nĩgnỹ,*

hoje assim, parecido [SG]MS fazer negação pequeno DECL-ASSERT.N

*hãra ija m̃nh fi hẽ ki ěkrég tĩ vé.*

mas [1SG]MS mãe C:Fem assim em saudade HAB apenas

[só hoje (assim) eu perdi um pouco isso, mas eu (atualmente) somente sinto saudades (assim) da minha mãe]

‘Por isso eu, mas nós mesmo que o nosso pai, nossa mãe morra, nós não perdemos a vontade (não deixamos) de chamar de pai, digo (isso), pois, também. Quando vemos os outros falarem pai, também iremos dizer (sentimos vontade de falar) ... só hoje eu perdi (não faço) um pouco isso, mas só sinto saudades da minha mãe’

(246) *Hỹ kỹ ija fag m̃ ãn ge ke ke m̃ ra gé ham,*

por isso [1SG]MS 3PL.F para DEM assim dizer dizer para Imperativo também MD

[por isso eu para elas digo (isso) assim, para dizerem também]

*Gĩr tỹ ti panh ve sór jafã nĩg,*

criança MS 3SG pai ver querer ‘coisa para fazer’ IPFVN (*nĩgnĩ*)

[as crianças querem ver o pai]

*isỹ ke han m̃r ham, sỹ ti mré nĩ ra,*

[1SG]MS dizer fazer pois MD [1SG]MS 3SG com casar quando

[eu digo para fazer (isso), pois; quando estava casada com ele]

*gĩr ag sygsanh há ra*

criança 3PL crescer.PL bem quando

*inh m̃ jagy han han m̃r ham,*

1SG para difícil fazer fazer pois MD

[quando as crianças (eles) (estavam) bem crescidos, para mim era difícil fazer, fazer pois]

*isỹ inh hãre kã inh panh gente ki kanhró hãn gen kỹ, ke inh nĩm.*  
 [1SG]MS 1SG QU(como) em 1SG pai ‘gente’ saber sair desse jeito dizer 1SG MS/PFV  
 [eu, eu quando (desse jeito) (ia) sair (para) saber das ‘gentes’ do meu pai / (quando (?)) eu ia conhecer as  
 ‘gentes’ do meu pai)]

*Ũri hã ija ke tũ nĩgnỹ, kãjatun mỹ inh ser.*  
 atualmente,hoje assim [1SG]MS fazer negação DECL-ASSERT.N esquecer para 1SG assim  
 [atualmente (assim) eu não faço (mais isso), eu para esquecer (assim)]

‘Por isso falo assim para elas para dizerem também “as crianças sentem vontade de ver o pai”, aconteceu bastante comigo, quando eu já estava casada ... os meninos já estavam grandes e eu sentia muito com isso ... quando eu pensava quando eu iria conhecer as ‘gentes’ do meu pai. Para eu esquecer, hoje não sou / não faço mais assim’.

### 6.3 Fontes de informação marcadas no discurso – *ja nĩ* e correlatos

A utilização de algumas construções no Kaingang explicita como a informação foi obtida. No entanto, a função primária dos elementos que compõem essas estruturas não é primordialmente ser fonte de informação; então, talvez mais adequado seja tratá-las como Estratégias de Evidencialidade antes que Evidenciais. Aikhenvald (2004, p.105) distingue:

Categories e formas que adquirem significados secundários de alguma forma relacionados com a fonte de informação são chamados de estratégias de evidencialidade. Elas são distintas de evidenciais genuínos, cujo primário - e frequentemente, exclusivo - significado é fonte de informação. Estratégias de evidencialidade incluem modos não indicativos e modalidades (incluindo condicional e irrealis) e Futuro, Tempo passado, resultativos e perfeitos, passiva, nominalizações (incluindo participípios e demonstrativos podem codificar informação auditiva e visual).<sup>152</sup>

<sup>152</sup> No original: “Categories and forms which acquire secondary meanings somehow related with information source are called evidentiality strategies. They are distinct from evidentials proper, whose primary –and not infrequently exclusive – meaning is information source. Evidentiality strategies include non-indicative moods and modalities (including conditional and irrealis) and future, past tenses, resultative and perfect, passive, nominalizations (including participles and demonstratives may encode auditory and visual information)”.

Exemplos de línguas que utilizam formas combinadas para expressar fonte de informação são apontados pela autora (Ibid., p.277):

No proximamente relatado Circassiano, o sufixo evidencial de não-primeira mão \*-*ya-n* é uma combinação do perfectivo -*ya* com o marcador de futuro -*n* (Chirikba 2003: 264). (...) Exemplos semelhantes são encontrados em algumas outras línguas. Em *Hill Patwin*, o evidencial indireto -*boti* / -*beti* (Whistler 1986:69-71) provém da combinação do auxiliar *bo/be* ‘ser (locacional)’ seguido do sufixo de futuro definido.<sup>153</sup>

Ainda segundo Aikhenvald

Aspecto Perfeito, Tempo passado e outras formas com um completivo e / ou significado resultativo podem adquirir um significado adicional relacionado com fonte de informação. (...) Extensões não - primeira mão de perfeitos são encontrados em muitas línguas Caucásicas e Iranianas. O ‘passado distante’ em Persa, baseado em formas da série do perfeito, cobre muitos significados relacionados, como ação a qual toma lugar no passado remoto ou distante, ou ações apresentadas como o resultado de uma experiência indireta (boato [ouvir dizer], inferência ou suposição) (cf. Lazard 1985). Tajik (Lazard 1996:29) parece estar desenvolvendo uma série de formas com significados de não-primeira mão no passado e presente, estando no caminho para desenvolver um sistema evidencial a partir de estratégia anterior (também cf. Kerimova 1966:224). Perfeito em línguas Escandinavas também tem uma distinção não-primeira mão (ver Haugen 1972, especialmente exemplos de Ibsen’s *Hedda Gabler*) (Ibid., p. 279).<sup>154</sup>

---

<sup>153</sup> No original: “In the closely related Circassian, the non-firsthand evidential suffix \*-*ya-n* is a combination of perfective -*ya* with future marker -*n* (Chirikba 2003: 264). (...) Similar examples are found in few other languages. In *Hill Patwin*, the ‘indirect’ evidential -*boti* / -*beti* (Whistler 1986:69-71) comes from a combination of the auxiliary *bo/be* ‘be (locational)’ followed the definite future suffix”.

<sup>154</sup> No original: “Perfect aspect, past tense, and other forms with a completive and/or resultative meaning can acquire an additional meaning related to information source. (...) Non-firsthand extensions of perfects are found in many Caucasian and Iranian languages. The ‘distanced past’ in Persian, based on the perfect series of forms, covers several related meanings, such as action which take place in the remote or distant past, or actions presented as the result of an indirect experience (hearsay, inference, or presumption) (cf. Lazard 1985). Tajik (Lazard 1996:29) seems to be developing a series of forms with non-firsthand meanings in past and present, thus being on the way to developing an evidential system out of an erstwhile strategy (also cf. Kerimova 1966:224). Perfect in Scandinavian languages also has a distinct non-firsthand nuance (see Haugen 1972, especially examples from Ibsen’s *Hedda Gabler*) (Ibid., p. 279)”.

Em Kaingang, *ja* expressa um significado completivo (seja assinalando Tempo Passado ou como Perfectivo/Perfeito) e adquire um adicional significado relacionado à fonte de informação quando em composição com formas como *nĩ*, *nỹ*. Essas construções são usadas quando se está narrando, contando algo (um evento ou um fato) ocorrido; e mostram, dependendo da estrutura, as diferenças de como as informações foram obtidas.

Já mencionei anteriormente que Aikhenvald (Ibid, p. 274) sugere que “verbos que se referem à localização e existência podem originar evidenciais inferidos e assumidos”. Por exemplo, “the inferred evidential *-?el* in Wintu (Schlichter 1986:52) probably goes back to a verbal element meaning ‘exist’” (Ibid, p. 275).

No caso do Kaingang é provável que nessas construções se tenha a forma completiva *ja* - como Passado ou Perfectivo/Perfeito - e ‘existenciais’ (que se gramaticalizaram a partir de verbos Posicionais). Essa parece uma possibilidade, pois nesses casos, à presença de *nĩ*, por exemplo, não poderia ser atribuída a função de imperfectividade; dado que Imperfectivos não são fontes para evidenciais. Minha hipótese sugere que os morfemas que resultam essa leitura semântica de estratégia de evidencialidade precisam ser vistos como um todo e dependem não somente da estrutura da composição, mas também de outros marcadores utilizados no contexto. Ao que parece, as gramaticalizações que ocupam posição final nessas construções, carregam apenas um resquício semântico de suas fontes lexicais (tiveram um esvaziamento de seus significados primários e são usadas de maneira bastante abstraída destes). Isso pode justificar o uso de um morfema gramatical ‘existencial’ em um posicionamento não canônico (dentro da ordem dos constituintes nas orações na língua). No entanto, proveniente de usos individuais dessas formas, podem denotar ou carregar adicional sentido modal à fala.

Estarei apresentando distintos dados com o objetivo de possibilitar uma visão mais ampla do emprego dessas composições no discurso Kaingang.

Geralmente a utilização da combinação *ja nĩ* assinala uma informação: i) obtida por evidência; ii) que narra um acontecimento que se soube por outra pessoa; iii) que conta algo que se soube por outra pessoa a qual pode não ter presenciado o fato, mas também obteve a informação por evidência; iv) em algumas circunstâncias mais restritas pode denotar um evento não esperado ou repentino (nesse caso, normalmente a citação está em

1ª pessoa – é mais ou menos como: você não se deu conta/não percebeu, mas o evento já aconteceu!). As marcas de Sujeito utilizadas nas orações podem contribuir para a interpretação da Estratégia de Evidencialidade que está sendo assinalada. Dependendo dos marcadores empregados, se pode dizer que a informação transmitida foi adquirida por ‘vestígios’ e, portanto, é algo inferido; ou, se alguém deu a informação e esta está sendo repassada.

Lembro inicialmente que este trabalho não teve primariamente o intuito de ‘olhar’ de maneira mais específica para as diferentes marcas de Sujeito que são utilizadas no Kaingang. Entretanto, muitas interações entre estas e outros marcadores estão presentes na língua. Então, apesar de serem breves os apontamentos a seguir, visam contribuir para a discussão do assunto abordado neste item. Adianto que é uma apresentação inicial a partir de dados discutidos com meus colaboradores Kaingang e estarei fazendo algumas observações pertinentes caso a caso.

Composições com marcadores de Sujeito ocorrem em diversos contextos discursivos e dependendo da concomitância destas construções com *ja nĩ* (e correlatos), resultam em diferentes interpretações. Ao longo deste trabalho muitos exemplos com a presença de *itóg, jé tog, je ta, je tỹ, ne tỹ, tỹ tỹ*, por exemplo, puderam ser observadas. Chamei a atenção no início do texto (p. 32) que essas construções, sintaticamente, correspondem a duas marcas de Sujeito; porém, semanticamente, atribuem um significado de *diz que* ao enunciado. Uma hipótese para pensarmos essa gramaticalização talvez possa ser buscada em Aikhenvald (2004, p.275):

A fonte de evidência é estabelecida pelo falante em um específico tempo e lugar. Isto é semelhante a Tempo que pode ser Presente, Passado ou Futuro em relação ao tempo da fala. Assim como Tempo, evidenciais podem ser considerados dêiticos por natureza (ver também de Hann 2001: 102-3). Então, fundamentalmente elementos dêiticos podem desenvolver-se em evidenciais. (...) demonstrativos podem ter significados evidenciais. Não surpreendentemente, demonstrativos e pronomes de terceira pessoa dão origem a evidenciais de todos os tipos. Um número de partículas

evidenciais em Hakha Lai (Tibeto-Burman: Peterson 2003: 416) retornam a dêiticos e pronomes demonstrativos.<sup>155</sup>

Uma sugestão para o Kaingang é que nessa composição, os alomorfos - *i* (redução de *ji*) ~ *je* ~ *jé*, assim como *ne* e *tỹ* (em primeira posição na construção) - remetam a um dêitico; possivelmente fazendo menção, ainda que a conexão semântica não seja tão direta, a uma 3ª pessoa. Essa hipótese se reforça quando essas formas são utilizadas isoladamente em determinadas posições dentro da oração atribuindo esse mesmo sentido de informação reportada:

(247) *Fag pi je jagnã kuvār tá nỹtĩ-g tĩ, panh...*  
 3PL.F MS:NEG *diz que* RECP LOC LOC permanecer,ficar.PL.PST HAB pai  
 ‘Diz que elas não moravam longe uma da outra, pai...’

Veja que é possível usar *ne tỹ* no enunciado (248) e *je* (no final da mesma sentença) em (249). Note-se ainda que se retirarmos *ne* da sentença (248) não há expressão de *diz que* ou do evento estar sendo reportado:

(248) *Ën tá fag ne tỹ nỹtĩ-g tĩ gé vã...*  
 DEM LOC 3PL *diz que* permanecer,ficar.PL.PST HAB também CTF  
*Hãra fag ne ser taki hẽ nỹtĩ-g mẽn ja nỹ,*  
 mas 3PL MS assim LOC desse jeito permanecer,ficar.PL.PST outra vez,de novo PST DECL-ASSERT  
*régre Nĩna fi nĩ-g ja si ěn ki.*  
 irmã Nina C:Fem permanecer,ficar.SG. PST NMLZ antigo DEM LOC  
 ‘Diz que elas moravam lá também , mas elas voltaram a morar aqui perto, na antiga morada da irmã Nina’.

<sup>155</sup> No original: “The source of evidence is established by the speaker, at a specific time and place. This is similar to tense which can be present, past, or future in relation to the time of speaking. Just like tense, evidentials can be considered deictic in character (also see de Haan 2001: 102-3). So, primarily deictic elements may evolve into evidentials. (...) demonstratives may have evidential-like meanings. Not surprisingly, demonstratives and third person pronouns give rise to evidential of all sorts. A number of evidential particles in Hakha Lai (Tibeto-Burman: Peterson 2003: 416) go back to deictics and demonstrative pronouns”.

(249) *Ēn tá fag tỹ nỹtĩg tĩ gé je vã (.....)*

DEM LOC 3PL MS permanecer, ficar. PL. PST HAB também *diz que* CTF

‘Diz que elas (as mães) moravam lá também (...) / ou ‘Elas moravam lá também, diz que (...)’.

Somente a utilização de *tỹ* como marca de Sujeito em (249) não atribui o sentido semântico da ‘fala reportada’, mas é a presença de *je* ao final que dá a idéia de que se soube aquilo e que está sendo contando.

Mas os exemplos acima podem deixar a impressão que a informação está dada pelo Sujeito expresso; entretanto, pares como (250) e (251) mostram que a presença de *ja nĩ* responde pela produção da Estratégia de Evidencialidade. Adicionalmente as formas para Sujeito podem complementar como a informação narrada foi obtida.

(250) *Kỹ ag jeta jagnã jãvó ser hamã.*

então 3PL *diz que* RECP ‘atirar flechas’(em direção de alguém) assim MD

‘Então (diz que) eles guerrearam’.

(251) *Kỹ ag tỹ jagnã jãvó ja nĩ ser hamã.*

então 3PL MS RECP ‘atirar flechas’(em direção de alguém) PST EXIST assim MD

‘Então (diz que) eles guerrearam’/ ‘Então eles guerrearam, diz que’.

Essa exemplificação (251) com a utilização de *ja nĩ* explicita a idéia que se soube do acontecido indiretamente (ou por evidências ou que alguém contou) e isso está sendo repassado. Segundo meu colaborador, com a utilização das construções *je ta / je tỹ / itóg / jé tỹ*, a diferença é sutil; mas existe: a fonte de informação parece um pouco mais distante. Por exemplo, o fato pode ter sido contado por outras pessoas (alguém contou para alguém que contou para outrem e assim por diante) ou a informação repassada foi obtida em livros, jornais.

Observemos a diferença entre os enunciados (252) e (253):

(252) *Krÿgnÿg ta tagmĩ vár (vyr) ja nĩ.*  
capivara MS [DEM]LOC ir.PST PFV EXIST  
‘A capivara passou por aqui’.

(253) *Krÿgnÿg ta tagmĩ vár (vyr) ja.*  
capivara MS [DEM]LOC ir.PST PFV  
‘A capivara passou por aqui’.

Na tradução para o Português nada muda; no entanto, (253) somente diz que ‘a capivara passou por aqui’, sem dizer como eu soube. Ainda é possível retirarmos *ja* – a tradução seria a mesma. Já em (252) pela presença de *ta* (a marca de Sujeito) mais *ja nĩ* expresso, pode-se dizer que a informação que estou repassando foi obtida por ‘evidência’. Por exemplo, vi rastros ou pegadas e então ‘inferi’ que o animal passou por ali. Porém, se eu disser esse mesmo enunciado com *ja nĩ*, não importa o Sujeito. Nesse caso, a construção carrega um sentido de modalidade (pela presença de *nĩ*) e a informação passada atribui grau de certeza (de confiabilidade ao que está sendo falado), não é simplesmente um fato (apenas) contado. Nesse caso, a relevância está na confirmação da informação e não tanto de como se obteve essa informação (embora os dois significados possam estar expressos).

Ainda se disser o mesmo exemplo acima com *ja nĩ* com a presença de *itóg*, mostro que alguém me contou o fato:

(254) *Krÿgnÿg ta tagmĩ vár ja nĩ, itóg.*  
‘A capivara passou por aqui’.

Em vários exemplos ocorrem concomitantemente o uso das duas composições no mesmo enunciado. Uma exemplificação pode ser visualizada em (255):

(255) *Kỹ ãn ag jeta ser ãn ra kãmũ ja nĩ hamã.*

então DEM 3PL *diz que* assim DEM para vir, chegar.PL PFV EXIST MD

*Nãn kã ra ag tu ser hamã, ãn tu, Fongue tỹ ki*

mato LOC para 3PL para assim MD INDF em direção *Fongue* MS em

*jun mỹr ag ãn jeta ki nỹtĩ nĩ hamã...*

chegar pois,quando 3PL casa *diz que* em permanecer, ficar.PL IPFV MD

‘Então diz que aqueles tinham vindo ali (viu). Levaram para o mato (aquele); quando o

*Fongue* chegou à casa deles diz que estavam ali ...’.

(Fonte: Vãfy, 2002)

Note-se que nesse caso, o narrador utiliza tanto *je ta* quanto *ja nĩ*. Perguntei a um professor Kaingang se poderia retirar *ja nĩ* da sentença inicial e manter somente *je ta*. Sua resposta foi que poderia “parar a fala” no verbo *kãmũ* e não era necessário usar *ja nĩ*. Continuei indagando se poderia usar *ja nĩ* e não utilizar *je ta* - se isso modificava o significado da sentença. Ele observou que ficaria com o mesmo sentido, entretanto, precisaria usar *tỹ* como marca de Sujeito.

O que se pode sugerir é que essa narração é de uma história que muitos contam ou sabem (daí o *diz que*, uma fala reportada); mas o narrador ouviu isso de alguém que ele sabe quem é (de alguém mais próximo, que ele identifica) e ele opta, então, contá-la marcando com *ja nĩ* (porque a informação não tem fonte distante). Com *je ta* é algo como ‘contaram’ / ‘ouvi dizer’, simplesmente; mas com *ja nĩ* a informação é dada com mais detalhamento: você soube por evidência ou por alguém que lhe contou (embora ainda precise usar *ja nỹ* para mostrar assertividade com o fato narrado).

Essa minha hipótese foi confirmada posteriormente por meu colaborador. Com o uso de *ja nĩ* (nessa circunstância, ao ser utilizado quando algo lhe foi contado e você está repassando), o falante ainda se lembra de quem lhe disse o acontecido (o evento) que está sendo narrado. É uma fonte de informação próxima ou de fonte próxima. Já com *je tóg* e correlatos, são informações mais gerais, mais distantes e não têm (sempre) (ou muitas vezes), como no Português, o sentido de dúvida: ...ah! não sei, *diz que*... Essas formas são principalmente usadas quando se têm várias informações.

Retornemos, então, aos dados.

Construções com o completivo *ja* mais *nỹ* atribuem ao enunciado um sentido de modalidade. *Nỹ* assinala esse senso quando utilizado isoladamente em alguns contextos; e, nestas composições, carrega esse papel. Assim, diferentemente do uso de *ja nĩ*, a utilização de *ja nỹ* dá garantia, certeza ao que está sendo narrado. É isso que *ja nỹ* aponta em (256):

(256) *Kejãñ Krĩpenufã tỹ ag prũ ã vyn ja nỹ gé ham,*  
um dia ‘caipora’ MS 3PL esposa INDF carregar(coisa comprida) *ja nỹ* também MD  
*ẽn, ẽn tó tỹ tĩ gé vẽ vẽ ham, hãra tỹ*  
DEM DEM contar MS HAB também CTF(PST) MD mas MS  
*ser sa ki kagtĩg tĩ gé.*

assim [1SG]MS em conhecer HAB também

‘Um dia o *Krĩpenufã* também roubou a mulher deles (dos índios Kaingang), isso ele (o pai dela) contava também, mas eu já não lembro mais também’.

De acordo com Selvino (comunicação pessoal), (256) é um exemplo no qual “o narrador está contando o evento com a ‘firmeza’, como se ele estivesse junto na hora do acontecimento”. Acrescenta ainda que “seria possível usar *ja nĩ*, porém a narração (neste caso) mostraria que somente estava sendo contado algo do tipo ‘uma lenda ou um mito’. Mudaria a expressão do narrador, de ‘como se ele estivesse presente na hora do fato’; para, ‘algo que ele apenas está contando sem mostrar que presenciou’”.

Um pouco diferente de quando uma senhora falava sobre o pai e fez a seguinte citação:

(257) ...*jo inh panh tỹ kỹnỹ krẽnkrẽn han ja nỹ gé,*  
e 1SG pai MS cana plantar.PL fazer *ja nỹ* também  
*fag mỹ mercado hanhan ti gé, jetóg ham.*  
3PL.F para melado fazer.PL 3SG também *diz que* MD

‘...e o pai sempre plantava cana(s), também (diz que) fazia melado para elas também’.

Uma fala que assinala o evento ‘plantar cana’ como uma situação com a qual ela tinha familiaridade. Em sua infância ela via o pai plantando e colhendo a cana, moendo no engenho... . A senhora narra esse fato dando um ‘aval’ ao que está sendo falado e o uso de *ja nỹ* é o que explicita isso. Na sentença seguinte, a informação parece um pouco mais longínqua e ela não é categórica na citação: ‘diz que’ também ele fazia melado para ‘elas’ (referindo-se às mães).

Ainda há a possibilidade de outras construções. Um exemplo encontra-se em (258) com a presença de *ja nĩ nỹ* (abreviado na fala como *ja nĩn*):

(258) *Hỹ...mỹnh fag panh ti ser.*

sim mãe 3PL.F pai 3SG assim

*Kỹ ti hã mātĩn tĩ ki tỹ tũg ham, ěg vovo ti ser kegé,*

então 3SG parecido ‘seguir,ir atrás’ HAB em MS morrer MD 1PL vovô 3SG assim também

*tag tá hãra ser Pinha tá kegé ěg tỹ Pinha ra kejẽ,*

DEM LOC mas assim Pinhalzinho LOC também 1PL MS Pinhalzinho em direção um dia

*... ěg tỹ Pinha ra kejẽn rygra ja nĩn (ja nĩ nỹ).*

1PL MS Pinhalzinho em direção um dia recuar,partir.PL *ja nĩ nỹ*

‘Sim ... o pai de nossas mães. Então seguindo ele é que ele morreu, o nosso avô também; mas pra cá (daí), em Pinhalzinho também, ... nós fomos morar no Pinhalzinho’.

O que se assinala com *rygra* (ou *rygry*) *ja* é a ação de ‘recuar, partir’, em Tempo Passado. *Rygra ja nĩ* fala sobre o ‘recuo’; e, *rygra ja nĩ nỹ* mostra que ‘recuaram ou tinham se recuado’ (naquele momento passado), assegurando o que está sendo contado. Observo que se pode tirar *nỹ* dessa fala; entretanto, o enunciado deixaria de mostrar os acontecimentos com ‘certeza’ e ficaria uma coisa simplesmente contada.

Conforme Selvino, *ja nĩ nỹ* pode-se dizer que é uma forma utilizada, por exemplo, quando alguém pede para eu ir ver alguma coisa e ao constatar que o que foi solicitado não se encontra mais naquele local, em resposta digo: ‘pois é, aquilo não está

mais lá’; significando que eu vi e comprovei com ‘absoluta certeza’. Se eu utilizar somente *ja nĩ* na resposta, significa dizer que alguém me disse isso ou que eu vi vestígios que podem indicar que o que foi pedido estava lá e agora não está mais; porém, não garanto ou não estou ‘validando’ a informação (esse não seria o foco da minha resposta).

Uma outra situação, um pouco distinta, é a utilização de *ja* conjuntamente com *nĩgnĩ* (*ja nĩgnĩ*) que também demonstra que se está narrando um evento ou uma ação ou um acontecimento passado e explicita algo que o narrador sabe e provavelmente os ouvintes ou alguns destes não saibam. Mas noto que, nestes casos, em grande medida, o marcador *ja* mantém, como escopo (temporal ou aspectual), o constituinte anterior; e *nĩgnĩ* cumpre a função de IPFVN com extensão semântica (e ou pragmática) explicitando que se está contando algo ou dando informação que outros não saibam. Bybee et alii (1994, p. 126), mencionando Hopper (1979 e 1982), citam que “formas Imperfectivas são tipicamente usadas em discurso para criar situações de fundo, em contraste com formas perfectivas, as quais são usadas para sequências narrativas de eventos”.<sup>156</sup>

No Kaingang penso (em um primeiro momento) que essas formas que nomeei como Imperfectivas Narrativas possam estar sendo utilizadas neste caminho: criando situações de fundo na narrativa.<sup>157</sup>

Vejamos, então, alguns dados. No trecho abaixo se sugere que a informação está sendo dada com conhecimento, já que as duas senhoras (identificadas como [A] e [B])

---

<sup>156</sup> Os autores observam ainda que “Imperfectivo pode ser aplicável a Tempo Passado, Presente ou Futuro (como em Russo, por exemplo); embora sejam mais comumente restritos a Passado (em Espanhol, por exemplo)” (op. cit., p. 126).

<sup>157</sup> Embora não posso deixar de pensar também no que Wallace (1982) comenta sobre ‘figura’ e ‘fundo’ na linguagem. O autor aponta que “a linguagem não é certamente tão simples que a diferença figura-fundo explicará tudo perfeitamente”. Para ele, “a distinção figura-fundo não é uma simples coisa, mas o que os filósofos da ciência chamam de “conceito de grupo” (*cluster concept*): uma noção com número de fatores definidos, nenhum dos quais necessariamente predominante em qualquer dada situação, e em algumas das quais pode sobre ocasionar conflito. Consequentemente, não se pode esperar simples compartimentalização ‘tudo ou nada’, mas se preparar para pesar as numerosas influências que contribuem” (WALLACE 1982, p. 216).

No entanto, por ora apenas chamo a atenção para essa complexidade apontada pelo autor, pois uma discussão mais profunda desse assunto sairia muito do foco neste trabalho. Julgo que considerar essa possibilidade inicial apontada neste parágrafo seja uma maneira, mas não a única, de explicar ou entender o papel dessas formas nos contextos narrativos Kaingang.

falam do irmão que tinha sido mordido por uma cobra quando pequeno (em algumas falas encontram-se *ja nĩg*, uma abreviação de *ja nĩgnĩ* e *ja nĩgnĩn*, abreviação de *ja nĩgnĩ nỹ*):

(259)

(259.1) [A] *Pri ham, povéj ãn tỹ ěg tỹ pri han,*  
‘esteira’ MD samambaia DEM MS 1PL MS ‘esteira’ fazer  
*ãn kri nugnũr mũ.*

DEM em cima dormir.PL PFV

‘Esteiras’, fazíamos esteiras com samambaia e dormíamos em cima.

(259.2) [A] *Hỹ kỹ ija kỹ ěg ne vỹsỹ miso kamãg vãnh ja ke ke mỹr.*  
por isso [1SG]MS então 1PL MS antigamente bicho ‘ter medo’ NEG PST dizer dizer pois  
‘Por isso eu falo como não tínhamos medo de bicho naquele tempo (antigamente)’.

(259.3) [B] *Mỹnh fag tỹ hãra pĩ kri vénvén ge tĩ gé,*  
mãe 3PL.F MS mas fogo em cima ‘abandar,sacudir’ assim,desse jeito HAB também  
*fag tỹ é, fag tỹ ěg jy nẽn tũki ham.*

3PL.F MS ‘fazer’ 3PL.F MS 1PL antes mato ‘coisas de alguém’(em) MD

‘Mas as mães passavam em cima do fogo também antes de colocar para nós’.

(259.4) [A] *Jo inh ne nén téj ti kem, ti jé mỹ kuty tá*  
e 1SG MS coisa comprida 3SG (*kem + nĩ*)<sup>158</sup> 3SG ‘tomara,como’<sup>159</sup> noite LOC  
*ěg to kãrã ke vãnh ja ãg ge inh nĩm (nĩ [ne] mũ)*

1PL DIR e ntrar fazer NEG PST 1PL dizer 1SG MS/PFV

‘Mas eu falo daquela coisa comprida<sup>160</sup>, e se ele (vier) entrar aqui à noite, como não pensávamos isso, eu falo’.

---

<sup>158</sup> Selvino (comunicação pessoal) me explicou que esse *kem* é abreviatura de *kem nĩ*. Na verdade a pessoa que está narrando aqui disse que alguém pediu para uma outra pessoa dar ou entregar ‘o recado’ que ela está mandando (o que ela está falando). Este *kem* relaciona-se ao verbo *ke* ‘dizer, fazer’.

<sup>159</sup> Comunicação pessoal, Selvino (2011).

<sup>160</sup> Referindo-se à cobra. Um tabu linguístico impede que seja nomeada (Wilmar D’Angelis - comunicação pessoal).

(259.5) [B] *Ti kārān hã tỹ ti tỹ hãra Irai tá ěg régre tũg mũ,*  
3SG entrar assim MS 3SG MS mas Irai LOC 1PL irmão falecer,morrer PFV  
*pra ja nĩgnĩn ham.*

morder *ja nĩgnĩ nỹ* MD

‘Mas entrando em Irai ele mordeu nosso falecido irmão’.

(259.6) [A] *Hỹ jetóg, ta ki ken hẽ jetóg hãra ha,*  
sim *diz que* LOC em fazer assim,desse jeito *diz que* mas agora(ENF)

[sim, diz que... ali fez assim, diz que mas]

... *ěg nỹtĩ-g ja si ta ki ne tĩ, pra ja nĩg ham.*

1PL permanecer,ficar.PL.PST NMLZ antigo LOC em MS HAB morder *ja nĩgnĩ* MD  
[na nossa antiga morada, mordeu assim]

*Āg kato fag je tỹ nỹtĩ-g tĩ,*

1PL LOC:em frente 3PL.F *diz que* permanecer,ficar.PL.PST HAB  
[elas diz que moravam em frente a nós]

*ta kã tá ha, goj sĩ pẽte rẽg kỹ,*

MS LOC ‘agora’ água pequeno atrás,após ‘fazer entrar’ em  
[para o lado após um ‘riozinho’]

*tag tá, ãn hã ki ne ti pra ja nĩgnĩn ham.*

DEM LOC DEM assim em MS 3SG morder *ja nĩgnĩ nỹ* MD  
[aquele lá, aquilo desse jeito mordeu ele assim]

‘Sim, diz que, mas diz que era aqui... diz que era na nossa antiga morada (que mordeu).  
Elas moravam de frente com nós desse lado, passando por um ‘riozinho’, para cá, foi ali  
que mordeu ele’.

Interessante notar nesse dado (259) que, para mostrar um acontecimento  
passado sobre algo que outros ouvintes não sabiam, foi utilizado *ja nĩgnĩ*. Adicionalmente

há confirmação do fato (por parte das (duas) pessoas que tinham conhecimento que o ‘irmão tinha sido mordido pela cobra’), com o acréscimo de *n̄ȳ*. A construção utilizada foi, nestes casos, *ja n̄gn̄ n̄ȳ*. Isso ocorreu tanto em (259.5) [B], quanto (259.6) [A], onde há também a expressão de certeza, de garantia do que está sendo contado para as outras pessoas que ouviam a história.

Ainda um outro exemplo no qual há a presença de *ja n̄gn̄*:

(260)

(260.1) [A] *M̄ynh fag panh ne t̄ȳ h̄ara kupri n̄g (n̄gn̄) ker (ke ra)*  
 mãe 3PL.F pai diz que mas branco IPFVN dizer+Imperativo  
 ‘Mas o pai das mães era claro (branco), diga!!’

(260.2) [B] *Kupri ja t̄ȳ n̄g, h̄ȳ k̄ȳ inh m̄ynh fi t̄ȳ ón*  
 branco PST MS IPFVN por isso 1SG mãe C:Fem MS ‘mais ou menos, faz de conta’  
*k̄ȳ kupri s̄i ja n̄gn̄ ham.*  
 então branco pequeno ja(PST) n̄gn̄(IPFVN) MD  
 ‘Ele era claro, por isso minha mãe era um pouco clara’.

Um outro apontamento interessante é que se observam diferenças temporais quando há utilização de *ja n̄* ou *n̄gt̄i* nas narrativas. O exemplo (261 – numeração minha) foi extraído do texto *Ru* ‘Trançado de taquara’ de Kógjá Joaquim (2008) (no original, páginas 16 em Kaingang e 17, em Português):

(261) *Kanhgág ag v̄ȳ jēs̄i k̄āsir ag kritam k̄ȳ*  
 Kaingang 3PL MS pássaros pequenos 3PL ‘cobrir com tampa’ então  
*ag kugm̄i jafã n̄gt̄i, ru t̄ȳ.*  
 3PL pegar ‘coisa para fazer (sempre)’ IPFVN ru com  
 ‘Os kaingang costumavam pegar os pássaros pequenos tapando-os com *ru*’.

Discutindo a presença de *n̄gt̄i* nesse enunciado com um professor Kaingang, perguntei se poderia substituir essa forma por *ja n̄*, como em (262) abaixo:

(262) *Kanhgág ag vỹ jěsĩ kāsir ag kritam kỹ*

Kaingang 3PL MS pássaros pequenos 3PL ‘cobrir com tampa’ então

*ag kugmĩ jafã ja nĩ, ru tỹ.*

3PL pegar ‘coisa para fazer (sempre)’ *ja nĩ ru* com

Ele me respondeu que sim e que, inclusive a tradução se mantinha: ‘Os Kaingang costumavam pegar os pássaros pequenos tapando-os com *ru*’. Porém, acrescentou que mostravam diferentemente o Tempo no qual o evento estava sendo narrado. Ou seja, para o ouvinte, as percepções temporais dos dois enunciados seriam as seguintes: 1. com o uso de *nĩgtĩ* estaria sendo contado algo mais antigo (que poderia ser também um mito, uma lenda); 2. com *ja nĩ* estaria sendo dito algo em uma referência temporal mais recente, mesmo sendo ‘no passado’. No final me disse: “A frase continua sendo a mesma coisa, só que em épocas diferentes”. Isso sugere que assinalam distintos Tempos Narrativos - expressos pelas formas gramaticalizadas.

Em outro exemplo (263 abaixo) chamo a atenção para o emprego de *ja nĩ* - a forma *ja nĩ* marcada para Futuro. É uma conversa/narrativa, cujos participantes estão referenciados por (A), (B):

(263)

(263.1) [A] *Kỹ fag tỹ ser gãr pẽ tag sógsãm*

então 3PL.F MS assim milho genuíno DEM socar

[então elas socavam aquele milho comum]

*kỹ ěg tỹ ser goj tá nĩ mũ gé ham, quatro dia ki*

então 1PL MS assim água LOC permanecer, ficar.SG PFV também MD quatro dia em

[então ficava lá na água também assim, quatro dias]

*ěg tỹ kupe-j ěg tỹ ki goj rỹg tũn kỹ.*

1PL MS lavar.FUT 1PL MS em água esquentar negação quando

[nós íamos lavar quando não esquentávamos água nele]

‘Então elas socavam esse milho comum e íamos deixar (deixávamos/ficava) assim no rio também, lavávamos em quatro dias quando não esquentávamos água nele’.

(263.2) [A] *Goj rỹg kỹ ěg tỹ ser rata de karozena tag gen*  
água esquentar então 1PL MS assim lata de querosene DEM desse jeito  
[então nós esquentávamos água assim naquela lata de querosene]

*ki fãg kỹ hã ki kujãn mũ gé ha,*  
azedar então parecido,assim em derramar PFV também ‘agora’  
[derramava então assim (para) azedar também (naquele momento)]

*ti kãnhmar tãnãj ke sĩ han jé, ke fi hã tĩ, mỹnh fi, (...)*  
3SG logo mole fazer pequeno fazer para dizer 3SG.F parecido,assim HAB mãe C:Fem  
[para fazer logo ele amolecer um pouco, dizia a mãe]

*jo ěg tỹ kejẽn goj kysa hã kã kã nĩ tĩ gé,*  
e 1PL MS às vezes água frio assim,parecido LOC permanecer,ficar.SG HAB também  
[e nós às vezes deixávamos lá na água fria também]

*gen ki ha, goj nig tag kã kã....*  
desse jeito em ‘agora:ENF água poço, lagoa DEM LOC  
[desse jeito lá mesmo naquelas águas ‘fundas’ (‘de lagoa, poço’)]

‘Esquentávamos água e na lata de querosene deixávamos e jogávamos ali para amolecer um pouco logo, ela dizia assim, a mãe (...) e nós às vezes também colocávamos assim na água fria mesmo, nessas águas fundas do rio...’

(263.3) [A]...*quatro dia ki fi tỹ ser kãj ki jã ãn ve-j mũ ser,*  
quatro dia em 3SG.F MS assim ‘cesto grande’ em POSIC:em pé DEM ver.FUT PFV assim  
[em quatro dias ela ia ver aquilo no cesto]

*kar ãkór ti ke gé ham,*

todo,tudo *ãkór*<sup>161</sup> 3SG fazer também MD

[também fazia tudo fermentado]

*...ãñ tỹ jo ser gãr hã tỹ goj kãkã fãg mũ gé,*

DEM MS antes assim milho ‘desse jeito’ água LOC azedar PFV também

[aquilo (de antes) na água desse jeito azedava também]

*senh*<sup>162</sup> *to tag ge tỹ fór, goj tá nỹ-j ha.*

crescido em relação a DEM desse jeito MS cheio água LOC POSIC:deitado.FUT ‘agora’:ENF

[esse crescido desse jeito. Ele (o cesto) ficaria cheio lá na água mesmo]

‘Em quatro dias ela ia ver aquilo no cesto, tudo fermentado também ... aquele milho colocado antes na água azedava também; crescido (desse jeito). Aquilo (o cesto) ficava cheio assim, lá (mesmo) no rio’.

(263.4) [A] *Pén fág fi tỹ to kyr jẽ-j mũ, kusẽg ki, ser ham.*

saracura C:Fem MS DIR cantar POSIC: em pé.FUT PFV de manhã em assim MD

‘A saracura fica cantando de manhã’.

(Literalmente: ‘A saracura iria ficar cantando (em pé) de manhã’)<sup>163</sup>

(263.5) [B] *To tỹ nóñ ja nĩ-j mũ gé, ke ra je.*

em relação a MS abrir *ja nĩ-j* PFV também dizer IMP *diz que*

‘Diz que às vezes conseguia furar (lit: abriria, furaria) (o cesto), diga!’.

<sup>161</sup> O *ãkór* é o estado de fermentado, de modo que pode ser usado como adjetivo de bolo (*ẽmĩ ãkór*), mas também como adjetivo de pinhão colocado na água (*fãgfy ãkór*).

<sup>162</sup> Pronunciado assim, mas a palavra para ‘crescido’ é *sanh*.

<sup>163</sup> A professora Kaingang que me auxiliou na transcrição explicou que a idéia aqui é que o ‘a saracura iria cantar (vendo aquilo) e isso acontecia em um momento posterior, de manhã’ (isso está mais explicitado na repetição em (263.6)). O Futuro indicado no Posicional é porque o enfoque da fala recai sobre o ‘Sujeito’.

(263.6) [A] *Hỹ ... to tỹ nón ja nĩ-j, kỹ fi tỹ ser hã ve*  
 sim em relação a MS abrir *ja nĩ-j* então 3SG.F MS assim parece, assim ver  
*kỹ kyr jẽ-j mũ ham, kusã ki ser.*

então cantar POSIC: em pé.FUT PFV MD cedo em assim

‘Sim, conseguia furar (lit: iria abrir, furaria), então ela ficava olhando aquilo e cantando, de manhã cedo’.

(263.7) [A] *Kỹ mỹnh fi tỹ ser inh ija ãkór*

então mãe C:Fem MS assim 1SG [1SG]MS *ãkór*

*to ken (ke nĩ) hẽn han ke-j.*

em relação a dizer/IPFV parecido fazer fazer.FUT

[então a mãe dizia: por causa do meu *ãkór* (ela) ia ficar fazendo desse jeito, parecido assim]

*Kỹ ãg tỹ ser gãr kughu ãn tygnyn kỹ tỹ ser gre-j mũ ha.*

então 1PL MS assim milho cateto DEM socar.PL então MS assim peneirar.FUT PFV ‘agora’:ENF

[então socávamos aquele milho cateto e íamos peneirar]

‘Então a mãe dizia: “por causa do meu *ãkór*” (a saracura (ia ficar) ficava fazendo aquilo, ou seja, olhando e cantando)’. Então socávamos aquele milho cateto e íamos peneirar’.

Interessante esse dado (263). A presença de *ja nĩ* em (263.5) [B] mostra que a pessoa está contando que o pássaro (a saracura) furava (de manhã) a sacola de milho colocada no rio. *Ja* mantém sentido de Passado - o que está sendo contado é um evento com Referência temporal anterior ao Momento da Fala; mas o Momento de Referência do evento ‘furar’ (realçado pelo Futuro marcado em *nĩ – nĩj*) diz respeito ao acontecimento que se realizaria na manhã ou nas manhãs seguintes (eram três ou quatro dias para a fermentação do milho). Da mesma forma, em (263.6) [A] *ja nĩj* responde pela informação que algo ‘passado’ está sendo narrado e há um evento que ocorria em uma referência temporal posterior a um outro evento citado. Ainda há uma extensão semântica Mirativa – segundo falantes da língua, para o uso de *ja nĩj*, nesse dado, interpreta-se também uma indicação de ‘surpresa’ ou ‘informação nova’: “quando você menos esperar, alguém já furou”.

Aikhenvald (2004, p.195) assim define Miratividade:

Mirativity covers speaker's 'unprepared mind', unexpected new information and concomitant surprise.

Segundo a autora pode ser uma categoria gramatical separada ou extensão de outra categoria. Estratégias de Evidencialidade (por sua similaridade a pequenos sistemas de Evidencialidade) também podem adquirir nuances mirativas. Ainda explica que extensões mirativas frequentemente ocorrem se há uma primeira pessoa participante (Aikhenvald 2004, p. 195 e 204). Por exemplo, em Lithuania, uma forma passiva usada como estratégia de evidencialidade com significado inferencial adquire uma leitura mirativa em contexto de 1ª pessoa. Aikhenvald (2004, p. 205) comenta em 6.22 (reproduzido abaixo como no original), a partir de Gronemeyer, 1997:107:

The speaker has just realized, to his surprise, that he is sick. The mirative interpretation goes together with lack of control and 'inadvertent' action, typical for inferential evidentials in the context of first person.<sup>164</sup>

Lithuania

6.22 Mano serga-ma!?

I.GEN sick-PASS.PRE.NOM.NEUT

'Evidently I am sick!?'

Diferentes caminhos semânticos se interligam e dão origem a leituras mirativas a partir de evidenciais (Ibid., p. 208-209)<sup>165</sup>:

(I) lack of firsthand information → speaker's non-participation and lack of control → unprepared mind and new Knowledge → mirative reading.<sup>166</sup>

(scheme 6.1 – no original da p. 208)

---

<sup>164</sup> “O falante percebeu, para sua surpresa, que ele está doente. A interpretação mirativa vem junto com a falta de controle e ação ‘não anunciada’, típica de evidenciais inferidos no contexto de primeira pessoa” (tradução minha).

<sup>165</sup> A autora menciona (p. 209) que: “Estratégias de Evidencialidade com significados similares àqueles de *non-firsthand* em sistemas A1 e A2 também desenvolvem extensões mirativas. Isso está de acordo com a tendência geral para Estratégia de Evidencialidade, que segue um caminho semântico similar ao apontado para Evidenciais”.

<sup>166</sup> Tradução livre: “(I) falta de informação de primeira mão → não participação do falante e falta de controle → mente despreparada e Conhecimento novo → leitura mirativa” (esquema 6.1 – no original da p. 208).

(II) speaker's deliberate non-participation → distancing effect → presenting the information as new, unexpected and thus “surprising”.<sup>167</sup>  
(scheme 6.2 – no original da p. 209)

(III) Deferred realization: speaker sees or learns the result but interprets it post factum → the newly understood result is unexpected and thus surprising.<sup>168</sup>  
(scheme 6.3 – no original da p. 209)

No Kaingang a composição *ja nĩ* (e suas variantes) - uma Estratégia de Evidencialidade que pode denotar inferência ou informação obtida de fonte próxima (alguém lhe deu a informação diretamente e você está repassando) – pode ser utilizada em uma extensão semântica para explicitar ‘surpresa’ ou ‘informação nova’: um senso mirativo.

Mencionei acima, ao comentar o exemplo (259) essa leitura de ‘surpresa’ assinalada pelo uso de *ja nĩ*. Nos exemplos abaixo também é possível essa interpretação de extensão semântica:

(264) *Inh ne fi jyjy kãjatun ja nĩ.*

1SG MS 3SG.F nome esquecer *ja nĩ*

‘Eu esqueci o nome dela’.

Nesse dado (264) a interpretação do significado mirativo pelo uso de *ja nĩ* seria a falta de controle e ação não esperada; daí a ‘surpresa’. Os falantes assim interpretam o significado expresso neste enunciado em 1ª pessoa: “sem me dar conta, eu esqueci o nome dela” (ou: “puxa! eu esqueci o nome dela!”).

---

<sup>167</sup> Tradução livre: “(II) não participação deliberada do falante → efeito de distanciamento → apresentação da informação como nova, não esperada e assim “surpreendente”” (esquema 6.2 – no original da p. 209).

<sup>168</sup> Tradução livre: “(III) realização adiada → o falante vê o resultado, mas o interpreta *pos factum* → o resultado compreendido recentemente é não esperado e assim surpreendente” (esquema 6.3 – no original da p. 209).

Da mesma maneira, a sentença abaixo, na qual um senhor, utilizando *ja nĩ*, me disse que ‘tinha descansado bastante’:

(265) *Ůri sa vėnhkán mág ja nĩ.*  
hoje [1SG]MS descansar grande *ja nĩ*  
‘Hoje eu descansei bastante’.

Minha auxiliar de transcrição explicou: ‘o evento já aconteceu e como as pessoas dormem à tarde; ele (o senhor) relacionou que ‘quando viu, quando se deu conta, ele tinha dormido bastante’.

Nesses dois casos (264) e (265) o sentido inferencial de *ja nĩ* é que dá abertura à leitura de uma informação de ‘novidade’ ou ‘surpresa’.

Mas o caminho para uma interpretação mirativa, no contexto abaixo, como extensão do uso de *ja nĩ* se apresenta um pouco diferente. Observemos a sequência da conversa do exemplo (246) que está reproduzido novamente em (266) (os participantes estão indicados por A, B e C):

(266)

(266.1) [A] *Hỹ kỹ ija fag mỹ ãn ge ke ke mỹ ra gé ham,*  
por isso [1SG]MS 3PL.F para DEM assim dizer dizer para Imperativo também MD  
[por isso eu para elas digo (isso) assim, para dizerem também]

*Gĩr tỹ ti panh ve sór jafã nĩg,*  
criança MS 3SG pai ver querer ‘coisa para fazer’ IPFVN (*nĩgnĩ*)  
[as crianças querem ver o pai]

*isỹ ke han mỹr ham, sỹ ti mré nĩ ra,*  
[1SG]MS dizer fazer pois MD [1SG]MS 3SG com casar quando  
[eu digo para fazer (isso), pois; quando estava casada com ele]

*gĩr ag sygsanh há ra*  
criança 3PL crescer.PL bem quando

*inh mÿ jagy han han mÿr ham,*

1SG para difícil fazer fazer pois MD

[quando as crianças (eles) (estavam) bem crescidos, para mim era difícil fazer, fazer pois]

*isÿ inh hãre kã inh panh gente ki kanhró hãn gen kÿ, ke inh nĩm.*

[1SG]MS 1SG QU(como) em 1SG pai ‘gente’ saber sair desse jeito dizer 1SG MS/PFV

[eu, eu quando (desse jeito) (ia) sair (para) saber das ‘gentes’ do meu pai / (quando (?) eu ia conhecer as ‘gentes’ do meu pai)]

*Ûri hã ija ke tũ nĩgnÿ, kãjatun mÿ inh ser.*

atualmente,hoje assim [1SG]MS fazer negação DECL-ASSERT.N esquecer para 1SG assim

[atualmente (assim) eu não faço (mais isso), eu para esquecer (assim)]

‘Por isso falo assim para elas para dizerem também “as crianças sentem vontade de ver o pai”, aconteceu bastante comigo, quando eu já estava casada ... os meninos já estavam grandes e eu sentia muito com isso ... quando eu pensava quando eu iria conhecer as ‘gentes’ do meu pai. Para eu esquecer, hoje não sou / não faço mais assim’.

(266.2) [B] (risos).....hãren hãn...

QU

‘O que será?’ (uma expressão em Kaingang).

(266.3) [C] *Ã panh mÿ tÿ kanhgág pẽ tĩ ja nĩ, tia.*

2SG pai QU MS Kaingang/índio legítimo HAB *ja nĩ* tia

‘Seu pai era bem índio mesmo, tia (?)’

(266.4) [B] *Hÿ hÿ..., Kanhgág pẽ tĩ vã ham, êg panh ti,*

sim, sim Kaingang legítimo HAB ASSERT MD 1PL pai 3SG

*pi kyvénh jãgja ve nĩ hẽn,*

MS:NEG sangue misturar parece IPFV igual/parecido

*tũm ãn, kar m̃nh fi ke gé.*

negação DEM e mãe C:Fem dizer também

‘Sim, sim... ele era bem legítimo, o nosso pai. Ele não tem o sangue misturado (nada de mistura de sangue), nada, e a mãe também’.

Em (266.1) [A] a pessoa atribui valor de ‘certeza’ àquilo a que está se referindo e pára a fala (isso está mostrado pelo uso de *nĩgnỹ*). Nessa pausa de conversa, então, um barulho ou algo que foi visto, chama a atenção de outro participante: em (266.2) [B] a pergunta se refere a esse acontecimento ‘desconhecido’ (‘o que será?’). Já em (266.3) [C] o falante inicia uma continuação, aproveitando a pausa. Há a apresentação da informação como ‘nova’, mas também há deliberado distanciamento, pois se dirige a outra pessoa (à tia). Inclusive muda o enfoque do que estava sendo tratado. Não há mudança no tema que do que era falado em (266.1) [A] (a vontade que tinham de ver o pai; que sentiam falta de chamar alguém de pai e a saudade da mãe – ambos já falecidos); entretanto há uma nova informação trazida para a conversa. E isso se faz com a utilização de *ja nĩ* neste enunciado (266.3) [C].

### 6.3.1 *Vãnhmỹ* como *diz que*

Uma outra forma encontrada nos textos, que é traduzida pelos falantes nativos para o Português como “*diz que*”, é *vãnhmỹ* ~ *vẽnhmỹ*.

Essa gramaticalização também sugere uma referência dêitica para a sua utilização como expressão de fala reportada. Não observei, em meus dados, o uso concomitante de *vãnhmỹ* e *ja nĩ* em mesma oração. Mas meu colaborador diz que há essa possibilidade. No entanto, encontra-se em meu material de pesquisa o uso dessa forma ocorrendo adicionalmente à presença de *je ta*, *jetóg* e outros na mesma sentença. Segundo aquele colaborador, *vãnhmỹ* é também utilizado de forma mais genérica, quando se tem informações gerais ou mais informações na narrativa, semelhante (mas ainda com sutis diferenças) ao que acontece com a utilização das formas *je tóg*, *je tỹ* e correlatos.

A exemplificação que segue é um trecho de uma conversa/narrativa (os participantes estão indicados por [A] e [B]) na qual há ocorrência em diferentes momentos de construções que assinalam ‘fala relatada’ (com a utilização de *je ta*, *ne tỹ*, *je*; e, ainda com *vãnhmỹ*) e o uso de *ja nĩ*, que localiza eventos com fonte de informação mais próxima ou conhecida ou menos generalizada.

(267)

(267.1) [A] *Kãn pi je, ãmĩn tag pi je*  
 aprontar MS:NEG *diz que* caminho DEM MS:NEG *diz que*  
*kã sa-g tĩ ker (ke ra)*  
 em POSIC:pendurar.PST HAB dizer+IMP

‘Naquele tempo essa estrada grande não passava por aqui (diga!)’.

(267.2) [B] *Háu, ge ne tỹ sa-g ha Passo Feio*  
 sim desse jeito *diz que* POSIC:pendurar.PST ‘agora, já’ *Passo Feio*  
*mĩ kã tá ti.*

LOC:em LOC:dentro LOC:lá 3SG:ENF

‘Sim, igual à que agora passa por dentro do Passo Feio, lá’.<sup>169</sup>

(267.3) [A] *Fynh fyj je ta tĩ-g, fynh fyj.*  
 picada *diz que* HAB.PST picada

‘Era picada, picada...’

(267.4) [B] *Hỹ... ag tỹ...*

sim 3PL MS

‘Sim... (quando) eles...’

(267.5) [A] *Kãvãru tĩn mré ag ne tỹ mĩ mũ tĩ ker (ke ra)*  
 cavalo fazer andar,passar por cima de com 3PL *diz que* ‘em’ ir.PL HAB dizer+IMP

‘Eles passavam só a cavalo por aqui (diga!)’.

<sup>169</sup> Nome próprio, de um lugar em Nonoai (RS).

(267.6) [B] *Hỹ'ỹ... Hãra kejẽn isỹ ser vẽnhmỹ tar*<sup>170</sup> *há ra ser,*  
 sim mas um dia [1SG]MS assim *diz que tar* bem quando assim  
*nén ne ser ãmĩn han kãrãm ser ham,*  
 coisa MS assim caminho fazer ‘fazer entrar’ assim MD  
*vẽnhmỹ ãmĩn mág sa-j ken hã tóg ser ham.*  
*diz que* caminho grande POSIC:pendurar.FUT fazer assim MS assim MD  
 ‘Sim... mas um dia quando eu já estava grandinha, aquela coisa entrou fazer a estrada, onde  
 passaria a estrada grande’

*Ën tỹ isỹ kinhra tĩ ser. Kinhra há sỹ jã-g ser.*  
 DEM MS [1SG]MS lembrar HAB assim lembrar bem [1SG]MS POSIC:em pé.PST assim  
 ‘Então aquilo eu já lembro um pouquinho. Já entendia bem’.

(267.7) [A] *Ju inh pi ser ãn kikanhrón ser.*  
 ao contrário 1SG MS:NEG assim DEM saber/IPFV(nĩ) assim  
 ‘Eu não me lembro disso’.

(267.8) [B] *Ã pi ser ãn kinh.... Inh mỹ mỹnh fi tỹ....*  
 2SG MS:NEG assim DEM ‘kinh...’ 1SG para mãe C:Fem MS  
*Inh mỹ ã tỹ kóněg tĩ nĩ ver ãn kã.*  
 1SG para 2SG MS pequenino ‘ir’(‘andar’) IPFV ainda DEM em  
 ‘Você já não... eu acho (para mim) (que) a mãe ... para mim, você era muito pequena  
 naquele tempo’.

(267.9) [A] *Inh kóněg ra mỹnh fi tỹ inh ma-vyr ja nĩn taki,*  
 1SG pequenino quando mãe C:Fem MS 1SG levar.PST *ja nĩ nỹ* LOC:daqui  
*tó fi tỹ tĩ, vễhễ inh ne tỹ nĩgté há nĩ,*  
 contar.SG 3SG.F MS HAB agora, afinal 1PL *diz que* engatinhar bem IPFV

<sup>170</sup> *Tar* foi traduzido relacionando-se a uma ‘fase (do desenvolvimento) da criança’. Literalmente pode ser traduzido como “forte”.

*mÿnh fi tÿ ra tÿ mÿ kã.*

mãe C:Fem MS quando ir PFV LOC:lá

‘Quando eu era pequena a mãe levou eu daqui, ela contava. Eu recém engatinhava, quando minha mãe foi lá’.

A respeito do dado acima transcrito, perguntei a um falante e professor Kaingang, se poderia tirar o *ja nÿn* (*ja nÿ nÿ*) desse enunciado. Ele me respondeu que sim e que não alterava nada a tradução, mas eu não teria mais as informações dadas: com *ja nÿ* sabe-se que o evento está sendo contado/narrado; e, a informação modal - com o *nÿ*, ao final, ‘dá um aval’ ao enunciado. Com o verbo já expressando uma referência passada, o papel de *ja* é evidenciar a completude do evento. Indaguei ainda se eu poderia tirar somente o marcador *ja* e sua resposta foi: ‘só pode (tirar) do evento que aconteceu’. Isso porque o sentido da utilização do marcador, neste caso, é apontar que o acontecimento já se encerrou naquele momento passado. Ou seja, ele reconhecia o Tempo do evento (no Passado) dado no verbo (ou contextualmente, por ser uma espécie de narrativa) e os marcadores em composição - *ja nÿ nÿ* seriam, então, uma opção do falante apresentando outras informações.

E para finalizar, em (268) abaixo, transcrevo parcialmente um dado já apresentado anteriormente (em 142), mas nesse momento com atenção voltada para as diferentes construções traduzidas como *diz que* - inclusive *vãnhmÿ*. Note-se que há repetições e também repetições dos marcadores, como acontece naturalmente na fala oral (quando se conta uma história):

(268)*Kÿ ag jeta ser vãnhmÿ, hãra kófa fi jeta ag mré tÿgtÿ,*

então 3PL *diz que* assim *diz que* mas velho C:Fem *diz que* 3PL junto, com andar.HAB  
[então eles diz que assim, mas uma velha (diz que) andava com eles]

*kỹ ag ne tỹ ser vānhmỹ, kāj hynhan kỹ kófa fi tỹ fág mráj ja*  
então 3PL **diz que** assim **diz que** cesto fazer.PL então velho C:Fem MS pinheiro quebrado PST  
[então eles (diz que) assim fizeram cestos, então a velha / havia um pinheiro quebrado]

*ta ge ã ki kynhhá mỹ jãpry kỹ fi jãján mũ jetóg,*  
MS assim INDF em ‘bem alto’ subir então 3SG.F pendurar PFV **diz que**  
[subiram bem alto, então penduraram ela, diz que]

*Jo ag jeta ser kynhmỹ jãpry mũ ser jetóg, ...*  
e 3PL **diz que** assim alto, por cima subir PFV assim **diz que**  
[e eles diz que assim, subiram alto (para cima), desse jeito, diz que]

*jo ne tỹ ser prār kātĩg kỹ ser ka ãn*  
e **diz que** assim gritar vir, chegar então assim árvore DEM  
*to grãn ke mũ ser jetóg, goj kri...*  
para encostar-se, enfrentar PFV assim **diz que** água em cima  
[e diz que (ele) chegou, veio gritando então, encostou naquela árvore, diz que em cima d’água]

‘Então eles, diz que, mas uma velha andava com eles; então eles fizeram cestos e num pinheiro quebrado bem alto subiram e penduraram ela, diz que; ...e eles, diz que subiram para cima... e ele veio gritando e grudou naquela árvore, diz que em cima d’água’...

Resumindo, então, nesse capítulo meu objetivo foi trazer uma primeira apresentação das formas gramaticalizadas que ocorrem principalmente em narrativas. Mostrei alguns operadores discursivos (os que foram encontrados em meus dados) e iniciei uma discussão e apresentação das estratégias de evidencialidade utilizadas em diferentes contextos, inclusive com extensões para miratividade. No entanto, gostaria de ressaltar que, sobre esses temas, há outros aspectos ainda a serem investigados. Por exemplo, relacionar as formas gramaticalizadas com os diferentes tipos de narrativas na língua, certamente enriquecerá essa discussão. Isso estará aberto para uma investigação por outros ângulos

diferentes. No entanto, mesmo que de maneira inicial e exploratória, não poderia deixar de mostrar essa riqueza de informações e detalhes da língua Kaingang.



## Conclusão

Vimos neste trabalho que as relações discursivas estabelecidas com a utilização das categorias que exprimem temporalidade no Kaingang Sul são complexas e a semântica e a pragmática dos marcadores de Tempo, Aspecto, Modo e de Modalidade não se limita à interpretação da sentença, mas se estende à organização discursiva na língua.

Embora o objeto dessa tese não tenha sido os processos de gramaticalização que geraram os vários marcadores de TAM empregados na língua Kaingang, ao longo do trabalho, fiz algumas sugestões – ainda incipientes e preliminares – sobre algumas possibilidades e hipóteses de fontes lexicais para esses marcadores. Isso teve o intuito de buscar uma compreensão mais abrangente dos diferentes usos ou funções que um mesmo marcador ou uma mesma forma pode assumir em distintos contextos.

Procurei ilustrar a tese com um grande número de exemplos, ocupando-me de descrever as muitas ocorrências encontradas no *corpus* para cada termo sob análise, embora em alguns casos o fiz como tentativa, como uma primeira apresentação.

Uma aparente profusão, nesta língua, de formas homófonas e homógrafas, em boa parte se deve aos recortes semânticos distintos produzidos na língua indígena em relação ao Português, de modo que um único termo, em Kaingang, pode abarcar o espaço semântico de mais de um termo em Português.<sup>171</sup> O resultado é que um mesmo termo aparece com traduções distintas nas glosas de diferentes exemplos, conforme o uso que mais se adequou a cada situação. Por outro lado, observam-se também os casos de polissemia no uso de marcadores, de modo que um mesmo marcador (uma mesma forma) pode responder por distintos papéis, em diferentes domínios.<sup>172</sup> Para descrever os usos dos marcadores para as categorias de TAM no Kaingang, a contextualização foi importante. Sem dúvida a opção de se trabalhar a partir de observações desses marcadores em contextos discursivos (no sentido de ‘Textual’ mencionado no capítulo 6) foi um ganho substancial

---

<sup>171</sup> Por exemplo, o termo *kejên*, que aparece glosado como “um dia”, “às vezes”, “certa vez”, “alguma vez”; ou a forma *ge*, glosada como “dizer”, “assim”, “desse jeito”, “também”.

<sup>172</sup> Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 17) observam que, em seus estudos translinguísticos encontram casos de múltiplos usos de um determinado morfema gramatical “como estágios em um caminho de gramaticalização”. Eles também demonstram que, sincronicamente, pode-se encontrar um mesmo morfema gramatical expressando dois ou mais significados.

para a análise. Pude observar formas e construções empregadas predominantemente em situações narrativas e que atribuem diferentes sentidos semânticos e ou pragmáticos aos enunciados.

A análise dos dados mostrou que outros fatores presentes no enunciado, inclusive marcadores de Sujeito, são também importantes para a interpretação do sentido pretendido pelos falantes. Neste trabalho fiz uma primeira apresentação da discussão sobre discursividade e as formas narrativas gramaticalizadas; e embora preliminar, tais apontamentos mostraram que é necessário olhar o todo para compreender as relações que se estabelecem com o uso dessas gramaticalizações.

No que se refere a Tempo, pode-se dizer que a língua não distingue, costumeiramente, na sintaxe ou na morfologia, Presente e Passado, mas, em geral, apenas contextualmente.

O Futuro se faz com a adição de {-j} a Verbos e a Nomes terminados em vogais. Em contextos discursivos encontram-se várias situações nas quais há marcação de Futuro, mas não traduzidas como tal. Nesses casos, geralmente há o abandono, por parte do falante, da referência temporal do momento em que ele próprio está narrando e o deslocamento para uma ordenação cronológica subsequente a algum outro momento (expresso ou não) e esse evento é, então, marcado com Futuro. Penso que essa utilização de Futuro em situações de narrativas se relaciona ou tem o papel de tornar ‘mais vívido’ o relato.

O mesmo morfema {-j} pode ser sufixado a marcas de Aspecto. A alternativa de marcar Tempo Futuro no Verbo ou no Aspecto relaciona-se ao que está sendo focalizado pelo falante. Se o enfoque da ‘fala’ está no evento, em uma ação futura, o Verbo aparece marcado para Futuro. Entretanto, se o foco recai sobre o Sujeito, então a marca de Futuro é aposta ao morfema que expressa o Aspecto.

Construções em tempo Futuro podem ocorrer marcadas também por Perfectividade. Nesse caso, observam-se nuances semânticas dependendo do marcador empregado, uma vez que os Perfectivos *mũ* e *ja* produzem diferentes leituras em construções com perspectiva futura. Com *ja* a indicação futura (do que está por acontecer) é

acrescida da perspectiva de completude (como uma frase, em Português, que diga: “Quando eu tiver terminado meu curso...”, ou “Quando a casa estiver pronta...”). Já o Perfectivo *mũ*, em construções com Tempo Futuro, responde por uma leitura de ‘modalidade epistêmica’, garantindo ou dando um valor de verdade ao evento que se sucederá (como uma afirmação do tipo: “É certo que vai gear essa noite...” ou “É verdade que o cacique vai viajar para Curitiba...”).

Construções com verbos de ‘movimento’, como *mũ* ‘ir.PL’, resultam, em alguns contextos, em ambientes lidos como Futuro (embora esses verbos possam se envolver em enunciados com distintas perspectivas temporais). Aqui se tratando do verbo *mũ* ‘ir.PL’ como Auxiliar, com carga semântica realmente de ‘movimento’, ele pode funcionar como expressão de futuro em uma frase como: “Nós vamos fazer muitas flechas...” ou “Eles foram morar em Nonoai”.

O morfema {-g}, sufixado a formas verbais ou aspectuais, marca Passado.

O marcador *ja* tem também papel relevante na discursividade Kaingang. Neste trabalho, observou-se algumas funções claramente distintas (embora semanticamente relacionadas) nos usos de *ja*: uma não-temporal e outra temporal.

Se aplicarmos a proposição de Givón (2001, p.367) para os processos de gramaticalização nas línguas do mundo, é possível dizer que *ja* se encontra no Kaingang em um estágio de gramaticalização primária como Perfectivo / Perfeito; e, em um estágio de gramaticalização secundária, como Passado. Encontramos esses usos sincronicamente na língua, embora uma distinção rígida seja difícil de ser feita em muitas situações. É possível obter, em determinados contextos, uma interpretação temporal e também aspectual com a utilização de *ja*.

Entretanto, não se pode deixar de notar a proximidade (sobretudo quando se traduz ao Português) entre os conteúdos semânticos da expressão de Passado e da expressão do Perfectivo – ambos são usados para assinalar uma ação ‘completada’, ‘já encerrada’. Vale lembrar o que Dahl (1985) aponta em relação ao morfema gramatical de aspecto Perfectivo: se ele não se restringe a uma referência de tempo passado, ele tipicamente descreve eventos que estão no passado; pois eventos passados são situações naturalmente vistas como ‘limitadas’.

O morfema *ja* expressa Tempo Passado não somente em formas verbais, mas também em formas nominais, e seu escopo pode estender-se ao enunciado todo. Além disso, porém, *ja* pode ser empregado como um recurso de Nominalização na língua.

Como sugere o que está dito acima, a língua Kaingang distingue Perfectividade e Imperfectividade.

*Mũ* (originalmente, verbo ‘ir.PL’) está envolvido na formação de um Perfectivo na língua, cuja presença nos enunciados assinala a completude do evento. Acima já destaquei que, em construções com Futuro, *mũ* ganha um contorno modal.

Outro morfema Perfectivo, igualmente mencionado acima, é *ja*. Apontei, ao longo da tese, que esse morfema, que pode ser marca de Tempo Passado em Verbos e Nomes, quando co-ocorre em orações com verbos já expressos no Tempo Passado (por uma forma verbal supletiva) o papel de *ja* é predominantemente aspectual, e em alguns contextos parece expressar mais um sentido de Perfeito (em termos resultativos) do que Perfectivo. De todo modo, relembro a dificuldade apontada em distinguir uso temporal ou aspectual de *ja* em determinadas circunstâncias.

A perspectiva Imperfectiva Habitual é assinalada pelo uso de *tĩ*. Sua origem lexical é também um verbo de ‘movimento’ (‘ir.SG’) e a forma gramaticalizada expressa habitualidade, que no Kaingang se distingue de iteratividade. Já as construções progressivas podem ser expressas de diferentes maneiras, mas não há um morfema gramatical específico que responda pelo Aspecto Progressivo.

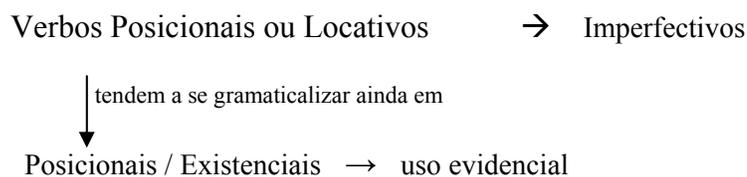
Verbos Locativos/Posicionais no Kaingang Sul são presumivelmente as fontes lexicais para outras formas imperfectivas na língua. Tendem ainda a se gramaticalizar em ‘existenciais’ (mas há também a possibilidade de interpretações locativas e existenciais concomitantes). Situações imperfectivas assinaladas pela utilização dessas formas podem ou não serem lidas em senso Presente. *Nĩ*, *jẽ*, *nỹ* e *sa* em perspectivas imperfectivas não se restringem a Tempo Presente e também, como mencionado, não se restringem a construções de Progressivo; por isso os trato, de forma genérica, como Imperfectivos. Ainda é necessário notar que *nỹ* tem ocorrência em contextos imperfectivos nos quais assinala ‘posição’ ou ‘existência’. Uma forma homófona e homógrafa, possivelmente

resultante de diferentes caminhos de gramaticalização, expressa um significado completivo ou resultativo no enunciado, podendo adicionalmente atribuir um sentido de modalidade epistêmica. Nesse caso, sua trajetória é paralela e complementar, obviamente, a *nĩ* Imperfectivo.

As formas gramaticalizadas, que chamo de Posicionais, fazem alusão à posição física e/ou à forma do referente. Nestas circunstâncias, são associados a um uso Evidencial. Sua utilização explicita que o falante é testemunha direta do que diz, porque tem ou teve uma informação visual, que é transmitida ao ouvinte quando o contexto permite indicar o posicionamento ou a forma física daquilo que é referido. Em determinados contextos, esses marcadores posicionais operam apenas com resquício (ou condensação) de sua expressão semântica original, em um uso com extensão possivelmente metafórica (por exemplo, *nỹ*, “deitar”, expressa uma situação mais consolidada, perene ou menos reversível do que *nĩ*, “sentar”).

Sinteticamente podemos assim esquematizar as formas oriundas dos Verbos Posicionais:

Figura (21): Formas oriundas dos Verbos Posicionais



Em termos de modalidade, podemos dizer que no Kaingang há polissemia no uso de operadores modais. O morfema gramatical *ra*, cujo emprego caracteriza uma situação hipotética ou meramente possível, também pode ser utilizado em domínios de Atos de Fala que implicam permissão ou obrigação (como expressão de Imperativo afirmativo).

O morfema gramatical *vẽ* é utilizado como um operador que assinala modalidade epistêmica. Dependendo do contexto, pode expressar ou explicitar assertividade, confirmando ou dando um valor de verdade ao conteúdo proposto; ou mostrar que o evento/fato não se realizou ou não se estabeleceu ou ainda uma leitura em

negativo da circunstância apresentada. Neste último caso, refiro-me a esse marcador como Contrafactual. Como em muitas línguas, há também expressões lexicais que traduzem diferentes sentidos aos enunciados influenciando leituras de modalidade, tais como: dúvida, possibilidade, desejo, expectativa (lembrando que isso também é possível com entonação).

Ainda em termos de expressão de modalidade é preciso notar que essa extensão, expressa por *nỹ*, possivelmente tenha um adicional significado evidencial envolvido (muitos contextos sugerem que a validação da informação é porque se teve uma fonte visual).

Uma tentativa de síntese dessas categorias TAM relacionadas acima para a língua Kaingang encontra-se no quadro abaixo:

Figura (22) - Categorias TAM na língua Kaingang

	<b>fonte lexical</b> (para as gramaticalizações)	<b>Tempo</b>	<b>Aspecto</b>	<b>Modo</b>	<b>Modalidade</b>
<i>ja</i>	??	Passado (Verbos e Nomes)	Perfectivo/Perfeito		possibilidade de expressar modalidade em contextos futuros.
{-j}	---	Futuro (Verbos, Nomes e Aspectos)			
{-g}	---	Passado (Verbos, Nomes e Aspectos)			
<i>mũ</i>	verbo 'ir.PL'		Perfectivo		possibilidade de expressar modalidade em contextos futuros.
<i>tĩ</i>	verbo 'ir. SG'		Imperfectivo Habitual		
<i>ra</i>	CONJ: se			COND	
<i>ra</i>				Imperativo	
<i>vẽ</i>	?				modalidade epistêmica: - Assertivo; - Contrafactual

Apontei no início deste item que também se observaram nos dados, formas e construções empregadas predominantemente em situações narrativas.

Dentre essas formas encontra-se *nĩgnĩ*, um Imperfectivo Narrativo, cujo uso traz adicionalmente uma outra implicação discursiva ao apontar que o falante está contando algo que os ouvintes ainda não saibam (ou pelo menos alguns deles não saibam). Koch e Travaglia (1992, p. 64) citam que “os elementos textuais que remetem ao conhecimento partilhado entre os interlocutores constituem a informação ‘velha’ ou *dada*, ao passo que tudo aquilo que for introduzido a partir dela constituirá a informação *nova* trazida pelo texto”. Nesse sentido, a utilização de *nĩgnĩ* mostra uma avaliação do falante a respeito do conhecimento do ouvinte, marcando a introdução dessa informação *nova*. Já o emprego do marcador *nĩgtĩ* realça a perspectiva Habitual do evento narrado.

Fiz referência no texto que Bybee et alii (1994, p. 126), citando Hopper (1979 e 1982), apontam que formas Imperfectivas são usadas no discurso para criar situações de fundo (*background*), em contraste com formas perfectivas, as quais são utilizadas para narrar sequência de eventos. Wallace (1982, p. 208) explicita que “*background* inclui eventos de menos importância, procedimentos subsidiários, pontos secundários, descrições, elaborações, digressões de menor caráter ou coisas”. Por outro lado, “*foreground* (‘figura’ ou ‘primeiro plano’) são os mais importantes eventos da narrativa, o ponto central da exposição, os principais caracteres ou entidades envolvidas no episódio”. Entretanto, o próprio autor aponta também que “isso não significa dizer que ‘fundo’ (*background*) não é essencial, mas que quando produzem ou compreendem o discurso linguístico, pessoas dão mais importância para algumas informações que para outras” (Ibid., p. 208).

No Kaingang, o fato de o falante utilizar-se de formas Imperfectivas nas narrativas não se traduz, tampouco, em dizer que isso se relaciona a eventos não essenciais! Penso que essa escolha, com suas implicações semânticas e pragmáticas, demonstra elaboração na produção Textual.

Ainda como sugere Wallace (1982, p. 216), as questões de linguagem não se reduzem simplesmente à diferença ‘figura’ e ‘fundo’. Assim, para a complexidade das relações que se estabelecem no Texto é necessário considerar as distintas e numerosas influências linguísticas e extralinguísticas que colaboram para isso. Veja, por exemplo, a

forma *nỹgnĩ* que pode ser utilizada em construções que expressam ou comportam um ‘aconselhamento’; ou como o que denominei Imperfectivo Narrativo Plural: em contextos narrativos em orações cujo Sujeito está na forma plural. Certamente aqui estamos diante de questões que possuem distintas influências.

Também outras extensões (não descritas frequentemente para línguas Jê) puderam ser avaliadas com seu emprego: modais ou de modalidade, estratégia de evidencialidade e ainda extensões mirativas. Em termos de expressão de modalidade, *nỹgnỹ* é uma forma encontrada em narrativas que atribui sentido epistêmico à fala, acrescentando um grau de certeza ao encerrar os comentários feitos.

A utilização de algumas construções no Kaingang explicita como a informação foi obtida. Mas como a função primária dos elementos que compõem essas estruturas não é expressar fonte de informação, julgo que seja melhor relacioná-las como ‘estratégias de evidencialidade’ (segundo a acepção presente em Aikhenvald 2004, p.105). Em Kaingang, como mencionei anteriormente, *ja* expressa um significado completivo (seja assinalando Tempo Passado ou como Perfectivo/Perfeito) e adquire adicional significado relacionado à fonte de informação quando combinado com *nĩ* (neste caso, possivelmente um ‘existencial’ ou uma forma apenas com resquício de seu conteúdo semântico original). Essa combinação - *ja nĩ* - assinala uma informação:

- i) obtida por evidência;
- ii) que narra um acontecimento que se soube por outra pessoa;
- iii) que conta algo que se soube por outra pessoa a qual pode não ter presenciado o fato, mas também obteve a informação por evidência;
- iv) em algumas circunstâncias mais restritas pode denotar um evento não esperado ou repentino (nesse caso, normalmente a citação está em 1ª pessoa – é mais ou menos como: você não se deu conta/não percebeu, mas o evento já aconteceu!) - uma extensão mirativa.

As marcas de Sujeito utilizadas nas orações nas quais *ja nĩ* está expresso podem contribuir para a interpretação da estratégia de evidencialidade assinalada. Dependendo dos marcadores empregados, se pode dizer que a informação transmitida foi adquirida por

‘vestígios’ e, portanto, é algo inferido; ou, se alguém deu a informação e esta está sendo repassada.

A presença de combinações, por exemplo, *itóg, jé tog, je ta, je tỹ, ne tỹ, tỹ tỹ* - sintaticamente duas marcas de Sujeito, mas semanticamente atribuindo um significado de *diz que* ao enunciado, também explicitam informação repassada; embora sejam empregadas um pouco diferentemente da combinação *ja nĩ*. Com o uso de *ja nĩ* o falante ainda se lembra de quem lhe disse o acontecido (o evento) que está sendo narrado. É uma fonte de informação próxima ou de fonte próxima. Já com *je tóg* e correlatos, são informações mais gerais, mais distantes e principalmente usadas quando se têm várias informações. E, nesse caso, não carrega, na maioria das vezes, um sentido de dúvida que pode ser expresso na nossa língua (em Português) quando utilizamos essa forma: ...ah! não sei, *diz que* não foi ele...!

Como se vê, há uma complexidade de relações estabelecidas na produção Textual, por parte dos falantes, a partir da utilização destes vários recursos. Certamente, ainda há muito a ser pesquisado. Entretanto, busquei estabelecer um ponto de partida para a continuidade dessa discussão.

Nesse sentido, meu desejo é que as questões levantadas, nessa tese, sobre Temporalidade no Kaingang Sul seja uma contribuição para o conhecimento e análise dos próprios Kaingang sobre sua língua. Nesse caso, esse estudo padece, certamente, de possíveis falhas, justamente por ser pioneiro, mas justamente pretende abrir caminho a trabalhos futuros, especialmente de linguistas falantes nativos da língua.

Também espero que esse estudo possa ter uso comparativo e estimule pesquisas semelhantes, tão necessárias, em outras línguas indígenas Jê; e mesmo de outras famílias linguísticas no Brasil.

As descrições sobre sistemas Aspectuais, em qualquer língua, podem ser usadas para colocar em teste as divergentes perspectivas linguísticas que tratam dessa categoria gramatical. As dificuldades observadas no trato de uma língua concreta, quando se busca enquadrar ou classificar fatos observados dentro das categorias propostas, mostram que

talvez ainda se tenha que avançar muito para uma teoria integradora das distinções e categorizações Aspectuais, Temporais, Modais e Evidenciais.

## Referências Bibliográficas

AIKHENVALD, Alexandra Y. **A grammar of Tariana, from northwest amazonia**. Cambridge/MA: Cambridge University Press, 2003, 689 p.

\_\_\_\_\_. **Classifiers - A typology of noun categorization devices**. New York: Oxford University Press, 2003 (reprinted 2008). 535 p.

\_\_\_\_\_. Evidentiality in typological perspective. In AIKHENVALD, A. Y & DIXON, R. M. (ed). **Studies in evidentiality**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003, p. 1-32.

\_\_\_\_\_. Evidentiality in Tariana. In AIKHENVALD, A. Y & DIXON, R. M. (ed). **Studies in evidentiality**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003, p. 131-164.

\_\_\_\_\_. **Evidentiality**. New York: Oxford University Press, 2004, 452 p.

AIKHENVALD, Alexandra Y. & DIXON, Robert M. W. (eds). **Serial verb constructions - a cross-linguistic typology**. New York: Oxford University Press, 2006, 369 p.

AMBROSETTI, Juan Baptista. Los índios Kaingángues de San Pedro (Misiones) con un vocabulario. **Revista del Jardín Zoológico de Buenos Ayres**, vol.II, entr. 10, 11, 12. 1894, p. 305-387.

ANDERSON, Lloyd B. The “perfect” as a universal and as a language-specific category. In HOPPER, Paul J. (ed.). **Typological Studies in Language (TSL) v. 1 - Tense-Aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 221-264.

ANDERSON, Stephen R. Inflectional morphology. In SHOPEN T. (ed.). **Language typology and syntactic description: grammatical categories and the lexicon**. v. III. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1985, p. 150-201.

BENNETT, Michael. Of tense and aspect: one analysis. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p. 13-29.

BERTINETTO, Pier. M. **Tempo, Aspetto e Azione nel verbo italiano. Il sistema dell'indicativo**. Florença: Accademia della Crusca, 1986.

\_\_\_\_\_. Il sintagma verbale. In RENZI, Lorenzo & SALVI, Giampaolo (ed). **Grande grammatica italiana di consultazione**. Bologna: Il Mulino, 1991, p. 13-61.

\_\_\_\_\_. Statives, progressives, and habituais: analogies and differences. **Linguistics** 32: 391-423, 1994.

\_\_\_\_\_. **Il dominio tempo-aspettuale: demarcazioni, intersezione, contrasti**. Torino: Rosenberg and Sellier, 1997.

\_\_\_\_\_. **'Centro' e 'Periferia' Del Linguaggio: una mappa per orientarsi.** <http://alphalinguistica.sns.it/QLL>, 2000.

\_\_\_\_\_. **On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: The Perfective = Telic Confusion.** <http://alphalinguistica.sns.it/QLL>, 2000.

\_\_\_\_\_. *I verbi deverbali.* <http://alphalinguistica.sns.it/QLL>, 2001.

BERTINETTO, Pier Marco e BIANCHI, Valentina. **Tense, aspect and syntax: A review of Giorgi e Pianesi (1997).** <http://alphalinguistica.sns.it/QLL>, 2000

BERTINETTO, Pier Marco e DELFITTO, Denis. Aspect vs. Actionality: Why they should be kept apart. In DAHL, Östen. **Tense and Aspect in the language of Europe** (ed). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000, p.189-225.

BOLINGER, Dwight. Pronouns in discourse. In GIVÓN, Talmy (ed). **Syntax and Semantics - Discourse and Syntax.** v.12. London: Academic Press,1979, p. 289-309.

BRAGGIO, Silvia L. Bigonjal. **The sociolinguistics of literacy: a case of the Kaingang, a brazilian indian tribe.** Albuquerque: University of New Mexico Press. Tese de Doutorado, 1986.

BYBEE, Joan. **Morphology - A study of the relation between meaning and form.** Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1985, 217 p.

BYBEE, Joan & DAHL, Östen. The creation of tense and aspect systems in languages of the world. **Studies in Language**, 13, 1989, p.51-103.

BYBEE, Joan & FLEISCHMAN, Suzanne. Modality in grammar and discourse - an introductory essay. In Bybee and Fleischman (ed). **Modality in grammar and discourse.** Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 1-14.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, Willian. **The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the word.** Chicago: University of Chicago Press, 1994, 398 p.

CALDAS, Raimunda Cristina Benedita. **Aspecto, modo de ação e modalidade na língua Ka'apor.** Belém (PA): UFPA, 2001. Dissertação de Mestrado.

CARLSON, LAURI. Aspect and quantification. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect.** v. 14. Academic Press, INC (London) LTD, 1981, p. 31-64.

CASTILHO, Ataliba T. de. Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa. **Alfa. Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília.** (12). Marília, 1967, p. 7-135.

\_\_\_\_\_. Aspecto verbal no português falado. In M. B. Abaurre & A. C. S Rodrigues (orgs.), **Gramática do Português Falado. Volume III: Novos estudos descritivos.** Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2002, p.83-121.

\_\_\_\_\_. **A língua falada no ensino de português.** 6ª edição. (Coleção Caminhos de lingüística). São Paulo: Contexto, 2004, 159 p.

CAVALCANTE, Marita Porto. **Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná**. Campinas (SP): IEL-UNICAMP, 1987. Tese de doutorado.

CHUNG, Sandra & TIMBERLAKE, Alan. Tense, aspect, and mood. In SHOPEN, T (ed.), **Language typology and syntactic description: grammatical categories and the lexicon**. v. III. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1985, p. 202-258.

COMRIE, Bernard. **Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1976, 142p

\_\_\_\_\_. Aspect and voice: some reflections on perfect and passive. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p. 65-78.

\_\_\_\_\_. **Language universals and linguistic typology**. Oxford: Basil Blackwell, 1983.

\_\_\_\_\_. **Tense**. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1985.

COMRIE, Bernard & SMITH, Norval. Lingua descriptive series: questionnaire. **Língua**, 42, 1977, p.1-72

CORBETT, Greville G. **Agreement**. New York: Cambridge University Press, 2006. 328p.

DAHL, Östen. On the definition of the telic-atelic (bounded-nonbounded) distinction. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p. 79-90.

\_\_\_\_\_. **Tense and aspect systems**. Oxford: Blackwell, 1995.

\_\_\_\_\_. The tense-aspect systems of European languages in a typological perspective. In DAHL Östen (ed.), **Tense and aspect in the language of Europe**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 3-25.

\_\_\_\_\_. Languages without tense and aspect. In EBERT, K. e ZÚÑIGA, F. (ed.). **Aktionsart and Aspectotemporality in Non-European Languages**. Zürich: Universität Zürich, Seminar für Allgemeine Sprachwissenschaft, 2001, p.159-72. <http://www.ling.su.se/staff/oesten/publications.htm>

DAHL, Östen & HEDIN, Eva. Current relevance and event reference. In DAHL, Östen (ed.), **Tense and aspect in the language of Europe**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000, p.385-401.

DESCLÉS, Jean-Pierre & GUENTCHÉVA, Zlatka. Discourse analysis of aorist and imperfect in Bulgarian and French. In THELIN, Nils B. (ed). **Verbal aspects in discourse - Contributions to the semantics of Time and Temporal perspective in Slavic and Non-Slavic languages**. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1990, p. 237-261.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Toldo Chimbangue: história e luta Kaingang em Santa Catarina**. Xanxerê, SC: Cimi-Regional Sul, 1984.

\_\_\_\_\_. **Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica.** 2 volumes, 1998. Campinas (SP): IEL-UNICAMP. Tese de doutorado.

\_\_\_\_\_. Kaingáng: questões de língua e identidade.(1996). **Liames 2.** Campinas: IEL-Unicamp. 2002, p. 105-128.

\_\_\_\_\_. **Para pensar aspecto no Kaingang.** Notas para um Colóquio do Departamento de Linguística do IEL-UNICAMP. 28/05/2002. Campinas (SP). (não publicado).

\_\_\_\_\_. O SIL e a Redução da Língua Kaingang à Escrita: um Caso de Missão “Por Tradução”. In WRIGHT, R. M. (org.). **Transformando os Deuses: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p.199-217.

\_\_\_\_\_. **A língua Kaingang e seu estudo.** 2006. Disponível em: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org).

\_\_\_\_\_. **A língua kaingang.** 2006. Disponível em: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org).

\_\_\_\_\_. **Elementos para o projeto de licenciaturas específicas (3º grau) para a etnia Kaingang.** Fotocopiado (não publicado), 2006.

\_\_\_\_\_. Sistema vocálico e escrita do Kaingáng. In RODRIGUES, A. e CABRAL, Ana Suelly (Org.), **Línguas e Culturas Macro-Jê.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2007, p. 85-96.

\_\_\_\_\_. **Pensar o Proto-Jê Meridional e revisitar o Proto-Jê, numa abordagem pragueana - Relatório Acadêmico de Pós-Doutorado.** Brasília: UnB. Inédito, 2008.

DIETRICH, Wolf. Tiempo, aspecto y evidencialidad en guaraní. **Liames 10.** Campinas: IEL-Unicamp. Primavera 2010, p. 66-83.

DIXON, R. M. Evidentiality in Jarawara. In AIKHENVALD, A. Y & DIXON, R. M. (ed). **Studies in evidentiality.** Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003, p. 165-187.

FLEISCHMAN, Suzanne. Imperfective and irrealis. In BYBEE and FLEISCHMAN (ed). **Modality in grammar and discourse.**Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 519-551.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação - as categorias de pessoa, espaço e tempo.** 2ª edição. São Paulo (SP): Editora Ática, 2005, 318 p.

GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In GIVÓN, Talmy (ed). **Syntax and Semantics - Discourse and Syntax.** v.12. London: Academic Press, 1979, p. 81-112.

\_\_\_\_\_. **Syntax. A functional-typological introduction – Vol. I.** Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. Cap. 3 (*Word Classes*) e Cap. 8 (*Tense-Aspect-Modality*), 1984.

\_\_\_\_\_. **Syntax: An introduction**. Volume I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001, 519p.

GONÇALVES, Solange A. **Aspecto no Kaingang**. 2007. 219f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas.

GUÉRIOS, Rosário Farani Mansur. Estudos sobre a língua caingangue. Notas histórico-comparativas (dialeto de Palmas - dialeto de Tibagi) - Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense**. v. II. Curitiba, 1942, p. 97-177.

GUIMARÃES, Eduardo. (1987). **Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do Português**. 2ª edição. Campinas (SP): Pontes, 2002.

HANKE, Wanda Vocabulário del dialecto Caingangue de la Serra do Chagú, Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense**, Curitiba, vol. 6, 1947, p. 99-106.

\_\_\_\_\_. Ensayo de una gramática del idioma Caingangue de los Cainganges de la Serra de Apucarana - Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense**, Curitiba, vol. 8, 1950, p. 65-146.

HEATH, Jeffrey. Aspectual “skewing” in two australian languages: Mara, Nunggubuyu. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p. 91-102.

HEDIN, Eva. The type-referring function of the Imperfective. In DAHL, Östen (ed.), **Tense and aspect in the language of Europe**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000, p. 227-264.

HEINE, Bernd. Agent-oriented vs. Epistemic modality - some observations on german modals. In Bybee and Fleischman (ed). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 17-53.

HINDS, John. Organizational patterns in discourse. In GIVÓN, Talmy (ed). **Syntax and Semantics - Discourse and Syntax**. v.12. London: Academic Press, 1979, p.135-158.

HOLISKY, Dee Ann. Aspect theory and Georgian aspect. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p.127-144.

HOPPER, Paul J. Aspect between discourse and grammar: an introductory essay for the volume. In HOPPER, Paul J. (ed.). **Typological Studies in Language (TSL) v. 1 - Tense-Aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 3-18.

HOPPER, Paul J. Aspect and foregrounding in discourse. In GIVÓN, Talmy (ed). **Syntax and Semantics - Discourse and Syntax**. v.12. London: Academic Press, 1979, p. 213-242.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2001, 85 p.

ILARI, R. et alii Considerações sobre a posição dos advérbios. In CASTILHO, Ataliba T. (org). **Gramática do português falado**. 4ª edição revisada. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2002, p. 53-120.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. Classes de palavras e processos de construção. 3. O verbo. In: NEVES, Maria Helena de Moura; ILARI, Rodolfo (Orgs). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. V.II Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2008, p.163-365.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. In JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. (8ª ed.). São Paulo: Cultrix, 1975, p. 118-162.

JOAQUIM, Dorvalino Kógjá. **Kanhgág jinjén – armadilhas Kaingang**. Tradução Márcia Nascimento, Campinas: Curt Nimuendajú, 2008. 59 p.

JOHNSON, Marion R. A unified temporal theory of tense and aspect. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p. 145-175.

KAKUMASU, James Y. **Gramática gerativa preliminar da língua Urubu**. 1976. Disponível em <http://www.sil.org/americas/BRASIL/PUBLICNS/LING/UKGrmGer.pdf>

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. 6ª edição. Coleção Repensando a língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 1993, 75 p.

\_\_\_\_\_. **A inter-ação pela linguagem**. 3ª edição. Coleção Repensando a língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 1997, 115 p.

KOCH, Ingedore G. Villaça e Travaglia, Luis Carlos. **A coerência textual**. 4ª edição. Coleção Repensando a língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 1992, 94 p.

KÓKÁJ, Selvino Amaral. **Kókáj | Kanhgág jé ke pẽ vỹ tag tí**. Disponível em <http://selvino.kanhgag.org/>. 2009.

KUČERA, Henry. Aspect, Markedness, and  $t_0$ . In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p. 177-189.

LAMBRECHT, Knud. **Information structure and sentence form - Topic, focus and the mental representations of discourse referents**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, 388 p.

LEVY, David M. Communicative goals and strategies: between discourse and syntax. In GIVÓN, Talmy (ed). **Syntax and Semantics - Discourse and Syntax**. v.12. London: Academic Press, 1979, p. 183-210.

LI, Charles N; THOMPSON, Sandra A. & THOMPSON, R. McMillan. The discourse motivation for the perfect aspect: the mandarin particle LE. In HOPPER, Paul J. (ed.). **Typological Studies in Language (TSL) v. 1 - Tense-Aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p. 19-44.

LINDE, Charlotte. Focus of attention and the choice of pronouns in discourse. In GIVÓN, Talmy (ed). **Syntax and Semantics - Discourse and Syntax**. v.12. London: Academic Press, 1979, p.337-354.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística Teórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979, 545 p.

MARCUSCHI, Luis Antônio. **Análise da Conversação**. 2ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1991, 94 p.

MONSERRAT, Ruth & DIXON, R. M. Evidentiality in Myky. In AIKHENVALD, A. Y & DIXON, R. M. (ed). **Studies in evidentiality**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003, p. 237-242.

MOURELATOS, Alexander P. D. Events, processes, and states. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p. 191-212.

NEVES, Maria Helena de Moura, BRAGA, Maria Luiza e D'ALL AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. As construções hipotáticas. In: NEVES, Maria Helena de Moura; ILARI, Rodolfo (Orgs). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. V.II Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2008, p. 937-1015.

NORDLINGER, Rachel e SADLER, Louisa.. **Nominal Tense with nominal scope: a preliminary sketch**. Paper presented at the LFG01 Conference, Hong Kong, June 2001. In the On-Line Proceedings of LFG01 (<http://www.csli.stanford.edu/publications/LFG/6/lfg01.html>). (acessado em julho de 2009)

NORDLINGER, Rachel e SADLER, Louisa. **Tense beyond the verb: encoding clausal tense/aspect/mood on nominal dependents**. Kluwer Academic Publishers. Printed in the Netherlands, 2003, 42p. Disponível em <http://privatewww.essex.ac.uk/~louisa/newpapers/c044ns.pdf>

PALMER, F. R. **Mood and modality**. New York: Cambridge University Press, 1986, 243 p.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral - teoria e descrição**. Tradução e adaptação portuguesa de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença Universidade Santa Úrsula, 1978, 320 p.

QUEIXALÓS, Francesc & ANJOS, Zoraide. A lingua Katukina-Kanamari. In **Liames 6**. Campinas, Unicamp, IEL, Setor de Publicações, 2006, p. 29-59.

REICHENBACH, Hans. **Elements of Symbolic Logic**. Londres: MacMillan. 1947, 444 p.

RISSO, Mercedes; SILVA, Giselle Machline de O; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In KOCH, Ingedore G Villaça (org). **Gramática do português falado - Volume VI: Desenvolvimentos**. Campinas (SP): Editora da Unicamp/FAPESP, 1996, p. 21-94.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986, 134 p.

\_\_\_\_\_. Macro-Jê. In DIXON, R. M. W., AIKHENVALD, A. Y. (orgs.). **The Amazonian Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 164-206.

SASSE, Hans-Jürgen. Recent activity in the theory of aspect: Accomplishments, achievements, or just no progressive state? **Linguistic Typology** 6, 2002, p. 199-271.

SCHMIDTKE, Karsten. **A look beyond English: tense and aspect systems in the languages of the world**. 2006, 10 p. Disponível em: [www.karsten-schmidtke.net/Tense and Aspect Systems\\_Summary Handout.pdf](http://www.karsten-schmidtke.net/Tense%20and%20Aspect%20Systems_Summary_Handout.pdf)

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas, SP: Impr. Of., 2000, 482 p.

SILVA, Tabita Fernandes da. Verbos Posicionais em Tenetehára. In CABRAL, Ana Suelly A. C.; RODRIGUES, Aryon Dall'Igna; DUARTE, Fábio Bonfim (org). **Línguas e cultura tupi**. vol: 2. Campinas (SP): Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, 2010, p. 63-74.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. Contextuel conditions for interpretation of *poder* and *deber* in Spanish. In BYBEE and FLEISCHMAN (ed). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 67-105.

SMITH, Carlota S. Semantics and syntactic constraints on temporal interpretation. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p. 213-237.

\_\_\_\_\_. **The parameter of aspect**. Dordrecht/Boston/Londres: Kluwer Academic Publishers, 1991.

\_\_\_\_\_. Aspectual entities and tense in discourse. In KEMPCHIMSKY P. e ROUMYANAS. (eds.). **The Syntax, Semantics and Acquisition of Aspect**. Kluwer. <http://uts.cc.utexas.edu/~carlota/papers/Iowa>, 2003.

\_\_\_\_\_. The pragmatics and semantics of temporal meaning. In DENIS P., McCREADY E., PALMER A. & REESE B. (eds.), **Proceedings, Texas Linguistics Forum 2004**. Cascadilla Press. <http://uts.cc.utexas.edu/~carlota/papers/Iowa>, 2004.

\_\_\_\_\_. Time with and without tense. In GUÉRON, J. e LACARME, J. (eds). **Proceedings, International Round Table on Tense and Modality**. Paris, December 2005. Cambridge/Mass: MIT Press. <http://uts.cc.utexas.edu/~carlota/>, 2005.

SMITH, Carlota S & ERBAUGH, Mary (2005). Temporal interpretation in Mandarin Chinese. **Linguistics**, 43: 4, 2005, p. 713-756.

SMITH, Laura A. & MYHILL, John. The discourse and interactive functions of obligation expressions. In BYBEE and FLEISCHMAN (ed). **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995, p. 239-292.

STENZEL, Kristine. As categorias de evidencialidade em Wanano (Tucano Oriental). In **Liames 6**. Campinas, Unicamp, IEL, Setor de Publicações, 2006, p. 7-28.

TEIXEIRA, José Baltazar. **Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingang de Nonoai**. 1988. Campinas: IEL-Unicamp. Dissertação de Mestrado.

TEMPSKI, Edwino Donato. Caingangues- gente do mato. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, vol. XLIV: Imprensa Oficial, 1986, 383 p.

THELIN, Nils B. Verbal aspect in discourse: on the state of the art. In THELIN, Nils B. (ed). **Verbal aspects in discourse** - Contributions to the semantics of Time and Temporal perspective in Slavic and Non-Slavic languages. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990, p. 3-88.

TONHAUSER, Judith. **The temporal semantics of noun phrases: evidence from Guarani**. (2006). 448f. Ph.D. Thesis, Stanford University. Disponível em <http://www.ling.ohio-state.edu/~judith/papers.html> (acessado em julho de 2009).

\_\_\_\_\_. **What is nominal tense? A case study of Paraguayan Guaraní**, In BECKER, M. and McKENZIE, A. (eds.). Proceedings of Semantics of Under-represented Languages (SULA) III, Amherst, MA: Graduate Linguistics Student Association Publications, 2007, 20 p. Disponível em <http://www.ling.ohio-state.edu/~judith/papers.html> (acessado em julho de 2009).

VAL FLORIANA, Mansueto Barcatta de. Ensaio de Gramática Kainjgang. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 10, 1918, p. 529-563.

\_\_\_\_\_. Uma crítica ao ‘Vocabulário da língua Kainjgang’ do Visconde de Taunay. Ensaio de Gramática Kainjgang. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 10, 1918, p. 565-628.

\_\_\_\_\_. Dicionário Kainjgang-Portugues e Portugues-Kainjgang. **Revista do Museu Paulista**. São Paulo, vol. 12, 1920, p.1-392.

VLACH, Frank. The semantics of the progressive. In TEDESCHI, Philip & ZAENEN, Annie (eds). **Syntax and Semantics - Tense and Aspect**. v. 14. London: Academic Press, 1981, p. 271-292.

WALLACE, Stephen. Figure and ground: the interrelationships of linguistic categories. In HOPPER, Paul J. (ed.). Typological Studies in Language (TSL) v. 1 - **Tense-Aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 201-223.

WIESEMANN, Ursula. Notas sobre o proto Kaingáng: um estudo de quatro dialetos. Trad. de Miriam Lemle. **4ª Reunião da ABA**. Curitiba. Arquivo do Setor Linguístico do Museu Nacional. RJ, 1959.

\_\_\_\_\_. **Introdução na língua Kaingang**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL). Arquivo do Setor Linguístico do Museu Nacional. RJ, 1967, 47p.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Kaingáng-Português, Português-Kaingáng**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics (SIL). 1971, reeditado em 1981.

\_\_\_\_\_. **Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng - Sprache.** Paris, The Hage: Mounton, 1972.

\_\_\_\_\_. Time distinctions in Kaingáng. **Zeitschrift für Ethnologie.** Braunschweig, vol. 99, n. 1-2, 1974, p. 120-130.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Kaingáng-Português, Dicionário Bilíngüe.** Curitiba: Editora Evangélica Esperança. 2002, p. 156-157.

## ANEXOS

### Anexo (1) - Dêíticos

Figura (23 )

#### Dêíticos Endofóricos

<b>Kaingang</b>	<b>Português</b>
<i>ẽn ~ ãn</i>	aquilo, aquele (anafórico - ver também capítulo 6) (glosa: DEM)
<i>tag</i>	este, esse, isso (glosa: DEM)

Figura (24)

#### Dêíticos Exofóricos

<b>Kaingang</b>	<b>Português</b>
<i>ãn kã</i>	ali, lá (LOC)
<i>hãn tá / hẽn tá / hẽ tá</i>	em algum lugar (LOC)
<i>kã tá</i>	ali, lá, para o lado (LOC)
<i>taki</i>	aqui, ali, daqui (LOC)
<i>taki hẽ</i>	mais para cá (próximo/proximidade) (LOC)
<i>tá</i>	lá (LOC)
<i>tã ki</i>	ali, lá (LOC)
<i>tã kỹ</i>	em lugar longe (LOC)
<i>ũ ~ ãn</i>	alguém, algum (INDF)
<i>vẽnh ~ vãnh</i>	de alguém (elemento de composição)

## Anexo (2) - Recíprocos

Figura (25)

Kaingang	Português
<i>jagnã</i> *	um do outro
<i>jag</i>	entre si
<i>vãnh</i> ~ <i>věnh</i> **	um para o outro, um em relação ao outro
<i>věnhkato</i> ***	um ao outro

### Observações:

\* É um recíproco, mas não no sentido de algo que ‘de um se dirige ao outro’ e ‘vice-versa’; mas no sentido de ‘um em relação ao outro’.

\*\* Às vezes *vãnh* ~ *věnh* pode funcionar como um **reflexivo** “de si mesmo” (como, por exemplo, no dado (173)).

\*\*\* Na verdade, uma composição, onde *věnh* é o recíproco e *kato* corresponde a “diante de, em face de” (por isso *kato tẽ* é a palavra para ‘encontrar’).

## Anexo (3) - Interrogativos

Figura (26)

Kaingang	Português
<i>hãre</i>	onde? / para onde? / como? / quanto(s)?
<i>hãren hãn</i>	o que será?
<i>hãre nẽ</i>	como? / qual?
<i>hẽ</i> ~ <i>hěn</i>	qual? / o que?, será?, onde?
<i>hěn ki</i>	será?
<i>hẽ rike</i> ~ <i>hã rike</i> ~ <i>hěnrike</i>	fazer o que?
<i>mỹ</i>	usado em perguntas polares
<i>né</i>	o que?

## Anexo (4) - Conjunções

Figura (27)

<b>Kaingang</b>	Português
<i>ge ~ gé</i>	também
<i>hāra</i>	mas, então, senão
<i>hỹ kỹ ~ hā ka</i>	por isso
<i>jāvo</i>	mas, senão, porém, enquanto
<i>jé</i>	para
<i>jerĩnmỹ</i>	apesar de
<i>jo</i>	e
<i>kar</i>	depois de
<i>kegé</i>	(fazer) também
<i>kỹ</i>	então, quando
<i>mũn</i>	quando
<i>mỹ</i>	e, pois
<i>mỹ</i>	para (finalidade)
<i>mỹr</i>	pois, quando, mas
<i>ra</i>	quando, apesar de, mas
<i>tugnĩn</i>	por causa de
<i>va</i>	ou seja, isto é

## Anexo (5) - Posposições

Figura (28)

<b>Kaingang</b>	<b>Português</b>
<i>jagto</i>	ao lado (LOC)
<i>jo</i>	antes
<i>kar</i>	e
<i>kã / kē</i>	em, dentro (LOC)
<i>kākã</i>	dentro (LOC)
<i>kakó</i>	perto (LOC)
<i>ki</i>	em, durante
<i>krēm</i>	embaixo (LOC)
<i>kri</i>	em cima (LOC)
<i>mãn</i>	em redor (LOC)
<i>mré</i>	com, junto
<i>mĩ</i>	em, dentro (movendo-se) (LOC)
<i>mỹ</i>	para <sup>173</sup>
<i>nón</i>	atrás, após (LOC)
<i>pénĩn</i>	ao redor (LOC)
<i>ra</i>	para, em direção a
<i>rã ~ rē</i>	perto (LOC)
<i>ri ke</i>	igual, semelhante
<i>rĩn</i>	frente (do corpo)
<i>tá</i>	lá, ali (LOC)
<i>to ~ tu</i>	em relação a, para, em direção (DIR)
<i>tỹ ~ ta</i>	com (instrumento), por

<sup>173</sup> Em alguns casos funciona como um Benefactivo (BNF), mas de modo geral, pode ser caracterizado como atribuidor de Caso Dativo.

## Anexo (6) - Advérbios e Locuções Adverbiais

Figura (29)

<b>Kaingang</b>	<b>Português</b>
'e	muito (s)
'en	muitos, grande quantidade, bastante
gé	também
ge ~ gen ~ gem ~ gen kÿ	assim, desse jeito, também
ha	já, agora, em breve (Futuro)
há	bem
háv	sim
hã ~ hẽ	parece (parecido), assim, desse jeito
hãn ~ hẽn	algum lugar
hẽremũn	talvez
hore	já, a pouco (Passado)
hÿ	sim
kamã	tem costume de, faz habitualmente
kãnhmar	logo
kar	todos, tudo
kar	depois
ker	dizendo melhor, ou melhor
kóm	junto, ao mesmo tempo
kré (kra)	quase
kuvar	longe
kynhmÿ	alto, por cima
mã	sem, ausência, negação
mág	muito, bastante
mãn ~ mẽn	de novo, outra vez
mẽ ki	além de (no outro lado de)
pir	um, uns, pouco, apenas
sĩ	pouco
tũm ~ tũ	negação
tÿvĩ ~ tÿvĩn	intensificador (muito, somente, apenas)
vé	apenas, somente
ver	ainda

## Anexo (7) - Adjetivos

Figura (30)

<i>Kaingang</i>	Português
<i>há</i>	bom
<i>kāsir ~ kēsir</i>	pequenos, miúdos (PL)
<i>kófa</i>	velho
<i>kórég</i>	feio, ruim
<i>mág</i>	grande
<i>mē</i>	muito, mais ou menos
<i>ror</i>	redondo
<i>sér</i>	feliz
<i>sī</i>	pequeno
<i>tānāj</i>	mole
<i>tēg</i>	novo
<i>tēj</i>	comprido

## Anexo (8) - Numerais

Figura (31)

<b>Kaingang</b>	Português
<i>pir</i>	um
<i>régre</i>	dois
<i>tēgtū</i>	três
<i>vēnhkŷgra</i>	quatro
<i>pénkar</i>	cinco